Os fundamentos do nacional-socialismo: uma análise histórica das ideias

Bispo Dr. Alois Hudal

1937

1° edição 2026

Traduzido a partir de “*Foundations Of National Socialism”*, edição digital inglesa de 2025, que foi traduzida do original em alemão “*Die Grundlagen des Nationalsozialismus. Eine ideengeschichtliche Untersuchung”* de 1937.

Índice

Prefácio do tradutor (p.5)
Citações (p.11)
Galeria de fotos e imagens (p.48)

I. Introdução (p.86)

II. O surgimento do movimento (p.101)
1. Precursores filosóficos (p.109)
2. Trabalhos históricos preparatórios (p.120)
3. Poetas e filósofos da cultura como precursores nacionais (p.123)
4. Trabalhos sociais preparatórios (p.128)

III. Doutrinas religiosas, morais e de filosofia da história do Nacional-Socialismo
1. O conceito de *Weltanschauung* (p.132)
2. O cristianismo positivo (p.138)
3. O problema racial (p.146)
4. A questão judaica — o antissemitismo (p.163)
5. O problema da influência racial no desenvolvimento do cristianismo ocidental (p.176)
6. Esterilização e eugenia (p.201)
7. Nação e povo — aspirações políticas nacionais pela unidade dos alemães no espaço europeu (p.218)
8. Ideia de Estado e soberania — direito, poder e moralidade — direito romano e direito alemão — a ideia de ordem política (p.236)
9. O Estado totalitário — cultura da unidade e educação (p.260)
10. Religião — assistência espiritual — política — o catolicismo político (p.266)
11. Roma e o povo alemão — aspirações eclesiásticas nacionais — romanismo e catolicismo (p.280)

IV. Conclusão

Fascismo — bolchevismo — nacional-socialismo cristão (306)

VI. Bibliografia (p.324)

Bibliografia complementar (nota da tradução)

Alois Hudal

Prefácio do tradutor

É com grande orgulho que apresento a tradução de um importante tratado sobre a complexa relação entre o nacional-socialismo e o catolicismo. No entanto, esta obra em particular destaca-se por abordar o choque de cosmovisões e doutrinas de ambos os sistemas. Grande parte da literatura que temos sobre o tema "nacional-socialismo x cristianismo" limita-se a analisar o pensamento religioso individual de um determinado líder nacional-socialista ou simplesmente as relações entre o Estado e a Igreja. Em contrapartida, este tratado traz um esclarecimento que vai além de saber se alguma figura do nacional-socialismo era cristã ou não, ou se o Estado nacional-socialista defendia politicamente o cristianismo ou não, pois traz essencialmente um esclarecimento à luz da doutrina e da epistemologia católica sobre os fundamentos nacional-socialistas, não apenas os seus postulados, mas também as suas origens intelectuais e de movimento (organização prática).

Num tratado deste nível, é a primeira vez que temos acesso ao português, com bastante atraso, mas nunca tarde demais. Isso nos permitirá não apenas compreender o nacional-socialismo a partir de uma perspectiva católica, mas também entender a sua própria cosmovisão, algo que falta muito ao português, um material de qualidade.

Esta obra será importante não só para avançar no esclarecimento do que realmente era o nacional-socialismo alemão analisado por um contemporâneo da época com grande bagagem intelectual, mas também para a reconciliação moderna entre católicos e nacional-socialistas, que, por razões acordes com o nosso contexto histórico, mantém-se em grandes oscilações de antítese e síntese, inimizade e amizade. Mais importante do que discutir se Hitler era católico ou não, é se a doutrina nacional-socialista é ou não conciliável com a doutrina católica, pois, afinal, o nacional-socialismo não é um movimento espírita, não cultiva nem segue líderes mortos (hoje), apesar de toda a admiração e de que os nacional-socialistas da época (alguns) acreditavam nessas ordens "ocultas"[1].

[1] Veja por exemplo as lamentáveis degenerações do nacional-socialismo que ocorreu por obra do gnóstico e luciferiano Miguel Serrano após a segunda guerra mundial.

As crenças pessoais de alguns líderes nacional-socialistas, especialmente Hitler, podem não ser muito exemplares para um católico de fato, no entanto, a epistemologia comparada entre o nacional-socialismo e o catolicismo é mais substancialmente concreta, independentemente de algum líder ser contrário ao catolicismo ou professar heresias apesar de ser católico ou pelo menos simpatizante. Em resumo: mais importante do que discutir as crenças pessoais do líder A ou B é o aspecto ideológico e compará-los para ver se é possível uma síntese. Lembremos que muitos filósofos cristãos sintetizavam filosofias e sistemas de conhecimento, mesmo pagãos. Nada impede, mesmo que o nacional-socialismo fosse pagão de fato, uma síntese, mesmo que se transformasse num "neo-nacional-socialismo"[2] (o que não é o caso, como evidenciado pela leitura deste tratado).

O debate entre o nacional-socialismo e o catolicismo, na minha visão, é mais frutífero no âmbito da comparação sistemática entre ambos os pensamentos, pois assim se evitaria "perder" tempo em discussões sobre as crenças pessoais de alguns líderes do Reich, pois, independentemente do que o autor afirmasse, a verdade objetiva derivada da análise prevaleceria sobre qualquer subjetividade ou afirmação vaga.

Mesmo que houvesse alguma resolução "oficial" do partido afirmando que "o nacional-socialismo é incompatível com o catolicismo"[3], isso não seria prova da

---

[2] Digo isso porque alguns poderiam argumentar que, mesmo que essa síntese fosse válida, não seria mais o núcleo original do nacional-socialismo, mas algo absolutamente novo. Isso teria sido o caso se houvesse uma mudança substancial na doutrina nacional-socialista, o que Hudal não fez; ele apenas apontou o caminho correto para um católico conciliar a religião com o nacional-socialismo.

[3] Semelhante é a declaração de Martin Bormann através de um decreto do NSDAP que dizia *"O Nacional-Socialismo e o Cristianismo são irreconciliáveis" [Nationalsozialistische und christliche Auffassungen sind unvereinbar]"* (14 de junho de 1941), no entanto Hitler revogou o decreto de Bormann e ordenou que fosse devolvido à caixa postal original, e exigiu uma retratação de Bormann pela publicação (conforme relata Dr. Hans Frank em *Im Angesicht des Galgens*, 1946, pp.355-356). Vale a pena ressaltar que Bormann era a principal figura anticristã do partido, embora até mesmo o Führer discordasse dele em algumas ocasiões, de acordo com Heinrich Hoffmann; numa ocasião, Bormann ordenou que as escolas da Baviera retirassem os crucifixos e colocassem no seu lugar quadros de Hitler, mas Hitler ordenou imediatamente que a ação fosse interrompida, assim que soube da decisão puramente arbitrária de Bormann. Segundo Hoffmann, Hitler gritou enquanto dizia: "Este tipo de coisa tem de parar imediatamente!" (*Hitler Was My Friend: The Memoirs of Hitler's Photographer*, Ch.6, pp.83). Bormann é também responsável por "criar" um grande escândalo de citações pouco confiáveis sobre Hitler, que são:

a) Hitler's Table Talk 1941-1944 (Hugh Trevor-Roper);
b) Hitlers Tischgespräche im Führerhauptquartier 1941-1942 (Henry Picker);
c) Adolf Hitler Monologe im Führerhauptquartier 1941-1944 (Werner Jochmann).

incompatibilidade, uma vez que o juízo teria de ser provado, e afirmações sem provas podem ser igualmente negadas sem provas. Boa parte das críticas ao cristianismo feitas por alguns partidários nesse contexto eram críticas vagas, muitas das vezes apenas históricas, mas nada demonstrativo do ponto de vista filosófico.

A obra de Alois Hudal aponta para um debate superior e muito mais lógico. O debate deveria evoluir para isso, para a comparação dos postulados e da visão de mundo. Isso não é uma negação total do debate no âmbito histórico sobre se a figura A ou B era realmente cristã ou não, mas uma simples afirmação de que um debate filosófico (e teológico, dada a natureza da visão de mundo católica, obviamente de natureza religiosa) é evidentemente superior e nos leva a resolver

---

Estudiosos e pesquisadores (ver: Mikael Nilsson. *Hitler redux. The Incredible History of Hitler's So-Called Table Talks*, 2021 e Veronica Clark. *Genoud, Heim & Picker's "Table Talk": A Study in Academic Fraud & Scandal*) já comprovaram que essas "citações" atribuídas a Hitler não são confiáveis, pois a pessoa que as registrou (Henry Picker) fez anotações após o fato, ou seja, após a conversa que teve no quartel-general do Führer (Richard Carrier em: *Hitler's Table Talk: Another Update, 27 January 2019* e Ian Kershaw em *Hitler: 1936-1945 Nemesis. Published by York : W.W. Norton, 2000. 1st American ed., note n. 121 of the chapter 16., pp.1024* concordam que citar esses "monólogos do Führer" é pouco confiável e muito pouco assertivo). Isso significa que ele escreveu as conversas com base em suas memórias (o que ele lembrava das conversas) e suas anotações passaram por inúmeras edições, com parágrafos adicionados ou removidos. Personalidades que serviram ao Terceiro Reich duvidaram da veracidade desses supostos "monólogos", entre elas o ex-ajudante da Luftwaffe de Hitler, Nicolaus von Below, o SS-Hauptsturmführer Karl Wilhelm Krause, a piloto de testes da Luftwaffe Hanna Reitsch e outros. Otto Skorzeny uma vez declarou sobre Bormann: "*Devo reconhecer sinceramente que, na chancelaria do partido, fiz um inimigo tenaz e poderoso: Martin Bormann*" (Otto Skorzeny, La Guerre Inconnue pp.487). E ainda: "*Os Livros de Documentos publicados após a guerra pretendem reproduzir as conversas mantidas durante alguns desses "chás da meia-noite". Sem o conhecimento de Hitler, dois dos associados de Bormann, os Drs. Henry Pickert e Heinrich Heim, foram encarregados de recordar as palavras do Fuhrer. O Dr. Heim especificou que as ditou de memória, apenas ocasionalmente anotando algumas palavras-chave que rabiscou em uma folha de papel colocada sobre os joelhos. Bormann modificou a versão que lhe foi dada sempre às escondidas do Fuhrer — e, por outro lado, os editores retocaram o texto desses livros, que naturalmente não se destinavam à publicação. Esses documentos devem, portanto, ser considerados com a maior cautela pelos historiadores. O Reichsleiter, terrivelmente anticlerical, apresenta Hitler como ateu e outras pessoas como militantes anticatólicos, quando se verifica que o Führer, educado no catolicismo, nunca renunciou a essa religião… Muito pelo contrário. Ele pensava e costumava dizer que os dois principais pilares da civilização ocidental eram a Igreja Romana e o Reich Britânico. Tenho a fraqueza de pensar hoje que talvez tenha errado ao não comparecer ao chá da meia-noite sempre que possível. Assim, teria podido alertar o Führer para certas realidades das quais ele não tinha conhecimento. Diz-se que não era possível ter uma opinião diferente da dele. Isso é falso. Ele aceitava de bom grado a discussão se seu interlocutor, perfeitamente informado dos problemas em debate, propunha uma solução razoável. Foi a partir de 1943 que ele começou a declinar fisicamente, sob o tratamento a que foi submetido pelo Dr. Morell, um charlatão temível apoiado por Bormann"* (pp,330/331).

Esses "monólogos" é nada mais nada menos do que um "pseudo-Hitler".

o problema mais facilmente, no entanto deve ser admitido que essa discussão é mais complexa, porém dado uma resolução, ela torna a compreensão muito mais clara, por isso ela resolve mais "facilmente", apesar da condução ser mais difícil, pois aborda muitos temas que aparentemente entra em conflito com a doutrina católica, principalmente no que contempla a teoria da raça, antropologia e concepção de Estado[4], e tais resoluções não podem ser resolvidas simplesmente com declarações ou alguns pequenos parágrafos de texto.

As citações que acrescentei a título complementar servem como "introdução" ao debate sobre o tema histórico, mas não constituem, na realidade, uma prova concreta e absoluta se quisermos demonstrar a existência de um "nacional-socialismo católico". Esses passos são dados pelo próprio Alois Hudal. As citações também tem utilidade de demonstrar que um debate sobre isso está aberto, há possibilidade.

Não creio que os postulados de Hudal aqui apresentados sejam absolutos; afinal, o nacional-socialismo é uma visão de mundo que não conseguiu atingir o seu apogeu definitivo, e muitas conclusões poderiam ter mudado e evoluídas se o regime tivesse durado mais tempo, porém são os primeiros passos para uma possível resolução definitiva do debate.

Hudal teve, na minha opinião, o papel de preparar o terreno para que o nacional-socialismo florescesse dentro da doutrina cristã, corrigindo os possíveis erros do nacional-socialismo, uma vez que muitos autores contaminados pelo paganismo ou neopaganismo diluíram suas ideias corruptas no nacional-socialismo, mas, assim como Agostinho de Hipona viu nas doutrinas pagãs uma forma de fazer florescer a partir de seus postulados uma visão correta (cristã) e as corrigiu, Hudal também o fez. Devemos ter em conta que, mesmo que (hipoteticamente) o nacional-socialismo — mesmo aquele puro "puro", ou seja, sem vertentes — fosse irremediavelmente pagão, nada impediria uma síntese com o cristianismo[5].

---

[4] Aqui entra especificamente nas discussões sobre se um Estado nacional-socialista confessional católico seria possível ou não.

[5] Papa Pio XII declarou, em sua máxima autoridade como vigário de cristo, uma vez: "*Desde os seus primórdios até os nossos dias, a Igreja sempre seguiu uma regra muito sábia: o Evangelho não apaga nem destrói tudo o que é bom, reto e belo que os povos, ao acolhê-lo, possuem em virtude de seu próprio caráter distintivo e inclinação natural. Pois a Igreja, quando chama os povos a um refinamento maior e a uma vida mais culta sob a inspiração da religião cristã, não age como alguém*

Não há absolutamente nada que não possa ser consagrado, corrigido ou "exorcizado" com o poder divino de Cristo, que foi compartilhado em parte com os sacerdotes que seguem na sucessão dos apóstolos.

Muitas filosofias foram aperfeiçoadas ao longo da história pelos cristãos, que, em sua máxima sabedoria, foram capazes de reafirmar o que era bom e separar o que era mau, em um verdadeiro trabalho baseado em um espírito sintetizador e criativo, em vez de destrutivo, pois o cristianismo nada destrói; apenas consagra, corrige e faz florescer bons frutos, submete, mesmo que uma doutrina seja "pagã" e infira princípios anticristãos, os cristãos — por meio daquela ciência que outrora foi infundida na humanidade por meio de Adão e Eva, mas que se perdeu devido ao pecado original e apenas fragmentos de sua sabedoria permaneceram no início da humanidade, que, no entanto, foi resgatada de forma integral por Jesus — podem, por meio dela (sua ciência), submeter qualquer sabedoria ao cristianismo. Devemos lembrar que não há nada de novo sob o sol (Eclesiastes 1:9). Muitos dos princípios do nacional-socialismo (especialmente os sociais) já estavam presentes nos Evangelhos, sendo um dos mais importantes a doutrina comunitária, já inferida mil anos antes pelo apóstolo Paulo em suas epístolas. As primeiras igrejas da história funcionavam com base no modelo de comunidade orgânica e solidariedade entre seus membros com base no trabalho e cooperação mútua, ligados por um elo moral (exatamente como o nacional-socialismo postula como sua essência) que os santos e doutores ensinaram incansavelmente depois das Sagradas Escrituras[6].

A diferença entre esses ensinamentos do nacional-socialismo e os encontrados nas Sagradas Escrituras e na Tradição não é de essência, mas sim de como eram

---

que derruba de forma imprudente, devasta e destrói uma floresta exuberante, mas como aquele que enxerta boas mudas em árvores silvestres, para que produzam frutos mais doces e saborosos. Embora manchada por uma imperfeição hereditária em consequência da queda de Adão, a natureza humana possui, contudo, em si mesma, algo naturalmente cristão, que, iluminado pela luz divina e nutrido pela graça, pode, com o tempo, ser elevado à verdadeira perfeição moral e à vida sobrenatural. Por essa razão, a Igreja católica nunca desprezou nem rejeitou as filosofias pagãs. Ao contrário, uma vez libertadas de todo erro e contaminação, ela as completa e aperfeiçoa pela sabedoria cristã. Do mesmo modo, ela acolhe com tanto carinho e nutre com tanto cuidado as artes nativas e a cultura desses povos, alguns dos quais já atingiram um elevado nível de desenvolvimento, que são conduzidos a uma plenitude de perfeição que, de outra forma, não poderiam alcançar. E, em vez de suprimir seus costumes e tradições, ela os consagrou a Deus (Pio XII, Evangelii praecones)

[6] Veja por exemplo as noções de "virtudes sociais" e os ensinamentos políticos, sociais e econômicos de São Tomás de Aquino.

ensinados e aplicados no tecido social, ou seja, mudou apenas a forma de falar e fazer.

Um nacional-socialista que é um cristão devoto, sem se desviar um milímetro da sua doutrina cristã, que procura sempre servir a divindade, procura rezar, ir à missa, comungar, etc., deve sempre submeter todos os ensinamentos do nacional-socialismo à doutrina cristã, que é inerentemente superior por ser uma doutrina teológica (em si mesma, revelada) com 2.000 anos de existência, que é uma visão de mundo em seu significado e plenitude máximos, pois trata do mundo como um todo em sua extensão máxima, desde o cosmos até o propósito do homem.

Pela graça de nosso Senhor Jesus Cristo, os nacional-socialistas e os católicos reconciliaram-se mais uma vez, e os nacional-socialistas católicos poderão reafirmar ainda mais as suas posições com este tratado. As mentiras sobre ambos serão simultaneamente derrubados num futuro próximo, e seus inimigos não prevalecerão. **Amém.**

— O Tradutor, janeiro de 2026.

Citações

“Uma coisa me causa dor: que eu, como católico, seja tão vilmente atacado pelo lado católico. Isso é ainda mais difícil para mim porque, na verdade, não há nenhum movimento que defenda o cristianismo da mesma forma que o nosso e porque sou eu quem deve ser creditado pelo fato de o cristianismo poder florescer novamente tão livremente aqui”. — Adolf Hitler[7]

“Somos caracterizados como anti-cristãos pelo partido que mais seriamente ameaça o cristianismo através da sua ligação com o ateísmo marxista: o Partido do Centro (…) Temos de voltar a erguer o cristianismo, mas tem de ser um cristianismo guerreiro. O cristianismo não é o ensinamento do sofrimento silencioso e do carregar de fardos, mas sim do combate. Como cristãos, temos o dever de lutar contra a injustiça com todas as armas que Cristo nos deu; agora é o momento de lutar com punho e espada”. — Adolf Hitler[8]

“O nacional-socialismo nada mais é do que a conformidade com os ensinamentos de Cristo”. — Adolf Hitler[9]

"No céu existe apenas um Deus, na terra, para nós, apenas uma pátria”. — Adolf Hitler[10]

“A liderança do partido defende finalmente este ponto de vista com um conhecimento superior, com a consciência da verdade eterna de que é melhor ter um corpo saudável, mesmo que pequeno, do que um grande cadáver contaminado. Ela segue aqui a palavra que outrora proferiu o nosso maior líder ariano, Cristo, ao declarar: Se um membro te irrita, arranca-o e atira-o ao fogo, ou seja, corta o que está podre”. — Adolf Hitler[11]

[7] Völkischer Beobachter, 1923-06-23, s. 3 (edição de junho). Observação: você pode consultar essas referências do “Völkischer Beobachter” no Internet archive ou pesquisando por museus digitais alemães.
[8] "Der Nationalsozialismus und die Beamten," VB 62 (8-9 Apr 1923). Op. Cit: Derek Hastings - Catholicism and the Roots of Nazism. Religious Identity and National Socialism, Oxford University Press, 2010; cap.4, pp.113.
[9] Hitler Reden, Schriften, Anordnungen, Februar 1925 Bis Januar 1933 Vol. 1, dok. 92, p. 237
[10] Völkischer Beobachter 1925-07-18: Vol 38 Iss 93
[11] Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.514

"Somos pequenos, mas outrora um homem levantou-se na Galileia e hoje os seus ensinamentos dominam o mundo inteiro. Não consigo imaginar Cristo senão loiro e de olhos azuis, mas o diabo apenas com a careta judaica". — Adolf Hitler[12]

"E, no entanto, todas as pessoas de sangue ariano ainda hoje celebram este nascimento. Cristo era de sangue ariano". — Adolf Hitler[13]

"Nós, nacional-socialistas, vemos na obra de Cristo a possibilidade de alcançar o mais monstruoso através de uma fé fanática. Cristo ressuscitou num mundo podre, pregou a fé, foi inicialmente ridicularizado, mas mesmo assim essa fé tornou-se um grande movimento mundial. Queremos alcançar o mesmo no campo político. Todos os nacional-socialistas devem ter uma convicção no coração: se realizarmos a nossa obra com energia de ferro, perseverança e fé suprema, então nenhuma força terrena poderá destruí-la" — Adolf Hitler[14]

"Agora, o querido Menino Jesus volta à Terra. Ele traz a paz. Todos os anos ele volta. Mas ele poderia não voltar mais, se essa paz já existisse. O doce anjo celestial parece tão amoroso justamente porque ele sempre volta a um mundo que, às vezes, parece estar possuído por demónios. Enquanto na Alemanha milhões de pessoas se aproximam da árvore iluminada, sonham com a sua juventude e anseiam pela salvação do infortúnio e do sofrimento do tempo, esperam por um futuro melhor e falam da paz mundial, do outro lado do oceano já se ouvem novamente as metralhadoras, as granadas de mão explodem e talvez seja apenas uma questão de dias até que o estrondo das baterias se misture com a música celestial da época natalícia. São dois pequenos países da América do Sul, a Bolívia e o Paraguai, que, nestes dias de anseio interior pela paz, lembram às pessoas devotas a dura realidade: enquanto houver anseio pela paz entre os homens, também haverá guerra. E quem não for capaz de suportar um, nunca alcançará o outro. Pois a paz só recompensa aqueles que tiveram a vontade de conquistá-la através da luta". — Adolf Hitler[15]

"Hoje vocês celebram o Natal, e ao mesmo tempo, em milhares de cidades e vilas, as pessoas comemoram a mesma festa; este Natal, que deveria ser uma festa de alegria, mas hoje, mais do que nunca, é apenas uma hora de lembrança daquele grande homem que, há mais de mil anos, com a sua ideia sagrada e pura, entrou na sua época, cheia de lama e decadência moral. Vamos lembrar que ele, que na época expulsou os

[12] Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.514
[13] Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.514
[14] [Adolf Hitler] Rede auf NSDAP-Versammlung in Dingolfing. Op.Cit: Hitler. Reden, Schriften, Anordnungen, Februar 1925 bis Jamiar 1933. Published by: Institut für Zeitgeschichte. Munich: K. G. Saur. 1992, Dok. 92, pp.237
[15] Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.520

mercadores e os agiotas do templo com um chicote na mão, foi vítima exatamente do mesmo poder sombrio (sic!) poder sombrio do ouro, aquela raça de serpentes e víboras que hoje, mais uma vez, escraviza o povo alemão e os povos de toda a Terra e, com o veneno da decadência moral, leva sobretudo o nosso povo cada vez mais perto da destruição total. A sua obra e o seu anseio, paz aos homens na Terra, permaneceram inacabados até aos dias de hoje, e a partir desta memória temos de reconhecer a necessidade da luta para alcançar essa verdadeira paz, pela qual todos os grandes morreram na cruz como mártires da sua ideia". — Adolf Hitler[16]

"Gostaria agora de me referir a uma figura mais importante. O senhor conde Lerckenfeld (agitação e risos) afirmou na última sessão do parlamento regional que o seu sentimento (ouçam!) como ser humano e como cristão o impedia de ser antissemita (gritos: vaias). Eu digo: o meu sentimento cristão aponta-me para o meu Senhor e Salvador como combatente. Apontam-me para o homem que outrora foi humilde, rodeado apenas por poucos seguidores, que reconheceu esses judeus e os chamou à luta contra eles e que, verdadeiro Deus, não foi o maior como sofredor, mas o maior como combatente! Com amor infinito, leio como cristão e ser humano o trecho que nos anuncia como o Senhor finalmente se levantou e pegou no chicote para expulsar os agiotas, a raça de víboras e cobras, do templo! Mas a sua imensa luta por este mundo, contra o veneno judaico, reconheço-a hoje, após dois mil anos, com profunda emoção, mais poderosamente no fato de que ele teve de sangrar até à morte na cruz por isso. (Profunda comoção na sala.) Como cristão, não tenho a obrigação de me deixar enganar, mas tenho a obrigação de ser um defensor da verdade e da justiça". — Adolf Hitler[17]

"Em que consistirá o nosso movimento programático hostil ao cristianismo? A Igreja tomou posição contra os belgas, polacos e checos por serem nacionalistas? Por que não deveríamos ter o mesmo direito? Como católico alemão, não exijo mais do que aquilo que é concedido a qualquer católico polaco. Ou será que ser antissemita é anticatólico? O primeiro precursor na luta contra o judaísmo é o nosso misericordioso Senhor e Salvador. O segundo foi a própria Igreja Católica Romana. Em Roma, o judaísmo assumiu, sob o domínio da Igreja, uma posição com a qual estaríamos totalmente satisfeitos". — Adolf Hitler[18]

"No entanto, a melhor identificação é dada pelo produto dessa educação religiosa, o próprio judeu. A sua vida é apenas deste mundo, e o seu espírito é tão estranho ao verdadeiro cristianismo como a sua essência era, há dois mil anos, ao próprio grande

[16] Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.518
[17] Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.516
[18] Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.515

fundador da nova doutrina. É claro que este não escondeu a sua opinião sobre o povo judeu, recorrendo, quando necessário, até ao chicote para expulsar do templo do Senhor este adversário de toda a humanidade, que também naquela época, como sempre, via na religião apenas um meio de subsistência comercial. Por isso, Cristo foi crucificado, enquanto o nosso cristianismo partidário atual se rebaixa a implorar votos judeus nas eleições e, mais tarde, tenta acordar manobras políticas com partidos judeus ateístas, contra o seu próprio povo". — Adolf Hitler[19]

"Quando alguns dizem que não é cristão combater e subjugar outros povos, podemos responder: Não queremos fazer nada além do que fez este Príncipe da Paz: limpar o templo do nosso povo daqueles que transformaram este templo numa caverna de ladrões, que fizeram dele um lugar maligno, limpar o templo alemão daqueles que só querem fazer negócios nele, que não conhecem ideais, rebaixam tudo à lama, purificá-lo daqueles que não têm sentimento por nada que seja grande, ideal, sublime. Queremos travar esta luta exatamente como este príncipe da paz nos ensinou outrora". — Adolf Hitler[20]

"A Alemanha nacional tem a palavra, e o judeu conspirador deve sair do nosso povo. O nosso programa não contém promessas vagas, mas sim objetivos elevados, um evangelho de recuperação alemã, renovação moral, o princípio da dignidade humana, que só pode estar enraizado no trabalho comum, no trabalho honesto para o nosso povo alemão, mas nunca e jamais para os judeus preguiçosos, esses cambistas que o nosso mestre religioso, o filho do carpinteiro de Nazaré, expulsou com o chicote do templo do seu pai". — Adolf Hitler[21]

"(Contra o Partido Popular da Baviera): E continua: a nossa fé cristã proíbe-nos o uso da violência. Bem, os tempos mudam e nós, seres humanos, também! De qualquer forma, estou convencido de que não há grande diferença entre o chicote de Jesus e o cassetete, e o exemplo de Jesus é para mim mais valioso do que as doces palavras do partido. Quando chegar a hora da eleição, nós, nacional-socialistas, decidiremos pela ação em todos os casos, pois aqui se trata de ser ou não ser" — Adolf Hitler[22]

"Hoje celebramos uma festa que o mundo inteiro celebra em união. Os judeus crucificaram covardemente o libertador do mundo. Nós também queremos libertar o mundo dos seus opressores e esperamos que este ano consigamos acabar com os judeus, com Ebert, com Scheidemann e com todos os outros. (Agitado:) Queremos

[19] Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.517
[20] Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.517
[21] Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.517
[22] Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.517

jurar hoje que não descansaremos até que nosso objetivo seja alcançado, até que nossos opressores estejam esmagados no chão; tão unida quanto é a celebração do Natal, assim estará a humanidade um dia, e então o poder do capitalismo será quebrado! Que Deus assim o queira! Amém". — Adolf Hitler[23]

"Para nós, essa é a fonte dessa grande fé [großen Glaubens], o fato de podermos ver que um ideal pode realmente prevalecer quando é defendido heroicamente, com disposição para se empenhar até o fim, que sem esse empenho não pode haver vitória, mas que é necessário se empenhar até o extremo. Se esse espírito de sacrifício [Opfersinn] daquele cujo nascimento celebramos (Jesus Cristo) se tornasse patrimônio comum de um povo, nenhum poder diabólico [Teufelsmacht] do mundo poderia derrotá-lo". — Adolf Hitler[24]

"O governo imperial, que considera o cristianismo como o fundamento inabalável da moral e da ética da nação, atribui também grande importância às relações de amizade com a Santa Sé e procura desenvolvê-las". — Adolf Hitler[25]

"Não segui o caminho da política para preparar o caminho para o socialismo internacional, muito menos para pregar uma nova religião socialista. Não fui feito para ser o fundador de uma religião, não sou uma e não tenho nenhum desejo de ser uma. Pelo contrário, sou um político. Trago para o povo alemão o Nacional-Socialismo, a doutrina política da Comunidade do Povo [Volksgemeinschaft], a solidariedade de todos os que fazem parte do povo alemão e que estão prontos e dispostos a se sentirem uma partícula inextricável, mas corresponsável, da totalidade do povo, tendo responsabilidade por ele". — Adolf Hitler[26]

"Estou plenamente consciente da possibilidade do início de tal luta, mas duvido que os senhores envolvidos nela também estejam cientes do provável desfecho. De qualquer forma, será minha maior tarefa garantir que, no recém-ressuscitado NSDAP (sic!), os membros de ambas as confissões possam conviver pacificamente, a fim de

[23] Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.520
[24] Adolf Hitler, Völkischen Beobachter, 11 de dezembro de 1928. Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.446
[25] Discurso em 23 de março de 1933. Discurso por áudio em: https://www.swr.de/swrkultur/wissen/archivradio/hitlers-machtuebernahme-im-parlament-100.html (Acessado em 11 de janeiro de 2026). Os minutos em que contém o discurso e seu contexto é 47:00-50:00 com a seguinte transcrição *Ebenso legt die Reichsregierung, die im Christentum die unerschütterlichen Fundamente der Moral und Sittlichkeit des Volkes sieht, größten Wert auf freundschaftliche Beziehungen zum Heiligen Stuhl und sucht sie auszugestalten*
[26] Wagener, Otto, and Ruth Hein. Hitler - Memoirs of a Confidant, pp.165-166. Edited by Henry Ashby Turner, Yale University Press, 1985.

lutarem juntos contra o poder que é o inimigo mortal de todo o cristianismo verdadeiro, independentemente da confissão.

Nenhum movimento travou uma luta mais acirrada contra o centro e os seus grupos de apoiantes do que o nosso antigo partido, não por considerações de natureza religiosa, mas exclusivamente por razões de convicções políticas. E assim, também hoje, a luta contra o centro não deve ser travada porque ele finge ser "cristão" ou mesmo "católico", mas exclusivamente porque um partido que se alia ao marxismo ateísta para oprimir o seu próprio povo não é nem cristão nem católico.

Não é por motivos religiosos que declaramos guerra ao centro, mas exclusivamente por motivos políticos nacionais.

A história julgará quem terá sucesso: os combatentes culturais ou nós". — Adolf Hitler[27]

"Podem ter a certeza de que, se eu tivesse o capital necessário, seguiria exatamente o mesmo itinerário que o reverendo cardeal Faulhaber e iria para a América do Norte. Talvez até conseguisse juntar algum dinheiro. Talvez pudesse obter antecipadamente vários endereços onde se pode comprar alguma coisa. (Risos.) Eu também sou católico". — Adolf Hitler[28]

"É por isso que introduzi este princípio [da intolerância] na vida política da Alemanha. Não é novidade, pois o comunismo há muito tempo chegou a essa conclusão. O cristianismo também tinha essa compreensão. E devo lembrar-vos, senhores: não defendo um princípio anticristão. O cristianismo destruiu pessoas que não queriam pensar como era prescrito, mas não o fez de forma tão simples e rápida como nós; nós fazemo-lo com uma bala, e eles com fogo, queimando-as. Este princípio foi estabelecido muito antes de nós.". — Adolf Hitler[29]

"E com isso chego ao ponto principal: por que eles nos atacam? Em primeiro lugar, porque o movimento nacional-socialista é um movimento [supostamente] "anticristão". Por que somos anticristãos? Somos "inimigos de Roma", somos "inimigos dos católicos". Sim, dizem eles em segredo, quando estamos entre nós e com as janelas fechadas, somos também adoradores de Wotan (risos na plateia). Não se diz isso em voz alta, mas passa-se de boca em boca, no campo, etc., que há algo de estranho connosco. E além disso: saudamo-nos com "Heil:, que os antigos deuses germânicos também se saudavam assim, (risos) embora eles não existissem. Em todo

[27] Hitler. Reden, Schriften, Anordnungen, Februar 1925 bis Jamiar 1933. Band I, Dok. 1, pp.3
[28] Hitler. Reden, Schriften, Anordnungen, Februar 1925 bis Jamiar 1933. Band I, Dok. 145, pp.448
[29] Discurso de Adolf Hitler no Platterhof para generais e oficiais em 26 de maio de 1944. BArch NS 19/1452, Rede Hitlers vor Generalen und Offizieren am 26. Mai 1944 im Platterhof, Nachausfertigung, pp. 49, 51. [Bundesarchiv]

o caso, uma sociedade perigosa! Agora, só posso dizer uma coisa: todos sabemos que, de fato, houve muitas pessoas que aderiram a esses entusiasmos. Mas nós, nacional-socialistas, sempre enfatizamos, desde o primeiro dia, que não temos nada a ver com isso. Não temos absolutamente nada a ver com as antigas coisas Völkischen bem-intencionadas, com barbas e cabelos esvoaçantes. Todos nós temos o cabelo curto, fomos soldados e realmente não temos nada a ver com essas coisas. Pelo contrário, sabemos exatamente: o que passou na história, passou. Sabemos também que muitas centenas de milhares de pessoas hoje não são enganadas em suas crenças por nós, mas por pessoas que abusam da fé para fins políticos. (Aplausos estrondosos.) Devo afirmar uma coisa: nós sempre nos manteremos afastados disso, porque o Dr. Seipel segue uma política desastrosa ao afirmar que os padres, digamos, são indivíduos comuns ou que, por isso, a religião não serve para nada. Pelo contrário. Sabemos muito bem que em qualquer organização formada por pessoas, é natural que haja erros e que sempre haverá pessoas com insuficiências. Mas há muitos que não pensam assim, para os quais é muito fácil atribuir tais fenômenos à generalidade, e eu pergunto: isso é necessário? Permitam-me citar um exemplo. Antes da guerra, tínhamos no Reich Alemão um abade chamado Wetterlé. Esse senhor abade era também um clérigo e fazia política no Reichstag alemão. Atacá-lo era um crime contra a sagrada Igreja Católica; isso não se podia fazer. Mas o mesmo senhor era um traidor da pátria e causou danos imensos à Alemanha, já tinha conspirado com a França durante a paz, como soubemos mais tarde, e traiu o nosso país, pelo que, na verdade, deveria ter sido enforcado". — Adolf Hitler[30]

"Meus queridos amigos! Quando hoje vemos divisões religiosas por toda a Alemanha, quando vivemos uma situação de sectarismo [sic!], não pensem que eu, como nacional-socialista, vejo isso com bons olhos. Pelo contrário! Eu digo a mim mesmo: para piorar ainda mais a situação, estamos cada vez mais envolvidos em disputas religiosas. Não vejo isso com bons olhos, pelo contrário! Mas tenho de responsabilizar aqueles que dão um mau exemplo aos outros. O cidadão comum não consegue distinguir, nunca dirá: isso foi feito pelo padre Seipel e isso pelo político Seipel. Sim, onde termina o padre e começa o político? O cidadão comum não dirá: isso foi feito pelo traidor Wetterlé e isso foi feito agora pelo abade Wetterlé. Sim, quem deve fazer a diferença?

Não! Da mesma forma que não deixariam um padre no cargo e na dignidade se ele, digamos, cometesse um delito moral, porque diriam que ele dá um mau exemplo aos outros e corrompe a fé de muitos, da mesma forma não devem expô-lo a transgressões políticas, a menos que também tenham de arcar com as consequências. E vemos as consequências diante de nós. Não é isso que desejamos. Não desejamos um culto a Wotan – isso é uma tolice, não desejamos qualquer tipo de disputa ou sectarismo. Pelo

[30] Discurso em 28 de fevereiro de 1928. Hitler. Reden, Schriften, Anordnungen - Februar 1925 bis Januar 1933 - Teil 1, Dok.237, pp.624

contrário, desejamos apenas uma coisa: que as duas confissões trabalhem juntas pacificamente e tentem educar um valioso ser humano alemão. É isso que queremos. (Aplausos estrondosos.)

Com isso, chego à nossa posição fundamental. Quando nos dizem: vocês são hostis aos católicos, isso é uma calúnia impertinente. Só não queremos uma coisa: não queremos a disputa entre católicos e protestantes. Infelizmente, temos na Alemanha a infelicidade – não somos culpados por isso – de estarmos divididos religiosamente. Não acreditamos que essa divisão seja superada através de agressões, difamações, insultos ou lutas entre si; acreditamos, sim, que a melhor forma de eliminar a maldição dessa divisão é que as duas confissões se esforcem, cada uma à sua maneira, para melhorar e elevar as pessoas e aproximá-las realmente de um cristianismo positivo. Os senhores ainda não alcançaram isso. Pelo contrário (vivas aprovações)" — Adolf Hitler[31]

"Onde quer que eu vá na Alemanha, ouço a mesma afirmação; e os mentirosos chamam isso de fragmentação da nação alemã.

Eles ainda dizem: *"Vocês vão eliminar a religião"*. No entanto, tenho a opinião de que seria mais conveniente para a religião se os padres nas igrejas se preocupassem mais com a pastoral do que com difamar os seus adversários nas assembleias políticas, e declaro solenemente aqui:

Protegeremos o padre no altar e no seu ministério pastoral, mas afastaremos o padre da política. (Vivas.)

Não pode ser pecaminoso na Alemanha o que é possível na Itália e confirmado pelo próprio Papa. Agora dizem que, nas regiões católicas, os nacional-socialistas e, em particular, eu próprio, somos inimigos de Roma, inimigos da Igreja, inimigos da religião, adoradores de Wotan, etc. Mas os mesmos partidos espalham na Pomerânia, na Saxónia e na Prússia Oriental, em todas as regiões onde a população é protestante, que Adolf Hitler é um servo de Roma, que é pago pelos jesuítas para eliminar a Igreja Protestante. Assim, também aqui se luta com mentiras. Uns dizem que somos inimigos da economia, que somos nacional-bolcheviques, enquanto outros afirmam que os nacional-socialistas são servos do capital e dos empresários, sustentados pelas grandes finanças, conforme necessário. Eu pergunto apenas: *por quanto tempo ainda se acredita que é possível salvar-se com tais mentiras?*

Eu sei o que eles estão a pensar; eles pensam que podem nos desgastar, acreditam que podem cansar o meu movimento e a mim da luta. Nisso eles se enganam. Eles podem

[31] Discurso em 28 de fevereiro de 1928. Hitler. Reden, Schriften, Anordnungen - Februar 1925 bis Januar 1933 - Teil 1, Dok.237, pp.624

fazer o que quiserem. Por mim, podem impedir a nossa propaganda, confiscar os nossos panfletos, rasgar os nossos cartazes, limitar a tiragem dos nossos jornais. Podem negar-me o acesso à rádio, tirar-me o cinema sonoro, podem dissolver a SA e a SS, por mim, podem dissolver todo o partido, podem cometer atos de terrorismo, podem esmagar-nos e a mim também, mas nunca nos renderemos". — Adolf Hitler[32]

"Ele (Hitler) respondeu que, inicialmente, não pretendia envolver-se na política. Quando questionado se o NSDAP, cuja refundação estava prestes a ocorrer, iria assumir a luta contra Roma e o catolicismo como bandeira, ele afirmou que não o faria e que, de fato, não o fez. A luta do partido seria, em primeiro lugar, contra o marxismo, e o movimento apoiaria qualquer governo que agisse brutalmente contra o marxismo". — Ifz[33]

"Eles dizem que nós, nacional-socialistas, ameaçamos a religião. No Reno, dizem que sou o Anticristo, inimigo de Roma, inimigo da religião, sim, adorador de Wotan. Aqui, eles mentem, dizem que estou a soldo dos jesuítas, que quero tornar a Alemanha protestante subserviente a Roma 10. Eles mentem conforme lhes convém. Em Berlim, dizem que sou um bêbado; no Reno, afirmam que o Führer é a favor da proibição. (Risos estrondosos.) Com os meios mais vergonhosos, tentam fazer esquecer 13 anos de má governação". — Adolf Hitler[34]

"Quando hoje órgãos centrais ou, em Munique, por exemplo, o Bayerischer Kurier tentam explicar que a democracia continua a ser preferível para os católicos, eles colocam-se em contradição aberta com o espírito do tratado que a Santa Sé celebrou hoje com o Estado fascista.

Com isso, esses órgãos se arrogam o direito de corrigir a visão ideológica do Santo Padre por motivos partidários.

Pois se a Igreja chega hoje a um entendimento com a Itália fascista que teria sido impensável com a liberal-democrática, isso prova, sem dúvida, que o pensamento fascista está mais próximo do cristianismo do que o judaico-liberal ou mesmo o ateísta-marxista, com a qual o chamado Partido Católico do Centro se sente hoje tão ligado, em detrimento de todo o cristianismo e do nosso povo alemão. Se o Papa chega hoje a tal entendimento com o fascismo, então ele, pelo menos, considera que o fascismo e, com ele, o nacionalismo são aceitáveis para os crentes e compatíveis com a fé católica. Mas como é que, então, por exemplo, o "Bayerischer Kurier" de Munique, como chamado "órgão católico", pode encher os crentes de dúvidas sobre a

[32] Discurso em 12 de abril de 1932. Hitler. Reden, Schriften, Anordnungen - Februar 1925 bis Januar 1933 - Band V, Teil 1, Dok.45, pp.73-74
[33] Hitler. Reden, Schriften, Anordnungen, Februar 1925 bis Jamiar 1933, Band II, dok.9, pp.29
[34] Discurso em 22 de abril de 1932. Hitler. Reden, Schriften, Anordnungen - Februar 1925 bis Januar 1933 - Band V, Teil 1, Dok.57, pp.89-90

sua própria atitude em relação à política do Papa? Vejo chegar o tempo em que o Papa saudará o fato de a Igreja vir a ser protegida do nacional-socialismo pelos partidos do centro.

Uma coisa é certa, e é nisso que vejo o grande significado do acordo celebrado entre o Papa e Mussolini: um acontecimento histórico provou que o nacional-socialismo não é, como afirmam falsamente o centro alemão e os seus órgãos, anticristão e antieclesiástico. A visão nacionalista do mundo, seja ela fascista na Itália ou nacional-socialista na Alemanha, é positivamente cristã, e todo bom católico, assim como todo protestante convicto, pode ser um opositor do parlamento e um partidário da ditadura da ideia nacional". — Adolf Hitler[35]

"O Partido [NSDAP] nunca teve a intenção, e não tem a intenção agora, de se envolver em qualquer tipo de hostilidade contra o cristianismo na Alemanha. Nosso objetivo tem sido exatamente o oposto. Procuramos unir as várias igrejas protestantes regionais, cujas condições de existência eram impossíveis, e criar uma grande Igreja Evangélica em todo o Reich, sem interferir minimamente nas questões de crença ou prática religiosa. Ao concluir uma concordata com a Igreja Católica, o Partido procurou estabelecer um estado de coisas que seria benéfico para ambos os lados e que seria de caráter permanente. O Partido aboliu as organizações que pertenciam ao *Movimento Ateu* e, ao fazer isso, limpou toda a nossa vida de inúmeros sintomas, cuja supressão é ou deveria ser tarefa das denominações cristãs" — Adolf Hitler[36]

"Estamos determinados, como líderes da nação, a cumprir como governo nacional a tarefa que nos foi confiada, jurando fidelidade apenas a Deus, à nossa consciência e ao nosso povo... O governo nacional considerará seu dever primordial restaurar a unidade de espírito e propósito do nosso povo. Ele preservará e defenderá os alicerces sobre os quais repousa o poder da nossa nação. Tomará o cristianismo como base da nossa moral coletiva e a família como núcleo do nosso povo e do nosso Estado, sob a sua firme proteção... Que Deus Todo-Poderoso acolha o nosso trabalho na sua graça, dê forma verdadeira à nossa vontade, abençoe a nossa perspicácia e nos conceda a confiança do nosso povo". — Adolf Hitler[37]

"Hoje, o movimento é o movimento da Alemanha, hoje esse movimento conquistou a nação alemã e molda o Reich. Isso teria sido possível sem a bênção do Todo-Poderoso? Ou será que aqueles que arruinaram a Alemanha naquela época querem afirmar que tiveram a bênção de Deus? O que somos, não nos tornámos contra, mas com a vontade da Providência, e enquanto formos fiéis, honestos e

[35] Hitler. Reden, Schriften, Anordnungen, Februar 1925 bis Jamiar 1933, Band III, Dok. 91, pp.429
[36] Adolf Hitler, discurso ao congresso do Partido Nacional-Socialista, 1935. Adolf Hitler from Speeches 1933-1938, terramare office, berlim w8, 1938, pp.91.
[37] Richard Steigmann-Gall. The Holy Reich: Nazi Conceptions of Christianity, 1919–1945. Paperback edition. New York: Cambridge University Press. 2003. pp.115

corajosos, acreditarmos na nossa grande obra e não nos rendermos, continuaremos a ter a bênção da Providência". — Adolf Hitler[38]

"Mas já naquela época estávamos convencidos de que, se o nosso povo voltasse a ser diligente e honesto, chegaria o momento em que Deus declararia encerrada essa provação. Se o destino nos chamar novamente para o campo de batalha, a sua bênção estará com aqueles que a mereceram com décadas de trabalho árduo. Estou convencido de que, assim como esta luta foi abençoada pela providência até agora, ela também será abençoada no futuro, pois quando entrei nesta sala pela primeira vez, há anos, eu era um desconhecido, sem nome, sem nada além da minha própria fé". — Adolf Hitler[39]

"Esta campanha de ajuda de inverno é, em sua essência, também uma iniciativa cristã. Muito mais cristã do que muitas frases teóricas afirmam. Quando vejo meninas mal vestidas coletando doações com paciência infinita, mesmo estando elas mesmas congelando, para ajudar outras pessoas que estão com frio, sinto que elas também são apóstolas de um cristianismo. E, de fato, de um cristianismo que pode afirmar com mais razão do que qualquer outro: '*Este é o cristianismo de uma convicção sincera, porque por trás dele não está a palavra, mas a ação*!' Por meio dessa tremenda iniciativa, inúmeras pessoas são resgatadas do sentimento de abandono social e solidão. Muitas, assim, recuperam a fé de que não estão completamente perdidas neste mundo, mas estão seguras em sua comunidade do povo, que alguém se importa com elas, que são lembradas e não esquecidas." — Adolf Hitler[40]

"De acordo com a sua decisão final, vinculativa para o Partido Popular da Baviera, uma união e cooperação deste partido, por ordem sua, com o movimento nacional-socialista, que se baseia fundamentalmente na fé em Deus e professa o cristianismo, está excluída, mas com os ateus negadores de Deus do marxismo fundamentalmente antirreligioso é, pelo menos, concebível. Na sua convicção, isso é a expressão viva de um cristianismo verdadeiramente católico". — Adolf Hitler[41]

"O que significam costumes e moral, quando toda a base da nossa educação moral atual está a vacilar, quando uns veem toda a sua esperança no seu Deus e outros veem na fé apenas um ópio para o povo... O que significa prender um blasfemo, quando o

[38] Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.14
[39] Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.14
[40] Discurso de Adolf Hitler em Berlim, 5 de outubro de 1937. Völkischer Beobachter, BArch NS 18/1430, pp. 222 [Bundesarchiv]
[41] Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.29

próprio Estado concede licenças a associações ateístas que demonstram na prática a sua falta de religião?" — Adolf Hitler[42]

"O nacional-socialismo é uma abordagem fria e altamente racional da realidade, baseada no melhor do conhecimento científico e na sua expressão espiritual. Ao abrirmos o coração do povo a estes ensinamentos, e ao continuarmos a fazê-lo atualmente, não temos qualquer desejo de incutir no povo um misticismo que transcenda o propósito e os objetivos dos nossos ensinamentos.

Acima de tudo, o nacional-socialismo é, na sua essência, um movimento popular e, em nenhuma circunstância, um movimento sectário! Na medida em que a iluminação e o registo do nosso povo exigem o uso de certos métodos, que agora se tornaram parte de suas tradições, esses métodos estão enraizados em experiências e realizações alcançadas exclusivamente por considerações pragmáticas. Portanto, será útil tornar esses métodos parte de nossa herança em uma data posterior. Eles não têm nada a ver com outros métodos ou expressões emprestados, derivados de outros pontos de vista que, até hoje, constituem a essência dos cultos. Pois o Movimento Nacional-Socialista não é um movimento sectário; é antes uma filosofia política e popular que surgiu de considerações de natureza exclusivamente racista[43].

Esta filosofia não defende cultos místicos, mas visa cultivar e liderar um povo determinado pelo seu sangue. [-] Por isso, não temos salões para cultos, mas salões para o povo. Também não temos locais de culto, mas locais de reunião e praças para marchas. Não temos locais de culto, mas sim arenas desportivas e áreas de lazer. E é por isso que os nossos salões de reunião não estão banhados pelo crepúsculo místico dos locais de culto, mas são locais de brilho e luz de natureza bela e prática. Nestes salões, não se realizam rituais de culto, são exclusivamente locais de comícios do Volk do tipo que realizámos nos anos da nossa luta, aos quais nos habituámos e que preservaremos desta forma.

Portanto, o Movimento Nacional-Socialista não tolerará a subversão por místicos ocultistas em busca de uma vida após a morte. Eles não são nacional-socialistas, mas algo diferente e, em qualquer caso, representam algo que nada tem a ver connosco. No cerne do nosso programa, não encontrará quaisquer pressentimentos misteriosos, mas sim uma realização sucinta e, portanto, uma confissão aberta. Uma vez que colocamos a subsistência e a segurança de uma criatura criada por Deus no centro

[42] Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.20

[43] Sobre essa polêmica veja: https://archive.org/details/fundamentos-raciais-do-nacional-socialismo-cosmovisao-de-preservacao-racial-e-na_202511. Uma outra observação é que muitos textos em alemão que contém o termo "vòlkisch" são indevidamente traduzidos como "racismo/racista", tanto traduções para o português, espanhol e inglês.

dessa realização e confissão, sustentamos a criação de Deus, e é dessa forma que servimos a essa vontade. Não o fazemos num novo local de culto banhado por um crepúsculo misterioso, mas sim ao ar livre, para que o Senhor veja". — Adolf Hitler[44]

"A Igreja Católica considerou os judeus pestilentos durante mil e quinhentos anos, colocou-os em guetos, etc., porque reconheceu os judeus pelo que eles eram [...] Reconheço os representantes desta raça como pestilentos para o Estado e para a Igreja e talvez esteja a prestar um grande serviço à Cristandade ao expulsá-los das escolas e das funções públicas". — Adolf Hitler[45]

"O fato de que, apesar de tudo, foi possível formar gradualmente entidades semelhantes a Estados a partir dessas tribos germânicas está relacionado, por um lado, à influência contínua da presença avassaladora do Reich Romano e, por outro, à penetração do cristianismo [...] O cristianismo ofereceu, pela primeira vez, uma base comum que parecia adequada para superar, pelo menos, certas tendências divergentes. Acima de tudo, proporcionou a essas tribos um código específico de moral, ética e de conduta. [...] A formação do Estado germânico, como tal, no entanto, só era concebível porque o cristianismo fornece os pré-requisitos em termos de liderança do povo (Volksführung), sobre os quais um Estado poderia então ser estabelecido. Portanto, o seguinte pode ser reconhecido aqui: A base para a liderança do povo era a cristã; a base para a liderança do Estado foi, no fim das contas, naturalmente condicionada por ocorrências individuais nas quais a capacidade de liderança e a habilidade organizacional nórdico-germânicas se manifestaram de forma particularmente forte" — Adolf Hitler[46]

"Em uma discussão entre Hitler, Hans Schemm e Otto Wagener no Kampfzeit, Hitler lançou seu habitual escárnio sobre o paganismo: *"Todo esse lixo sobre os lugares das coisas, os festivais de solstício, a serpente de Midgard"*. Schemm concordou com Hitler: "*Fico muito feliz em ouvi-lo dizer isso .... Há muita bobagem falada sobre o culto de Wotan e o espírito do Edda.... Esses idiotas não têm a menor ideia do que causam seus discursos*". — Richard Steigmann-Gall[47]

"O cristianismo empreendeu uma cruzada religiosa contra o paganismo em todas as suas consequências e manifestações doentias [...] Portanto, trata-se de uma luta eminentemente política, e a cruz sob a qual conduzimos essa luta é a nossa suástica. E, portanto, assim como o senhor, Herr Beneficiary, está convencido de que o povo

[44] Discurso na Convenção Cultural, 6 de setembro de 1938. Fonte: https://der-fuehrer.org/reden/english/38-09-06.htm

[45] Adolf Hitler, 26 de Abril de 1933., citado em: Richard Steigmann-Gall. The Holy Reich: Nazi Conceptions of Christianity, 1919–1945, pág.117-118.
[46] [Bundesarchiv] BArch NS 11/28 Rede vor den Kriegsakademien in Berlin, 11. März 1939 pp. 252-254
[47] The Holy Reich: Nazi Conceptions of Christianity, 1919-1945, pp.142.

alemão nunca poderá experimentar a bênção a não ser por meio de Cristo, eu também estou convencido de que ele nunca poderá experimentar a saúde e a força a não ser por meio da suástica. E só posso desejar o dia em que o povo alemão permanecerá nesta terra forte, inabalável e unido, com a suástica à esquerda ou ao lado da espada como bandeira da luta da vida cotidiana, mas com a cruz do Senhor à direita como símbolo de fé e luta pela eternidade [...]" — Adolf Hitler[48]

"Meus compatriotas alemães, temos muito a reparar perante a nossa própria história e também perante o nosso eterno Senhor Deus. A providência retirou-nos a sua proteção. O nosso povo caiu, caiu tão profundamente como quase nenhum outro povo antes. Nesta grave adversidade, aprendemos novamente a rezar, aprendemos a respeitar o nosso Deus, voltámos a acreditar nas virtudes de um povo e esforçámo-nos por nos tornarmos melhores. Assim surgiu uma nova comunidade. O povo de hoje já não pode ser comparado com o povo que ficou para trás. Tornou-se mais decente, melhor. E achamos que a graça do Senhor está agora a voltar-se lentamente para nós. "E nesta hora, ajoelhamo-nos e pedimos ao Todo-Poderoso que nos dê força para vencer a luta pela liberdade, pelo futuro, pela honra e pela paz do nosso povo, com a ajuda de Deus". — Adolf Hitler, últimos discursos[49]

"Da soma desses processos surge o conceito histórico da "Migração dos Povos", que revoluciona o mundo antigo. Existe o risco de que surjam condições caóticas. Mas uma base comum de vida no mundo antigo impede esse processo. É a base uniforme de vida que o cristianismo criou em todo o mundo antigo. Somente sobre esta base é possível a formação de um grande Reich germânico. Este é o maior mérito do cristianismo, cujo efeito perdura até hoje. Personalidades fortes constroem o Reich sobre esta base, como fundamento de sua política. É sinal de grande estreiteza de visão chamar um Carlos Magno de "o matador dos saxões", que, com base em sua política cristã, impôs à força essa política àqueles que resistiam. Ele teve de agir dessa forma. Certamente, a perda do melhor sangue alemão nesse processo é lamentável" — Adolf Hitler[50]

"O NSDAP é um partido de puro cristianismo do feito, para o qual a verdadeira convicção cristã do Führer Adolf Hitler é uma garantia". — Padre católico Lorenz Pieper e membro do NSDAP já na década de 1920[51]

---

[48] Adolf Hitler, em uma carta ao padre Magnus Gött, pároco ou "beneficiário" da paróquia católica de Lehenbühl, Baviera, Alemanha, em 2 de março de 1927.
https://www.ifz-muenchen.de/heftarchiv/1994_3.pdf

[49] Thomas Schirrmacher. Hitlers Kriegsreligion, Band 2: Zitatband. Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ. Bonn 2007, pp.34

[50] Bundesarchiv BArch RH 26-10/255 pp. 68

[51] Derek Hastings - Catholicism and the Roots of Nazism. Religious Identity and National Socialism, Oxford University Press, 2010

"Conversa muito longa e notavelmente calma com Adolf Hitler sobre igrejas e religião. Bormann reclamou do fato de que o exército e a marinha iam à igreja durante o serviço [...] Surpreendentemente, Adolf Hitler se recusou a intervir. Ele falou sobre sua atitude em relação às igrejas. Ele continua sendo um membro da Igreja Católica e continuará sendo". — Major Engel[52]

"Ao Ilustre Sr. Adolf Hitler, Führer e Chanceler do Reich Alemão! Aqui, no início de nosso pontificado, desejamos assegurar-lhe que continuamos dedicados ao bem-estar espiritual do povo alemão confiado à sua liderança [...] Durante os muitos anos que passamos na Alemanha, fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para estabelecer relações harmoniosas entre a Igreja e o Estado. Agora que as responsabilidades de nossa função pastoral aumentaram nossas oportunidades, oramos com muito mais ardor para alcançar essa meta. Que a prosperidade do povo alemão e seu progresso em todos os domínios se concretizem, com a ajuda de Deus" — Papa Pio XII[53]

"Nós nos alegramos com a grandeza, a ascensão e a prosperidade da Alemanha, e seria errado afirmar que não queremos uma Alemanha próspera, grande e forte". — Papa Pio XII[54]

"Mais conscientes dos problemas colocados pela genética e da gravidade de certas doenças hereditárias, os homens de hoje têm, mais do que no passado, o dever de levar em conta essas aquisições, a fim de evitar a si mesmos e aos outros inúmeras dificuldades físicas e morais. Devem estar muito atentos a tudo o que possa causar danos permanentes aos seus descendentes, lançando-os numa sucessão interminável de misérias. Recordamos, a este respeito, que a comunidade de sangue entre as pessoas, seja nas famílias, seja nas comunidades, impõe certos deveres. Embora os elementos formais de toda a comunidade humana sejam psicológicos e morais, os descendentes constituem a base material, que deve ser respeitada e não pode ser prejudicada de forma alguma.

O que dizemos sobre a herança pode ser aplicado, em sentido lato, às comunidades que constituem as raças humanas. Mas o perigo aqui é representado por uma insistência exagerada no significado e no valor racial. É sabido que os excessos podem levar ao orgulho racial e ao ódio racial" — Papa Pio XII[55]

[52] Heeresadjutant bei Hitler, 1938-1943 Aufzeichnungen des Majors Engel, Pág. 30.
[53] Papa Pio XII, 6 de março de 1939. John Cornwell, Hitler's Pope: The Secret History of Pius XII, cap.12, pp.208, 2002.
[54] Declaração feita em 25 de abril de 1939. Karlheinz Deschner. Mit Gott und dem Führer - Die Politik der Päpste zur Zeit des Nationalsozialismus, 1998, pp.125.
[55] Speech to the VII Congress of the International Association of Blood Transfusion, (1958)

“Adolf Hitler, filho da Igreja Católica, morreu enquanto defendia o cristianismo. Portanto, é compreensível que não se encontrem palavras para lamentar sua morte, quando tantos exaltaram sua vida [...]” — Francisco Franco[56]

“Sou cristão quando acredito que o sentido da minha vida é a pesada responsabilidade de amar o próximo como a mim mesmo”. — Joseph Goebbels[57]

“O Cristianismo não é uma religião para muitos, muito menos para todos. Cultivada e posta em prática por poucos, é uma das flores mais maravilhosas que uma alma cultural já produziu”. — Joseph Goebbels[58]

“À noite, sento-me no meu quarto e leio a Bíblia. O mar ruge ao longe. Depois fico acordado por um longo tempo e penso no homem quieto e pálido de Nazaré”. — Joseph Goebbels[59]

“Se Cristo voltasse, com que fúria expulsaria do templo, a chicotadas, seus falsos servos!” — Joseph Goebbels[60]

“Cristo é o gênio do amor, sendo assim a antítese mais diametral do judaísmo, que é a encarnação do ódio…” — Joseph Goebbels[61]

“Cristo é o primeiro oponente dos judeus. "Você devorará todas as nações!" Ele declarou guerra contra ele. Portanto, o judaísmo teve que eliminá-lo. Porque ele abalou os alicerces do seu futuro poder mundial”. — Joseph Goebbels[62]

“O judeu é a mentira encarnada. Em Cristo, pela primeira vez na história, ele pregou a verdade eterna na cruz. Isso se repetiu dezenas de vezes nos vinte séculos seguintes e continua se repetindo hoje”. — Joseph Goebbels[63]

“Peguei a Bíblia e li durante toda a noite o sermão mais simples e grandioso que já foi proferido à humanidade. O Sermão da Montanha! 'Bem-aventurados os que sofrem perseguições por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus'!” — Joseph Goebbels[64]

---

[56] The Secret History of The Jesuits, capítulo 27: "The Gestapo And The Company of Jesus", p. 231
[57] Erkenntnis und Propaganda,” Signale der neuen Zeit. 25 ausgewählte Reden von Dr. Joseph Goebbels (Munich: Zentralverlag der NSDAP., 1934), pp. 28-52.
[58] Michael-Ein deutsches Schicksal in Tagebuchblaettern, Zentralverlag der NSDAP, 1942, pp.33
[59] Michael-Ein deutsches Schicksal in Tagebuchblaettern, Zentralverlag der NSDAP, 1942, pp.59
[60] Michael-Ein deutsches Schicksal in Tagebuchblaettern, Zentralverlag der NSDAP, 1942, pp.60
[61] Michael-Ein deutsches Schicksal in Tagebuchblaettern, Zentralverlag der NSDAP, 1942, pp.82
[62] Michael-Ein deutsches Schicksal in Tagebuchblaettern, Zentralverlag der NSDAP, 1942, pp.82
[63] Michael-Ein deutsches Schicksal in Tagebuchblaettern, Zentralverlag der NSDAP, 1942, pp.82
[64] Michael-Ein deutsches Schicksal in Tagebuchblaettern, Zentralverlag der NSDAP, 1942, pp.145

"Em primeiro lugar, não rejeitamos a piedade cristã e, em segundo lugar, também estamos convencidos de que o povo alemão precisa dela. Mas nos opomos a partidos que, em teoria, se referem ao cristianismo, mas na prática abrem caminho para o marxismo ateu, ensinando-nos sobre a misericórdia cristã. Além da misericórdia cristã, o povo alemão precisa de algumas outras coisas: coragem, veracidade, ousadia, coragem cívica contra as forças do bolchevismo que corroem e dissolvem a civilização – e que, como sabemos, sempre encontraram um fervoroso apoio no Partido de Centro". — Joseph Goebbels[65]

"A criança cujo aniversário celebraremos em breve [no Natal] veio ao mundo para trazer amor. Mas Cristo, o homem, aprendeu que nem sempre é possível sobreviver com amor. Quando viu os cambistas judeus no templo, pegou num chicote e expulsou-os do templo". — Joseph Goebbels[66]

"A ideia de sacrifício tomou forma visível pela primeira vez em Cristo. O sacrifício faz parte da essência do socialismo. Doar-se pelos outros. O judeu, porém, não tem entendimento disto [i.e. não entende Cristo.] O seu socialismo é chamado; que sacrificam os outros por si mesmos". — Joseph Goebbels[67]

"[...] o confessionalismo parlamentar procura nos desacreditar entre seus seguidores, repetindo repetidamente a lenda de que somos neopagãos e adoradores de Wotan [Wotansanbeter] e, portanto, os piores e mais amargos inimigos do Cristianismo. Qual é a realidade da situação? O movimento nacional-socialista baseia-se no cristianismo positivo sem estar vinculado a nenhuma denominação específica. Nele há espaço para o protestante, bem como para o católico e o cristão-alemão. Nós, nacional-socialistas, vemos a grande jornada da cosmovisão cristã não tanto em termos de forma, mas em termos de conteúdo. Para nós, o cristianismo é uma atividade, não uma afirmação". — Joseph Goebbels[68]

"Se o criador da cosmovisão cristã tivesse concebido a sua ideia apenas como uma ferramenta para mobilizar filósofos ou teólogos, o seu ensinamento nunca teria se tornado uma força mundial. Pelo contrário, a cosmovisão cristã, no seu início, limitava-se a algumas teses, e essas poucas teses eram apresentadas de forma tão comovente, fanática, fascinante e convincente que abalaram o mundo da época. A ideia do cristianismo tornou-se a tocha da humanidade, que deu às massas uma fé e uma esperança tão fortes num futuro melhor, que elas estavam prontas para lutar por

[65]Wetterleuchten: Aufsätze aus der Kampfzeit. "Komödie am Platz der Republik", de Wetterleuchten: Aufsätze aus der Kampfzeit, 1939, pp.95
[66] Deutsche, kauft nur bei Juden! Der Angriff. Aufsätze aus der Kampfzeit (Munich: Zentralverlag der NSDAP., 1935), pp. 331-333.
[67] Michael-Ein deutsches Schicksal in Tagebuchblaettern, Zentralverlag der NSDAP, 1942, pp.82
[68] Der Angriff: Aufsätze aus der Kampfzeit. Zentralverlag der NSDAP., Franz Eher Nachf., München, 1942, pp.181

ele, convencidas de que qualquer pessoa que desse a sua vida para inspirar um amanhã melhor para os seus descendentes, para o seu povo, para a sua comunidade, se tornaria um pioneiro de um futuro melhor". — Joseph Goebbels[69]

"Em primeiro lugar, não rejeitamos a piedade cristã e, em segundo lugar, também estamos convencidos de que o povo alemão precisa dela. Mas nos opomos a partidos que, em teoria, se referem ao cristianismo, mas na prática abrem caminho para o marxismo ateu, ensinando-nos sobre a misericórdia cristã. Além da misericórdia cristã, o povo alemão precisa de algumas outras coisas: coragem, veracidade, ousadia, coragem cívica contra as forças do bolchevismo que corroem e dissolvem a civilização – e que, como sabemos, sempre encontraram um fervoroso apoio no Partido de Centro." — Joseph Goebbels[70]

"No treinamento ideológico, proíbo qualquer ataque a Cristo como pessoa, pois esses ataques ou insultos de que Cristo era judeu são indignos de nós e certamente não são historicamente verdadeiros". — Heinrich Himmler[71]

- Observação: Himmler era catolico devoto[72] até sua apostasia pública em 1936, posteriormente ele começou a atacar o cristianismo, no entanto, de acordo com Degrelle, Himmler estava se convertendo novamente no final da Guerra:

"A crise religiosa de Himmler quando chegou ao fim, em parte graças a mim, no limiar de sua conversão. Ele estava absolutamente certo de que a nova Europa traria completa Paz e colaboração firme com a Igreja. Este era meu trabalho a cada segundo. Hitler sabia muito bem que eu dedicaria minha vida a isso. Eu não queria ocupar uma posição como líder político após a guerra, mas ser o homem que criou harmonia entre poderes espirituais e temporais, por um lado, e entre germanismo e latinidade por outro. Sei muito bem que para inúmeros fanáticos, não fomos nada além de silhuetas

[69] Joseph Goebbels, no seu discurso aos generais em Poznań, em 25 de janeiro de 1944. Bundesarchiv BArch RW 62/5
[70] "Komödie am Platz der Republik", de Wetterleuchten: Aufsätze aus der Kampfzeit (https://books.google.com.ua/books?id=FpeazQEACAAJ&pg=PA3&hl=ru&source=gbs%20selected%20pages&cad=1#v=onepage&q=christentum&f=false), p. 95
[71] Heinrich Himmler, 23 de junho de 1937, Sammlung Schumacher (hereafter Schu) 245/2/150, BAZ. Citado em: Steigmann-Gall, Richard. "Rethinking Nazism and Religion: How Anti-Christian to Were the 'Pagans'?" Central European History, vol. 36, no. 1, 2003, pp. 75–105. JSTOR.
[72] "Aconteça o que acontecer, sempre amarei a Deus, rezarei a Ele, permanecerei fiel à Igreja Católica e a defenderei mesmo que eu seja expulso dela." — Heinrich Himmler, entrada de diário de 15 de dezembro de 1919. (Fonte: https://www.jstor.org/stable/1875583?seq=10#metadata_info_tab_contents)

grosseiras, mas sei pessoalmente que fervor e pureza repousavam em nosso sonho. Também sei que um dia a Europa se erguerá novamente" — Leon Degrelle no exílio[73]

"Himmler disse que é conhecido como um pagão alegre, mas no fundo do seu coração ele acredita na predestinação e em Deus, no ano passado ele até começou a acreditar em milagres novamente."
— Ministro das Finanças do NSDAP, Lutz Graf de Schwerin von Krosigk, 22 de abril de 1945[74]

"O inimigo sabe que os alemães levam a religião muito a sério. Por isso, espalha a alegação de que a Waffen-ᛋᛋ é uma tropa de assalto do neopaganismo. O inimigo afirma:
1. A ᛋᛋ quer abolir a Igreja. Ela obriga as pessoas a abandonarem a Igreja, demonstrando assim a sua negação de Deus.
3. O conceito de "fé em Deus" (Gottgläubigkeit) é apenas uma expressão disfarçada para loucura de guerra, materialismo e ateísmo.

Essas acusações enganosas são melhor refutadas por estes fatos:
1. A destruição e eliminação de igrejas é realizada exclusivamente pelos anglo-americanos, cheios de frases cristãs. Nenhum membro da ᛋᛋ é forçado a deixar a Igreja.
3. A Waffen-ᛋᛋ não pensa em privar as pessoas de sua fé. Ela não tem o menor interesse em qualquer tipo de conflito eclesiástico. Como nacional-socialista, o homem ᛋᛋ acredita em uma ordem mundial divina". — Heinrich Himmler, setembro de 1944[75]

"Poucas nações neste mundo tiveram uma história e um passado tão ricos e, menos ainda, uma cultura tão elevada no passado como a alemã, o povo germânico. No entanto, poucas nações permaneceram tão inconscientes de sua própria história e dos altos valores de sua cultura por séculos como esse povo alemão [...] O outro guardião fiel é uma parte desta nação, o povo que permaneceu fiel a si mesmo em sangue e caráter, que preservou partes dessa cultura em seus costumes, tradições e hábitos e em sua arte popular. Também observamos com satisfação que a igreja cristã, em seu culto e seus ritos ao longo de 12 séculos, absorveu inúmeras percepções culturais e costumes desse povo nem sempre, especialmente nem sempre friamente, respeitado e,

[73] https://archive.org/details/ldjlj

[74] Schwerin von Krosigg, ZS_A_0020_04, p. 24.
https://www.ifz-muenchen.de/archiv/zsa/ZS_A_0020_04.pdf

[75] Invenio Bundesarchiv NS 31/142. Disponível também em:
https://s3.amazonaws.com/NARAprodstorage/lz/dc-metro/rg-242/12004530/T580/T580-0042/T580-0042.pdf#page=211

portanto, recebe em seus serviços muitos elementos nobres e essencialmente semelhantes ao povo alemão". — Heinrich Himmler[76]

"Eu proíbo qualquer perturbação ou falta de tato em eventos religiosos de todas as denominações (por exemplo, também em procissões da Igreja Católica). Uma atitude diplomática também é uma questão de curso quando as igrejas são visitadas por razões históricas ou artísticas. Assim como eu me certifico de que, de acordo com as ordens do representante do Führer, ninguém sofra qualquer desvantagem ou mesmo ridículo por causa de sua própria visão de mundo religiosa, eu me proíbo de permitir que um membro da SS assedie ou ridicularize outra pessoa por causa de suas crenças religiosas. Assim como o alemão nunca foi a favor da compulsão de consciência, as convicções religiosas e visões de seu vizinho são igualmente sagradas e invioláveis para ele. Eu expulsarei membros da SS que violarem esses princípios da SS assim que eu souber deles". — Heinrich Himmler[77]

"Estamos lutando contra a igreja?

Esta reprovação sempre foi feita contra nós por inimigos internos junto com o primeiro; é disso que nossos inimigos externos nos acusam hoje da maneira mais rancorosa. O Fuhrer enfatizou infinitamente que a Igreja e seus padres sempre desfrutam da proteção do estado, desde que sejam dedicados exclusivamente ao cuidado pastoral e não contrariem a vontade política do povo. Muitas vezes e com muita alegria, o confronto do indivíduo com uma doutrina antiga é equiparado a ataques "tolerados pelo Estado" contra a igreja. Basicamente, pode-se dizer que em todos os tempos e para todos os povos houve revoltas no campo religioso; ninguém vai querer negar o direito do nosso tempo de poder buscar uma crença em Deus, pois isso está em nossa natureza". — Heinrich Himmler[78]

"Poucas nações neste mundo tiveram uma história e um passado tão ricos, e ainda menos uma cultura tão elevada no passado, como o povo alemão, o povo germânico. No entanto, poucas nações permaneceram tão alheias à sua própria história e aos altos valores de sua cultura durante séculos quanto este povo alemão [...] O outro fiel guardião faz parte desta nação: o povo que se manteve fiel a si mesmo em sangue e caráter, que preservou partes desta cultura em seus costumes, tradições e hábitos, bem como em sua arte popular. Observamos também com satisfação que a igreja cristã, em seu culto e seus ritos ao longo de 12 séculos, absorveu inúmeras percepções culturais e costumes deste povo, nem sempre, e especialmente nem sempre de forma fria,

[76] Discurso em 1936, Berlim. BAB, BArch NS 19/4003, p. 2 [Bundesarchiv]
[77] Heinrich Himmler, BArch NS 19/3902, pp. 58 (15 de setembro de 1934)
[78] SS Handbook for the Ideological Education of the Troops

respeitados, e, portanto, incorpora em seus serviços muitos elementos nobres e essencialmente semelhantes do povo alemão" — Heinrich Himmler[79]

"Na 2.ª Brigada de Assalto Voluntária "Langemarck", deve-se dar atenção especial para garantir que os voluntários flamengos da Waffen-SS, na medida em que a situação de combate o permita, possam cumprir suas obrigações religiosas.

Sempre que possível, os voluntários devem ter tempo aos domingos para frequentar a igreja, a seu critério, das 5h às 8h ou das 6h às 9h" — Heinrich Himmler[80]

"O Reichsführer-SS (Himller) recebeu sua carta de 1º de junho de 1937 e informou-lhe que está convencido de que cristo não era judeu" — Rudolf Emil Hermann Brandt[81]

"Vocês foram arrastados por uma propaganda judaico-inglesa distorcida. Em vez de respeitar as enormes conquistas de Adolf Hitler, vocês zombaram, riram e disseram: "crucifiquem-no".

Vocês rezaram a Deus para libertar o mundo desse homem porque foram levados a acreditar que ele era um pagão, uma besta ou o Anticristo. Vocês acreditaram em tudo isso sem perceber a maneira sutil com que essa propaganda de mentiras os havia enganado.

Sei que ainda há muitos milhares de holandeses que agiram de boa-fé, mas todos eles são vítimas de agitadores inescrupulosos que não pouparam nem a vestimenta sacerdotal nem a Igreja para enganar o povo. [...]

Reze a Deus por sabedoria, mas acima de tudo por justiça, então tudo ficará bem. Vivemos em uma época grandiosa, que vale a pena ser vivida, mas pela qual certamente vale a pena dar a própria vida" — Cartas de voluntários das SS[82]

"Quando hoje um grupo nos acusa de ter opiniões anticristãs, acredito que o primeiro cristão, o próprio Cristo, descobriria mais dos seus ensinamentos nas nossas ações do que nesta discussão teológica minuciosa". — Joseph Goebbels[83]

[79] Discurso em 8 de fevereiro de 1936. [Bundesarchiv] BArch NS 19/4003
[80] [Bundesarchiv] NS 19/1666 Möglichkeiten zum Kirchgang für die flämischen Freiwilligen sowie Vereidigung auf Hitler (Befehl des Reichsführers-SS), 27. Apr. 1944 , pp. 41
[81] Rudolf Emil Hermann Brandt, na carta em que relata a convicção do Reichsführer-SS de que Jesus não pertencia ao judaísmo, 16 de junho de 1937. Bundesarchiv BArch NS 19/3134
[82] Der Reichsführer-ϟϟ /ϟϟ-Hauptamt, Aufbruch: Briefe von germanischen Freiwilligen der ϟϟ-Division Wiking, p.57 (Berlin, 20 April 1942)
[83] Richard Steigmann-Gall. The Holy Reich: Nazi Conceptions of Christianity, 1919–1945. Paperback edition. New York: Cambridge University Press. 2003. pp.124

"É proibido apresentar, no âmbito de eventos públicos, espetáculos de natureza oculta, espírita, clarividente, telepática, astrológica e similares, bem como experiências hipnóticas. A atividade artística de prestidigitação não está incluída nesta proibição" — Joseph Goebbels[84]

"Ninguém no Reich alemão foi perseguido ou assediado por causa de suas crenças católicas ou de sua filiação à Igreja Católica. Infelizmente, no entanto, o partido político do Centro [Zentrum], mesmo após a proibição de partidos, tentou recuperar influência política por meio de associações católicas e outras organizações. Nunca permitiremos isso. Superamos completamente o sistema político partidário e não permitiremos que ele opere de forma indireta". — Wilhelm Frick, no Postzeitung Ausburg de 12 de junho de 1935[85]

"Quando o aço é exposto ao fogo, ele brilha e resplandece de uma maneira distinta... Quando eu expus o povo alemão ao cristianismo, eles responderam à sua maneira racial. Eles criaram catedrais alemãs e compuseram um hino alemão... Queremos preservar, não destruir, o que Deus criou, assim como o carvalho e o fogo preservam a sua diferença na floresta... Somos acusados de querer deificar a ideia de raça. Mas, uma vez que a raça é a vontade de Deus, nada mais queremos do que manter a raça pura para cumprir a lei de Deus". — Hans Schemm[86]

"A nossa visão de mundo não é dirigida contra o catolicismo ou o protestantismo, nem contra o cristianismo, mas sim baseada no cristianismo e contra o bolchevismo cultural, contra o falso liberalismo do Iluminismo e contra o materialismo". — Rudolf Buttmann[87]

"A cruz cristã e a suástica (hakenkreuz) não devem ser opostas uma à outra; pelo contrário, elas podem e devem coexistir. Uma não deve dominar a outra; ao contrário, cada uma deve preservar o seu próprio significado e importância. A cruz de Cristo aponta para o céu e nos adverte: lembrem-se de que vocês são um povo cristão, portadores do amor eterno do Pai Celestial, livres pela fé no Senhor Jesus Cristo, santificados pelo poder do Espírito Santo". — Gerhard Hahn[88]

"Em contraste com as tendências exclusivamente divergentes das tribos individuais, o cristianismo ofereceu a primeira comunhão conscientemente percepcionada e

[84] Bundesarchiv BArch NS 6/334, p. 245 (June 13, 1941)
[85] BArch NS 15/559, Partei- und kirchliche Führer, Behörden, rechtliche Angelegenheiten, p. 4 [Bundesarchiv]
[86] Was haben wir als evangelische Christen zum Rufe des Nationalsozialismus zu sagen?: Drei Vorträge auf d. Vereinstagen f. Innere Mission in Dresden am 21. April 1931 geh
[87] Richard Steigmann-Gall. The Holy Reich: Nazi Conceptions of Christianity, 1919–1945. Paperback edition. New York: Cambridge University Press. 2003. pp.80
[88] "Christuskreuz und Hakenkreuz", Schriftenreihe der "Deutschen Christen" Hannovers, No. 1 (1934).

realçada. O cristianismo ofereceu, assim, uma possível base religiosa e ideológica para o estabelecimento de uma organização estatal que não era nem podia ser de carácter tribal uniforme [...] O cristianismo ofereceu esta primeira formação estatal germânica, ou seja, esta primeira unificação de todas as tribos alemãs numa unidade superior, a ideologia ideologicamente religiosa e, portanto, moralmente comum" — NSDAP[89]

"Muitas das ideias Nacional-Socialistas já estavam embutidas na doutrina católica. A Igreja sempre admitiu a importância da raça, solo e sangue, todos os quais constituíam valiosos dons divinos, e recebeu sua consagração especial graças ao cristianismo". — Adolf Bertram, cardeal-arcebispo de Breslau perante o sínodo arquidiocesano, 1935[90]

"Dou instruções às paróquias e aos coadjutores para que realizem um requiem solene em memória do Führer e de todos os membros da Wehrmacht que tombaram em combate pela Pátria Alemã" — Adolf Bertram[91]

"Do ponto de vista da Igreja, não há qualquer objeção à investigação racial e à cultura racial. Nem há qualquer objeção ao esforço para manter as características nacionais de um povo, tanto quanto possível, puras e urnaduladas, e para fomentar o seu espírito nacional através da ênfase nos laços comuns de sangue que os unem. Do ponto de vista da Igreja, devemos fazer apenas três condições: Primeiro, o amor à própria raça não deve levar ao ódio das outras nações. Em segundo lugar, o indivíduo nunca deve considerar-se livre da obrigação de alimentar a sua própria alma através do uso perseverante dos meios de graça que a Igreja proporciona [...] Em terceiro lugar, a cultura racial não deve assumir uma atitude de hostilidade para com o cristianismo" — Cardeal Michael von Faulhaber[92]

"Mil anos de história cristã não podem ser simplesmente apagados da história do povo alemão. Rompi relações com Ludendorff porquê sua esposa acreditava que o Nacional-Socialismo deveria fundar uma nova religião. Sempre disse aos meus líderes partidários que não queria me tornar um reformador religioso. Não pretendo fazer isso e não farei isso. Pela mesma razão, rompi relações com Arthur Dinter e Reventlow." — Conversa de Adolf Hitler com o Cardeal Faulhaber, em Novembro de 1936[93]

[89] Der Parteitag der Freiheit, vom 10.-16. September 1935, Offizieller Bericht über den Verlauf des Reichsparteitages mit sämtlichen Kongreßreden, 2. Auflage, Zentralverlag der NSDAP., Franz Eher Nachf., München, 1935, p. 277
[90] El Régimen Nacionalsocialista y la Iglesia Católica. Federico Rivanera Carlés, 2008.
[91] SELIGSPRECHUNG VON GALENS - mgvo | Daumenkino PDF Online | FlipBuilder
[92] Judaism, Christianity And Germany, New York., The Macmillian Company, 1935, pp.107
[93] Akten Kardinal Michael von Faulhabers, Volume 2, 1935-1945, p. 192

"O Chanceler vive sem dúvidas na fé em Deus. Ele reconhece o cristianismo como o mestre construtor da cultura ocidental…" — Cardeal Michael von Faulhaber[94]

"(Nota do bispo Faulhaber sobre um encontro com Hitler): "O primeiro tema foi o perigo do bolchevismo para a política externa. Se, após a queda de Madrid, não for possível derrotar os vermelhos na Catalunha (tenho de tratar com confidencialidade os detalhes sobre esta questão), cada sucesso do bolchevismo trará mais convulsões... Isso não é pessimismo. Ele já foi profeta várias vezes. A Igreja Católica não deve se enganar: se o nacional-socialismo não dominar o bolchevismo, será o fim do cristianismo e da Igreja na Europa. O bolchevismo é tão inimigo mortal da Igreja quanto o fascismo. Infelizmente, o centro cometeu o crime de confundir os conceitos. O povo teve de acreditar que o comunismo não poderia ser tão mau assim, se os clérigos do centro se aliavam a ele". — Cardeal Michael von Faulhaber[95]

"Na Alemanha, a ideia nacional ressurgiu recentemente, como uma fonte que brota de profundezas ocultas, depois de ter ficado enterrada durante os anos da guerra e do pós-guerra sob o peso excessivo dos sacrifícios que exigira, e depois sob a Revolução [de 1918-1919]; mas ela ameaça novamente secar para grande parte do povo, porque, ao seguir seu curso, se desviou do estritamente nacional para se lançar no ódio à Igreja à maneira dos membros da Ku Klux Klan, que, já pelo próprio nome, se apresentam como um vestígio pseudo-indígena de tempos passados. Adolf Hitler sabia melhor do que os diádocos de seu movimento que a história alemã não começa nem em 1870 nem em 1517, que as fontes de força da cultura cristã são indispensáveis para a recuperação do povo alemão, que o culto a Wotan e o ódio a Roma não permitiriam realizar essa obra de recuperação. Como homem do povo, ele também conhecia melhor do que outros a alma do povo do sul da Alemanha e sabia que não se conquista a alma do povo com um movimento cujo reverso é a luta contra Roma. Há uma tragédia comovente no fato de que a fonte originalmente pura tenha sido envenenada por afluentes posteriores e pelo Kulturkampf. É mais por razões patrióticas do que religiosas que se deve lamentar essa transformação do movimento völkisch em um Kulturkampf völkisch" — Cardeal Michael von Faulhaber[96]

"Ao povo ucraniano!

Carta pastoral de Sua Excelência o Metropolita André Cheptytsky.

Pela vontade do Deus Todo-Poderoso e Misericordiosíssimo, Uno na Trindade, iniciou-se uma nova era na vida do Estado unitário e independente da Ucrânia. As

[94] Akten Kardinal Michael von Faulhabers 1917-1945 II 1935-45, conversas de 4-5 de novembro de 1936.
[95] Ludwig Volk (Hg.). Akten Kardinal Michael v. Faulhabers 1917-1945. Bd. II: 1935-1945. Veröf-fentlichungen der Kommission für Zeitgeschichte.
[96] Mgr Michael von Faulhaber, dans Deutsches Ehrgefühl und Katholisches Gewissen (1925)

assembleias populares, que se realizaram ontem, confirmaram e proclamaram este acontecimento histórico. Ao anunciar-te, povo ucraniano, o atendimento de nossas orações suplicantes, eu te chamo a manifestar tua gratidão ao Altíssimo, tua fidelidade à Sua Igreja e tua obediência à Autoridade. Os tempos de guerra ainda exigirão numerosos sacrifícios, mas a obra iniciada em Nome de Deus e com Sua Graça será levada a um fim feliz. Os sacrifícios que evidentemente serão necessários para alcançar nosso objetivo manifestar-se-ão, antes de tudo, por uma submissão dócil às justas leis de Deus, sem se opor às ordens da Autoridade. O povo ucraniano deve, nesta hora histórica, demonstrar que possui suficiente senso de autoridade, solidariedade e vitalidade para merecer um lugar entre as nações da Europa, no qual possa desenvolver todas as forças que Deus lhe concedeu. Por vossa disciplina, vossa solidariedade e o cumprimento consciente de vossos deveres, provai que estais maduros para a vida do Estado. *Saudamos o exército alemão vitorioso como libertador do inimigo.* À autoridade estabelecida, rendemos a obediência que lhe é devida. Reconhecemos o senhor Yaroslav Stetsko como chefe do governo regional dos territórios ocidentais da Ucrânia Do governo que ele chamou à vida, esperamos uma condução sábia e justa, bem como medidas que levem em conta as necessidades e o bem de todos os cidadãos que habitam nosso país, sem distinção de religião, nacionalidade ou condição social. *Que Deus abençoe todas as tuas obras, povo ucraniano, e conceda a todos os nossos dirigentes a santa sabedoria do alto.*" — Dado em Lviv, na Catedral de São Jorge, em 1º de julho de 1941[97]

"Em nome da Igreja Ortodoxa Russa: Senhor, concede a Adolf Hitler a força para a vitória definitiva" — Pela Pátria, jornal alemão da ocupação nos territórios soviéticos[98]

"A espada punitiva da justiça divina caiu sobre o poder soviético, sobre os seus capangas e associados. O Führer do povo alemão, amante de Cristo, convocou o seu exército vitorioso para uma nova luta, para aquela luta que há muito ansiávamos — a luta consagrada contra os combatentes de Deus, carrascos e violadores que se instalaram no Kremlin de Moscovo [...] Começou verdadeiramente uma nova cruzada em nome da salvação dos povos do poder anti-cristão [...] Finalmente a nossa fé é justificada! [...] Por isso, como Primeiro Hierarca da Igreja Ortodoxa na Alemanha, apelo a vós. Participai na nova luta, porque esta luta é também a vossa luta; é a continuação da luta que começou em 1917…" — Bispo Ortodoxo Serafim (Lyade)[99]

"Não é meu objetivo reerguer altares pagãos nas florestas da Alemanha e introduzir a juventude em qualquer tipo de culto a Wotan, nem de qualquer outra forma entregar a

[97] D01 Pastoral letter on 1 July 1941 – EHRI Online Course in Holocaust Studies
[98] File:За родину (оккупационная немецкая газета).jpg - Wikimedia Commons
[99] Из Воззвания к пастве архиепископа Серафима (Лядэ). Июнь 1941 г (https://s2mitr.livejournal.com/23200.html)

jovem Alemanha às artes mágicas de qualquer apóstolo das ervas" — Baldur von Schirach[100]

"[...] não ter medo nem do inimigo nem do cadafalso [...] é uma profissão de fé cristã como não se poderia expressar de modo mais claro. Com efeito, Cristo nos ensinou por Seu exemplo que Deus exige de nós que sirvamos à nossa ideia até o fim, sem temer nem a morte nem o diabo [...] O cristianismo positivo consiste não apenas em rezar a Cristo, mas também em lutar por Ele. Os dois milhões de homens que tombaram nos campos de batalha da Grande Guerra por sua pátria e, portanto, por uma ideia divina e cristã, eram cristãos positivos. Cristãos positivos são também aqueles que, hoje, domingo após domingo, atravessam seu país de caminhão sob a tempestade e a chuva e elevam sua voz por uma Alemanha de honra e de verdade contra os mercadores e os fariseus que, hoje como há 2000 anos, se entregam à sua empresa anticristã [...] Cristo expulsou os mercadores com orações ou com golpes de chicote? Estou convencido de que Cristo foi um modelo combativo. Infelizmente, alguns dignitários das duas Igrejas esqueceram que Ele expulsou os mercadores do Templo a chicotadas. Em relação a esse ato, Suas palavras "Eu vos dei o exemplo" são hoje levadas mais a sério pelo movimento nacional-socialista do que por muitos pastores..." — Baldur von Schirach[101]

"Cuidado com o grave perigo do nacionalismo exagerado. Pois há nacionalismo e nacionalismo, o que equivale a dizer que há nação e nação, personalidade e personalidade. As nações, assim como o nacionalismo, são realidades existentes, pois as nações foram criadas por Deus. Há, portanto, espaço para um nacionalismo justo e moderado, que é o terreno fértil de muitas virtudes, mas cuidado com o nacionalismo exagerado, como se fosse uma verdadeira maldição. Infelizmente, parece-nos que os fatos justificam os nossos termos "uma verdadeira maldição", pois ele gera divisões constantes e a ameaça de guerra. Não é menos uma maldição de esterilidade no que diz respeito às missões, pois não é por esse caminho que a fertilidade da graça se revelará, nem que o apostolado florescerá". — Papa Pio XI[102]

"Quem quer que considere a raça, o povo, o Estado, a forma do Estado, os detentores do poder ou qualquer outro valor fundamental da comunidade humana — todos elementos que ocupam um lugar necessário e honroso na ordem terrena —, quem quer que considere esses conceitos para retirá-los dessa escala de valores, mesmo religiosos, e os divinizem por meio de um culto idólatra, esse alguém subverte e distorce a ordem das coisas criada e ordenada por Deus: esse alguém está longe da verdadeira fé em Deus e de uma concepção de vida que corresponda a essa fé [...].

[100] H. W. Koch. The Hitler Youth: Origins and Development 1922-1945, pp.134.
[101] Carta aberta de Baldur von Schirach dirigida ao pastor Johannes Jänicke, novembro de 1930. https://kar.kent.ac.uk/62985/1/235Hundehege_Writing%20the%20Nazi%20Movement.pdf

[102] Address to Students of the Propaganda College, Rome, August 21, 1938

Ninguém pensa, certamente, em barrar o caminho que deve conduzir a juventude alemã à constituição de uma verdadeira comunidade do povo, no nobre amor à liberdade, na fidelidade inviolável à pátria. O que Nós condenamos, e devemos condenar, é o antagonismo voluntário e sistematicamente suscitado entre essas preocupações de educação nacional e as do dever religioso. É por isso que clamamos a essa juventude: cantem os vossos hinos à liberdade, mas não esqueçam a liberdade dos filhos de Deus [...] Aquele que examina o coração e a alma é Nossa testemunha de que não temos desejo mais ardente do que a restauração da verdadeira paz entre a Igreja e o Estado na Alemanha." — Papa Pio XI[103]

"Li talvez cem vezes, nos seus textos em alemão, latim, inglês e francês, essa carta encíclica e nunca vi nada que condenasse o nacional-socialismo. É certo que há alusões contra Alfred Rosenberg e os seus 90.000 wotanistas (entre 80.000.000 de alemães), mas nenhuma contra Hitler. Na altura oportuna, escrevi a uma autoridade muito elevada para exigir, como católico e para a salvação eterna da minha alma, que me informassem sobre o que havia de condenável em Mein Kampf e nos discursos de Hitler. Não me puderam indicar nada de condenável. Hitler proibiu: o comunismo, o socialismo, os clubes de ateus e livres-pensadores, as Testemunhas de Jeová, os clubes de homossexuais, a Maçonaria, todas coisas que a Igreja sempre condenou. Único líder do Ocidente, teve a imensa honra de lançar as suas forças armadas contra a URSS. Impôs o uso de braçadeiras aos judeus, copiando os papas da Idade Média, que impunham o uso de rouelas aos mesmos judeus" — Adrien Arcand[104]

"O Fuhrer, educado no catolicismo, nunca renunciou a essa religião". — Otto Skorzeny[105]

"Entendam-nos bem aqui! — Fazemos uma distinção fundamental entre o catolicismo religioso e o catolicismo político. Recusamo-nos agora, tal como durante a Era do Sistema, a colocar no mesmo saco o catolicismo religioso e o catolicismo político, sobretudo porque sabemos que a esmagadora maioria dos católicos alemães sempre rejeitou as maquinações malignas dos políticos católicos, tal como fizeram os mais altos dignitários da Igreja. O próprio Papa Leão XIII afirmou: "O uso indevido da religião para fins políticos é o maior pecado." — NSDAP[106]

---

[103] Mit brennender Sorge, 1937. Observação: a Encíclica não condena o nacional-socialismo, crítica apenas vertentes (exemplo: Rosenberg, mesmo sem citá-lo diretamente) e as violações da concordata feita pelo Terceiro Reich. Nenhuma autoridade foi citada diretamente, nem Hitler, muito menos houve menção ao termo "nacional-socialismo". Veja: The Pope and Mussolini: The Secret History Of Pius XI And The Rise Of Fascism In Europe (2014, Random House), David I. Kertzer, p. 477. Outra observação importante é a de que nenhum católico nacional-socialista foi excomungado por ser nacional-socialista, nem o próprio Hitler, talvez algum tenha sido excomungado em determinado momento, mas não por ser nacional-socialista.

[104] http://www.reconquistapress.com/serviam.html

[105] Otto Skorzeny. La guerre inconnue, pp.330

[106] Aufklärungs- und Redner-Informationsmaterial der Reichspropagandaleitung der NSDAP., Lieferung 20 (August 1935), pp. 1- 7 (Kirche: Polit. Katholizismus).

"O nacional-socialismo provou que está disposto a conceder à Igreja aquilo que ela reivindica. O governo nacional-socialista celebrou um Concordato com a Igreja Católica Romana logo após sua tomada do poder. Esse acordo regulamentava as relações entre ambas as partes, estabelecia direitos e deveres e concedia à Igreja amplos privilégios. Fê-lo com a confiança de que a Igreja respeitaria o Concordato e daria aos clérigos diretrizes firmes para se manterem afastados de qualquer atividade política, para serem leais ao governo nacional-socialista e para não meterem o nariz em assuntos que não lhes dizem respeito e que não compreendem. [...] Nenhum nacional-socialista tem a intenção ou o desejo de desencadear uma nova batalha destinada a afastar o católico alemão da sua fé e da sua Igreja" — NSDAP[107]

"A promulgação da lei do Concordato do Reich (aprovada por unanimidade pelo Conselho de Ministros em 14 de julho) ocorreu em 12 de setembro, embora já tivesse entrado em vigor em 10 de setembro, no dia da troca dos instrumentos de ratificação na Cidade do Vaticano. Com isso, o governo de Hitler conseguiu o que nenhum dos governos centristas anteriores havia conseguido: *a celebração de um concordato para todo o território do Reich.* A enorme importância histórica deste concordato reside no fato de que, através deste primeiro acordo solene entre o Reich Alemão e a Igreja Católica Romana, *terminou a infeliz disputa que, durante mil anos de história alemã, desde as lutas medievais entre imperadores e papas, encheu de sangue e ódio o conflito acirrado entre o Estado e a Igreja.* O fim dessa antiga contenda tornou-se possível graças a uma clara divisão de competências, que garantia a cada parte contratante os seus direitos, mas ao mesmo tempo estabelecia limites claros entre as áreas de atuação de ambas as partes. Além disso, com este Concordato do Reich, foi expresso o reconhecimento solene da revolução nacional-socialista e, ao mesmo tempo, a sentença de morte do nacional-socialismo sobre o Partido do Centro foi confirmada pela mais alta autoridade do catolicismo". — Gerhard Rühle[108]

"É importante lembrar que, já em 1919, o Gabinete do Reich e o núncio papal Pacelli concordaram que a "*Bulle de salute animarum*" de 1821 (Concordato) deveria permanecer em vigor por enquanto. Acordos contratuais com a Igreja Católica (concordatos) por parte do Estado da forma mais favorável possível, concessões em questões escolares, concessões abrangentes na distribuição de cargos e funções no Estado – esses foram os preços que o Centro exigiu em troca da sua "lealdade ao Estado". Para isso, aliou-se aos ímpios e aos marxistas e deixou a Alemanha ser destruída. Enquanto mantinha os seus eleitores fiéis, alegando defender o cristianismo, abusava do cristianismo como pretexto para os seus negócios políticos

[107] Aufklärungs- und Redner-Informationsmaterial der Reichspropagandaleitung der NSDAP., Lieferung 20 (August 1935), pp. 1- 7 (Kirche: Polit. Katholizismus).
[108] Das Dritte Reich, Dokumentarische Darstellung des Aufbaues der Nation. Das erste Jahr 1933, pp.245 (e seguintes)

sujos e destrutivos para o povo. É óbvio que, na realidade, não havia ameaça pior ao cristianismo do que essa política hipócrita do Centro" — Gerhard Rühle[109]

"Cristo não ofereceu a esse povo sem alma poder e esplendor, mas apenas um reino que não era deste mundo; ele queria devolver-lhes a alma mais uma vez, restituir-lhes a capacidade de viver as experiências mais íntimas!

Eles não o compreenderam, não conseguiram compreendê-lo em todos os seus métodos, e ele acabou na cruz como um criminoso! Foi-lhe negado ser o Messias dos judeus; mas, por isso, tornou-se mais: o Salvador dos gentios!

Os judeus o odeiam e zombam dele até hoje, porque sempre lhes pareceu inconcebível como alguém pode se sacrificar inteiramente por ideias, como alguém pode deixar de lado o que lhes parece mais precioso – a vida – em busca de uma causa maior.

Mas foi isso que Jesus, o Nazareno, fez, e é por isso que ele dificilmente era de seu sangue, o que sua origem do norte revela" — Rudolf Jung[110]

"Se, em certos círculos hoje, alguns rejeitam o cristianismo como algo estranho, como algo que simplesmente não se coaduna com a nossa natureza, e se, em vez disso, optam por formar comunidades de crentes germânicos, então estão abandonando nossa convicção a uma grave ilusão" —Rudolf Jung[111]

"Não é exagero: toda a literatura, desde o Reich Franco, passando pelo reino dos grandes imperadores saxões e dos salianos, incluindo a Annolied, ajudou a construir o Reich ao lado dos imperadores, algo que os teólogos, bispos e monges de hoje só poderiam considerar lixo e espelho… O cristianismo daquela época proporcionou ao Reich justificação, ideologia e teodiceia. Até aquela fatídica reviravolta, que começou com a chamada reforma de Cluny, dividiu o mundo em duas partes e colocou as rédeas do poder político estrangeiro nas mãos dos papas, o cristianismo produziu durante séculos uma teologia do Reich em direta continuidade da fé germânica. Cristo é o protetor, o "senhor" supremo do Reich, o "camarada fiel" de seus reis e imperadores. Em seu sentido e atitude, não é de forma alguma estranho ao espírito germânico: é a convicção de fé germânica expressa" — Ernst Krieck[112]

"Que 'coincidência' estranha o fato de os principais líderes do NSDAP serem quase todos católicos! — Hitler, Esser, Streicher, Wagner (Bochum), Wagner (Munique), Gregor Strasser, cujo irmão é padre jesuíta no mosteiro de Metten, o Dr. Joseph Goebbels (aluno de jesuítas), Dr. Wacker, de Karlsruhe, Plaichinger, Eberbach (aluno jesuíta), e o general Epp, homem de confiança da Cúria Romana, bem como o jesuíta

[109] Das Dritte Reich. Die Kampfjahre, 1918-1933, pp.168.
[110] National Socialism: Its Foundations, its Development, and its Goals, pp.33
[111] National Socialism: Its Foundations, its Development, and its Goals, pp.76
[112] Volkscharakter und Sendungsbewußtsein Politische Ethik des Reichs, pp.62 (1940)

Wittelsbach Rupprecht, que anteriormente foi ridicularizado no Völkischer Beobachter como o "general da Mãe de Deus" por ter se curvado diante da Madona Negra — a Maria jesuíta..." — Erich Wilhelm Ludendorff[113]

"Não lutamos para construir templos pagãos, mas para unir o povo alemão para toda a "eternidade. Assim como não desejamos construir templos em oposição às igrejas cristãs, também não queremos um Valhalla como substituto do céu cristão. Mas há uma coisa que queremos: que esse céu cristão se estenda sobre uma terra alemã livre, e essa terra só será livre se um povo unido nela habitar — um povo que esteja sempre consciente de seu destino comum nesta terra; e é por isso que não queremos que esse povo se divida em confissões, mas que se una" — Bernhard Rust[114]

"Durante minhas estadias no Berghof, descobri que Eva Braun era católica, assim como eu. Nunca falamos sobre isso diretamente, mas eu sabia que ela às vezes ia rezar na igreja de Berchtesgaden. Eu também ia lá de vez em quando, geralmente com Karl Weichelt ou Karl Tenazek — dois membros próximos do comando —, mas nunca com ela. Não eram mais do que três ou quatro de nós, do círculo íntimo do Führer, que assistíamos à missa dessa forma. Embora eu fosse crente, não levava um rosário comigo. Hitler, por outro lado, era católico, mas só frequentava igrejas por motivos oficiais" —- Rochus Misch[115]

"Assim como outrora o Senhor Deus, assim como Cristo expulsou os judeus do templo, também nós expulsaremos os judeus dos bancos e nacionalizaremos todo o sistema monetário e financeiro. Esse é o pré-requisito para romper as amarras da escravidão dos juros" — Gottfried Feder[116]

"Todas as questões, esperanças e desejos sobre se o povo alemão irá um dia encontrar uma nova forma para o seu conhecimento de Deus e a sua experiência de Deus não se enquadram aqui; estas são questões de significado secular, que também vão muito além do quadro de um programa tão fundamentalmente revolucionário como o proclamado pelo nacional-socialismo. *O partido enquanto tal proíbe-se, em qualquer caso, de se anunciar como estando identificado com os cultos de Wotan, como acontece por parte do clero politizado, embora reste saber se tais aspirações existem numa escala significativa.* Por outro lado, a luta contra os fenômenos de decomposição que envenenam o nosso povo nos domínios da arte, da literatura, da ciência, do palco, do teatro e, sobretudo, de todo o sistema prefeitoral, será de grande importância e urgência prática" — Gottfried Feder[117]

---

[113] Hitlers Rompolitik im Dienste der påpstlichen Kriegsheke "Hitler's Rome Policy", Heft II von Rom-Juda das Verhängnis der Deutschen (1930), p.26-27; Deutsche Wochenschau Völkische Feldpost Berlin SW 68, Zimmerstraße 7

[114] Bundesarchiv BArch NS 15/559 1934, pp. 309

[115] J'étais garde du corps d'Hitler : 1940-1945 by Rochus Misch, pp.157

[116] Gottfried Feder speaks on German economy (https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn1003167). July 8, 1932. [Timestamp is on 00:10:04]

[117] Das Programm der NSDAP und seine weltanschaulichen Grundgedanken. F. Eher Nachf, 1934

> “As pessoas mentiram sobre Hitler nesse aspecto. Ele era profundamente devoto e invocava frequentemente o nome de Deus. Suas crenças eram cristãs e, ainda na infância, fazia parte do coro da igreja paroquial [...] Ele (Hitler) não levava muito a sério o interesse de Himmler pelas antigas religiões germânicas, e sua política era muito favorável à Igreja Católica, mesmo quando surgiram opositores do regime vindos da própria Igreja. Certa vez, encontrei-o numa manhã quando estava a caminho para receber a comunhão, e quando lhe contei minha intenção, ele não se surpreendeu, dizendo-me que sua mãe, se estivesse viva, teria se juntado a mim” — Leon Degrelle[118]

“Contra as potências demoníacas, o Arcanjo Miguel ergue sua espada vingadora, brilhante e invencível. Com ele estão unidos e marcham os antigos povos cristãos e civilizados, que defendem seu passado e seu futuro ao lado dos exércitos alemães [...] Sei também que a Legião [dos voluntários franceses contra o bolchevismo] está atualmente na linha de frente contra os exércitos vermelhos, diante de Moscou. Não é apenas a honra militar da Pátria que a Legião defende. Não esqueçais que os Voluntários também ajudam a manter a força espiritual da França e que, combatendo por suas famílias e por sua pátria, combatem ao mesmo tempo pela civilização cristã do Ocidente, ameaçada há muito tempo pela barbárie comunista. Como não ser grato a esses homens por realizarem tal sacrifício? [...] Como sacerdote e como francês, ousarei dizer que esses legionários se colocam entre os melhores filhos da França. Colocada na linha de frente do combate decisivo, nossa Legião é a ilustração viva da França da Idade Média, da nossa França das catedrais ressuscitadas, e digo, porque estou certo disso, que esses soldados contribuem para preparar o grande renascimento francês. Em verdade, esta Legião constitui, à sua maneira, uma nova cavalaria. *Esses legionários são os cruzados do século XX. Que suas armas sejam abençoadas! O túmulo de Cristo será libertado!”* — Cardeal Alfred Baudrillart[119]

> “[...] eis que um grande sopro se eleva, turbilhona, começa a varrer e a purificar. O tempo da cólera (*tempus iracundiae*) finalmente chegou! O mundo cristão e civilizado se ergue em um impulso formidável para defender e salvar nossa antiga sociedade cristã, em perigo de bolchevização, isto é, em perigo de morte. Qual será, após tantos tormentos interiores, a atitude efetiva e definitiva da França? Não nos ocupemos aqui de contingências políticas, de interesses particulares. Consideremos apenas o bem geral que, cedo ou tarde, acaba por recair como uma chuva benfazeja e fecunda sobre o campo de cada um. Sacerdote e francês, como, em um momento tão decisivo, recusaria eu aprovar a nobre empresa comum, dirigida pela Alemanha, suscetível de

[118] Léon Degrelle in Exile, 1945-1994 by José Luís Jerez Riesco(2009)
[119] Declaração do cardeal publicada no jornal semanal do Parti Populaire Français, *L’Émancipation nationale*, em 12 de dezembro de 1941. RetroNews.fr - Le site de presse de la BnF

libertar a Rússia da ganga que, há 25 anos, mantém comprimido e sufocado seu antigo fundo humano e cristão; de libertar a França, a Europa, o mundo, das quimeras mais perniciosas e mais sanguinárias que a humanidade conheceu; de elevar os povos acima de seus interesses estreitos e de estabelecer entre eles uma santa fraternidade renovada da Idade Média cristã? Eis os tempos de uma nova cruzada que, em vez de levar o combate para fora, deve voltar-se sobre si mesma e lutar contra um inimigo que, para todos e para cada um, constitui um perigo interior. O túmulo de Cristo está agora entre nós; é preciso libertá-lo, aqui e ali, em nossas sociedades modernas assim como na alma pessoal de muitos [...] Afirmo que o túmulo de Cristo será libertado. Através das tristezas da hora, a aurora brilha. Um mundo novo e melhor deve surgir de tantos desastres e de tantos escombros. Para construir, o catolicismo permanece o cimento mais sólido. Na minha idade, após ter estudado tanto o passado, procuro pressentir o futuro. Vejo uma época fecunda em que o Evangelho de Cristo triunfará sobre a "bíblia" marxista e voltará a ser a lei de um universo apaziguado, porque somente ele é doutrina de amor, de perdão e de beneficência; princípio de ordem, de disciplina e de hierarquia; porque somente ele concilia o respeito à consciência individual com os deveres da comunidade familiar, corporativa e nacional; porque somente ele é anunciador de paz às almas de boa vontade, aos corações sãos e aos espíritos retos" — cardeal Alfred Baudrillart[120]

"Assim como Jesus libertou os homens do pecado e do inferno, Hitler salvou o povo alemão da ruína. Jesus e Hitler foram perseguidos, mas, enquanto Jesus foi crucificado, Hitler foi elevado ao cargo de chanceler. Enquanto os discípulos de Jesus negaram seu Mestre e o abandonaram, os dezesseis camaradas tombaram por seu Führer. Os apóstolos concluíram a obra de seu Senhor. Esperamos que Hitler possa ele mesmo concluir sua obra. Jesus trabalhava para o Céu, Hitler trabalha para a terra alemã" — terceira classe da escola primária Blumenschule[121]

"Amo ardentemente minha pátria e coloco-me, a todo momento, à disposição do meu Führer. Estou muito feliz por ter tido o privilégio, em 6 de dezembro de 1937, de me encontrar a sós com o homem a quem a Alemanha, tornada maior, deve tanto. Queira aceitar, meu Führer, a expressão de minha mais elevada admiração, com a qual me declaro, Dr. Franz Xaver Eberle, bispo auxiliar de Augsburg, o mais fiel a Vossa Senhoria, Chanceler do Reich" — Dom Franz Xaver Eberle[122]

"Alguns, no exterior, apressaram-se em saudá-la como uma condenação do nacional-socialismo enquanto regime político; mas a Igreja, que não intervém em

[120] Declaração do cardeal Alfred Baudrillart publicada no jornal *Toute la Vie*, em 7 de agosto de 1941
[121] Ditado dado em 3 de março de 1934 na terceira classe da escola primária Blumenschule, em Munich: "Jesus e Hitler". dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-01207326/file/VAN_BEEK_Myriam_M2R_ANNEXES_Etudes_germaniques_2015.pdf
[122] Carta de Dom Franz Xaver Eberle, bispo auxiliar de Augsburg, dirigida a Adolf Hitler em 18 de março de 1938. https://www.zeit.de/1982/36/ss-spitzel-mit-soutane/komplettansicht

questões políticas, deixa aos povos a liberdade de escolher a forma de governo que melhor corresponde à sua mentalidade e às suas aspirações; ela é indiferente às formas autoritárias ou democráticas; tudo o que lhe interessa é que o espírito cristão penetre e vivifique todas as instituições. É por isso que o nacional-socialismo, como regime político, nada tem a temer da parte da Igreja romana, a qual, aliás, após a ascensão de Adolf Hitler ao poder, concluiu inclusive uma concordata com o Reich" — Dom Federico Sargolini sobre Mit Brennender Sorge[123]

"Com a tomada do poder pelos nacional-socialistas, as esperanças dos pagãos de obter maior influência e participação cresceram rapidamente. Pela primeira vez na história, os pagãos acreditaram ter bons motivos para esperar o fim de sua marginalização e tornar-se um elemento valioso — e, esperavam, até mesmo vital — da revolução nacional-socialista que havia sido posta em marcha. Para sua dolorosa constatação, nenhuma das expectativas que surgiram em 1933 se concretizou. Não havia uma única instituição ou departamento governamental que permitisse a difusão da influência pagã. O Ministério da Ciência e da Educação rejeitou todas as ambições pagãs de se envolver em questões relacionadas à educação escolar e superior. Apesar de pequenos sucessos em nível estadual, o ensino pagão e os professores pagãos continuaram sendo excluídos do sistema educacional" — Horst Junginger[124]

"Os nazistas, como vimos, apresentavam os odinistas no Der Stürmer como controlados pelos mesmos centros que supostamente controlavam os judeus. Da mesma forma, somos apresentados hoje — como "instrumentos da maçonaria", "instrumentos do sionismo" etc. — pelos herdeiros nacionais dos nazistas, agora de confissão ortodoxa. Que relação, portanto, tem ou pode ter o nazismo com o politeísmo — ou "paganismo", como depreciativamente o chamam os monoteístas há séculos? Com esta exposição, creio que a pergunta foi respondida com total clareza: nenhuma. Nenhuma relação — assim como nenhuma relação há entre o mundo da psicose, do delírio e do culto ao "gene mágico" e o mundo da razão, da virtude e do espírito aberto." — Vlasis G. Rassias (historiador pagão)[125]

"De que adianta o trabalho de esclarecimento do governo nacional-socialista sobre a necessidade da higiene genética e racial, de que adiantam as leis e medidas, se de tantas colunas subterrâneas do mundo dos jornais e livros do campo ocultista brotam

[123] No número de março de 1937 da revista *Gioventù italica*, o assistente da GIAC, Dom Federico Sargolini, negou categoricamente que a encíclica Mit brennender Sorge contivesse uma condenação do nacional-socialismo e afirmou que, ao contrário, este, "como regime político", "nada tinha a temer da Igreja romana".
https://www.academia.edu/28884734/La_r%C3%A9ception_de_Mit_brennender_Sorge_en_Italie_in_Pie_XI_un_pape_contre_le_nazisme_Sous_la_direction_de_F_Bouthillon_et_M_Levant_%C3%A9d_Dialogues_Paris_2016?auto=download

[124] Nordic Ideology in the SS and the SS Ahnenerbe, pp.58

[125] Palestra do autor - historiador Vlasis G. Rassias no Ateneu Filosófico "Ekativolos", em 8 de dezembro de 2012.https://rassias.gr/1091.html

as afirmações contrárias e todo esse trabalho é boicotado? Quando as velhas fábulas lamarckistas sobre a educação pré-natal ou a transformação direta da raça pelo clima, paisagem, alimentação e outras influências ambientais, que contrariam os resultados da genética, são repetidamente reaquecidas, e cada profeta dá sua própria opinião sobre a "melhoria da raça"? Só se pode aconselhar aos senhores ocultistas que, se não querem ser criticados, limitem-se ao seu campo ocultista, onde há tanta variedade para uma pessoa sedenta de conhecimento, e deixem as explicações e considerações sobre a ciência racial e a preservação racial para pessoas mais qualificadas do que eles. O nacional-socialismo não está disposto a tolerar tais enganos, como a dissolução da Associação Alemã de Pesquisadores de Runas em Württemberg e Hamburgo, a proibição da Associação do Templo Mazdaznan na Saxônia e o decreto policial de 10 de abril de 1934 relativo à adivinhação (incluindo leitura de cartas, horóscopos, astrologia, interpretação de sinais e sonhos)" — Dr. G. Meyer-Heydenhagen[126]

"Será punido com pena de prisão até três anos quem ofender publicamente a Deus com declarações blasfemas, ou quem insultar publicamente uma das igrejas cristãs ou outra sociedade religiosa existente no território do Reich, ou as suas instituições ou costumes, bem como quem cometer danos insultuosos numa igreja ou noutro local destinado a reuniões religiosas." — Código penal do Reich de 1944[127]

"Atualmente, afirma-se repetidamente que o nosso ponto de vista racial nacional-socialista é materialista, não-cristão, chauvinista, imperialista e leva à difamação de outras raças e povos. O oposto é verdadeiro. Acreditamos que a nossa política racial é a garantia mais segura do respeito mútuo e da coexistência pacífica entre os povos do mundo. Uma pessoa de outra raça é, afinal, diferente de nós no corpo e na alma, que, em conjunto, constituem o conceito de raça. Esta afirmação não é um juízo de valor sobre as outras raças. Estamos demasiado conscientes do nosso apego absoluto ao nosso próprio sangue e à nossa própria raça para nos atrevermos a fazer tal julgamento, que só poderia ser feito de um ponto de vista suprarracial e, portanto, sobre-humano" — Gerhard Wagner[128]

"Com o profundo desejo de que a comunidade do Monte Santo [Monte Athos] possa um dia tornar-se um exemplo de comunhão entre os povos da Europa, agradeço ao mosteiro pela sua nobre hospitalidade, da qual tive a oportunidade de desfrutar" — Heinrich von Heimendorff[129]

[126] Verfälschung des Rassegedankens durch Geheimlehre. Die Nationalsozialistischen Monatshefte, Heft 66, September 1935, 6. Jahrgang
[127] Adolf Schönke. Strafgesetzbuch Für Das Deutsche Reich (1944), pp.369
[128] Der Parteitag der Ehre vom 8. bis 14. September 1936, Franz Eher Nachf, 1936, pp.153
[129] https://athosweblog.com/2011/04/27/1218-athos-and-the-second-world-war/

Para questões raciais e a Igreja católica consulte:

- Catholicism and Race Question. P. Constantinus, O.F.M., 1933[130]
- Raça, Reflexões De Um Teólogo - Pe. Bonaventure Hinwood[131]
- Raça & Catolicismo[132]

[130] https://open.substack.com/pub/americanreform/p/catholicism-and-the-race-question?r=4n45yp&utm_medium=ios

[131] https://archive.org/details/raca-reflexoes-de-um-teologo-pe.-bonaventure-hinwood. Observação! O padre comete certas imprecisões nas relações entre nacional-socialismo e panteísmo, no entanto fornece respostas fundamentais para a questão racial e a Igreja católica. Novamente já citado, compreenda verdadeiramente a relação entre nacional-socialismo e raça: https://archive.org/details/fundamentos-raciais-do-nacional-socialismo-cosmovisao-de-preservacao-racial-e-na_202511

[132] https://archive.org/details/raca-catolicismo/mode/1up

Galeria de fotos e imagens

Sacerdotes católicos fazendo a saudação em um comício da juventude católica no estádio Berlin-Neukölln, em agosto de 1933.

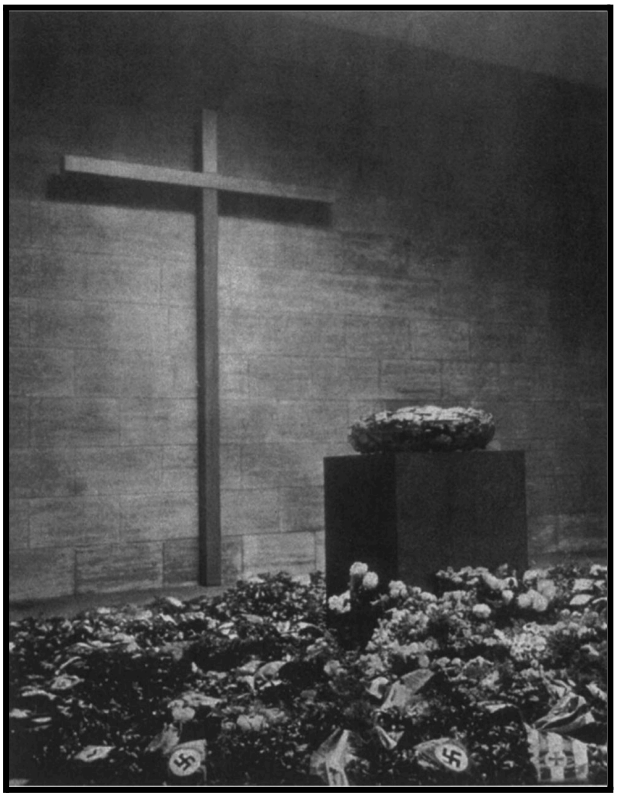
Cardeal Bertram no cortejo fúnebre do Bispo Bares, Berlim, 7 de março de 1935
Como presidente da conferência episcopal alemã, o cardeal Bertram, de Breslau, desempenha um papel crucial na definição da postura dos bispos alemães em relação ao Estado nacional-socialista.

Igreja e Estado. Hitler em frente à “Igreja de Nossa Senhora” em Nuremberg, setembro de 1934. Fotógrafo: Heinrich Hoffmann.

Hitler com o arcebispo Cesare Orsenigo, núncio papal em Berlim, 1935. Em 20 de abril de 1939, o arcebispo Orsenigo celebrou o aniversário de Hitler. As celebrações, iniciadas por Pacelli (Papa Pio XII), tornaram-se uma tradição. Todos os dias 20 de abril, o cardeal Bertram, de Berlim, enviava “*os mais calorosos parabéns ao Fuhrer em nome dos bispos e das dioceses da Alemanha*” e acrescentava “*as fervorosas orações que os católicos da Alemanha enviam ao céu nos seus altares”.* (Fonte: Hitler's Pope: The Secret History of Pius XII, de John Cornwell)

Hitler rezando.

A legenda diz: "*Der ergreifende Abschlub der Kundgebung in Wien: Wir treten zum Beten…*" [O final comovente e emocionante do comício em Viena: Vamos rezar...] — (Fonte: Hitler: The Hoffmann Photographs, Vol. 1, Ray R. Cowdery, Ed., 1990)



A *Neue Wache* durante o Terceiro Reich. A cruz foi adicionada pelos nacional-socialistas após a tomada do poder. Fonte: Die Jugend des Führers Adolf Hitler: Bildbuch über die grossdeutsche Judend, editado pela Reichsjugendführung der NSDAP (Leipzig, 1942).

O Fuhrer em Franken. Adolf Hitler (ao centro) no monumento aos mortos na guerra em Franken, Alemanha. De acordo com Ray Cowdery, Hitler raramente perdia uma oportunidade de visitar memoriais de guerra, mesmo quando não havia um fotógrafo presente. (Fonte: Hitler: The Hoffmann Photographs, Vol. 1, Ray Cowdery, Ed., 1990)

Hitler a dar um autógrafo a uma fã cristã (Fonte: Hitler in Seinen Bergen, Heinrich Hoffmann, Berlim, 24.9.35)

Hitler num comício do partido NSDAP. Observe a "Igreja de Nossa Senhora" ao fundo, como se representasse a fundação do partido. Foto tirada em Nuremberg, Alemanha (por volta de 1928). Na foto temos Hitler, [provavelmente] Göring e Gottfried Feder.

Hitler cumprimenta Ludwig Muller, o "Bispo do Reich", e o monge beneditino católico Albanus Schachleiter, amigo pessoal do Führer. Evento do NSDAP em 1934.

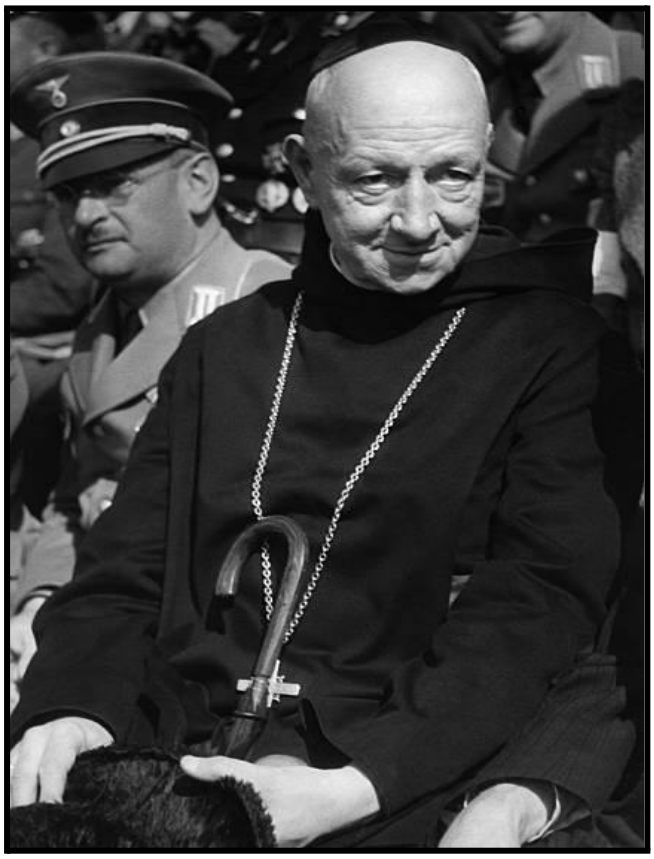
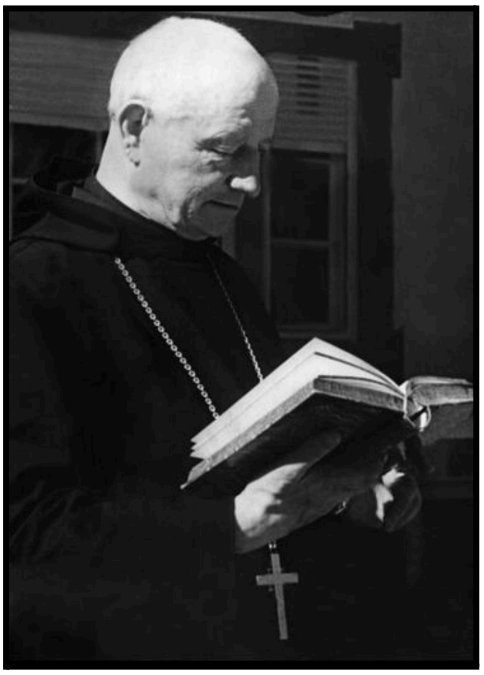


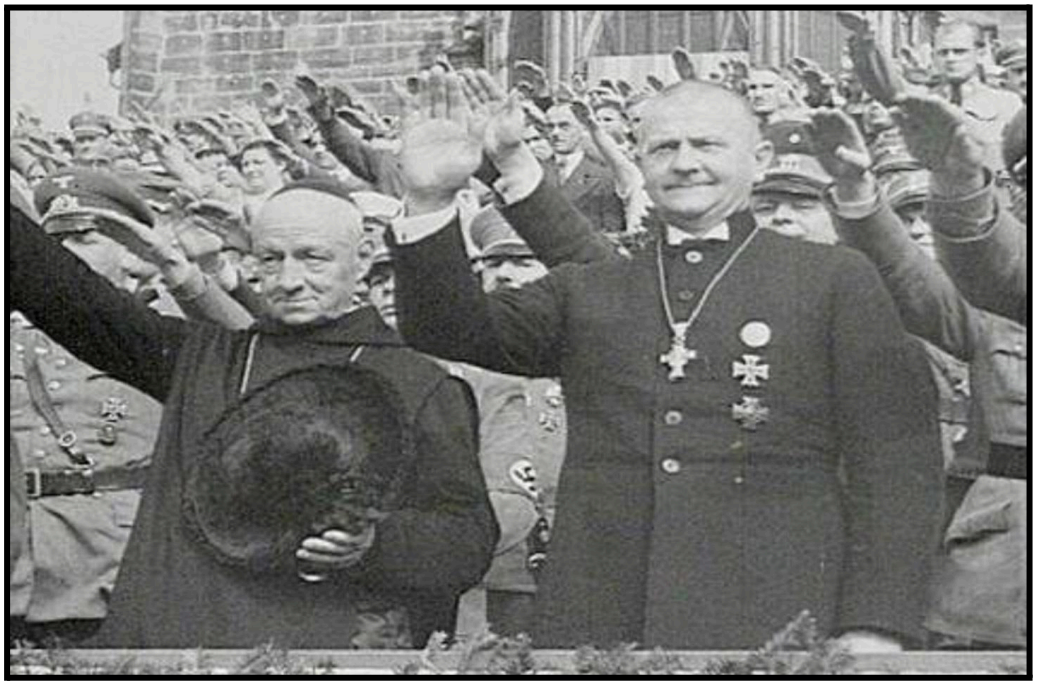
Foto de Albanus Schachleiter publicado pela *'Berliner Illustrirte Zeitung' 35/1936*

Alban Schachleiter passando com saudação alemã numa parada da SA na Alta Baviera - sem mais detalhes - por volta de 1934.

Albanus Schachleiter por volta de 1936



Albanus Schachleiter



Albanus Schachleiter fazendo a saudação.

Albanus Schachleiter junto com membros da S.A e a juventude Hitlerista.

Cortejo fúnebre do abade Alban Schachleiter sob o Sendlinger Tor, em Munique, em 22 de junho de 1937. O próprio Hitler ordenou o funeral para o seu amigo católico falecido (Fonte: New York Times. EX-ABBOT SCHACHLEITER; State Funeral Ordered for Nazi Supporter by Hitler, June 21, 1937)

Bremer Nachrichten mit Weser-Zeitung

Nr. 20

Der Führer an Abt Schachleitner

dnb. Berlin, 19. Jan. Der Führer und Reichskanzler hat an den Abt Alban Schachleitner, der heute seinen 75. Geburtstag begeht, folgendes Telegramm gerichtet:

„Zu ihrem heutigen 75. Geburtstage spreche ich ihnen in dankbarer Erinnerung an ihre bewährte und treue Mitarbeit herzlichste Glückwünsche aus.

Adolf Hitler."

Scherl Bilderdienst

Der Abt Albanus Schachleitner begeht am 20. Januar seinen 75. Geburtstag. Der Abt war einer der ersten katholischen Geistlichen, der sich zum Nationalsozialismus bekannte und dafür kämpfte. Wegen seiner Gesinnung mußte er im Jahre 1918 unter dem Druck der Tschechen seine Wirkungsstätte im Kloster Emmaus verlassen.

O Führer diz sobre o aniversário de Albanus Schachleiter: *"No seu 75.º aniversário, hoje, expresso-lhe os meus mais sinceros votos, em agradecida memória da sua comprovada e fiel colaboração"*. (Fonte: PM20 Zbw)

Staatsbegräbnis auf Anordnung des Führers

Abt Schachleiter gestorben

München, 20. Juni.

In seinem Hause „Gott Dank" in Feilnbach bei Bad Aibling in Oberbayern ist am Sonntag früh 12.30 Uhr Abt Albanus Schachleiter im Alter von 76½ Jahren gestorben.

Am Dienstag früh 7.45 Uhr findet in der Allerheiligen Hofkirche ein Requiem statt. Nach diesem, etwa 9 Uhr, erfolgt die feierliche Überführung der Leiche zum Waldfriedhof. Der Trauerzug trifft im Waldfriedhof um 11.45 Uhr ein. Anschließend findet die Beisetzung auf Anweisung des Führers als Staatsbegräbnis statt.

Abt Schachleiter war einer der ersten katholischen Geistlichen, die sich mutig, offen und männlich zu Adolf Hitler und zum Nationalsozialismus bekannten.

Aufn.: Weltbild

Abt Schachleiter †

Einer Mainzer Kaufmannsfamilie entstammend erhielt er im Jahre 1886 in der Benediktiner-Abtei Seckau in der Steiermark die Priesterweihe. Vom August des folgenden Jahres an wirkte er in Beuron als unermüdlicher Seelsorger and nahm sich auch der künstlerischen Ausgestaltung des Klosters und der Kirchenmusik an. 28 Jahre seines Wirkens verbrachte er dann in dem Kloster Emaus in der jetzigen Tschechoslowakei; er erhob — zuletzt als Abt — dieses Benediktinerstift zu einer leuchtenden Stätte der Kunst und der Geisteskultur.

Wegen seiner deutschen Gesinnung mußte er im Jahre 1918 unter dem Druck der Tschechen seine liebgewordene Wirkungsstätte verlassen Abt Schachleiter wirkte dann in verschiedenen bayerischen Benediktinerklöstern als Abt, um später in München in der Hofkirche, wo er von 1922 bis 1930 wirkte, die berühmt gewordene Schola Gregoriana zu gründen. In seiner glühenden Vaterlandsliebe bekannte er sich im Jahre 1926 zu Adolf Hitler, zu dessen treuesten Vorkämpfern er bald gehörte. Seine aufrechte mutige Haltung brachte ihm als hohen kirchlichen Würdenträger schwere Schicksale, und im Jahre 1933 entzog ihm der Papst die kirchliche Weihegewalt, die ihm jahrelang vorenthalten wurde.

Abt Schachleiter, der übrigens 1933 sein goldenes Ordensjubiläum, 1936 sein goldenes Priesterjubiläum und seinen 75. Geburtstag begehen konnte, ließ sich durch keine Heimsuchung in seiner Treue zu Adolf Hitler und zum deutschen Volke erschüttern und der Führer hat ihm, auch beim persönlichen Besuch in Feilnbach für sein Bekenntnis gedankt. Unvergessen sind in München die Predigten Abt Schachleiters mit ihrem rückhaltlosen Bekenntnis zum deutschen Vaterlande, besonders seine denkwürdige Predigt zum Gedächtnis Albert Leo Schlageters.

Das nationalsozialistische Deutschland wird das Andenken dieses wahrhaft deutschen Mannes stets in hohen Ehren halten.

Jornal do NSDAP "Völkischer Beobachter" lamentando a morte de Albanus Schachleiter. O último parágrafo diz "*A Alemanha nacional-socialista manterá sempre em alta honra a memória deste homem verdadeiramente alemão"*. (Fonte PM20 Zbw). O jornal indica também que o funeral foi por ordem do Führer Adolf Hitler "*Staatsbegräbnis auf Anordnung des Führers*" (Funeral de Estado por ordem do Führer)

Albanus Schachleiter no caixão ao lado de autoridades nacional-socialistas. (Fonte: PM20 Zbw)

***

Trechos do Berliner Morgen-Zeitung, 21 e 23 de junho de 1937

"O padre Schachleiter foi um dos primeiros clérigos católicos a declarar-se com coragem, franqueza e virilidade a favor de Adolf Hitler e do nacional-socialismo.

Desde 1926, o padre Schachleiter era um dos mais fiéis apoiantes da primeira hora de Adolf Hitler. A sua posição correta e corajosa valeu-lhe, como alto dignitário da Igreja, pesadas provações; em 1933, o papa retirou-lhe o exercício das suas funções sacerdotais, que lhe foram negadas durante vários anos. O abade Schachleiter — que, aliás, celebrou em 1933 os seus cinquenta anos de profissão religiosa, em 1936 os cinquenta anos da sua ordenação sacerdotal, bem como o seu 75.º aniversário — não se deixou abalar por nenhuma provação

na sua fidelidade a Adolf Hitler e ao povo alemão. O Führer, durante uma visita pessoal a Feilnbach, agradeceu-lhe pelo seu empenho.

[...]

O abade Schachleiter experimentou pessoalmente a verdade desta máxima: "A vida é uma luta". Tal como o Führer — que, quando iniciou com alguns fiéis a sua luta pela renascença da Alemanha, foi perseguido, marginalizado, desprezado e repreendido —, o padre Schachleiter, patriota alemão fervoroso, teve de pagar o preço quando, em 1926, com o ardor da juventude, ligou irrevogavelmente a sua vida a Adolf Hitler, ao seu movimento e à sua missão. Obrigado, em 1918, a abandonar o seu local de trabalho no estrangeiro — ao qual se tinha profundamente afeiçoado — devido às suas convicções a favor da Alemanha, também não foi poupado, na sua pátria tão amada, da amargura de ver a sua lealdade a Adolf Hitler colocá-lo em conflito aberto com os seus superiores eclesiásticos, que o sancionaram e acabaram por retirar-lhe o direito de exercer o seu ministério sacerdotal.

Numa carta datada de 17 de dezembro de 1936, escreveu textualmente ao ministro-presidente da Baviera [Ludwig Siebert]: "Permaneço fiel à minha santa Igreja e não me separarei dela de forma alguma. Mas também permaneço fiel ao meu Führer e ao seu movimento. Pois tenho a profunda convicção de que, sendo fiel ao Führer e ao seu movimento, também sirvo a Igreja. Assim, como católico profundamente crente, quero ser o mais fiel dos companheiros do meu Führer".

E na sua última carta, onde expressou o desejo de encontrar o seu último descanso no Waldfriedhof de Munique, perto de Ernst Pöhner, que tanto estimava, escreveu novamente, palavra por palavra: "Peço que, no meu túmulo, o meu Führer Adolf Hitler receba a expressão da minha gratidão e fidelidade até à morte. Que o mundo ouça e testemunhe a minha lealdade ao Führer e ao movimento nacional-socialista, mas também a minha lealdade à minha santa Igreja". — Fontes:

(1) https://dfg-viewer.de/show?tx_dlf%5Bdouble%5D=0&tx_dlf%5Bid%5D=https%3A%2F%2Fcontent.staatsbibliothek-berlin.de%2Fzefys%2FSNP30740459-19370621-0-0-0.xml&tx_dlf%5Bpage%5D=2&cHash=44ffa82bdf34880ca5dd424982b82e54

(2) https://dfg-viewer.de/show?tx_dlf%5Bdouble%5D=0&tx_dlf%5Bid%5D=https%3A%2F%2Fcontent.staatsbibliothek-berlin.de%2Fzefys%2FSNP30740459-19370623-0-0-0.xml&tx_dlf%5Bpage%5D=2&cHash=521bb1473a21344d7fc8d2ccb64136aa

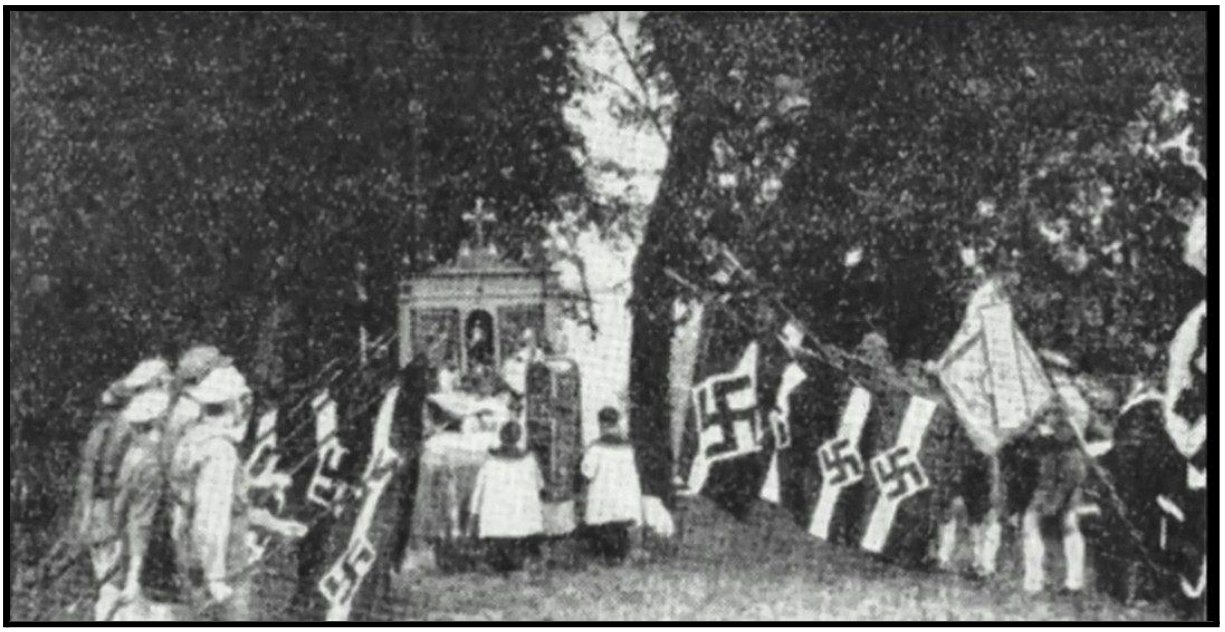
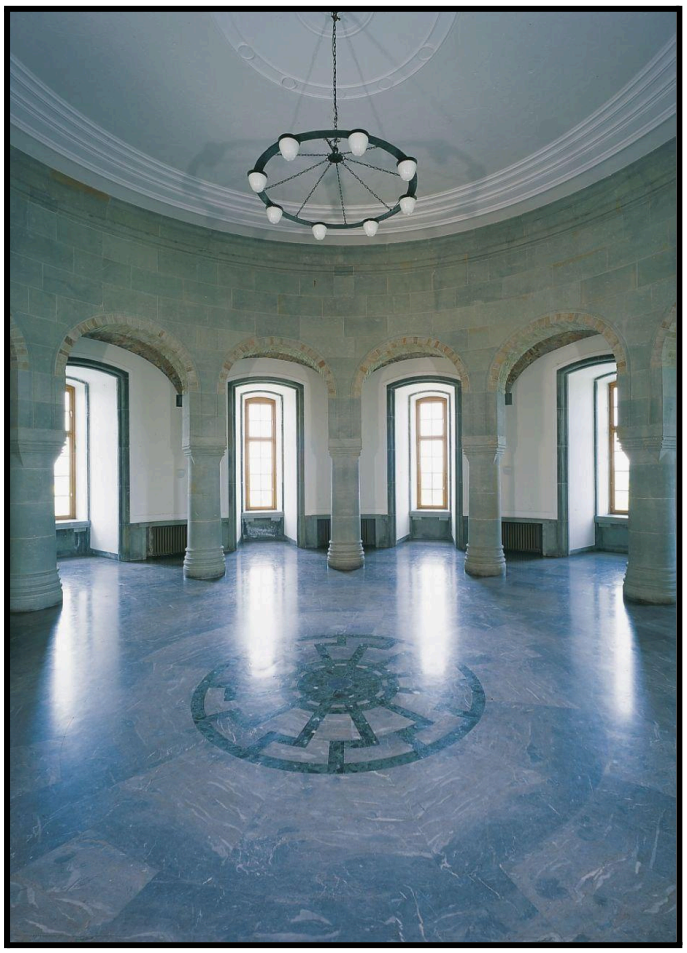


Foto de uma missa de pentecostes rezada pelo padre nacional-socialista Philipp Haeuser para a juventude Hitlerista na cidade alemã de Augsburgo, 1934. Foto extraída de: SPICER, KEVIN P. Hitler's Priests: Catholic Clergy and National Socialism. Cornell University Press, 2008.

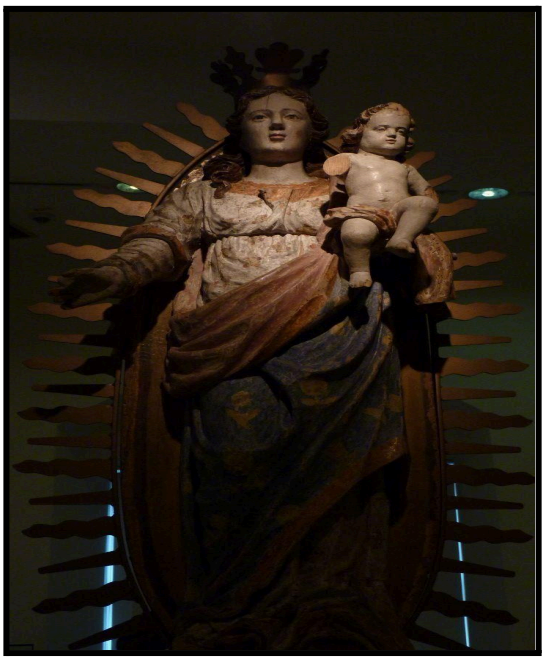
Um serviço cristão, conduzido por um padre, para os soldados da Wehrmacht no campo, 2 de junho de 1941 (fonte: Bundesarchiv Bild 146-2005-0193)

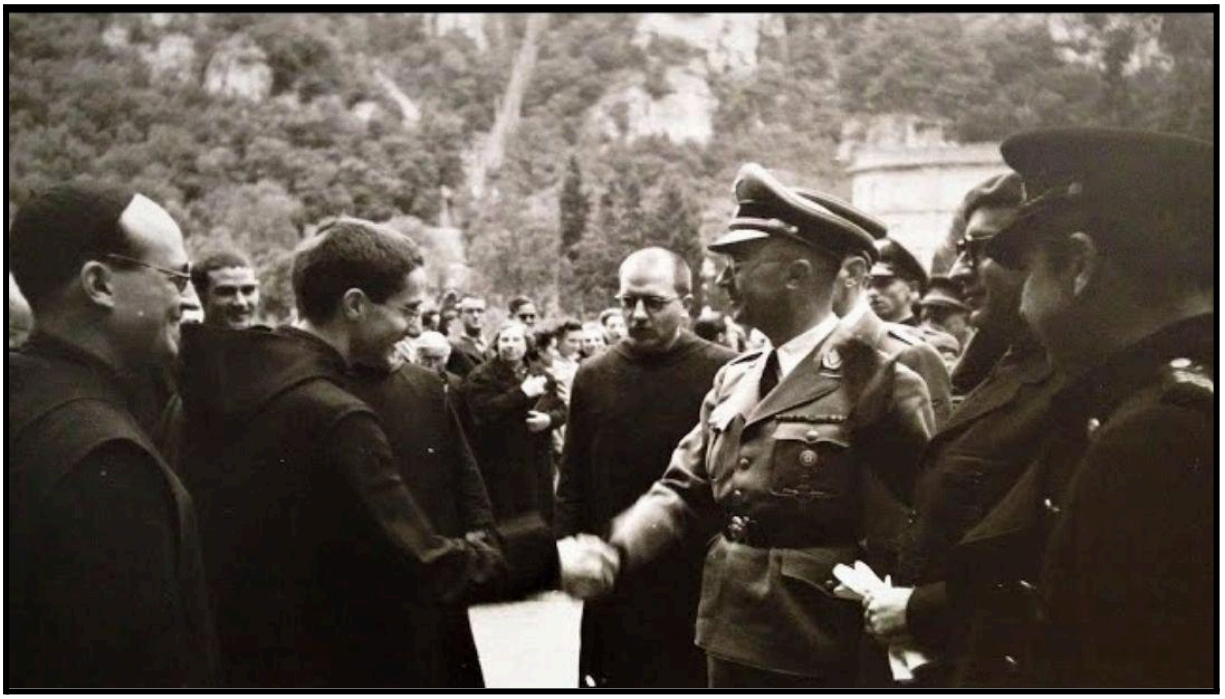


Fotos do castelo de Wewelsburg de Himmler mostrando ícones católicos como estátuas da virgem Maria, Santo Agostinho e Santo Antônio de Lisboa, além disso há crucifixos e simbolos cristãos milenares (Fonte).

De acordo com Walter Schellenberg:

"Um castelo medieval perto de Paderborn, na Vestefália, foi reconstruído e adaptado para servir como uma espécie de mosteiro das SS, o chamado "Webelsburg". Aqui, o Capítulo secreto da Ordem reunia-se uma vez por ano. Cada membro tinha o seu próprio cadeirão com uma placa de prata gravada com o seu nome e tinha de se dedicar a um ritual de exercícios espirituais que visava sobretudo a concentração mental" (The Labyrinth: Memoirs Of Walter Schellenberg, Hitler's Chief Of Counterintelligence, pp.16)





Himmler cumprimentando os jesuítas. Ainda de acordo com Walter Schellenberg: *"A organização das SS tinha sido construída por Himmler com base nos princípios da Ordem dos Jesuítas. Os estatutos de serviço e os exercícios espirituais prescritos por Inácio de Loyola formavam um padrão que Himmler tentava assiduamente copiar. A obediência absoluta era a regra suprema; toda e qualquer ordem tinha de ser aceite sem questionar. O título de "Reichsfuehrer SS" de Himmler como chefe supremo das SS pretendia ser a contrapartida do "General da Ordem" dos jesuítas, e TODA A ESTRUTURA da liderança foi adotada a partir destes estudos da ordem hierárquica da Igreja . (The Labyrinth: Memoirs Of Walter Schellenberg, Hitler's Chief Of Counterintelligence, pp.15)*

Hitler deixa a Igreja Marinha em Wilhelmshaven. (Fonte: The German Propaganda Archive).

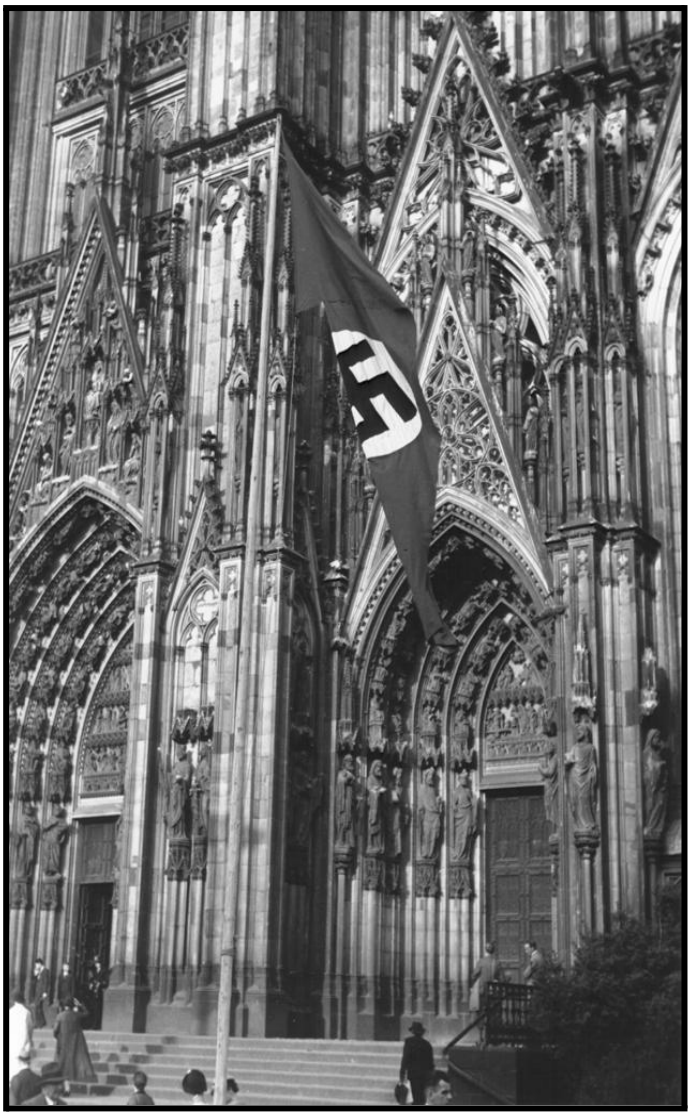
"Hitler gostava muito de visitar igrejas; e embora o seu interesse se concentrasse na arquitetura, nas esculturas e nas pinturas, ele sempre seguiu rigorosamente as práticas religiosas.

O nosso interesse comum pela arte levou-nos a visitar um grande número de igrejas e instituições religiosas durante os anos da nossa associação. Entre outras, visitámos a Igreja Naval em Wilhelmshaven.

Quando estávamos a sair, tirei uma fotografia de Hitler. Hitler desceu lentamente os degraus e, quando a cruz dourada dos grandes portões estava exatamente sobre a sua cabeça, tirei a fotografia. Do meu ponto de vista, era uma fotografia interessante e original. Mas os opositores clericais do Partido tinham opiniões violentamente contrárias. Quando a fotografia apareceu no meu livro, Hitler como ninguém o conhece, fui acusado de tentar representá-lo como um devoto homem da igreja. Até Hess exigiu que a fotografia fosse retirada, mas eu submeti toda a questão ao próprio Hitler para que ele decidisse

pessoalmente. “O fato de eu ter visitado a igreja é um fato. Os meus pensamentos, você não poderia fotografar, e não foi você quem colocou a cruz que por acaso está logo acima da minha cabeça na foto. Deixe como está, Hoffmann — se as pessoas acham que sou um homem devoto, bem, não há mal nenhum nisso!" — Heinrich Hoffmann. Hitler was my Friend.

As S.A de Hitler a assistir e a sair dos serviços religiosos. Estas fotos foram publicadas pelos nacional-socialistas durante o reinado de Hitler. (Fonte: Das Braune Heer: mit einem Geleitwort von Adolf Hitler [Tradução: O Exército Castanho: com um prefácio de Adolf Hitler], Fotos de Heinrich Hoffmann)

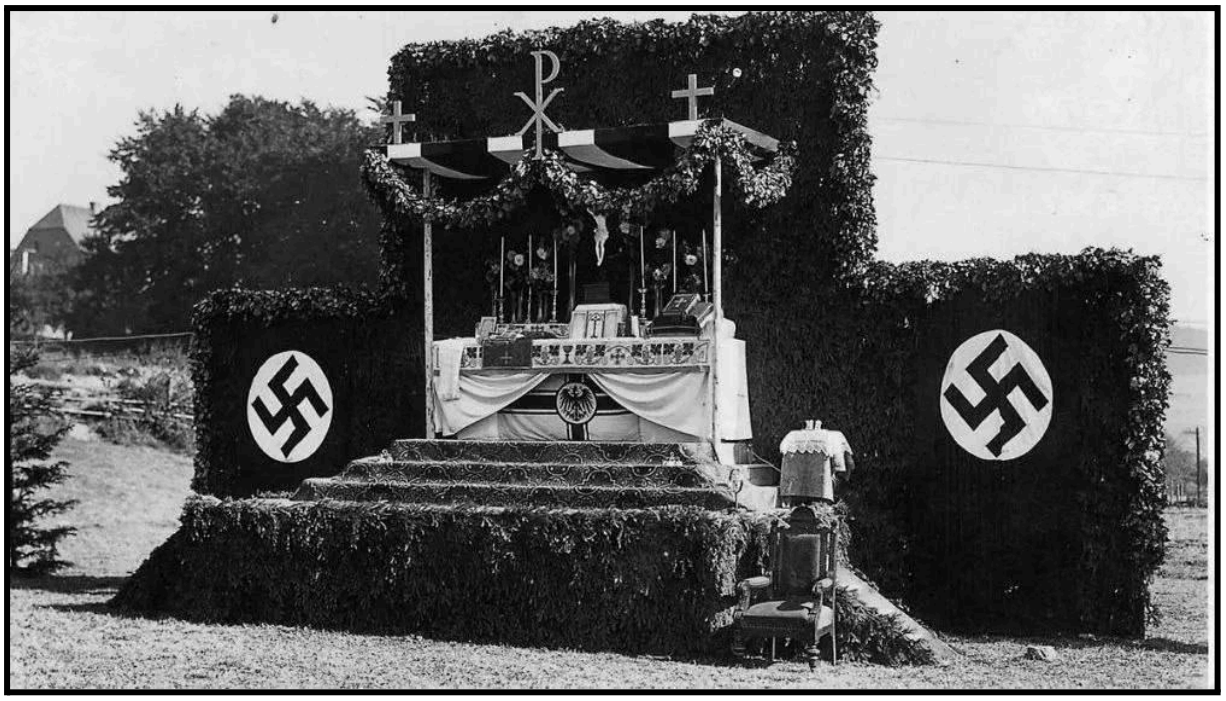


Uma bandeira nacional-socialista hasteada em frente à Catedral de Colónia, 1937

Padres católicos a administrar os ritos fúnebres no funeral de um membro da Schutzstaffel.

Adolf Hitler chega à Catedral de Santa Edwiges, em Berlim, para o serviço fúnebre do primeiro marechal polaco Jozef Pilsudski.

O governador distrital da Galiza, Gruppenführer Otto von Wachter, cumprimenta um padre greco-católico ucraniano durante uma missa de campo da SS “Galizien”. 1943.

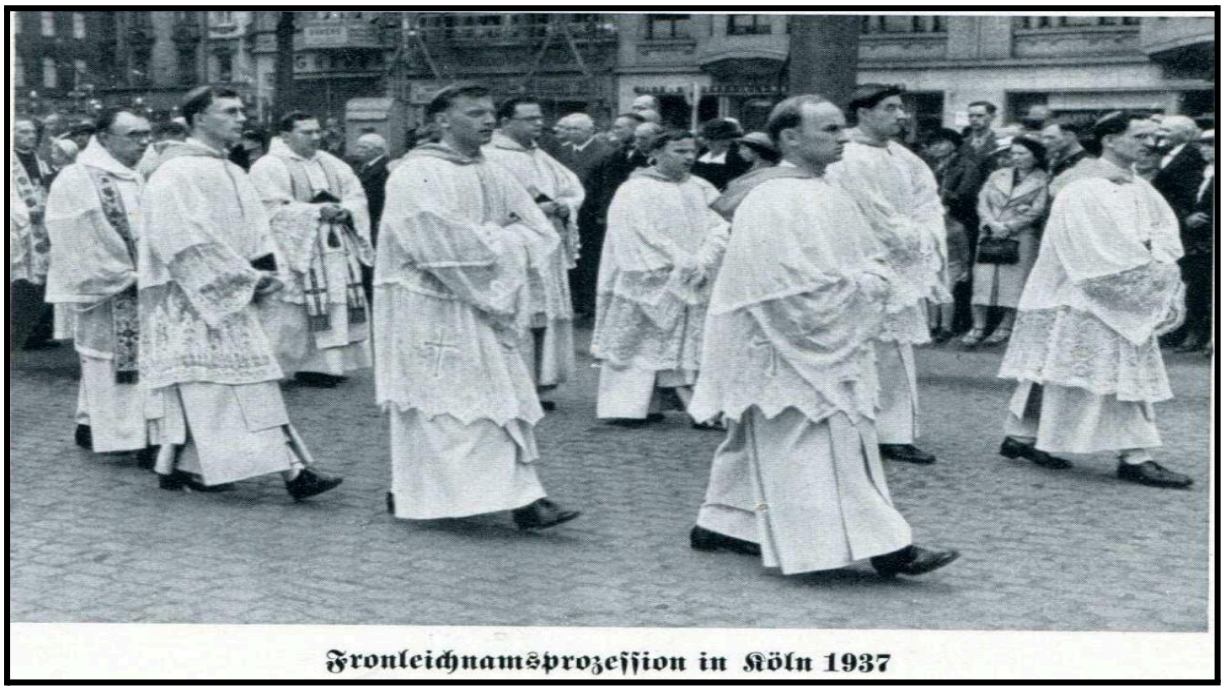


Bandeiras da suástica com símbolos católicos. Um altar católico erguido durante uma manifestação popular da SA em setembro de 1933.

Padre rezando a missa para militares alemães.

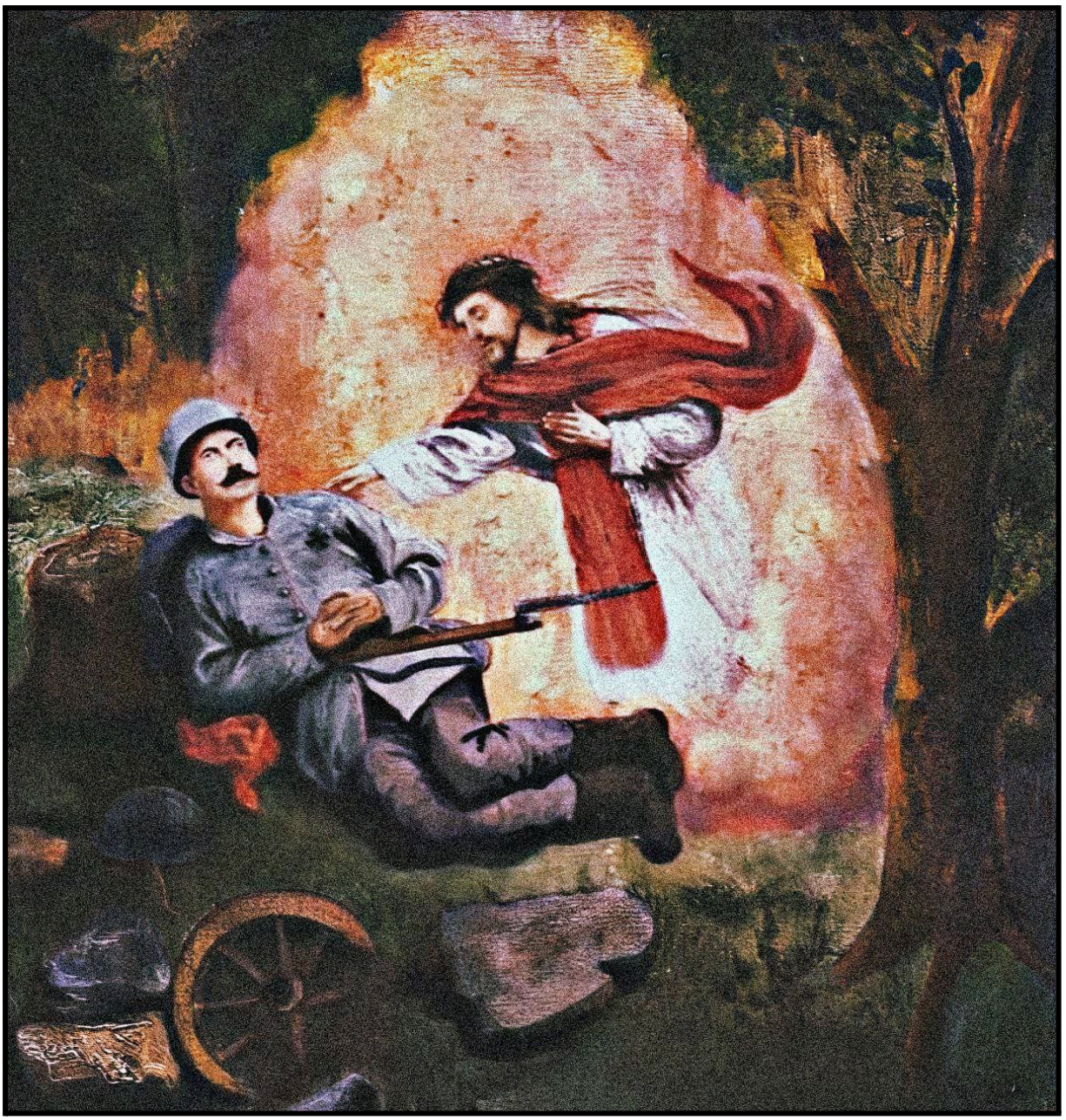
Procissão católica em Colónia, após 1933

Missa para as Waffen-SS divisão ucraniana.



Procissão católica no Terceiro Reich (Fonte: Dieter Schwarz. Die Große Lüge Des Politischen Katholizismus, 1938).

Organização de católicos tradicionais em marcha (Fonte: Dieter Schwarz. Die Große Lüge Des Politischen Katholizismus, 1938)



Cristo aparecendo a um soldado moribundo. Pintura realizada em 1915 por Adolf Hitler, então soldado na Frente Ocidental do Exército Imperial Alemão. No verso está escrito de sua própria mão: "Unserem hochverehrten Herrn Feldgeistlichen — Adolf Hitler, Gefreiter, 1915 im Felde" ("Ao nosso muito venerado capelão militar — Adolf Hitler, soldado de primeira classe, 1915, no campo de batalha"[133]).

[133] https://archive.org/details/1983BillyF.PriceAdolfHitlerAlsMalerUndZeichner/page/192/mode/1up

Pintura realizada em 1913 por Adolf Hitler. Ele ofereceu este quadro, ou um semelhante, ao município de Leonding no mesmo ano, para a manutenção do túmulo de seus pais. Por ocasião de seu 50º aniversário, em 20 de abril de 1939, Franz von Papen, então embaixador do Reich em Ancara, na Turquia, enviou-lhe a obra como presente, acompanhada de uma carta na qual se podia ler: "*Meu Führer! Neste dia de seu quinquagésimo aniversário, desejo-lhe sinceramente ainda muitos e belos anos de saúde e força, para que as tarefas que o senhor iniciou para o bem de todo o povo alemão e do Grande Reich encontrem, por meio do senhor, seu verdadeiro cumprimento. Assim, meu Führer, meu pequeno presente deverá lhe trazer um pouco de alegria. Como embaixador em Viena, comprei este quadro no ano passado de um comerciante de arte próximo de Vienna, que só o cedeu após árduas negociações. Ao lhe dirigir meus melhores votos, seu Papen, embaixador do Grande Reich alemão em Ancara*"[134]

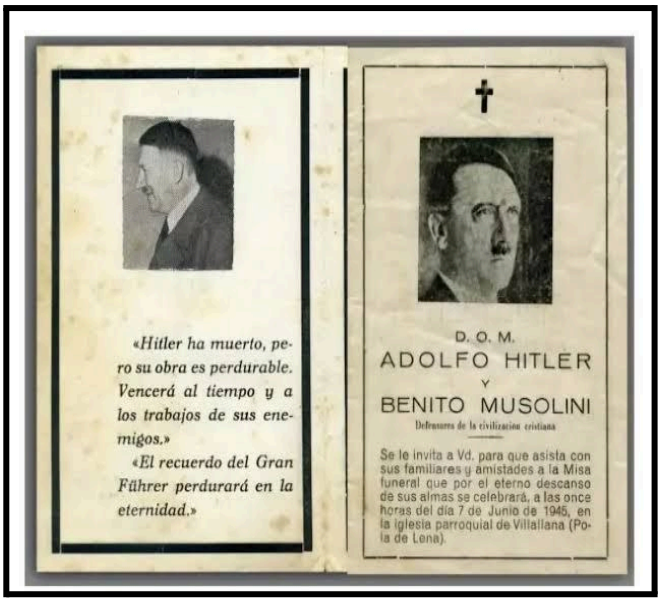
[134] https://fr.m.wikipedia.org/wiki/Fichier:Adolf_Hitler_-_Mary_with_Jesus_%281913%29.jpg

D. O. M.

ADOLFO HITLER

Defensor de la civilización cristiana

Se le invita a Vd. a que asista con sus familiares y amistades, a la misa que por el eterno descanso de su alma se celebrará a las 11 horas del día 17 de Mayo de 1,945, en la Iglesia Parroquial de Mieres.


«Hitler ha muerto, pero su obra es perdurable. Vencerá al tiempo y a los trabajos de sus enemigos.»

«El recuerdo del Gran Führer perdurará en la eternidad.»

†

D. O. M.

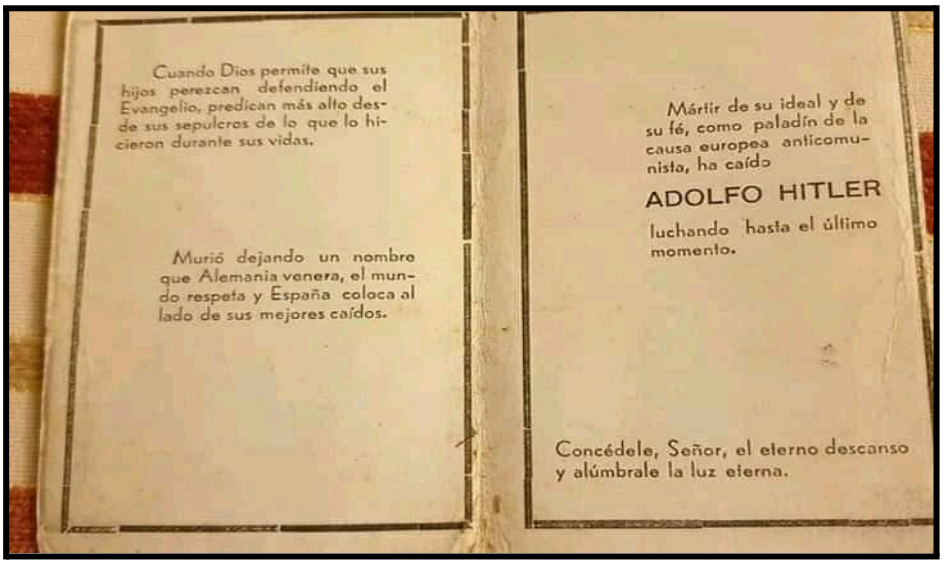
ADOLFO HITLER

Y

BENITO MUSOLINI

Defensores de la civilización cristiana

Se le invita a Vd. para que asista con sus familiares y amistades a la Misa funeral que por el eterno descanso de sus almas se celebrará, a las once horas del día 7 de Junio de 1945, en la iglesia parroquial de Villallana (Polla de Lena).


Cuando Dios permite que sus hijos perezcan defendiendo el Evangelio, predican más alto desde sus sepulcros de lo que lo hicieron durante sus vidas.

Murió dejando un nombre que Alemania venera, el mundo respeta y España coloca al lado de sus mejores caídos.

Mártir de su ideal y de su fé, como paladín de la causa europea anticomunista, ha caído

ADOLFO HITLER

luchando hasta el último momento.

Concédele, Señor, el eterno descanso y alúmbrale la luz eterna.

Missa celebrada em Madrid pela alma de Adolf Hitler.

Leon Degrelle recebendo a comunhão durante a Segunda Guerra Mundial

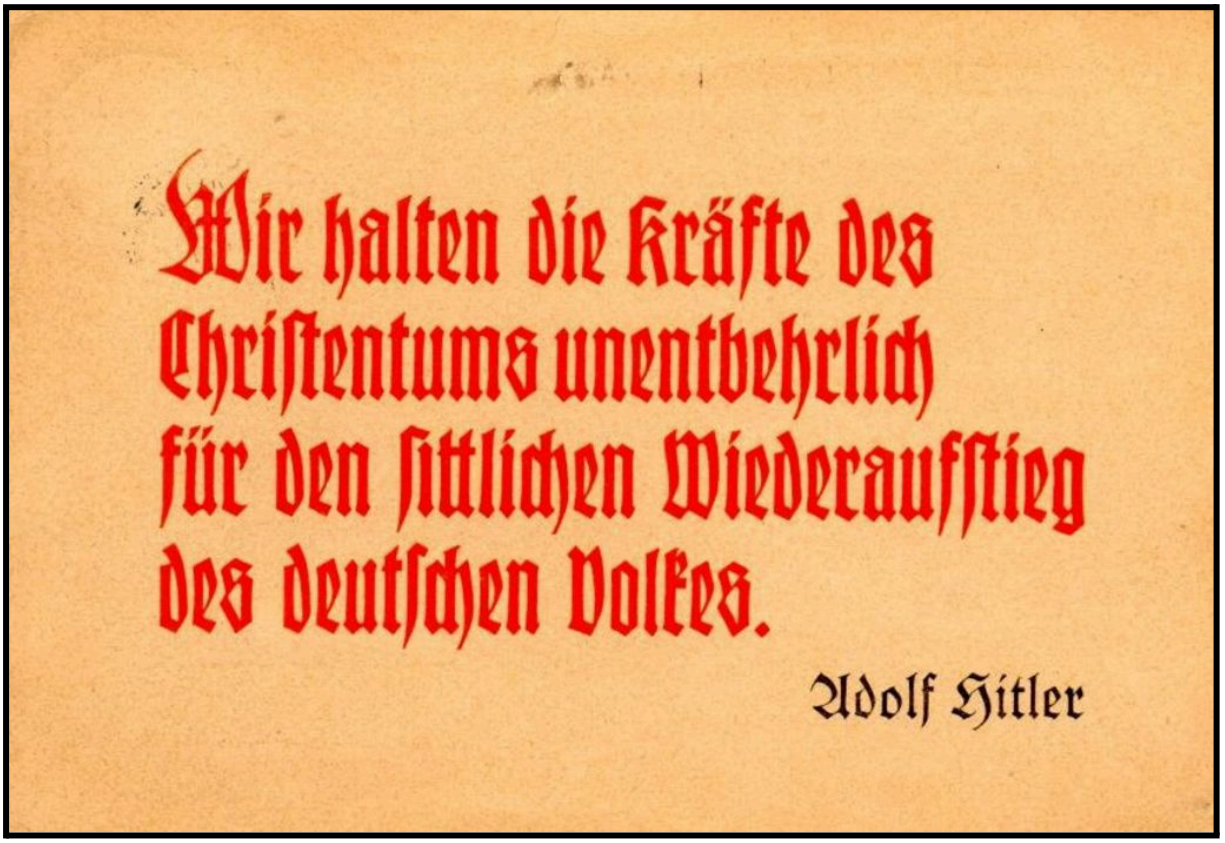
Querido Deus, proteja nossa pátria com mão firme! Conceda ao Führer sabedoria e força, abençoe-o em suas obras, Para que a Alemanha volte a ser grande e poderosa na Terra. Amém. Cartaz de propaganda de 1933.

Brasão abacial do abade Theoderich Hagn (1816-1872). Eles se encontram na abadia beneditina de Lambach, na Alta Áustria. Foi lá que Hitler teria visto a suástica pela primeira vez, quando foi aluno e corista no local entre 1897 e 1898, e foi sem dúvida isso que o inspirou posteriormente a adotar esse símbolo para seu movimento e seu partido em 1920[135].

[135] Conforme ele menciona no primeiro volume de Mein Kampf

O arcebispo de Zagreb e, mais tarde, o cardeal Alojzije Stepinac com líderes nacional-socialistas

„Herr, segne unsern Kampf!“ (Senhor, abençoa nossa luta! — Adolf Hitler)



“Consideramos que as forças do cristianismo são indispensáveis para a restauração moral do povo alemão.” — Adolf Hitler, 1933

Mein Kampf

Adolf Hitler para a eternidade.

Adolf Hitler, Mein Kampf, páginas 324 a 346:

“Quem acredita que pode chegar a uma reforma religiosa através do desvio de uma organização política apenas demonstra que nem o mais pequeno vestígio do surgimento de ideias religiosas ou doutrinas de fé, e das suas manifestações eclesiásticas, está presente nele”.

Discurso perante o Comité Executivo da Terceira Internacional:

“A revolução mundial corre o maior perigo se houver um entendimento ideológico e organizacional entre as Internacionais católica e fascista. A Comintern deve impedir isso e, em solo europeu, haverá uma luta entre essas potências”.

— Jornal de janeiro de 1934[136]

ESTE LIVRO, ESCRITO COM O SANGUE DO MEU CORAÇÃO, DEDICO À PAZ INTERIOR DO NOSSO POVO ALEMÃO.

— HUDAL

[136] Essas citações foram adicionadas pela tradução inglesa

I. Introdução

Nota do tradutor: *todas as notas de rodapé foram mantidas do original. A edição em inglês não colocou as notas de rodapé dos livros e bibliografia citada em alemão conforme o original, o que geraria problemas para consulta posterior por parte do leitor, no entanto tive o trabalho de corrigir cada nota de rodapé e colocar a bibliografia em alemão, em plena comunhão com o original de Alois Hudal.*

O autor deste livro, como reitor da venerável instituição Nacional Alemã da Anima (*Deutschen Nationalstiftung der Anima*), cuja história está intimamente ligada ao Sacro Reich Romano da Nação Alemã, proferiu as seguintes palavras a convite da comunidade católica alemã do Reich durante a grande celebração da comunidade alemã em Roma, em 1933. Este evento, que reuniu mais de 700 pessoas no salão de festas da Anima com o bispo de Aachen, os dois embaixadores do Reich, os líderes do grupo Stahlhelm, da SA, da SS e da Juventude Hitlerista, numa demonstração única de solidariedade nacional e destino comum para os alemães no estrangeiro, não perdeu nada da sua atualidade e significado, apesar das decepções posteriores causadas por certos apoiantes individuais do partido nacional-socialista:

> "Nesta hora fatídica, os católicos alemães no estrangeiro saudam o futuro Reich alemão, cujos alicerces serão construídos sobre Cristo e a lealdade ao povo. Com alegria e orgulho, juntam-se ao chanceler alemão (Adolf Hitler) para declarar: "Uma pátria, uma querida, abracem-na. O passado glorioso do povo alemão voltará a ganhar vida. Quanto mais os elementos antipatrióticos desaparecerem da vida pública — aqueles que, nos dias de agitação, desonraram o espírito militar alemão e arrastaram pela lama tudo o que há de grande e sagrado na história alemã —, mais poderosamente despertará a grande ideia nacional, a consciência elevada da unidade de todos os alemães na língua e na cultura. Assim, combateremos todo o pacifismo falsamente entendido que deixaria correntes eternas nas nossas mãos, forjadas por tratados de paz ignominiosos, e recuperaremos para a juventude alemã a veracidade como o alto valor da virtude masculina.
>
> Mesmo nos dias do fim da Guerra Mundial, quando as tempestades da revolução varreram a imundície sobre a pátria alemã, seja na Alemanha ou na Áustria, e pareciam atingir o Reich Alemão, a raiz em si permaneceu intacta. Assim, a convicção nacional e a fé católica, o cristianismo e a paixão fervorosa pelo povo e pela pátria não são opostos. Embora nós, como católicos, possuamos o direito de cidadania em Roma, podemos, no entanto, proclamar orgulhosamente perante o mundo inteiro: ***Civis Romanus Civis — Germanus sum***, porque somente da união de

> todos os indivíduos bem-intencionados e com raízes religiosas pode surgir a nova grande pátria alemã, pela qual as melhores forças alemãs lutaram ansiosamente durante um século, como uma fortaleza e ilha de paz emergindo das tempestades da história contemporânea.
>
> Sobre os alicerces deste Reich, permanecerão gravadas as palavras inscritas na espada de Arminius no monumento da Floresta de Teutoburgo: "*A unidade alemã é a minha força, a minha força é o poder da Alemanha*", e outras que podem ser lidas no monumento aos heróis em Viena: "A *justiça é o alicerce dos Reichs*".

Era, portanto, um dever do bispo alemão em Roma tomar uma posição em um momento tão significativo e traçar um caminho para os católicos alemães. Desde então, o autor, mesmo antes de o partido chegar ao poder e do envolvimento com a sua literatura oficial se tornar necessário ou, pelo menos, aconselhável para muitos, estudou exaustivamente as obras mais importantes das suas figuras principais, motivado por um interesse de longa data em movimentos nacionais e culturais semelhantes na monarquia dos Habsburgos, que coincidiu com as suas primeiras memórias de infância na sua terra natal, na fronteira alemã. Assim, várias conexões ideológicas de natureza cosmopolita tornaram-se cada vez mais compreensíveis para ele, o que muitas vezes deve ter escapado a muitos católicos alemães do Reich, pois não puderam vivenciar o despertar das nacionalidades na Áustria na década de 1890. Muito do que já havia sido expresso em palavras e escritos por políticos, poetas e artistas alemães na antiga monarquia dos Habsburgos parece hoje algo novo, embora muitas vezes sejam apenas as correntes intelectuais do antigo liberalismo, revividas por aqueles que ainda não encontraram a síntese entre o cristianismo e a convicção nacional e mais intimamente entrelaçadas com a ideia da unidade alemã.

A isso se somaram as lutas ideológicas que, desde a década de 1890, dominaram todos os povos da Europa e logo se fundiram com os movimentos nacionais contemporâneos. No imenso processo de secularização do século XX, que afrouxou todos os laços internos do espiritual a fundamentos imutáveis, dois mitos conseguiram ocupar o vazio religioso nas pessoas que emergiram da escolaridade liberal influenciada pelo marxismo: a nação deificada e a utopia da sociedade sem classes e sem nações. Os nacionalistas queriam curar o mundo através da essência nacional, os socialistas através da essência proletária.

Na França, o nacionalismo foi inicialmente desenvolvido como uma espécie de religiosidade. Em breve, surgiu uma mística, um dogma, um culto que era "integral", ou seja, na nossa linguagem moderna, totalitário, abrangente — uma visão de mundo. Sangue, classe e solo tornaram-se símbolos vivos para Maurice Barrès[137]. Este movimento nacional tornou-se ainda mais decisivamente contra-revolucionário, ou seja, dirigido contra 1789: antidemocrático em nome de uma ordem hierárquica, antiparlamentar na confiança na autoridade das elites dirigentes, anticentralista para restaurar a vida plena nas províncias. A mente teórica dominante, Charles Maurras[138], líder da Action Française, ordenou estas ideias motrizes e sistematizou-as numa visão de mundo totalitária.

Na Grande Guerra, esse nacionalismo parecia ter se esgotado.

A construção mundial da Liga das Nações poderia ter sugerido isso. Mas o curso da história tomou um rumo diferente. Especialmente a revolta bolchevique do período pós-guerra na área de língua alemã trouxe profundas transformações religiosas e culturais e infundiu novas energias ao nacionalismo. Questões que antes eram abordadas com cautela nas salas de aula das universidades alemãs tornaram-se hoje propriedade comum. A palavra "liberdade" parece estar a ser resolvida na tensão entre o cristianismo e o ideal cultural nacional, uma tensão que o século XX também levará a uma decisão sobre a forma da futura liderança do cristianismo na Europa. Não só a herança católica, mas também a protestante é afetada nos seus fundamentos e dogmas essenciais.

Assim, uma análise dos fundamentos religiosos, filosóficos e culturais gerais do nacional-socialismo, o movimento mais forte do século XX, parece necessária e urgente para os católicos, mas também para os fiéis protestantes apoiantes do partido que acolheram com alegria este grande movimento, mas que muitas vezes se encontram em conflito de consciência porque os apoiantes individuais introduzem problemas de visão de mundo no programa nacional e social-reformista do nacional-socialismo que nada têm a ver com o próprio nacional-socialismo. Este emaranhado é ainda mais perigoso porque prejudica a

[137] Scènes et doctrines du Nationalisme, Paris 1901.
[138] Enquête sur la Monarchie, 1901.

ideia cultural alemã dentro das fronteiras do Reich e no seu impacto em toda a área de língua alemã, especialmente nas partes que foram separadas da pátria pelos tratados de paz de 1919 através de uma política de desnacionalização e estrangulamento económico, para serem deslocadas daquele solo sagrado encharcado e consagrado com o sangue alemão de séculos.

Precisamente nessas partes da área de língua alemã, o nacional-socialismo foi recebido com anseio como uma hora de libertação da opressão nacional. Não apenas os protestantes, mas acima de tudo os católicos na diáspora alemã depositaram as maiores expectativas no movimento e, no mínimo, esperavam que ele fortalecesse os laços culturais com a Germânia no Reich. Uma Alemanha forte nunca tolerará que as suas minorias nacionais na Europa sejam tratadas como têm sido desde 1918. Muitos não encontraram a ponte e permaneceram a meio caminho; alguns rejeitam o nacional-socialismo de imediato, sem sequer questionarem os valores positivos contidos no seu programa; outros podem participar, talvez com sentimentos dolorosos, por compulsão e medo — das pessoas oportunistas que acompanham todos os movimentos políticos, não se falará aqui.

Mas inúmeros filhos leais do povo alemão, que veem no nacional-socialismo a última barreira para manter a ameaça bolchevique à Europa longe do solo alemão, estão convencidos de que o grande movimento de unidade alemão sofrerá em seu ímpeto e conquista se disputas de visão de mundo forem introduzidas. Este livro pretende ser uma tentativa de pavimentar um caminho, de um ponto de vista cristão, para a compreensão do nacional-socialismo. A Igreja tem 1.900 anos de experiência histórica, enquanto o nacional-socialismo ainda não apresenta algo acabado, mas está, como indicam os conceitos de sangue, raça, solo e fundação, ainda em processo de formação, sem experiência histórica. Portanto, o autor evita deliberadamente envolver-se com as declarações culturalmente combativas de sublíderes nacional-socialistas individuais e oradores não autorizados em assembleias, como alguns polemistas costumam fazer em detrimento da reputação da Alemanha no exterior. Apenas os verdadeiros líderes intelectuais do partido e os autênticos portadores do movimento têm voz nesta obra, ninguém mais.

Os movimentos partidários não devem ser julgados apenas pelo seu programa, que geralmente contém expressões e formulações gerais, mas pela literatura de referência que se tornou, por assim dizer, a face intelectual do movimento. Portanto, o autor não ignorou nenhuma das principais obras da literatura nacional-socialista. Tudo o que é significativo foi incluído para se chegar a um julgamento objetivo. Somente aqueles que acompanham o desenvolvimento de um movimento político podem também julgar seus objetivos e resultados finais. Assim, o catálogo de obras publicado pela editora do partido [Franz] Eher [Verlag] foi usado de forma consistente, pois é considerado o diretório oficial da literatura autorizada.

Será feito um julgamento a seguir com base nesses escritos, nos quais o ideal da visão de mundo nacional-socialista é expresso de forma mais pura. Por esse motivo, a literatura necessária para estudos adicionais foi fornecida nas notas de rodapé das seções individuais como um apêndice. No entanto, como apenas a possibilidade de polêmicas na história intelectual pode destacar melhor os pontos essenciais dos movimentos culturais, a literatura oficial do partido teve que ser complementada pela literatura dos críticos das confissões católica e protestante.

Assim, este livro é o primeiro confronto ideológico-histórico entre o nacional-socialismo e o catolicismo e, num sentido mais amplo, com o cristianismo em geral. No entanto, como o nacional-socialismo é um movimento vivo e muito ainda está em fluxo, em muitos assuntos isso pode ser apenas um começo, nem sempre um julgamento conclusivo. O objetivo deste trabalho é, portanto, preparar um esclarecimento dos princípios fundamentais, o que, do lado protestante, o antigo combatente do movimento nacional-socialista, o professor de teologia Cajus Fabricius[139], também tentou fazer na sua obra recentemente publicada.

O nacional-socialismo não pretende ser e permanecer um movimento político comum, como, por exemplo, o Partido Nacional Alemão na Áustria, que apenas colocava a ideia da Grande Alemanha no centro do seu programa. O nacional-socialismo não introduz meramente “algumas ideias” no mundo, mas uma sequência de ideias consistentemente perseguida e unificada — em outras

[139] Positives Christentum im Neuen Staat , Pfischel Publishing House, Dresden 1937.

palavras, um sistema intransigente. Assim, Adolf Hitler pôde declarar na conferência cultural do Congresso do Partido do Reich em 1934: "*A revolução nacional-socialista nunca teria sido bem-sucedida se não tivesse surgido de fundamentos ideológicos. Mas, com isso, ela não apenas mudará a vida externa e a estrutura de poder do povo alemão, mas também dará uma nova expressão à sua forma cultural*".

Essas palavras, sem dúvida, desejam ser entendidas apenas com base no programa do partido, Artigo 24, e, portanto, não em oposição ao cristianismo. No entanto, a questão se torna muito mais difícil quando se examina as tentativas interpretativas de vários escritores em relação a essas palavras significativas do único líder autorizado do movimento. Imediatamente, surge a pergunta:

Esta visão de mundo do nacional-socialismo é expressa de forma mais clara, e este conceito deve ser entendido apenas num sentido político ou num sentido filosófico-histórico-cultural?

O objetivo mais profundo e último deste livro é, portanto, buscar uma resposta para duas perguntas que se impõem a todo observador atento do movimento nacional-socialista e cuja incerteza levou a tantos conflitos de consciência, erros táticos e julgamentos equivocados, porque as pessoas consideravam apenas partes periféricas do programa, mas não prestavam atenção à sua essência:

Pode-se mesmo falar de duas direções dentro do nacional-socialismo: uma radical de esquerda que avança cegamente, nunca compreendeu a essência do cristianismo e luta pela completa descrença de todas as áreas da vida pública e pela relegação da religião aos confins das igrejas — e uma direita, mais conservadora, que está ciente do valor da religião, especialmente do cristianismo, para a identidade nacional alemã e se esforça sinceramente por uma síntese do sentimento religioso e nacional que corresponda ao pensamento moderno? O artigo 24 do programa do partido[140] é por si só decisivo para a

[140] Como é sabido, o ponto 24 estabelece o seguinte:

"Exigimos a liberdade de todos os credos religiosos no Estado, desde que não coloquem em perigo a sua existência nem atentem contra o sentimento de moralidade e decência da raça

compreensão e o julgamento do nacional-socialismo, ou a literatura acadêmica é frequentemente usada como base em cursos de formação, campos de trabalho, etc.? Em particular, o livro de Rosenberg, *O Mito do Século XX* (**Der Mythus des zwanzigsten Jahrhunderts**)*,* que, juntamente com outros documentos, foi simbolicamente colocado na pedra angular do novo salão do congresso do partido no Congresso do Partido de Nuremberg em 11 de setembro de 1935, é o evangelho ou o catecismo do Terceiro Reich?[141] Desde *O Enigma do Universo*, de Haeckel, nenhum outro livro alemão provocou uma contra-literatura tão extensa e apaixonada como *O Mito*, de Rosenberg, embora as suas opiniões tivessem sido apresentadas por professores de teologia protestante como Zöllner, Traub e outros, nos púlpitos e cátedras da Alemanha (ver o "Hölle" Schrempf, Zöllner, Traub!).

germânica. O partido, enquanto tal, sustenta o ponto de vista de um cristianismo positivo, sem se vincular confessionalmente a um credo determinado".

[141] Segundo a *Nationalsozialistische Monatshefte*, 1935, p. 290, verificava-se, simultaneamente (ver o ensaio "Alfred Rosenberg antwortet"), uma rejeição do combate oficialmente assumido e conduzido pela Igreja contra os fundamentos nacional-socialistas do *Mythos* e, com isso, contra a própria cosmovisão nacional-socialista em geral. Já em dezembro de 1930, na *Nationalsozialistische Monatshefte*, p. 480, foi declarado a respeito de *Der Mythos des 20. Jahrhunderts* que, no essencial, dever-se-ia reconhecer que a obra tinha razão de modo amplamente incontestável..

Seria impossível listar aqui, mesmo que aproximadamente, toda essa literatura[142], mas basta mencionar as principais obras para fornecer uma orientação mais ampla.

Sobre a importância deste livro dentro do programa nacional-socialista, o conhecido escritor Wilhelm Stapel escreveu na sua revista *Deutsches Volkstum* (1933), p. 717:

> "Na verdade, Rosenberg recebeu o seu mandato ideológico de Adolf Hitler. Assim, deve-se admitir que a visão de mundo de Rosenberg é totalmente nacional-socialista, mas que um nacional-socialista pode, no entanto, ter uma relação diferente com o cristianismo do que Rosenberg, ou deve-se dizer que Hitler agiu contra o nacional-socialismo ao contratar Rosenberg. O último, no entanto, seria absurdo. Não é possível dividir o próprio Rosenberg em uma metade pública nacional-socialista e uma metade privada não nacional-socialista".

---

[142] Importante é também a outra obra de Alfred Rosenberg, *Das Wesen des Nationalsozialismus*, Zentralverlag der Partei, Franz Eher Nachfolger, München 1934, com os capítulos sobre: cosmovisão, religião e política.

Do lado católico, são fundamentais os *Studien zum Mythos des 20. Jahrhunderts*, quarto reimpressão, outono de 1935. Rigor científico e serena objetividade caracterizam este livro, que inclusive no órgão oficial do partido, os *Nationalsozialistischen Monatsheften*, foi considerado a melhor obra de refutação. Ziegler, nos *Nationalsozialistischen Monatsheften*, 1935, p. 294, escreveu: *"Os Studien são, sem dúvida, de longe a melhor e mais cientificamente fundamentada refutação católica contra o Mythos e, dado que se apresentam com a pretensão de estrita cientificidade, não deixaram de produzir efeito em certos círculos."* De fato, a Igreja Católica na Alemanha, em seus *Studien zum Mythos des 20. Jahrhunderts*, tomou posição inicial sobre questões essenciais, respondendo com seriedade às doutrinas bíblico-teológicas e eclesiástico-históricas que Rosenberg havia exposto.

Walter Künneth, do ponto de vista evangélico, respondeu aos ataques e questões do *Mythos*, Widdern-Verlag, Berlin 1935. Pelas frases introdutórias do bispo Marahrens, esta publicação adquiriu um caráter quase oficial, reforçado pela aprovação quase unânime de toda a Igreja Confessional Protestante da Alemanha. Também é valiosa a obra *Der Mythos und das Evangelium. Die evangelische Kirche in Abwehr und Angriff gegenüber dem Mythos des 20. Jahrhunderts*, Verlags- und Vertriebsgesellschaft *Zeitgeschichte*, Berlin 1934, Luther-Verlag, Witten 1935.

Em contraste com esses trabalhos de valor, é cientificamente irrelevante, mas característico da degeneração de nossa época, o escrito de Oskar Reichenau, *Glaube, Volk und Schwert. Gedanken zum Mythos des 20. Jahrhunderts*, Verlags- und Vertriebsgesellschaft *Zeitgeschichte*, Berlin 1934. O autor, então editor-chefe do grande jornal diário dos países alpinos em Graz, escreve: "Este tempo me concedeu uma paz interior, a serenidade de mim mesmo, porque quero alcançar o mais elevado que pode ser destinado ao ser humano. Por isso sou grato, pois tornei-me um homem que compreende a linguagem do coração, e a carrego em mim e falo a linguagem do coração de Deus, que é uma linguagem não pertencente a este mundo." Uma liderança espiritual semelhante sobre o movimento nacional-socialista é também a obra *Alfred Rosenberg. Der Mann und sein Werk* de S. Th. Hart, publicada pelo Parteiverlag, 1934.

Digno de nota é o julgamento no Völkischer Beobachter de 7 de junho de 1934:

> "O Mito do Século XX, que estabeleceu uma nova base de visão de mundo, é tão firme e confiante e tão grandiosamente concebido em estrutura e forma que a nova Alemanha pode confiantemente construir os caminhos de uma nova vida política e espiritual sobre ele. É de se admirar como uma obra que aborda questões tão difíceis e complexas pôde se espalhar tão rapidamente pelos círculos mais amplos da população. A resposta é fácil: esta obra monumental é a realização de um anseio de todos os alemães. Ela revela o conceito de sangue e honra".

A essência do nacional-socialismo, tal como revelada nesta literatura[143], é tão inequívoca que ameaça o povo alemão com uma segunda Reforma, no sentido do panteísmo de Goethe e Hegel, tornando assim totalmente injustificada uma divisão em duas direções, ou pode justificar-se a tentativa de construir pontes e

[143]Assim é avaliado o Nacional-Socialismo pelos adeptos do movimento nórdico, que, contudo, foi repetidamente rejeitado por Hitler como não correspondente ao programa do partido. Veja a revista Stammesmensch, 1934, n. 52, Hans Hauptmann, Scheidung der Geister:

"Deve-se reconhecer claramente:

1. *Entre a cosmovisão nacional-socialista e a cristã existe uma oposição intransponível.*
2. *Enquanto perdurar o domínio eclesiástico sobre a espiritualidade de grandes parcelas do povo, não poderá ocorrer o indispensável alicerce espiritual e emocional da comunidade política popular.*
3. *A realidade política da comunidade do povo só poderá tornar-se plena realidade quando todos os membros do povo estiverem definitiva e integralmente convencidos interiormente de que são partes de uma nova comunidade, que não permite viver de ilusões religiosas, mas na aceitação de uma nova fé, correspondente à sua disposição nórdica, para cujo livre desenvolvimento não se colocam obstáculos, onde, sobre o solo da verdadeira tolerância, se possa negociar em conjunto.*
4. *Pela força estatal não pode ser imposta a eliminação das contradições espirituais que perturbam o desenvolvimento rumo à unidade popular.*
5. *No próprio povo devem, portanto, ser liberadas as forças às quais cabe a tarefa de libertar espírito e alma de todos os alemães das amarras em que foram enredados pela cosmovisão cristã."*

De modo semelhante, a revista Der Blitz, de 19 de janeiro de 1936, afirmou: *"Alemão e cristão são dois conceitos mutuamente excludentes, e a designação 'Deutsche Christen' é uma contradição em si, pois um homem só pode ser ou alemão ou cristão..."* O mesmo dilema é formulado em outro lugar da seguinte maneira: *"Ou se é nacional-socialista e se toma como regra e guia da ação a consciência vinculada à moralidade ariana, ou então se adere ao livro bíblico, nascido do espírito e da visão judaica, que cultiva uma 'moralidade' feminina, absolutamente alheia ao espírito ariano, e que concede ao judaísmo, em virtude de suas supostas virtudes, a dominação mundial. Nesse caso, não se pode ser nacional-socialista. 'Não existe uma terceira opção!'"*

aproximações entre o nacional-socialismo e o cristianismo?[144] Em outras

[144] Católicos e protestantes empreenderam tais tentativas já no primeiro ano do nacional-socialismo, conforme observa Kurt Eckehard, „Fieberkurve oder Zeitenwende, Nachdenkliches über den Nationalsozialismus“, p. 43 a 54, Verlag J. F. Lehmann, Munique, 1933; Lortz, „Nationalsozialismus und Kirche“, aditamento à sua Kirchengeschichte, p. 391:

“Durante muito tempo, o nacional-socialismo foi considerado anticatólico. Essa opinião, porém, não passava de um mal-entendido funesto:

1. decorrente do desconhecimento do programa positivo do nacional-socialismo, tal como já se encontrava autenticamente exposto e acessível ao público desde 1925 no livro de Hitler, ‘Mein Kampf’;
2. decorrente da confusão entre a propaganda de combate nacional-socialista e certos ‘reformadores’ de caráter germânico-pagão ou cultural-combatente que se agregaram ao movimento nacional-socialista, com o núcleo propriamente dito do movimento;
3. decorrente de uma certa confusão do catolicismo político enquanto ideia religiosa e espiritual.

Esse mal-entendido foi definitivamente eliminado pela carta pastoral dos bispos alemães no Pentecostes de 1933 e pelo Concordato de 1933 entre a Santa Sé e o governo nacional-socialista da Alemanha.

Uma comparação dos resultados de nossa análise do século XIX e da atualidade com as ideias fundamentais e as tendências básicas do nacional-socialismo demonstra em que medida incomum e em que sentido o nacional-socialismo é cumprimento do tempo… e como dele brota de modo orgânico, enquanto coroamento das mais profundas aspirações da época; e que, ao irromper na realidade com força elementar e ao remodelar a vida em toda a sua amplitude, as ideias fundamentais aqui expostas lhe imprimem o selo inconfundível de uma vocação. Mostra ainda que agora temos o direito de falar de uma verdadeira “virada”, que irá além de todo caráter episódico e terá permanência: a abertura de uma nova época em sentido amplo. Se reconhecermos a hora de nosso dever, esse tempo (apesar de talvez ainda virem retrocessos, eventualmente também conflitos confessionais) servirá em sua essência à religião e à Igreja e estará, de modo insuspeitamente sólido, preparado para o combate contra a impiedade.

Como afinidades fundamentais entre o catolicismo e o nacional-socialismo, Lortz indica as seguintes:

a) Ambos são, em sua essência, inimigos mortais do bolchevismo, do liberalismo e do relativismo — essas doenças mortais do tempo que conduzem à dissolução e são os principais adversários da ação da Igreja. Os conceitos fundamentais do nacional-socialismo de liberdade verdadeira — isto é, liberdade vinculada (no serviço ao povo) — e de autoridade correspondem exatamente às exigências ensinadas por Gregório XVI e Pio IX, no século XIX, sob as gargalhadas de escárnio de todo o assim chamado mundo progressista; a isso se soma a oposição à maçonaria.
b) Luta comum contra o movimento dos ímpios, contra a imoralidade pública, contra a igualização niveladora que destrói a vida autêntica; em favor de uma estruturação

significativa e fecunda, dada por Deus, da sociedade humana, e em favor da organização corporativa da sociedade exigida por Leão XIII e Pio XI (encíclica ‘Quadragesimo anno’); defesa do direito do trabalhador manual e do camponês a uma existência digna; oposição à artificialidade e à ausência de tradição das grandes cidades e cidades industriais modernas.”

c) Por meio de sua exigência cristã fundamental — o bem comum acima do interesse próprio (Gemeinnutz geht vor Eigennutz); por meio da mais ampla ênfase na primazia da comunidade sobre o indivíduo; por meio da compreensão da indispensabilidade da forma política, da qual o indivíduo somente pode viver sua vida mais profunda; por meio da organização de toda a vida com base na ideia do Führer e na autoridade (em vez do princípio mecanicista do número ou da maioria) — o nacional-socialismo abre caminho, por um lado, para uma complementação importante do tipo humano germânico particularista e, por outro, aproxima simultaneamente sua atitude interior daquela católica (que vive da doutrina objetiva e da instituição sacramental).
d) Talvez o mais importante: o nacional-socialismo é uma profissão de fé. Em face da dúvida e da incredulidade que tudo dissolvem, ele volta a proporcionar a amplos círculos a experiência de que a atitude crente não é algo duvidoso ou mesmo inferior, como o liberalismo ensinara toda a sociedade a afirmar, mas aquilo que verdadeiramente plenifica o ser humano. Ainda que a Igreja divina jamais se identifique com qualquer movimento, ela não pode deixar de saudar com gratidão esse poderoso aliado na luta contra o racionalismo ímpio”.

A essas aspirações insere-se também a série de publicações *„Reich und Kirche“, Aschendorff, Münster i. W.; Michael Schmaus, „Begegnung zwischen katholischem Christentum und nationalsozialistischer Weltanschauung*“; Joseph Lortz, *„Katholischer Zugang zum Nationalsozialismus, kirchengeschichtlich gesehen*“. A série destinava-se a abrir o acesso ao nacional-socialismo àqueles católicos crentes que, até a Revolução, por razões de consciência, se lhe opunham com dúvida. Para esse fim, ambos os autores expõem quanto de patrimônio conceitual comum nacional-socialismo e catolicismo possuem. Lortz parte mais do histórico e do concreto; Schmaus, mais do fundamental e principiológico. Segundo ambos, catolicismo e nacional-socialismo têm em comum, sobretudo, a ênfase na comunidade, na autoridade e na reverência diante do que se tornou histórico.

Palavras semelhantes foram proferidas, em uma recepção à imprensa, pelo secretário de Estado Daufer, que ao mesmo tempo era Reichsleiter da Associação de Trabalho dos Católicos Alemães (“Völkischer Beobachter”, 9 de março de 1934, texto integral):

“A cosmovisão católica é, em questões fundamentais, essencialmente aparentada ao nacional-socialismo. O homem católico precisa apenas libertar-se de opiniões, inibições e concepções que lhe foram impostas pela época dos partidos e do parlamentarismo. O homem católico deve reconhecer o veneno que, de modo irresponsável, lhe foi inoculado durante anos por oportunistas políticos. Todos aqueles que fizeram negócios políticos com o catolicismo teriam, a longo prazo, colocado esse catolicismo — que muitas vezes apenas

palavras, a luta pela visão de mundo deve estar inerentemente ligada ao nacional-socialismo, ou não seria possível desenvolver este grande movimento no sentido de suas origens como um programa puramente político que busca apenas a grandeza da Alemanha, mas deixa a esfera religiosa de seus seguidores intocada como um santuário inviolável?

O nacional-socialismo não trouxe também impulsos bons e valiosos ao povo alemão, de modo que, só por esta razão, o apoio ao movimento por parte de indivíduos com inclinação religiosa positiva não é apenas desejável, mas absolutamente necessário para alcançar o esclarecimento religioso, acima de tudo a separação do puramente político do relacionado com a visão de mundo, que Hitler, no seu livro Mein Kampf, delineou de forma decisiva para o partido com os seus pensamentos sobre religião, política, visão de mundo e o movimento de Roma? A palavra de São Tomás de Aquino também não se aplica a este movimento, de que mesmo nos erros e equívocos da humanidade, algo da verdade sempre transparece? "*Impossibile est esse aliquam cognitionem, quae totaliter sit falsa, absque admixtione alicuius veritatis... aliqua vera continet,*

---

simulavam, mas não viviam — sobre um fundamento que contradizia, no íntimo, o sentimento religioso das amplas camadas do povo. Estavam no melhor caminho para, ao final, prestar um desserviço à religião católica e a seus correligionários. A nós, que ajudamos a impedir esse desenvolvimento, hoje se nos lança a acusação de uma atitude hostil à religião. Trata-se de uma injustiça que — se não for logo reconhecida — pode vingar-se de maneira terrível."

Também é digna de nota a obra de Walter Grundmann, *„Gott und die Nation"*, Fuchs-Verlag, 1933. *"Uma palavra evangélica sobre a vontade do nacional-socialismo e sua interpretação de sentido por Alfred Rosenberg."* Trata-se, na verdade, de duas palavras: uma sobre o nacional-socialismo e outra dirigida ao nacional-socialismo. A palavra sobre o nacional-socialismo oferece uma visão sintética, porém precisa, da interpretação histórico-filosófica nacional-socialista. Busca expor a situação e a vontade do nacional-socialismo e dirige-se primordialmente a círculos eclesiásticos e cristãos reservados. — A palavra dirigida ao nacional-socialismo pretende exortá-lo a rejeitar, também no âmbito religioso, as escórias do liberalismo e a recorrer novamente àquela grande força formadora de comunidade e educadora para a responsabilidade: Deus. O autor empenha-se em uma conciliação entre o pensamento nacional-socialista e a doutrina cristã, bem como a cosmovisão cristã. Nesse contexto, apresenta uma discussão séria, objetiva e digna de reconhecimento com a avaliação mais abrangente da questão racial elaborada por Alfred Rosenberg. Grundmann acredita em uma dependência das forças anímicas em relação às condições raciais, explica, porém, a religião cristã universal principalmente a partir do espírito.

per quae receptibilis redditur”. ("**É impossível que exista qualquer conhecimento que seja totalmente falso sem alguma mistura de verdade... sem momentos de verdade através dos quais se torna aceitável**.") Summa Theologiae, II/II, q. 172, a, 6 c.

Quão valiosos são, por exemplo, os seguintes pontos do programa do Nacional-Socialismo, que, embora em parte não fossem novos e tivessem sido expressos décadas antes por personalidades perspicazes, ficaram completamente enterrados no atoleiro da crise do pós-guerra: a comunidade do povo (*Volksgemeinschaft*) transcendendo obstáculos divisórios; a língua como espaço espiritual da nação; o forte anseio por um novo ideal de vida alemão; a consciência do destino alemão na história; a ligação à própria raça; a tentativa de abordar a questão judaica; o cuidado com uma descendência alemã racialmente saudável, a abolição do sistema partidário; a eliminação da mistura excessiva de religião e política; o cuidado com a família; a riqueza dos filhos como uma honra e orgulho nacional; a veracidade para defender as exigências vitais da política alemã contra uma Europa cheia de armas; o compromisso sacrificial com a comunidade alemã do destino, a ideia do Reich; a renovação preparatória do sistema educacional; a ideia corporativa; o princípio da liderança aristocrática; assentamentos e campos de trabalho; política populacional — tudo isso é propriedade intelectual conservadora que deve ser considerada entre as forças fortes e criativas do movimento.

Acima de tudo, esse movimento espiritual trouxe ao povo alemão a rejeição da ideologia dos direitos humanos que sustentava a estrutura de Weimar, bem como a destruição da crença nas construções jurídicas formais, na dialética da vida parlamentar anterior e na democracia.

O nacional-socialismo pertence, portanto, aos movimentos ideológicos do século XX e só pode ser reconhecido e julgado em sua essência no contexto de toda a linha de desenvolvimento do século XX. Na história, não há transições abruptas, nem surgimentos isolados. Tudo está enraizado em ideias e correntes anteriores. Assim como o fascismo italiano e o bolchevismo russo, o movimento nacional na Alemanha não é apenas uma conclusão, mas o início de uma virada cultural, o florescimento de um desenvolvimento espiritual que remonta a décadas e cujo curso muitas vezes não foi levado em conta por aqueles que não

puderam acompanhar de perto o nacionalismo na forma peculiar da Áustria, Baviera e Baden ou a ruptura religiosa do protestantismo através da ciência do século XIX. As obras de Rosenberg, em particular, são um exemplo clássico disso. São o precipitado de inúmeros erros anteriores e interpretações históricas unilaterais, uma verdadeira caixa de Pandora de insights estranhos, construções internas e visões peculiares sobre o desenvolvimento das raças e religiões.

O livro do autor, portanto, oferece uma apresentação completamente imparcial e sóbria do ponto de vista ideológico-histórico. Não levanta acusações, não se envolve em polêmicas sem propósito e não constrói ilusões que não beneficiariam nem o cristianismo nem o movimento nacional-socialista. O livro deseja ainda ser considerado como um todo. Quem quer que retire passagens, seções ou formulações individuais do contexto e as use para propaganda unilateral não serviria nem à causa alemã nem ao propósito deste livro. O seu objetivo é, antes, tornar o grande movimento mais compreensível como resultado inevitável das lutas intelectuais precedentes dentro do povo alemão e do tratamento caótico sem precedentes que o povo alemão tem sofrido na política externa desde 1918, o que contribuiu significativamente para o imperialismo alemão da nação e da classe. Numa Europa cristã, não pode haver distinções permanentes entre os povos, como os tratados de paz pretendiam estabelecer para a eternidade.

Mas o objetivo deste trabalho é também julgar o nacional-socialismo à luz da clareza da doutrina católica[145]. Assim, o trabalho a seguir serve para esclarecer, o que, em uma época de grande confusão conceitual e distorção histórica, deve ser bem-vindo por todos que são honestos em relação ao povo alemão e ao cristianismo. Deve ajudar a garantir que o movimento nacional se liberte de erros de visão de mundo que inicialmente não estavam ou estavam apenas ligeiramente, e hoje não essencialmente, ligados a ele e que, apesar de uma organização poderosamente construída, ameaçam a força interior do nacional-socialismo, ao qual a Providência confiou a grande tarefa na Europa, ao lado do fascismo, de formar um baluarte sólido contra as ondas de bolchevismo cultural asiático que hoje ameaçam igualmente todos os Estados e povos. Mesmo a organização não pode substituir uma base sólida a longo prazo.

[145] A avaliação dessas tentativas de solução a partir do ponto de vista cristão é realizada nos capítulos posteriores do livro.

Só assim o anseio alemão de séculos pode tornar-se uma realidade viva: a unificação cultural dos alemães no espaço europeu, sem que um milénio de história alemã à sombra do cristianismo tenha de ruir.

Assim, esta obra é dedicada às duas nobres ideias que devem ser o centro da vida e do trabalho de todos os católicos de língua alemã: *Ecclesiae et Nationi* – à Igreja e ao povo alemão.

— Roma, 11 de julho de 1936, dia da reconciliação entre a Alemanha e a Áustria.

II. O surgimento do movimento

A pátria intelectual do nacional-socialismo, se desconsiderarmos os pioneiros mais distantes da causa nacional, como Fichte, Arndt, Jahn e Goethe, que eram alemães e cristãos nas suas convicções, não é a própria Alemanha, mas sim a antiga Áustria — e mesmo assim, apenas uma região específica da monarquia dos Habsburgos, definida pelos territórios da Estíria, Caríntia e regiões do sul colonizadas por alemães (Boémia, Morávia). A ideia nacional ganhou vida cedo neste estado multiétnico. Uma lei sobre a impressão de livros reuniu indivíduos com ideias semelhantes para uma luta centrada na identidade nacional e numa visão política do mundo contra os checos e os marxistas. Fundaram o "Deutsche Arbeiterpartei" (Partido dos Trabalhadores Alemães — DAP) na Áustria, do qual emergiu o movimento nacional-socialista alemão em 1917. O seu pensador programático, o engenheiro Rudolf Jung, escreveu o livro *Der Nationale Sozialismus, Seine Grundlagen, Sein Werdegang Und Seine Ziele* (O nacional-socialismo, os seus fundamentos, a sua evolução e os seus objetivos) dois anos depois. A suástica e o martelo eram símbolos desse movimento pan-alemão, cujas figuras principais — Hans Knirsch, Rudolf Jung, Hans Krebs e Franz Jesser — ganharam grande importância.

Assim, a juventude alemã na Áustria — onde o catolicismo, devido à falta de envolvimento de seus líderes em questões nacionais, só recuperou uma consciência mais forte na virada do século XX — recebeu uma influência política diferente daquela do Reich alemão. Eles foram diretamente confrontados com tarefas, questões e decisões desconhecidas pelo Reich. A ameaça de invasão das fronteiras e a situação difícil dos alemães nas linhas de frente e na diáspora criaram uma atmosfera totalmente diferente aqui. Acima de tudo, a luta pela identidade nacional era vívida — a luta pela terra natal e pelo lar nas áreas alemãs da Boémia, Morávia, Silésia, Tirol do Sul, sul da Caríntia, sul da Estíria e nas fronteiras das áreas de colonização alemãs em direção ao leste. Isso deu origem a associações nacionais de proteção para escolas e assentamentos fronteiriços (Südmark), sendo a primeira uma obra do padre Mittler, do Tirol do Sul. Essa luta contra a identidade alemã também moldou, de uma perspectiva nacional, um tipo diferente de pessoa na Áustria, mais aberta às questões nacionais. O Tirol e Salzburgo foram as últimas regiões da Alta Áustria a serem tocadas pelo movimento nacional, exceto nas cidades, e mesmo

nos últimos anos, quando essa ideia nacional há muito havia sido fragmentada por elementos liberais, ambas as regiões foram atraídas para o movimento nacional-socialista não tanto por uma convicção intelectual semelhante, mas quase exclusivamente por considerações econômicas. Isto é verdade se desconsiderarmos a profissão liberal de professor, a burocracia e a pequena intelectualidade burguesa, que, religiosamente distanciada, mudou de bandeira e de programas várias vezes desde 1890 por indecisão política. O grande número de apoiantes nacional-socialistas no Tirol e em Salzburgo tinha pouco a ver com um idealismo nacional genuíno, uma vez que a questão da fronteira não era tão presente ali no final da Guerra Mundial como noutras áreas alemãs da Áustria.

Na Estíria, na Caríntia e nas regiões do sul, dois fatores históricos abriram caminho para o movimento. Primeiro, houve a feroz luta nacional contra o avanço da influência eslava, que, desde a década de 1870, vinha perseguindo um plano deliberado de conquista do solo alemão. Do sul, a ideia do Estado eslavo do sul[146] avançava, apoiada pela Igreja Nacional Ortodoxa Sérvia; no noroeste, eram os checos[147], cujas forças radicais trabalhavam para a completa substituição da identidade alemã na Boémia e na Morávia, alcançando um sucesso significativo.

O segundo fenómeno profundamente lamentável, e uma causa que contribuiu para os objetivos anticlericais do movimento nacional desde o início nessas regiões, foi o liberalismo. Desde a era do josephinismo, que se estendeu até a década de 1870 — em parte apoiado pela corte imperial e sua burocracia —, o liberalismo se espalhou sem controle nas cidades e mercados, encontrando adeptos e defensores também entre o clero[148]. (Mesmo nos partidos liberais, clérigos católicos eram eleitos como representantes.) Altamente indicativo do declínio religioso nessas regiões de língua alemã é o fato de que, entre os verdadeiros defensores e promotores das reformas eclesiásticas de José II, que tiveram efeitos prolongados até a década de 1890, havia até mesmo um bispo católico, o conde Hohenberg de Gurk. Infelizmente, ainda não temos uma história do josephinismo e, portanto, da vida religiosa na Áustria no século XIX

[146]As regiões de fronteira da Estíria e da Caríntia estavam ameaçadas, assim como as antigas ilhas linguísticas alemãs em Krain.
[147] Compare os escritos de Masaryk e Palacký. Toda a tragédia do “problema austríaco” e o drama da alma austríaca se revelam na juventude de Hitler
[148] W. Bloch, „Die kirchlichen und staatlichen Zustände Österreichs seit den letzten 120 Jahren“ (1870); Klein-Hattingen O., „Geschichte des deutschen Liberalismus“ (2 Bände, 1910).

para avaliar adequadamente as lutas que paralisaram o catolicismo nesse sistema de igreja estatal. Talvez certos traços de caráter das tribos germânicas que habitavam a Estíria e a Caríntia também tenham promovido uma visão mais livre da vida do que encontramos entre outras tribos (alemões, bávaros ocidentais). Outro fato de grande importância foi que, durante a Reforma do século XVI, grande parte da Áustria tornou-se quase inteiramente protestante, e só mais tarde uma Contra-Reforma, por vezes implementada à força, reviveu o catolicismo vacilante[149]. Naquela época, um movimento religioso com fortes características nacionais surgiu com força peculiar entre e acima do catolicismo e do protestantismo. A memória dessas lutas religiosas não se apagou entre os camponeses e os círculos educados da minha terra natal até hoje. No entanto, seria necessário escrever a história dos confrontos culturais da antiga monarquia para compreender como muitas correntes religiosas, culturais e políticas do século XIX acabaram por convergir num movimento nacional forte e unificado.

Assim, o movimento nacional na antiga Áustria apresentava não só traços distintamente liberais desde o seu início, mas também, já na década de 1890, um pronunciado sentimento anti-romano. Ele foi se aproximando cada vez mais dos planos de conquista protestantes (*Movimento Afastar-se de Roma [Los-von Rom-Bewegung], Liga Evangélica, Associação Gustav Adolf [Evangelischer Bund]*), que habilmente utilizaram a Associação Escolar Alemã para esses fins, construindo escolas nacionais de proteção nas regiões fronteiriças, bem como a Südmark, que colonizou principalmente protestantes alemães do Reich, pois os católicos eram considerados muito "pouco confiáveis" em questões nacionais. O movimento ginástico de Jahn e a imprensa também desempenharam um papel importante. Qualquer pessoa que compare os discursos de certos representantes dessas associações e organizações, bem como a linguagem dos jornais nacionais alemães na Áustria de 1914 a 1918, com a literatura líder do nacional-socialismo atual, encontrará paralelos impressionantes. Os fundamentos ideológicos já surgiram com crescente clareza durante esses anos. Especialmente o líder intelectual de longa data do movimento pangermânico que ele criou na Áustria, o alemão dos Sudetos Georg Ritter von Schönerer[150],

[149]Cf. as numerosas obras científicas do professor universitário de Graz Lofertb e de Franz Günthe „Der deutsche Bauernkrieg“. Verlag Oldenbourg, München (beide stark einseitig); Hugo Hantsch, „Geschichte des allgemeinen deutschen Bauernkrieges“, 1925. Über die Gegenreformation; Leopold Schuster, „Lebensgeschichte des Fürstbischofs Martin Brenner“.
[150]Zwölf Reden, 1886. Fünf Reden, 1891, Molisch, „Geschichte der deutschnationalen Bewegung in Österreich“, 1920; G. Hertwig, „Georg R. v. Schönerer“ (4 Bände, 1913 bis 1925).

sob cuja influência oratória toda a classe educada de alemães na monarquia dos Habsburgos se encontrava (cf. as memórias de Hermann Bahr), deu à educação do partido um caráter explicitamente antissemita e anticlerical. Muitos erros ocorreram precisamente nestes anos de luta, que prepararam o terreno para o aspecto da visão de mundo do nacional-socialismo, devido ao tratamento dado por autoridades eclesiásticas individuais ao clero em áreas nacionalmente oprimidas. Devastadora foi a impressão causada por clérigos checos, muitas vezes linguisticamente inadequados, na Caríntia, Estíria e comunidades puramente germanófonas das regiões do sul, depois que o número de padres de famílias alemãs se tornou cada vez mais raro sob a influência do movimento nacional. Uma imagem chocante de miopia espiritual e radicalismo nacional se revela quando se examina estatisticamente essas condições juntamente com o declínio inquietante da vida eclesiástica sob o impacto do liberalismo nacional. Slogans contra Roma, o catolicismo político e o cristianismo em geral acompanharam essa transição religiosa.

O "Movimento Afastado de Roma"[151], que infelizmente foi considerado por muitos como um companheiro essencial do movimento nacional alemão na Áustria, levou centenas de milhares de católicos nas regiões alpinas austríacas e nos territórios do sul ao protestantismo, que era apresentado como a expressão religiosa da identidade alemã (médicos, professores, funcionários; em muitas associações estudantis, a apostasia era um pré-requisito para a adesão). Em particular, a posição do "Partido Popular Católico", o Partido Católico Alpino do Reich, sobre as Ordenanças Linguísticas de Baden foi explorada para lançar suspeitas sobre as convicções nacionais dos católicos alemães em geral,

[151] Um julgamento devastador sobre esse movimento encontra-se no livro *„Mein Kampf"* de Adolf Hitler: "Se ela (o movimento *Los-von-Rom*) tivesse sido bem-sucedida, então também a infeliz divisão da Igreja na Alemanha teria sido superada, e a força interna do Reich só poderia ter ganho, de maneira extraordinária, com tal vitória. Contudo, nem o pressuposto nem a conclusão dessa luta estavam corretos (p. 120). Certamente conseguiu-se arrancar à Igreja cerca de 100.000 membros; porém, sem que ela tivesse sofrido qualquer dano particular com isso. Nesse caso, ela realmente não precisava derramar nenhuma lágrima pelos 'cordeirinhos' perdidos; pois perdeu apenas aquilo que, interiormente, já há muito tempo não lhe pertencia plenamente (p. 123). Mas não se estuda a história para, quando ela deva ser aplicada na prática, deixar de se recordar de suas lições ou acreditar que agora as coisas seriam diferentes e que, portanto, suas verdades eternas não deveriam mais ser aplicadas; ao contrário, aprende-se com ela justamente a aplicação útil para o presente. Quem não consegue fazer isso não deve imaginar-se um líder político; na verdade, é um sujeito superficial, ainda que na maioria das vezes muito presunçoso, e toda boa vontade não desculpa sua incapacidade prática (p. 129). Nada é mais perigoso para um partido político do que deixar-se guiar, em suas decisões, por aqueles sujeitos que se metem em tudo (*Hansdampfergesellen in allen Gassen*), que querem tudo, sem jamais conseguir realizar sequer o mínimo." (p. 128). Cf. Coudenhove-Kalergi, „Zur Charakteristik der Los-von-Rom-Bewegung", Verlag Gerold, Wien 1906.

retratando a própria Igreja Católica como antialemã e o protestantismo como a igreja alemã. Apoiado pela Liga Evangélica e pela Fundação Gustav Adolf na Alemanha, um movimento de secessão foi iniciado em todas as áreas alemãs da Áustria, servido por assembleias políticas, noites familiares evangélicas e panfletos e revistas anticatólicas (Der Scherer desde 1898, Die Wartburg, entre outros) para espalhar as ideias protestantes nos círculos católicos. Estas encontraram mais fácil aceitação entre a intelectualidade religiosamente indiferente, uma vez que apareciam sob slogans nacionais populares. Inúmeras igrejas foram construídas com fundos estrangeiros, pastores do Reich alemão e pregadores itinerantes foram chamados ao país e até mesmo o palco parlamentar foi usado para promover propaganda anticatólico. Uma segunda Reforma foi criada entre os alemães da Áustria naquela época[152]. Essa luta se intensificou por ocasião da Encíclica Borromeo de 1910, na qual Pio X condenou os malefícios da Reforma. O "Comité para a Promoção do Movimento Evangélico na Áustria", formado especialmente para o efeito, gabava-se em 1910 de ter distribuído mais de dois milhões de escritos. As contribuições da Liga Evangélica atingiram 200.000 RM trimestralmente em 1910, e a Fundação Gustav Adolf dedicou 400.000 RM à construção de igrejas. Só na Alemanha, a Liga Evangélica apoiou 500 paróquias. Entre 1899 e 1904, 13 novas igrejas e 97 estações de pregação foram estabelecidas somente na Boémia; de 1897 a 1907, 110 igrejas e capelas foram consagradas em toda a Áustria, 220 novos cargos de pregação foram criados e o número de clérigos na Boémia aumentou de 28 para 62 por meio de recrutamento externo. O sucesso ficou aquém do esforço, mas foi, no entanto, profundamente trágico. As leis interconfessionais de 1868 levaram a uma mudança confessional-nacional na Áustria, resultando numa perda de 2% de católicos. Em comparação com essas perdas, os números de deserção do Movimento Afastado de Roma foram relativamente pequenos: 1897-1900: 10.000; 1900-1904: 34.000, dos quais 9000 para o catolicismo antigo; mais de um terço tornou-se não confessional. Do lado evangélico, em 1907, foram registradas 41.000 conversões ao protestantismo e 17.200 ao catolicismo antigo. Além da Boémia, Viena deu a maior contribuição para estes números tristes num país predominantemente católico.

Não se pode ignorar que, infelizmente, precisamente as áreas da Áustria afetadas pelo Movimento Afastar-se de Roma se tornaram mais tarde os

[152] Veja a seguir, a revista „Bonifatiuskorrespondenz", S. 181 bis 182, Prag 1935.

bastiões mais fortes do nacional-socialismo e, em parte, continuam a sê-lo até hoje, comprometendo assim, aos olhos das pessoas religiosas, todo o movimento como um segundo Movimento Afastar-se de Roma, o que na verdade não era sua intenção. Assim, as cidades e os mercados da Áustria, devido a este flagrante uso indevido da religião para fins políticos desde a década de 1880, apresentavam um quadro de decadência religiosa. A intelectualidade e a classe média mais abastada perderam a sua ligação à Igreja, enquanto a população rural comum permaneceu fiel ou, na medida em que pertencia à classe trabalhadora, organizou-se em sindicatos marxistas em até 80%.

Infelizmente, faltam estatísticas religiosas das dioceses austríacas sobre a frequência à igreja, o cumprimento dos deveres da Páscoa ou os batismos sacramentais para fornecer um quadro verdadeiro do catolicismo austríaco nesta época, sem o qual não se pode compreender a deriva do pensamento nacional para uma mentalidade anticatólico. Através de personalidades individuais de inclinação radical que abusaram da Liga Evangélica em Berlim e da Associação Gustav Adolf, espalhou-se na Áustria, por palavra e por escrito, o slogan de que as convicções católicas e nacionais eram conceitos incompatíveis. Muitas paróquias foram extintas religiosamente dessa forma. Gradualmente, os católicos convictos foram afastados de todos os cargos públicos. A supressão e a marginalização de homens católicos altamente capazes em nomeações para cargos nas províncias, cidades e municípios foram retratadas como uma necessidade nacional. Tornou-se impossível colocar professores particulares fiéis nas universidade. No meio de um Estado católico, os católicos leais eram meramente tolerados e degradados a cidadãos de segunda classe, com as suas convicções nacionais questionadas simplesmente por terem a coragem de professar o seu cristianismo. A maioria da população foi reduzida a um estatuto semelhante ao dos "hilotas" contra a minoria.

No entanto, esse período também testemunhou o lento despertar do catolicismo, com o surgimento de seus líderes — bispos individuais (Kudigier, Zwerger), padres comuns notáveis (Opitz, Padre Abel) e leigos[153]. Na Alemanha[154], também, desde o *Kulturkampf*, o liberalismo e uma postura anticatólica

[153] Cf. O destino dos historiadores, de Pastor e Johannes Baptist von Weiß.
[154]Heinrich Donat, „Die deutschen Katholiken in der Tschechoslowakischen Republik“, Verlag Ambros Opitz, Warnsdorf 1934.

acompanhavam os fenômenos da ideia nacional, que, no entanto, nunca puderam se tornar tão vibrantes até o período pós-guerra como nas áreas de língua alemã da Áustria, ameaçadas nacionalmente. Várias causas, entre as quais se destacam as influências francesas, promoveram o liberalismo em Baden e na Baviera. Na Baviera, o elemento protestante foi deliberadamente favorecido na burocracia e até mesmo na corte real durante décadas.

Por mais significativos que esses fenômenos na antiga Áustria e em certas partes da Alemanha possam explicar, o nacional-socialismo nunca teria se tornado uma força tão poderosa se inúmeras correntes nos domínios filosófico, social e jurídico não tivessem convergido. Politicamente, vários partidos prepararam o terreno. Na Áustria[155], foram os Nacionalistas Alemães, que mudaram repetidamente de nome, programas e cores, o partido dos cristãos progressistas, os Democratas, os Radicais Alemães, o movimento da Grande Alemanha e as organizações da classe trabalhadora e do campesinato (Liga dos Agricultores). Na Alemanha, foram os partidos nacionais de todas as tendências[156].

Algumas figuras proeminentes desses partidos nacionais e do movimento em geral eram, infelizmente, religiosamente liberais, anticatólicas ou viviam num mundo religioso peculiar, cheio de contradições. De qualquer forma, rejeitavam qualquer influência da religião fora dos limites da igreja. Se o movimento nacional procurou e encontrou a maioria dos seus apoiantes precisamente entre esses círculos religiosamente desenraizados, isso não significa que a ideia da unidade alemã e o desejo sincero de defender a identidade alemã fossem sustentados exclusivamente pelo liberalismo. Católicos respeitados que professavam a sua religião realizaram um trabalho inestimável em questões nacionais. Eram padres e leigos católicos de mentalidade alemã que, com profunda tristeza, tiveram de testemunhar como as convicções nacionais eram cada vez mais fragmentadas pelo liberalismo, que mais tarde deu origem ao marxismo como seu filho legítimo. A deriva do nacionalismo para padrões de pensamento anticlericais também foi causada pela postura passiva de algumas

[155]Kisling, „Geschichte der deutschen Katholikentage“; A. Ficter, „Montesquieus und Rousseaus Einfluß auf den vormärzlichen Liberalismus Badens“, 1914. „Deutscher Liberalismus im Zeitalter Bismarcks.“ Eine Sammlung unveröffentlichter Briefe führender Politiker. (Herausgegeben von Heyderhoff und Wentzke, 1925 bis 1926, 2 Bände.)
[156]E. Peschke, „Die Parteien der Deutschen in Österreich vor und nach dem Weltkrieg“, 1915.

autoridades eclesiásticas, pela falta de visão no campo católico em relação ao significado desse movimento e, por outro lado, pela maneira provocativa e dominadora com que alguns pastores na Áustria pregavam descaradamente o seu alinhamento entre nação e luteranismo. Os pioneiros intelectuais do nacional-socialismo, que hoje busca estabelecer um sistema firme, dogmático e ético com visões e exigências específicas nos campos da ética e do direito, encontram-se, portanto, de uma perspectiva ideológico-histórica, nas mais diversas áreas da vida cultural. Um vasto complexo de ideias constitui o seu pré-requisito. Isso também explica, em parte, por que a ideia nacional na área de língua alemã foi acompanhada, desde o seu início, por um sentimento anticlerical e anti-romano. Especialmente na Áustria, os conceitos de hostilidade alemã e católica se sobrepunham na maioria dos casos, mesmo antes da guerra.

O fato de o movimento nacional italiano ter tomado uma direção anticlerical pode ser explicado pela sua oposição aos Estados Pontifícios, que constituíam um obstáculo à unidade italiana. Aqui, de uma perspetiva puramente histórica, é possível compreender várias atitudes seculares no Risorgimento, que tinham uma característica anticlerical, embora personalidades católicas também tenham contribuído para a unidade italiana. A oposição aos Estados Pontifícios reforçou a postura anticlerical de muitos círculos do movimento nacional italiano. Na área de língua alemã, não havia nada comparável que, de uma perspectiva externa, justificasse essa postura do nacionalismo emergente. Assim, as causas mais profundas do traço anticlerical devem ser buscadas não no domínio político, mas no domínio da visão de mundo. Esses trabalhos preparatórios podem ser identificados em várias áreas.

1. Precursores filosóficos[157]

Pode-se, sem hesitação, equiparar os chamados pioneiros mais distantes do movimento nacional, Meister Eckhart — que, como brilhante criador linguístico, introduziu centenas de conceitos filosóficos e teológicos na língua alemã — e Nicolau de Cusa. O primeiro, sucessor de Tomás de Aquino na cátedra dominicana em Paris e de Alberto Magno em Colónia, era, apesar das suas origens nórdicas e de alguns ensinamentos controversos sobre o "nascimento de Deus" na alma humana, nem um panteísta, precursor de Nietzsche[158], nem do movimento da fé alemã[159] que acreditava poder negar arrogantemente a natureza sobrenatural do cristianismo[160], mas um cristão fiel que desejava permanecer na Igreja e tinha laços estreitos com a filosofia religiosa judaica de orientação neoplatônica[161].

Meister Eckhart, uma das grandes figuras da Idade Média alemã, redescoberto pelo Romantismo, é particularmente retratado pelo Movimento da Fé Alemã — que se considera erroneamente o puro arauto da visão de mundo nacional-socialista — como um defensor contra o catolicismo romano e o cristianismo "oriental". Afirma-se que nele, pela primeira vez em solo alemão, "*o sentido cósmico da vida e da divindade nórdico-germânico, há muito suprimido, irrompeu, formando-se num misticismo panteísta e divino, adequado à espécie*"[162]. No entanto, estudos sérios, ainda não influenciados por preconceitos, forneceram evidências de que a afirmação de um misticismo germânico em Eckhart, oposto à piedade cristã, é apenas uma suposição arbitrária baseada em textos falsamente interpretados[163]. Trata-se, na verdade, da

---

[157]Groß, „Die Propheten", „Nationalsozialistische Monatshefte", 1, 1930, S. 29 bis 33, und Walter Böhe, „Richard Wagners Regenerationslehre", „Nationalsozialistische Monatshefte", 12, 1931, S. 112 bis 120.

[158] Werner Weubel.

[159] Erwin Guido Kolbenheyer, „Neuland"; Hauer.

[160] Cf. as pesquisas de Karrer, Josef Koch, Breslau (Märzheft des „Liturgischen Lebens"), Steinbüchel, Alois Dempf, Bonn; Erich Seeberg. (Zwei Vorträge an der Lessing-Hochschule in Berlin, Verlag Mohr-Siebeck, Tübingen 1934.)

[161] Karl Kindt, portanto, nega categoricamente a Hölderlin o espírito alemão (Will Vespers Zeitschrift „Die neue Literatur", 1935). O seu ensinamento é "uma reedição mal disfarçada da filosofia sincrética do século XVIII".

[162] Hermann Mandel, Kiel, „Deutscher Gottglaube von der deutschen Mystik bis zur Gegenwart", Armanen-Verlag, Leipzig 1934.

[163] Karl Heussi, „Die Germanisierung des Christentums als historisches Problem", „Zeitschrift für Theologie und Kirche", Heft 2, 15. Jahrgang, Verlag Mohr, Tübingen, und Rudolf Otto, „Westöstliche Mystik", 1929, S. 105 ff.

antiga corrente da tradição cristã, que flui há mais de um século, na qual Agostinho, o neoplatonismo cristão, o Evangelho de João e o apóstolo Paulo estão representados. Os escritos de Meister Eckhart não são o documento fundador de um cristianismo "germânico" até então não realizado, pelo que ele não pode ser reivindicado como a figura simbólica de uma igreja nacional alemã. Esta disputa sobre Eckhart não é nova, por mais atual que possa parecer. Mesmo a condenação póstuma de Eckhart, realizada com cautela, foi dirigida contra indivíduos não autorizados que já o tinham interpretado erroneamente na época. A edição crítica de suas obras em latim[164], em particular, prova que Eckhart estava enraizado no passado cristão e não era de forma alguma um fundador religioso emergente da solidão da floresta alemã. Como místico, ele existe dentro de contextos globais que ainda permanecem na sombra. A sua grandeza só pode ser medida em relação ao neoplatonismo e a centros ainda mais distantes da tradição religiosa, aos quais ele, como pensador escolástico e filho da época das Cruzadas, estava ligado.

Um dia, parecerá incompreensível falar do misticismo alemão sem mencionar uma palavra sobre as concepções árabes, indianas ou chinesas de Deus, e essa cegueira exigirá correções tão significativas quanto a ignorância da teologia escolástica. Isso não significa negar a influência duradoura de Eckhart no desenvolvimento do pensamento nacional na Alemanha, já que Franz von Baader redescobriu os seus escritos alemães, há séculos negligenciados, e Hegel acreditava ver a sua própria filosofia prefigurar-se em Eckhart.

Nicolau de Cusa é também apresentado hoje como um pioneiro do pensamento nacional e uma testemunha fundamental de uma doutrina panteísta adequada ao génio do norte da Alemanha[165], distinguindo-se da escolástica porque assume um domínio não racional e não conceptual do espírito, não sujeito às leis da lógica formal, mas também distinto do misticismo porque vê um logos irracional dentro da experiência mística de Deus, que também reaparece na fantástica "ideia". Esta revelação do espírito alemão foi posteriormente destruída pelo espírito francês (Descartes) que varreu a Alemanha.

[164] „Magistri Eckardi opera latina. Auspiciis instituti S. Sabinae." Fasc. I: Super oratione dominica, ed. Klibansky (Leipzig 1934); Fasc. II: Opus tripartitum, prologi, ed. Bascour (Leipzig 1935).
[165] Rudolf Oetbrecht, „Nikolaus von Cues und der deutsche Geist", Verlag Junker & Dünnhaupt, Berlin 1934.

Quando se fala hoje de uma preparação filosófica para o nacional-socialismo, este termo deve ser entendido num sentido amplo, pois a religião, a moral, os conceitos jurídicos e a representação histórica — em suma, toda a cultura da Alemanha — foram influenciados durante décadas por uma orientação comum de escritores, poetas, filósofos culturais e filósofos propriamente ditos, caracterizados pelos nomes Schopenhauer, Nietzsche, Dilthey, Chamberlain, o Círculo de Bayreuth em torno de Richard Wagner, Lagarde[166] e Spengler.

Schopenhauer (1860) dificilmente pode ser considerado um dos pioneiros por alguns representantes do nacional-socialismo, mas o seu nome não pode ser ignorado aqui, não só porque partilha uma riqueza intelectual surpreendente com Nietzsche, mas porque é considerado o único acontecimento europeu entre Goethe e Nietzsche. Como principal proponente de uma metafísica voluntarista, ele conseguiu combinar a sua ética pessimista da compaixão com uma refinada moralidade maquiavélica cotidiana. Profundamente ligado ao Iluminismo por meio da sua educação, na sua visão, o ser humano aparece como a medida de todas as coisas; Deus e os mandamentos divinos são removidos como ilusões vazias dessa visão de mundo, e a vontade é elevada acima da razão como a força dominante na humanidade. Assim, este quadro intelectual é oportuno, uma vez que não são poucos os representantes do nacional-socialismo que se declaram cansados do cristianismo e olham para a Índia antiga. Boa parte do que hoje desperta o sentimento anticristão em alguns círculos nacional-socialistas é o legado intelectual de Schopenhauer.

Nietzsche (1900)[167]. Nenhum escritor do final do século XIX exerceu uma influência intelectual tão profunda sobre a juventude emergente e nacionalista da Alemanha — e, podemos dizer, do mundo inteiro — quanto o aparentemente simples filho do pastor de Röcken, perto de Leipzig, que aos 16 anos já havia se afastado da religião e logo, sob a influência de Schopenhauer, passou a ver no

[166] Paul de Lagarde, „Schriften für das deutsche Volk“. Bd. 1: „Deutsche Schriften.“ Bd. 2: „Ausgewählte Schriften.“ 2. Auflage, J. F. Lehmanns Verlag, München. Esta segunda edição também inclui o discurso fúnebre proferido por Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff no túmulo de Lagarde.

[167] Ernst Horneffer, „Nietzsche als Vorbote der Gegenwart“, 2. Auflage, Verlag A. Bagel, Düsseldorf, 1935; Josef Hofmiller, „Friedrich Nietzsche“ (Colemans „Kleine Biographien“, 18), Verlag Charles Coleman, Lübeck; Ernst von Aster, „Die Philosophie der Gegenwart“, A. W. Sijthoffs Uitgeversmaatschappij N. V., Leiden 1934, aborda parcialmente esses movimentos intelectuais em solo alemão com julgamentos perspicazes (Escola do Sudoeste Alemão [Wilhelm Dilthey) e os sucessores de Nietzsche [Bäumler, Spengler]).

cristianismo apenas o simbolismo de algo ainda mais elevado. Nietzsche, que afirmava mais a cultura francesa do que a alemã e considerava os *Pensamentos de Pascal,* bem como as obras de Stendhal, Taine e Voltaire, entre os livros mais profundos e inesgotáveis, foi um dos autores mais lidos na frente da Guerra Mundial, e quase todos os pensadores das últimas três décadas caíram sob o seu feitiço, a menos que tivessem uma base cristã mais sólida[168]. O brilhantismo dos seus aforismos, o fervor apaixonado, o ritmo melódico e a forma artística da língua alemã, que ele dominava como poucos desde Goethe, amplificaram os seus seguidores tanto quanto as doutrinas centrais da sua ética do poder e da vontade, com a sua exigência de avanço implacável sobre toda a oposição. Muitos dos termos que ele mesmo cunhou tornaram-se linguagem comum entre os oradores da assembleia e propagandistas do nacional-socialismo. Nele, a alma alemã inquieta desde Kant, Feuerbach e Stirner irrompeu como se fosse uma explosão, embora ele próprio, a rigor, possa ter sido um híbrido e tenha feito julgamentos muito severos sobre os alemães e o seu nacionalismo. As suas obras não têm nada em comum com a literatura popular de esclarecimento comum, mas respiram um profundo ódio contra tudo o que se chama religião, cristianismo e igreja; no entanto, a sua visão de mundo não é conquistada pela razão, mas como uma revolta cheia de paixão de todo o ser humano interior. O ideal de vida heróica e a filosofia da vitalidade no sentido renascentista são o seu objetivo, substituindo o pessimismo de Schopenhauer em relação à vontade e à vida, e não a virtude no sentido moral-cristão. Ele reprova o cristianismo por amar e cuidar dos doentes e fracos, e por falar de pecado, consciência e humildade em vez de heroísmo[169]. É a filosofia da vontade, do dinamismo, da revolução constante no sentido da ideia de poder, da afirmação que não admite contradição nem crítica, do ceticismo incondicional em relação a tudo o que o passado acreditava ser verdade religiosa e moral, da afirmação do eu e da rejeição da compaixão juntamente com a moralidade, da dissolução de toda a objetividade, da exigência de obediência estrita até aos mínimos detalhes da sua

---

[168] O próprio Nietzsche, como psicólogo de povos de olhar perspicaz, proferiu os seguintes julgamentos desconcertantes sobre o seu próprio povo: *"Nós, alemães, somos hegelianos, mesmo que Hegel nunca tivesse existido, na medida em que (ao contrário de todos os povos latinos) atribuímos instintivamente ao devir do desenvolvimento um sentido mais profundo e um valor mais rico do que ao que é… Como um povo da mais monstruosa mistura e amontoado de raças, talvez até com um predomínio do elemento ariano, como 'povo do meio', os alemães são mais incompreensíveis, abrangentes, contraditórios, desconhecidos, imprevisíveis, surpreendentes e até assustadores do que outros povos."*

[169] Walter Spethmann: „Der Begriff des Herrentums bei Nietzsche." Neue deutsche Forschungen, Abt. Philosophie, Verlag Junker & Dünnhaupt, Berlin 1935.

ditadura e da transvaloração de todos os valores. Esta é a doutrina de Zaratustra, aplicada a uma visão de mundo, com um ódio ao cristianismo que cresce a cada ano da sua atividade literária. É a autodeificação como um substituto religioso. Na visão de mundo de Nietzsche, tudo o que é sólido se tornou fluido, uma liberdade ilimitada de suposições, o jogo com possibilidades ilimitadas permite que o espírito não desfrute de soberania e, simultaneamente, lhe dá a dor de sua falta de raízes. Essa dor do vazio e da falta de lar da alma, essa consciência da anarquia em todas as convicções mais profundas, essa incerteza sobre os valores e objetivos da vida falam de forma comovente em muitas passagens de seus escritos. Acima de tudo, ele odiava o catolicismo[170].

Para desculpar as invectivas de Nietzsche contra o cristianismo, tem-se apontado que ele não luta contra o cristianismo real, mas contra a forma corrompida em que ele apareceu em Schopenhauer, Pascal, Richard Wagner e Leo Tolstoy (O que é a minha fé?). Na verdade, a imagem da "ética cristã hostil à vida" que Nietzsche esboça nada mais é do que um reflexo da distorção do cristianismo por Schopenhauer. Também é verdade que Nietzsche, como a "vítima mais instrutiva do cristianismo", cita repetidamente Pascal: "Lentamente torturado até à morte, primeiro fisicamente, depois psicologicamente", ele oferece a melhor descrição da "forma mais horrível de crueldade humana". Quanto a Richard Wagner, pode ser que a sua piedade em Parsifal fosse apenas uma brincadeira externa com formas religiosas, sem convicção interior, em prol do "sucesso" puramente artístico. Pode-se perguntar: o que do pensamento de Nietzsche passou para os ensinamentos de muitos escritores importantes do nacional-socialismo? Não a rejeição do cristianismo como um todo, mas de um cristianismo dogmaticamente ligado à igreja, o culto à vontade, a busca pelo poder e pelo aumento da força vital, a luta como a forma mais elevada de educação, o valor do sangue e da raça, da reprodução e do cultivo de tipos humanos mais nobres, da história familiar, da preferência por famílias numerosas, a nova responsabilidade do médico para com todos, onde o interesse superior da vida ascendente exige a supressão e eliminação implacáveis da vida degenerada, do irracional, do instintivo e do elementar.

[170] Carta de 1875: "Sinto uma profunda vergonha quando me vejo suspeito de ter qualquer ligação com essa essência católica que tanto detesto... nosso bom e puramente protestante ambiente! Nunca senti, até agora, minha mais íntima dependência do espírito de Lutero tão fortemente como agora." (Sammlung Kröner, Leipzig 1932)

Sangue, violência, mito e raça são os valores sobre os quais Nietzsche, com a glorificação do imprevisível por Sorel, procura construir uma sociedade e uma ordem política inteiramente novas, depois que as ideias de democracia, humanidade e fraternização mundial perderam seu poder criativo. A revista *Wille und Macht* (Vontade e Poder), órgão de liderança da juventude nacional-socialista, escreve por ocasião de uma homenagem a este filósofo em 1 de novembro de 1934:

> “Nietzsche superou o racionalismo e o intelectualismo que dominavam a filosofia até ele e substituiu-os por uma filosofia da vitalidade. Depois dele, não foi a razão que governou a vida, mas a vontade eternamente inquieta. Com isso, Nietzsche expressou o que só hoje foi plenamente reconhecido: que havíamos sido vítimas de uma superestimação do intelecto. Ao mesmo tempo, porém, ele substituiu o pessimismo de Schopenhauer em relação à vontade e à vida por uma afirmação heróica da vontade e da vida. Dessa nova atitude perante a vida deriva a sua luta mais feroz contra todos os que desprezam o corpo, os "habitantes do interior", um cristianismo que transfere o peso do sofrimento para o além, procura destruir os instintos de sobrevivência da vida forte e ensina o ódio contra tudo o que é natural. Mas ele não quer ser deificado; não, Nietzsche é um homem que, como ninguém antes dele há muito tempo, carrega em si uma profunda piedade”.

Mesmo as observações depreciativas de Nietzsche sobre a questão racial, o antissemitismo e o Estado totalitário (“onde existem misturas raciais, aí está a fonte da grande cultura”, "não faça negócios com ninguém que participe da fraude racial mentirosa", em *A Vontade de Poder*, bem como em *Zaratustra*, capítulo sobre os novos ídolos) não impediram que sua filosofia de vida, em sua tendência fundamental de "rejeição do sobrenatural do cristianismo, voltando-se para um ideal de vida puramente natural e um ser nacionalmente fechado", penetrasse de forma decisiva e influente na visão de mundo de numerosos representantes do nacional-socialismo. Sem Nietzsche, que teve Stirner como seu precursor, o nacional-socialismo careceria de um elemento essencial de todo o seu sistema, de acordo com esses círculos. Desde que Nietzsche pronunciou a condenação da moral cristã da compaixão e colocou a honra dos altivos, resistindo heroicamente aos sobre-humanos contra a suposta "humildade escrava degradante do cristianismo paulino", a oposição irreconciliável entre a consciência heróica e a humildade tem sido repetidamente proclamada, especialmente na Alemanha. Agora, o julgamento final sobre a "mentalidade semítica" da humildade, supostamente "nascida da fraqueza e da esterilidade",

deve ser cumprido através do ethos da honra, que surge da consciência criativa do poder de uma raça mais nobre e à qual pertence exclusivamente o futuro da humanidade desperta. Embora há muito se reconheça nos círculos académicos que Nietzsche, num grave equívoco do pensamento cristão, confundiu a compaixão de Schopenhauer com o amor pessoal católico, e que o ensinamento de Jesus sobre a humildade permaneceu totalmente estranho ou se tornou estranho para ele, a suposta contradição entre honra e humildade é simplesmente aceite como um axioma.

Wilhelm Dilthey, filho de um pastor protestante (1911), em cuja casa pietista a substância dogmática do cristianismo já se tinha evaporado, ainda se encontrava no meio do mundo do naturalismo, onde todo o ser e devir era apenas um nexo de força e matéria, e o ser humano era apenas uma máquina. As suas obras *Experiência e Poesia* e *Introdução às Ciências Humanas* marcam um ponto de viragem no pensamento moderno, embora Dilthey também tenha permanecido preso ao panteísmo e baseado a sua visão de mundo não numa ordem lógica, mas em sentimentos e impulsos. Ele também nunca encontrou a personalidade de Cristo, e nessa falha reside a tragédia da sua visão de mundo[171]. Ele, que acreditava no progresso imparável da humanidade com interesses puramente mundanos e no domínio da ciência sobre a vida, temia que a sua filosofia de vida fosse apenas ceticismo puro e simples. A falta de lar do ser humano moderno também transparece de forma comovente nos seus escritos.

Houston Stewart Chamberlain, cujos escritores favoritos eram Montaigne, Rousseau, Voltaire e Pascal (Pensées)[172], é a personalidade a quem o movimento nacional-socialista deve a maior parte dos seus fundamentos intelectuais. Assim, Rosenberg escreve em 1927 no seu livro O Mito do Século XX: "*Quando o povo alemão tiver atravessado o pântano de hoje e se tiver finalmente dedicado à construção de um Reich alemão, descobrirá que Chamberlain também forneceu as suas bases. Ele é um dos maiores mediadores entre o povo alemão e*

[171] Veja: Theodor Litt, Leipzig, „Philosophie und Zeitgeist", S. 13, Verlag Felix Meiner, Leipzig 1935. Zur Stellung Diltheys und seines Kreises zur Gegenwart vgl. O. Westphal, „Die Welt- und Staatsauffassung des deutschen Liberalismus", München 1919.

[172] „Lebenswege meines Denkens", S. 348 ff., Verlag F. Bruckmann, München 1922², und „Bleibende Lebensgenossen". Voltaire nennt er ebenso wie Friedrich den Großen eine „Wahrheitsfac

a sua alma imortal"[173]. No entanto, o julgamento de Rosenberg em sua obra Chamberlain como arauto e fundador de um futuro alemão[174] é infundado quando ele o chama de homem universal por volta de 1900. Chamberlain, filho de uma antiga família inglesa, cujo ramo se mudou para Lübeck, encontrou o seu caminho através de Wagner, Gobineau e Kant para uma visão de mundo peculiar, na qual o cristianismo, mesmo na sua forma protestante, é rejeitado, e os alemães são celebrados como os criadores e moldadores de um novo mundo. Todo o conteúdo de seu livro *Fundamentos do século XIX*, publicado em 1899, é o despertar de um sentimento de vida nórdico verdadeiramente adequado à espécie, que é também o objetivo da eterna luta do anseio alemão, de Martinho Lutero a Goethe e Kant. A raça ariana-nórdica é consistentemente colocada por ele na vanguarda de suas considerações sobre filosofia, religião e cultura. A sua doutrina, emprestada dos franceses, da valorização diferenciada das raças forma a base da sua visão de mundo, na qual não há mais lugar para o cristianismo. Durante a guerra, um apaixonado defensor da política alemã, ele era amigo íntimo de Adolf Hitler desde 1923[175], sobre cujo mundo de ideias ele sem dúvida procurou exercer influência, como demonstram inúmeras passagens em Mein Kampf. A visão de mundo de Chamberlain era tão fortemente determinada pela raça e pela nação que ele via na Guerra Mundial apenas o início de uma luta espiritual mundial que surgiu pela primeira vez no século XIX com o ataque do "Norte puro" contra o poder mundial do judaísmo romano-liberal. O seu ódio por tudo o que era eclesiástico e confessional era tão apaixonado quanto a sua defesa da Alemanha. As ideias dominantes da visão de mundo de Chamberlain são raça e nação, que se intensificaram em exigências radicais contra o judaísmo e o cristianismo para formar o novo tipo humano alemão. A doutrina racial ocupa uma posição central nos *Fundamentos do século XIX*.

---

[173]Georg Schott, „Chamberlain, der Seher des Dritten Reiches", Auslese aus seinen Werken, Verlag F. Bruckmann, München. Um ensaio detalhado sobre ele, escrito por Albert Erhard, na revista „Die Kultur", S. 409 bis 430, Wien 1900/01.

[174] Veja: também as obras de Chamberlain Immanuel Kant e Goethe, Cosima Wagner und Houston Stewart Chamberlain im Briefwechsel 1888 bis 1908. Herausgegeben von Paul Pretzsch, Philipp Reclam, Leipzig 1934. Compare as palavras de Chamberlain sobre os alemães (11 de abril de 1890): *"É realmente um povo intrigante, este povo alemão, sem qualquer instinto, sem qualquer capacidade de discernimento."* Mas ele ama este povo por outra razão. "*Há algo de maravilhoso entre nós, alemães, na diferença entre os anglo-saxões e os alemães, e embora os alemães possam ser chamados a produzir os espíritos mais poderosos, acredito cada vez mais que as pessoas poderosas só podem ser encontradas e criadas entre nós".*

[175] Veja a carta que Chamberlain enviou a Adolf Hitler em 7 de outubro de 1923.

Richard Wagner ocupa um lugar especial entre os pioneiros de uma visão de mundo inteiramente moldada pelo pensamento nacionalista. Não é exagero afirmar que existe uma linha direta entre o seu pensamento, através de uma concepção heroica da vida e da influência da raça na cultura e na religião, e o pensamento de Rosenberg[176]. Por mais que Wagner recorra repetidamente à herança cristã nas suas obras teatrais, como pessoa, ele procura conscientemente excluir tudo o que é eclesiástico-confessional, como o seu escrito Religião e Arte amplamente comprova. Declarações contraditórias sobre o cristianismo — a sua sublimidade e grandeza, por um lado, e a sua "corrupção" pela influência judaica, por outro — alternam-se nos seus escritos. Embora seja errado considerá-lo um pagão, não se pode negar que, nas suas concepções religiosas, ele esteve consistentemente sob a influência de Renan, David Strauss, Gobincau, Nietzsche e da teologia protestante liberal. Mesmo que mais tarde tenha moderado o ódio fanático ao cristianismo da sua juventude sob a influência de Schopenhauer, para ele, a religião cristã é apenas um desdobramento do bramanismo e do budismo. Assim, surgiu nele uma imagem completamente falsificada da religião cristã, supostamente totalmente corrompida pela influência judaica e sem qualquer ligação com o Antigo Testamento. Este último, afirma ele, não tem qualquer valor; pelo contrário, é a confusão mais terrível da história associar Cristo a ele.

Raramente um artista moldou tão profundamente as suas obras a partir das ideias de uma filosofia específica como Wagner, e interveio de forma tão intensa e frequente na literatura, nas lutas ideológicas e em todo o vasto domínio da filosofia cultural. Mesmo o kantiano Friedrich von Schiller e o hegeliano Hebbel não se comparam a Wagner nesse aspecto. A vida intelectual de Wagner deve ser dividida em dois períodos: o primeiro, revolucionário, está sob a influência do jovem hegeliano Feuerbach; o segundo, mais calmo, está inteiramente sob o feitiço de Schopenhauer. Precisamente porque Wagner se tornou o arauto artístico de Schopenhauer, ele é o ápice musical e dramático do ideal nacional alemão. Assistimos ao raro espetáculo de uma corrente intelectual filosófica, que vai de Kant a Hegel, Fichte e Schelling até Schopenhauer, atingindo os seus limites finais através de um compositor. Wagner eleva o tesouro da saga alemã e luta por uma arte puramente alemã. Com Feuerbach, ele

[176] Curt von Westernhagen, „Richard Wagners Kampf gegen seelische Fremdherrschaft“, Verlag J. F. Lehmann, München 1935

luta contra todas as religiões e todos os dogmas. A dissolução do indivíduo na unidade universal, o sacrifício do indivíduo pela humanidade como um todo (conduta de vida heróica). Intoxicado por essas ideias, ele esboça o plano para um drama, Jesus de Nazaré, onde Cristo, despojado de todos os elementos sobrenaturais, aparece apenas como um revolucionário espiritual e, através do sacrifício de sua vida, busca trazer grande amor à humanidade. A obra permaneceu incompleta, mas as ideias reaparecem em várias de suas obras e se solidificam, uma vez que Wagner leu a obra de Gobineau sobre raças, em uma visão de mundo biológica, na qual toda a vida intelectual é explicada a partir das raízes sanguíneas da raça, e o judaísmo, como raça estrangeira, é completamente rejeitado.

Spengler. A visão de mundo de Oswald Spengler, que evoca um forte fatalismo, retratando a revolta proletária de dentro e a revolução do mundo colorido de fora como necessidades inevitáveis do desenvolvimento das próximas décadas, é, no entanto, rejeitada pela liderança da Juventude Hitlerista, particularmente conforme exposto em sua obra *A Hora da Decisão*. Spengler é visto pelos combatentes que provocaram a revolta nacional na Alemanha como um representante do liberalismo do século XIX, apenas um estudioso cujas construções históricas fatalistas enfraqueceriam o espírito de luta alemão[177]. No entanto, não se pode negar que mesmo as suas concepções históricas materialistas introduziram inúmeros impulsos no mundo ideológico de representantes individuais do nacional-socialismo. Sob a influência dessas personalidades, ocorreu uma mudança e reinterpretação de conceitos e termos, que penetrou tão profundamente na visão de mundo do nacional-socialismo que parece ousado falar de uma filosofia independente do nacional-socialismo. Cada um dos escritores mencionados contribuiu com um fio condutor, embora seja impossível reduzir tudo a um denominador comum ou a um sistema fechado. No entanto, certas linhas principais podem ser identificadas e estabelecidas em

[177] Assim escreve Rist, „Deutsche Jugend und Oswald Spengler“, no “Führerorgan der Hitlerjugend”, 1934, pp. 20: “*A juventude não acredita nele; embora o honre e respeite como o único gênio entre aqueles que não pertencem à época impulsionada pelo espírito da juventude. Mas ela também sabe que é sua fé inabalável no Führer e em sua missão de moldar a história que permitirá ao nacional-socialismo superar vitoriosamente as provações e os desafios que se apresentarão repetidamente. Ela sabe que a revolução da juventude é mais forte do que a revolução do proletariado, e que, por meio da primeira, a segunda é impossível — e ela também sabe que, enquanto essa revolução da juventude perdurar, a Alemanha será forte o suficiente, em termos de sangue, para confinar a revolução do mundo de cor dentro de suas fronteiras.”*

todos eles. Talvez estas possam ser caracterizadas, especialmente em Dilthey, Scheler, Spengler e Nietzsche, com os seguintes termos:

Pensamento orgânico contra mecanicista, devir espontâneo contra causal, intuição e imaginação contra pensamento estritamente lógico e sistemático, dinamismo em vez da chamada estática. Particularmente característica é a imersão empática no ritmo da vida, uma escuta da ressonância misteriosa do sangue no fluxo dos povos e raças, uma sintonia com os mitos como a melhor expressão da vida nacional. Em última análise, porém, tudo isto confluem num panteísmo, que Schopenhauer educadamente chamou de forma de ateísmo. A humanidade e Deus fundem-se sem limites nítidos numa grande embriaguez da vida, mas com isso também se evaporam as normas morais e a responsabilidade última pelas ações humanas.

2. Trabalhos históricos preparatórios

O pano de fundo filosófico do historicismo alemão emergente, no qual as forças do nacionalismo, da política e da teoria social ganharam influência decisiva na historiografia, é formado por Hegel, o pai da dialética e, simultaneamente, de dois irmãos hostis: o nacionalismo e o marxismo. A questão do bem e do mal já não se esgota na sua filosofia dentro da realidade histórica, mas é julgada por outros valores. Da escola desse patriotismo militante e da concepção histórica prussiana, nascida após os primeiros começos no ano revolucionário de 1848, surgiu uma série de estudiosos importantes (Hausser, von Sybel, Treitschke, Mommsen, Droysen). Essa forma de ciência histórica tornou-se uma das principais forças que criaram a Alemanha nacional. Foi a irrupção do espírito político, a ideia do Estado prussiano, na historiografia. De acordo com essa visão, o curso da história mundial não está fora da virtude, como acreditava Hegel; a história mundial também não é, no sentido de Schiller, puramente imanente como o tribunal mundial, mas o vivo e mais forte tem o direito (von Sybel). O sucesso fornece a justificação moral para uma ação política. Ao julgar pessoas e coisas, a política e a nacionalidade têm precedência sobre a virtude e o dogma. Uma nova visão da vida começa[178]. Da vontade criativa política, nasce também uma nova historiografia. Não é mais a questão de como isso aconteceu (Ranke), nem a reflexão silenciosa do Romantismo (Herder, Johannes von Müller), que determina essa escola histórica, mas a aplicação consciente do próprio ponto de vista nacional à história (círculo em torno de Stefan George, Ernst Bertram). O ser humano não é nada fora do seu povo e da sua história. Esta crença na unidade eterna da existência alemã domina agora a representação histórica. O seu objeto passa a ser a nação, e não o Estado, que era frequentemente determinado apenas por interesses dinásticos. No entanto, seria errado equiparar simplesmente a filosofia do Estado de Hegel, na qual os conceitos de nação, nacionalismo e raça eram secundários, ao nacional-socialismo. Se para Hegel o Estado é “o fim absoluto em si mesmo”, no nacional-socialismo o Estado é apenas um meio para atingir um fim.

[178] Ulrich Noack, „Geschichtswissenschaft und Wahrheit“, Verlag G. Schulte-Bulmke, Frankfurt a. M. 1935.

Assim, na literatura nacional-socialista, ao analisar a investigação histórica alemã do século XIX, convergem três ideias:

a) O contraste entre a representação histórica da pequena Alemanha e da grande Alemanha. Heinrich von Treitschke[179] é considerado um representante clássico da primeira, cujas obras opõem a Prússia protestante à Áustria católica e Frederico II a Maria Teresa. A postura intelectual de Treitschke influenciou significativamente o jesuíta conde Paul von Hoensbroech[180] e levou-o a adotar uma mentalidade anti-romana[181]. Para ele, também, a Roma papal é a arqui-inimiga da Alemanha. Treitschke e Hoensbroech, por sua vez, influenciaram Rosenberg, que expressa opiniões semelhantes em várias passagens. O Gabinete do Reich para a Promoção da Literatura Alemã incluiu *"Treitschke, História Alemã"* na sua lista dos cem livros mais importantes

[179] Heinrich von Treitschke im „Deutschen Geistesleben des 19. Jahrhunderts". Von Ernst Leipprand. Verlag W. Kohlhammer in Stuttgart 1934. Notável é o julgamento do puro-sangue nórdico Sir Austen Chamberlain, "Down the years", editora Cassel, Londres 1935 (memorys): "*Mas a verdadeira revelação veio-me de Treitschke, cujas palestras sobre a história prussiana na universidade eu assistia regularmente. Registei a minha impressão sobre o seu trabalho docente e o seu impacto numa carta datada de 31 de outubro de 1887, na qual escrevi: "Treitschke revelou-me uma nova faceta do caráter alemão — um chauvinismo prussiano tacanho, arrogante e intolerante. O pior é que ele está a formar uma escola. Quando se prega continuamente à juventude de um país que ela está num nível superior da criação em relação a outras nações, os jovens ficam mais do que dispostos a acreditar nisso, e o professor que se rebaixa a isso torna-se popular e atrai um grande auditório. Mas isso é muito perigoso".*

[180] Veja os seus livros: „Der Ultramontanismus, sein Wesen und seine Bekämpfung", „Moderner Staat und römische Kirche", „Rom und das Zentrum", „Das Papsttum in seiner sozialen und kulturellen Bedeutung".

[181] As seguintes passagens da obra "14 Jahre Jesuit" (14 Anos Jesuíta), Vol. I, pp. 10-12, Vol. II, p. 17, Leipzig 1909/10, foram adotadas quase literalmente como fundamento dogmático no "Mito" [O Mito do Século XX] de Rosenberg:

"A religião, manifestando-se de acordo com o tempo e o lugar, apresenta-se em formas fenomênicas inteiramente distintas, especialmente segundo as diferenças raciais. Recordemos a crença helênica nos deuses: quão nobre, bela e livre ela é; em contrapartida, quão opressiva e paralisante é a lei judaica do temor e o dogma do inferno eterno, incessantemente enfatizado por Inácio de Loyola. A maneira como alguém exerce a religião é uma questão de sua raça e de seu povo. O que distingue o germânico não é, de modo algum, apenas o pensamento independente e sedento por liberdade, mas, acima de tudo, a sagrada seriedade de sua vida. Ele não deseja ser meramente piedoso, nem meramente livre, mas sim piedoso e livre simultaneamente. Precisamente nisto reside o caráter distintivo alemão. Confessemos sinceramente: entre o cristianismo, tal como nos foi imposto pelo caos dos povos (Völkerchaos), e a crença anímica mais interior do germânico, nunca houve uma harmonia real; jamais."

"... Aprendi a compreender e a valorizar o conceito de religião livre de clericalismo e até mesmo em oposição a este; aprendi a conhecer as igrejas como aquilo que são: patologias evolutivas das religiões... Conheci também o papado ultramontano e, de modo geral, o ultramontanismo como um abuso político da religião católica. Conscientizei-me de que os 'vigários de Cristo', contrariamente à sua vocação religiosa, haviam se tornado gradualmente grandes monarcas políticos."

"Meus estudos em Berlim foram o início, foram o crepúsculo da posterior e clara percepção."

para as bibliotecas nacional-socialistas. Com isso, Treitschke é contado entre os homens que a Alemanha nacional reconhece como seus modelos e líderes.

b) A disputa sobre o significado real do Sacro Reich Romano da Nação Germânica para a história do povo alemão.
c) As repetidas tentativas de estabelecer uma igreja nacional alemã, nas quais fortes diferenças de caráter e intelectuais entre os povos germânicos e romanos desempenham um papel importante. Não se deve esquecer que, nesses esforços eclesiásticos nacionais do passado, fortes motivos comunistas e sociais frequentemente interferiram, contra os quais o próprio Lutero teve de se posicionar.

3. Poetas e filósofos da cultura como precursores nacionais

Na Áustria: Anastasius Grün (Conde Auersperg), Ludwig Anzengruber, Peter Rosegger e, em parte, Joseph Misson[182], que, infelizmente, eram fortemente dominados pelo liberalismo e pela mentalidade do Kulturkampf, subestimando o significado religioso para a identidade alemã. Ninguém contesta o seu talento literário parcialmente impressionante, que cativou até mesmo os católicos, mas isso obscureceu o quanto o veneno da indiferença religiosa se espalhou entre o povo por meio desses poetas. Eles continuaram silenciosamente a decadência religiosa, enquanto o governo austríaco há muito havia abandonado o Kulturkampf da década de 1870.

Na Baviera: Ludwig Thoma, Felix Dahn[183], o círculo em torno do saxão Wilhelm Busch, cujas obras permitem compreender melhor muitos slogans e concepçõesões religiosas peculiares dos principais escritores da atualidade. Adolf Bartels não pode ser esquecido aqui. Também devem ser mencionados os mestres da poesia popular (Gehr, Ernst, Strauss, Grimm, Carossa) e os poetas da geração da guerra (Walter Flex)[184].

Acima de tudo, porém, está o círculo em torno de Stefan George, o poeta clássico do movimento, "a voz da nação para a Alemanha do pós-guerra", que fez da forma de vida "masculina" do cristianismo — lealdade, amizade e camaradagem na luta — a atitude fundamental, mas que estava completamente decaído em termos religiosos. Os seus escritos são a expressão consistente do ser humano secularizado do século XIX[185].

---

[182] Veja: Michael von Rabenlechner, „Robert Hamerlings religiöse Jugendentwicklung“, im „Jahrbuch der Österreichischen Leo-Gesellschaft“, S. 148, Verlag Herder, Wien 1932.
[183] „Urgeschichte der germanischen und römischen Völker“ e publicado como livro especial „Herrscher und Helden germanischer Vorzeit“, Verlag Philipp Reclam, Leipzig.
[184] Christian Janssen, „Die deutsche Dichtung der Gegenwart“, Verlag B. G. Teubner, Leipzig 1935.
[185] No presente momento, a despeito de seus méritos em prol do Movimento, ele já começa a ser rejeitado; veja Völkischer Beobachter, nº 338 (4 de dezembro de 1935): *'Há, contudo, uma grandeza que já não é mais viva para nós. Ela pertence ao passado, mas não se decompôs. Não que ela jamais tenha existido; ela permanece inalterada, mas já não dialoga conosco. Pertence ao ontem, mas não ao hoje. Não desejamos ignorar a sua maestria, tampouco atentarmos contra ela apenas por não nos servir mais; contudo, não queremos nos perder de nós mesmos apenas em virtude desta maestria.'* J. Papst. Veja K. Muth a respeito da surpreendente devoção dedicada a Stefan George por indivíduos singulares em seu 'culto a Maximino'; Hochland, 1933/34, II; Clementina di San Lazzaro, Stefan George, Imola, Coop. Tip. Editrice Paolo Galeati, 1935.”

De particular importância foram Möller van den Bruck (1925), Dietrich Eckart[186], o poeta da canção "Tempestade" com o refrão "Alemanha, acorda!", e Hermann Löns[187] (1914) - (como voluntário de guerra em Loivre, na Frente Ocidental).

Eckart, uma personalidade obstinada, segura de si e quase peculiar, foi o primeiro poeta a encontrar o seu caminho para Adolf Hitler. O seu trabalho foi moldado pelo puro instinto. No que diz respeito à questão judaica e ao ponto de vista do poder político, ele trilhou os caminhos geralmente conhecidos. Arthur Möller van den Bruck, que experimentou a vida dos alemães no estrangeiro no Báltico e na Escandinávia, tornou-se editor da revista "*Das Gewissen"* (A consciência) em Berlim, líder intelectual do Clube da Juventude e influenciou o círculo universitário. É considerado o professor político da jovem Alemanha através das suas teses sobre o "Direito dos Jovens" e a "Política Externa Socialista". Através das suas numerosas obras, apontou o caminho para o futuro para a geração do pós-guerra. Assim, tornou-se o professor de toda uma classe de líderes políticos. Além de Treitschke, nenhum outro escritor conseguiu descrever de forma tão impressionante e propagandística a essência do termo "prussianismo". Para ele, também, apenas um ideal de vida antiliberal e heróico é imaginável, como escreve no seu livro "O Homem Político":

---

[186] Dietrich Eckart, ein deutscher Dichter und der Vorkämpfer der völkischen Bewegung, von Albert Reich, „Dietrich Eckart". „Ein Vermächtnis." Herausgegeben und eingeleitet von Alfred Rosenberg. 2. Auflage. Zentralverlag der NSDAP., Franz Eher Nachfolger, München 1935.

[187] *„Dizemos que somos cristãos, mas não o somos; nem podemos sê-lo. Cristianismo e consciência tribal [Stammesbewusstsein] são tão pouco compatíveis quanto..." (Löns para Swaantje em „A Segunda Face" [Das zweite Gesicht]); ademais, pensamentos semelhantes encontram-se em „O Lobisomem" [Werwolf]. É uma confissão do poeta quando escreve: „Nós, germanos, jamais fomos crentes. Religião sempre tivemos, mas uma religião do aquém [Diesseits-Religion]; o além, guardávamos para mais tarde. Com ambos os pés firmes sobre esta terra, vivemos nossa vida em disciplina e bons costumes, não nos inebriamos com luxúria e crueldade e, por isso, não precisávamos, como os asiáticos, de opiáceos como o arrependimento e a penitência. Perante nossos deuses, mantínhamo-nos como perante nossos príncipes; pagávamos-lhes pontualmente o tributo, prestávamos continência, passávamos por eles e pronto!"*

Seria Löns um pagão? Quando alguém o instou a escrever contra o cristianismo, obteve a seguinte resposta:

„Eu deveria escrever contra isso? Não, meu caro, nem me passa pela cabeça! Brincar de profeta na própria terra? Se cada um tivesse a coragem de ser si mesmo, o fantasma [Spuk] dissipar-se-ia imediatamente. Escrevo meus livros; eles têm mais efeito do que se eu escrevesse volumes espessos de tendência e teoria."

Devem ser observados, acima de tudo, os seus livros „O Último Hansbur" [Letzter Hansbur], „O Riacho Vermelho" [Die rote Beeke] e a coletânea organizada por Deimann, „Pela Linhagem e pelos Costumes" [Für Sippe und Sitte], que traçam a imagem deste homem religiosamente cindido, que se colocou também entre os adversários de Carlos Magno e via na Baixa Saxônia o solo materno das melhores forças criativas."

> "A nossa tarefa é: não deixar o mundo descansar. O nosso destino é: ser uma perturbação espiritual para os povos confortáveis, se nós, que eles procuraram destruir, conseguirmos o nosso renascimento político".

Religiosamente, ele também tinha caído completamente, por isso partiu livremente da vida quando, após a aceitação do Plano Dawes, o futuro da Alemanha lhe pareceu quase sem esperança[188]. O conteúdo político e cultural da obra da sua vida justifica a seguinte previsão de A. Ohlfeldt[189]:

> "Que, na conquista histórica de Adolf Hitler, o legado político de Möller van den Bruck se torne realidade — este é o significado do tempo e a tarefa que o próximo século da história alemã estabelece para o seu povo".

Comum a todos é a rejeição do cristianismo e o culto do ser humano heróico. Caminhos totalmente diferentes foram seguidos pelo professor popular Julius Langbehn, o "Rembrandt alemão", cujo livro repleto de reflexões, *Rembrandt como Educador* (1890), com as suas ideias sobre o judaísmo, a educação heróica, a raça, o campesinato e a comunidade do povo, foi recebido com entusiasmo, assim como a obra do seu seguidor Otto Nommensen, *O Espírito do Todo* (1920). Sem dúvida, Langbehn, cuja correspondência com Paul de

---

[188] Principais Obras da Editora Wilh. Gottl. Korn, Breslau:

„Sozialismus und Außenpolitik", „Der Politische Mensch", „Der Preußische Stil", „Das Ewige Reich" ("Socialismo e Política Externa", "O Homem Político", "O Estilo Prussiano", "O Reino Eterno"):

Volume I: As Forças Políticas.
Do conteúdo: Da extensão da nossa consciência. — Do universal. — Do trágico. — Do dogmático. — Vitória e fracasso. — A migração dos Godos. — Germânicos sobre a Europa. — O destino gibelino. — O alemão no centro da Europa. — Rumo ao Norte e ao Leste. — Protestantismo e nacionalismo. — O Rei da Prússia. — O Segundo Reich (Reich). — O Terceiro Reich (Reich) e os povos jovens.
Volume II: O Espírito Alemão.
Conteúdo: Alemães extraviados (Günther, Lenz, Grabbe). — Alemães líderes (Lutero, Schiller, Nietzsche). — Alemães entusiastas/visionários (Eckehard, Paracelso, Böhme e Novalis). — Alemães decisivos (Winckelmann, Lessing, Kant, Fichte e Moltke).
Volume III: Alemães Formadores.
Conteúdo: Período Românico (Carlos Magno, Henrique, o Leão, Frederico II). — Gótico (Wolfram von Eschenbach, Walther von der Vogelweide, Mestre Guilherme de Colônia). — Renascimento (Dürer, Holbein, Cranach). — Protestantismo (Leibniz, Bach, Klopstock). — Transição (Mozart, Beethoven, Wagner). — Goethe. — Nova Era. — Era Alemã.

[189] "Nossa Responsabilidade Histórica" (Unsere geschichtliche Verantwortung), escrito da comitiva anônima a Ernst Krieck. A edição de dezembro do órgão de liderança da Juventude Nacional-Socialista (Caderno 23, 1935), contudo, já rejeita Moeller. Segundo a publicação, ele não teria sido um precursor ou pregador do nacional-socialismo, mas sim o representante de uma política reacionária (!) (pág. 6).

Lagarde foi publicada em 1934, após a *Deutsche Rundschau, Bibliographical Institute*, Leipzig, foi um lutador pelo renascimento de uma verdadeira comunidade do povo alemã, com uma forte antipatia pelo domínio dos judeus, sem, no entanto, seguir os erros religiosos de Lagarde. Ele encontrou paz na Igreja Católica sem ter de abandonar nenhuma das suas convicções nacionais.

Neste ponto, também deve ser mencionado o poeta nacional, filósofo cultural, professor de teologia protestante e crítico bíblico Anton de Lagarde[190] (1891), que anteriormente tinha o nome menos atraente de Böttcher. Ele esteve sob a influência de Ewald em Göttingen e de Fr. Augert, de quem herdou uma piedade pouco clara e livre de dogmas. A sua importância reside, para além do seu campo académico de estudos orientais, na orientação intelectual do movimento alemão que, desde meados do século XIX, através do idealismo alemão, da poesia romântica e da unificação nacional nas Guerras de Libertação, deu início a uma nova onda de grandes movimentos de renovação (movimento juvenil, educação popular, o alemão de Rembrandt) na viragem do século. Para Lagarde, o trabalho político-nacional era uma expressão de uma base religiosa-cosmológica, que por sua vez era causa e efeito do seu pensamento teológico. Para ele, a teologia era meramente ciência histórica (história religiosa comparativa), um pioneiro para uma nova religião alemã, e ele se esforçava especificamente por um cristianismo alemão com influência pagã germânica antiga. Ele considerava Paulo, Agostinho e Lutero (julgados de forma semelhante por Fichte e Renan) como os principais adversários do seu mundo de pensamento. Embora rejeitasse o antissemitismo baseado no princípio racial e não quisesse ser um antissemita radical, ele rejeitava o judaísmo. Uma riqueza de impulsos encontra-se nos seus Escritos Alemães, nos quais ele se apresenta como o arauto e profeta de uma nova Alemanha, negado o reconhecimento pelos seus contemporâneos[191]. Características de Lagarde são as seguintes ideias, adotadas quase literalmente por Chamberlain e Rosenberg: *"O conceito de Deus no cristianismo é falso. A religião é uma relação pessoal com Deus." "Paulo trouxe o Antigo Testamento para a igreja, sob cuja influência o*

[190] Wilhelm Hartmann, Paul de Lagarde, ein Prophet deutschen Christentums. Seine theologische Stellung, Religionsanschauung und Frömmigkeit. Trabalhos teológicos sobre a história bíblica (Theologische Arbeiten zur Bibel-, Kirchen- und Geistesgeschichte), eclesiástica e intelectual. Editado por Ernst Barnikol. Caderno 1, 1934.
[191] Muitos de seus pensamentos ressurgem na revista völkisch-nacional "Renovação da Alemanha" (Deutschlands Erneuerung), líder no segmento há 17 anos; editor-chefe W. von Müffling.

Evangelho, na medida do possível, foi arruinado." "As nações são pensamentos de Deus."

"O catolicismo, o protestantismo, o judaísmo e o naturalismo devem abrir caminho para uma nova visão do mundo, de modo que não sejam mais considerados, assim como a lâmpada noturna não é mais considerada quando o sol da manhã brilha sobre as montanhas — ou então a unidade da Alemanha se torna mais questionável a cada dia". "O novo cristianismo alemão deve estar livre de igrejas". É revelador que Hans Jobst, o apologista da ideia nacional (ver a sua peça sobre Lutero, *Os Profetas*), e Kolbenheyer também repitam as ideias dos pioneiros acima mencionados.

4. Trabalhos sociais preparatórios[192]

Como será explicado mais adiante, é precisamente nesta área que os alemães católicos e protestantes religiosamente fiéis podem alinhar-se com as exigências sociais do nacional-socialismo em amplos aspectos, sem entrar em conflito com a sua consciência. Em várias questões, encontramos grande concordância com as encíclicas sociais dos últimos papas[193]. Os principais pontos do programa do nacional-socialismo são: reforma agrária[194] (novos direitos de propriedade e herança da terra, promoção de linhagens hereditárias valiosas, estabilidade da propriedade da terra), promoção da agricultura através do desenvolvimento de cooperativas agrícolas[195], rejeição da industrialização excessiva[196], alívio da dívida dos camponeses e introdução de uma lei do trabalho agrícola[197], luta contra o capitalismo[198] e a usura[199], supressão dos sindicatos baseados na luta de classes através de uma reorganização que aproxima o capital fabril e a mão de obra[200], nacionalização dos grandes bancos[201], eliminação da escravidão dos juros[202], transações de pagamento sem dinheiro[203], promoção da propriedade privada em relação à comunidade do povo, em oposição à exageração deste conceito no direito privado romano[204], desenvolvimento da ideia corporativa e

[192] A literatura católica neste campo, que é quase impossível de abarcar em sua totalidade, culmina nas grandes obras clássicas sobre as questões sociais de Pesch, Niederlath e Johannes Messner; Friedrich Bülow, „Der deutsche Ständestaat“. Nationalsozialistische Gemeinschaftspolitik und Wirtschaftsorganisation, Alfred Kröner Verlag, Leipzig 1935.
[193] Jarmer, „Deutsches Recht und nationalsozialistischer Eigentumsbegriff“, Nationalsozialistische Monatshefte, 1931, Heft 10, S. 24 bis 27; R. Walther Darré, „Damaskus und der Marxismus“; derselbe, „Neuadel aus Blut und Boden“, S. 54 bis 60.
[194] Th. W. Stadler, „Die sozialen Kundgebungen der Päpste 1832 bis 1931“, Verlag Benziger & Co. A.-G., Einsiedeln–Köln.
[195] R. Walther Darré, „Das Bauerntum als Lebensquell der nordischen Rasse“; Eugen Schach, „Nationalsozialismus und Genossenschaftswesen“ (Nationalsozialistische Bibliothek).
[196] Adolf Hitler, „Mein Kampf“, S. 245 bis 302, 579 bis 597.
[197] W. Parchmann, „Die deutsche Land- und Forstwirtschaft im nationalsozialistischen Staate“, S. 10 bis 21.
[198] R. Walther Darré, „Zur Wiedergeburt des Bauerntums“, Deutschlands Erneuerung, 1931, Heft 11, S. 641 bis 640; M. Schönicke, „Nationalkapitalismus“, Die deutsche Volkswirtschaft, 1932, Heft 1, S. 17 bis 19.
[199] Gottfried Feder, „Grundsätzliches über nationalsozialistische Wirtschaftspolitik“, Nationalsozialistisches Jahrbuch, 1932, S. 197 bis 205.
[200] Adolf Hitler, „Mein Kampf", S. 670 bis 683
[201] Gottfried Feder, „Grundsätzliches zur Finanzierungsfrage des Arbeitsbeschaffungsprogramms“, „Die deutsche Volkswirtschaft“, 1932, Heft 5. S. 143 bis 149; derselbe, „Das Manifest zur Brechung der Zinsknechtschaft des Geldes“.
[202] E…
[203] Gottfried Feder, „Brechung der Zinsknechtschaft“, „Nationalsozialistische Monatshefte“, 1931, Heft 10, S. 27 bis 30.
[204] Gottfried Feder, „Nationalsozialismus und Eigentum“, „Die deutsche Volkswirtschaft“, 1932, Heft 2, S. 49 bis 55; Jarmer, „Deutsches Recht und nationalsozialistischer Eigentumsbegriff“, „Nationalsozialistische Monatshefte“, 1931, Heft 10, S. 24 bis 27; Alfred Rosenberg, „Das nordische

de uma política saudável para a classe média[205], luta contra o trabalho feminino e o movimento feminista moderno para reviver o valor da família e da maternidade[206], rejeição do controle de natalidade[207], eliminação da escassez de habitação[208], abolição das lojas de departamento e cooperativas de consumo como prejudiciais à classe média[209], provisão de pensões e serviço de trabalho obrigatório (sistema de colonização)[210]. Algumas partes do programa do nacional-socialismo, no entanto, pertencem mais ao domínio dos desejos piedosos, tais como a autarquia da economia[211], a desvinculação da moeda do ouro[212], a abolição dos impostos[213] e a eliminação dos rendimentos de juros. Sobre esta última questão, a Igreja Católica, apesar das acirradas controvérsias dos séculos XVIII e XIX, apenas tomou uma posição indireta em várias decisões da Penitenciária[214], sem a intenção de resolver o problema em si. Essas decisões da Santa Penitenciária dão a instrução: *silendum est* — uma indicação de que uma solução prática simplesmente não era possível. O nacional-socialismo, portanto, reduziu alguns desses pontos do programa social sob a pressão da economia global, uma vez que os interesses económicos dos povos e dos Estados na vida moderna estão profundamente interligados para abordar unilateralmente problemas tão importantes. Por esta razão, não se pode afirmar que qualquer partido político no passado, seja ele interconfessional ou confessionalmente vinculado, tenha sempre seguido um caminho intransigente

---

deutsche Recht“, „Nationalsozialistische Monatshefte“, 1930, Heft 7, S. 299 bis 310. Avaliação do direito germânico e condenação do direito romano. *“A falsificação da ideia jurídica nórdica, consciente da herança, pelas influências jurídicas romanas é uma das causas mais profundas da nossa atual divisão social.” “A concepção jurídica romana santifica simultaneamente o capitalismo individualista. O indivíduo económico torna-se o valor supremo…”*

[205] Othmar Spann, „Der wahre Staat“, S. 198 bis 300; Max Frauendorfer, „Der ständische Gedanke im Nationalsozialismus“, S. 23 bis 27 („Nationalsozialistische Bibliothek“).

[206] Florentine Hamm, „Die Frau in Deutschlands Niedergang und Aufstieg“, „Nationalsozialistische Monatshefte“, 1932, Heft 22, S. 1 bis 19.

[207] Adolf Hitler, „Mein Kampf“, S. 144 bis 180.

[208] Gottfried Feder, „Die Wohnungsnot und die soziale Bau- und Wirtschaftsbank als Retterin aus Wohnungselend, Wirtschaftskrise und Erwerbslosenelend“ („Nationalsozialistische Bibliothek“).

[209] Gregor Strasser, „Das nationalsozialistische Arbeitsbeschaffungsprogramm“, „Die deutsche Volkswirtschaft“, 1932, Heft 5, S. 135 bis 142; Hans Buchner, „Die sozialkapitalistischen Konsumvereine“ („Nationalsozialistische Bibliothek“).

[210] Gottfried Feder, „Das Programm der NSDAP“, S. 20.

[211] Friedrich Hildebrandt, „Nationalsozialismus und Landarbeiterschaft“, S. 31 bis 34 („Nationalsozialistische Bibliothek“); Hans Heinrich, „Deutscher Lebensraum und deutsche Wirtschaft“, „Nationalsozialistische Monatshefte“, 1931, Heft 15, S. 284 bis 286.

[212] Gregor Strasser, „Das nationalsozialistische Arbeitsbeschaffungsprogramm“, „Die deutsche Volkswirtschaft“, 1932, Heft 5, S. 135 bis 142; Johann Dorner, „Bauernstand und Nationalsozialismus“, S. 30 bis 37 („Nationalsozialistische Bibliothek“)..

[213] Gottfried Feder, „Der deutsche Staat auf nationaler und sozialer Grundlage“, S. 128 bis 142 („Nationalsozialistische Bibliothek“).

[214] Acta Sanctae Sedis, p. 29, 258 ff.

no domínio social. Qualquer pessoa que examine atentamente o programa econômico nacional-socialista também constatará o fato preocupante de que todo o material incorporado nos artigos do programa do partido já havia sido apresentado como exigências muito antes por escritores proeminentes do Partido Social-Cristão Austríaco, do movimento trabalhista católico na Alemanha (Bispo von Ketteler), a escola de Munique-Gladbach (Hitze) e os círculos em torno do Barão Vogel von Falkenstein, o clássico desses esforços de reforma cristã-social e, particularmente, da ideia de Estado corporativo, bem como pelo movimento cristão-social fundado em Berlim pelo pregador da corte Adolf Stoecker[215]. Também se encontram concordâncias significativas com as encíclicas sociais dos Papas Leão XIII e Pio XI. Precisamente no domínio social, o catolicismo alemão no Reich e na Áustria (Hüger)[216] realizou um trabalho exemplar e, décadas antes mesmo de se discutir a fundação do nacional-socialismo, apresentou propostas que não poderiam ser melhor formuladas por este último hoje. Quando, em tempos mais calmos, for escrita a história das lutas sociais do século XIX, ninguém poderá contestar o fato de que o nacional-socialismo pôde adotar elementos valiosos das suas reivindicações sociais das orientações políticas e personalidades mencionadas. As principais questões – reforma agrária, tarifas protecionistas, proibição de juros, capitalismo, Estado corporativo, formas de propriedade coletiva – constituem os problemas recorrentes das lutas sociais do século XIX na literatura católica, embora prevaleça sempre a convicção de que mais importante do que as melhores exigências programáticas é o cultivo de uma nova mentalidade econômica ética e um sentido religioso e aprofundado do dever para com os semelhantes.

Além disso, por mais obscura que ainda seja a ideia de um Estado organizado corporativamente e a combinação pretendida entre a orientação económica estatal e o empreendedorismo privado na Alemanha, onde o seu estudo não avançou além das tentativas iniciais, ela mostra alguma semelhança com a construção do Estado iniciada pelo fascismo, influenciada pelas ideias de Spann[217]. A questão da forma econômica correta do Estado moderno tornou-se o

[215] Walter Frank, „Hofprediger Adolf Stoecker und die christlichsoziale Bewegung“, Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburg.
[216] Veja: o julgamento pertinente de Adolf Hitler, “Mein Kampf”, vol. I.
[217] Gerhard Dobbert, „Die faschistische Wirtschaft“, Verlag Reimar Hobbing, Berlin 1935; Ugo Mariani, O. S. A., „I principii corporativi nelle encicliche pontificie“. (Estratto da „Battaglie fasciste“. Quaderno n.º 3, Perugia.)

problema fundamental de todos os Estados, embora os meios e métodos sejam determinados nacionalmente e eficazes apenas para uma região específica em condições históricas e econômicas particulares. Também na Alemanha, o objetivo final será o mesmo do programa social da *Action Française* e da Itália fascista: não deixar nenhum domínio econômico intocado pela influência do Estado, desde as questões populacionais até às do mercado e das relações comerciais externas. O nacional-socialismo contém não apenas componentes conservadores, mas também revolucionários e, para não terminar como romantismo ou uma imagem idealizada, deve estender a compulsão totalitária do sistema à vida social. Assim, vai muito além das exigências sociais de seus antecessores. É essencialmente também socialismo, e especificamente de caráter alemão[218]. Portanto, de acordo com as exigências do Estado poderoso, ele procurará evitar qualquer perigo de dissolução ou fragmentação da força nacional, agitação social e luta de classes, como já começou a acontecer na Itália por meio da legislação trabalhista fascista, da lei sobre sindicatos de 3 de abril de 1926, da constituição trabalhista da *Carta del Lavoro* de 29 de abril de 1927 e da criação de corporações. A concepção social nela contida tem uma marca militar inconfundível; prevalece o princípio do dever, não o dos direitos individuais ou coletivos. Além disso, o sistema econômico fascista combina a iniciativa privada com a economia estatal, impedindo assim greves e bloqueios, bem como o crescimento excessivo dos interesses privados em detrimento dos interesses da comunidade. O fascismo, que procura substituir a economia planificada do sistema soviético pelo Estado corporativo ("*Lo Stato fascista è corporativo o non è*"), é, no entanto, mais simples e direto nessas questões econômicas e de política populacional, enquanto o nacional-socialismo sobrecarrega esses esforços com outros problemas.

[218] Este termo aparece pela primeira vez em Constantin Frantz. „Das größere Deutschland", Verlag Wilhelm Gottlieb Korn, Breslau 1935. Reeditado por Eugen Stamm. Frantz, um dos maiores publicistas da Alemanha, já expressava há 70 anos ideias que hoje se tornaram parte do legado nacional-socialista.

III. Doutrinas religiosas, morais e de filosofia da história do Nacional-Socialismo

1. O conceito de *Weltanschauung*

Nenhum termo tem sido usado com tanta frequência em todas as suas variantes e nuances nas últimas décadas como o de visão de mundo (*Weltanschauung*). Tornou-se uma palavra da moda, muitas vezes ocultando muito ou nada. Esta palavra é ainda mais perigosa porque não pode ser traduzida adequadamente para outras línguas, mas só pode ser compreendida através de paráfrases[219], já que muitos aplicam este termo a áreas da vida com significado relativo.

O que é uma visão de mundo?[220] Uma visão de mundo não é sinónimo de imagem do mundo[221]. Goethe ainda não usa esse termo, que aparece pela primeira vez em Schelling (1799)[222], embora o seu contemporâneo Alexander von Humboldt tenha escrito uma história das visões de mundo. Humboldt entende-o como as concepções que a humanidade formou ao longo do tempo sobre as partes habitadas da Terra.

Hegel e Schelling, no entanto, entendem-na apenas como a soma dos pensamentos que se forma sobre o mundo no sentido do cosmos, para compreender a origem e os acontecimentos do mundo.

---

[219] Concetto di mondo, conception du monde. Der Reichswart, No. 89, 1935, September, responde ao artigo do Prof. Corns Leiss no Berliner Tageblatt: *"Visão de mundo na perspectiva de uma palavra": "O nacional-socialismo restaura a honra da palavra "visão de mundo". Ele pode e deve fazê-lo porque ele próprio emergiu de uma verdadeira visão de mundo, ou seja, da sua maneira de perceber o mundo, e em todas as suas manifestações se esforça por realizar essa visão de mundo."*

[220] Ver do lado católico: „Die Kirche in der Zeitenwende." Herausgegeben von Kleineidam und Ruß. „Geist oder Blut?" von Desiderius Breitenstein, O. F. M. „Mythos oder Religion?", „Weltanschauung" von Paul Simon, Verlag Bonifatius-Druckerei, Paderborn; dos tempos antigos, compare também o livro, que ainda hoje é valioso em muitos aspectos „Katholische Weltanschauung und modernes Denken", Ensaios coletados sobre as principais etapas da filosofia moderna (Gesammelte Essays über die Hauptstationen der modernen Phylosophie), de Franz X. Kiefl, Verlagsanstalt vorm. G. J. Manz, Regensburg 1922.

[221] Moeller van den Bruck, „Weltanschauung, das Dritte Reich" (Sonderausgabe).

[222] Alfred Götze, in „Euphorion", Zeitschrift für Literaturgeschichte, Bd. 25, 1924.

Como se relacionam os dois conceitos de religião e visão de mundo, que alguns círculos nacional-socialistas consideram opostos ou essencialmente diferentes? A religião cristã, como revelação, não é uma visão de mundo no sentido próprio, e quando proclama a origem, os acontecimentos e o destino do mundo, não pretende transmitir uma visão de mundo no sentido físico. Portanto, os conceitos de visão de mundo e religião não podem ser simplesmente equiparados, pois existe uma visão de mundo que exclui fundamentalmente a religião, a saber, a visão de mundo do materialismo.

O socialismo também adotou o termo visão de mundo, embora essa doutrina, que visava reordenar a sociedade humana dentro do seu sistema, nunca tenha abordado diretamente a origem do cosmos. No entanto, como o termo se tornou cada vez mais fluido, logo surgiram visões de mundo liberais-burguesas, conservadoras-democráticas, socialistas-proletárias e religiosas livres. Para obter clareza, seria necessário distinguir principalmente entre visões de mundo filosóficas e políticas, embora a última esteja frequentemente ligada à primeira e receba dela as suas diretrizes intelectuais. Existe, portanto, uma visão de mundo do nacional-socialismo no sentido filosófico, como tenta argumentar o professor da Universidade de Friburgo Hermann Schwarz, fundador da filosofia do "não dado", quando explica tudo — a vida estatal e intelectual — a partir da perspetiva religiosa?[223]O próprio programa do partido evita tal conceituação e trata o cristianismo como um dado que deve ser considerado politicamente, assim como a sua divisão em várias denominações, sem julgar a legitimidade dessa religião cristã ou as suas fragmentações confessionais. Assim, se considerarmos o programa do partido como tal, ele refere-se inicialmente a uma visão de mundo no sentido político. Em contrapartida, na literatura dominante, o termo visão de mundo é utilizado no sentido filosófico, religioso e cultural, levando inevitavelmente a contradições, conflitos de consciência e tensões para quem reflete profundamente sobre esta questão.

[223] „Nationalsozialistische Weltanschauung", Verlag Junker & Dünnhaupt, Berlin 1933, Freie Beiträge zur Philosophie des Nationalsozialismus aus den Jahren 1919 bis 1933.

Um exemplo dessa confusão conceitual é fornecido por Otto Bangert, *Deutsche Revolution: ein Buch vom Kampfe um das Dritte Reich* (Revolução alemã: um livro sobre a luta pelo Terceiro Reich), Munique, Verlag Fr. Eher, 1933/32, pp. 77-95:

> "Quando se reprova que o nacional-socialismo carece de uma visão de mundo ou não é uma visão de mundo, isso se deve principalmente ao fato de que a visão de mundo nacional-socialista não pode ser compreendida puramente intelectualmente, mas, como surgiu do sangue, também deve ser compreendida através do sangue. O nacional-socialismo como visão de mundo não pode ser ensinado; deve ser vivenciado!"

Rosenberg, em particular, interpretou o termo visão de mundo de várias maneiras. Compare as seguintes passagens!

No discurso que Alfred Rosenberg proferiu em 22 de fevereiro de 1934, perante líderes do Estado e do partido, incluindo representantes de religiões (de acordo com o Völkischer Beobachter):

> "No campo da filosofia e da vida religiosa, lutas e convulsões profundas estão ocorrendo atualmente. Aqui, a posição do nosso movimento tem sido inequívoca desde o primeiro dia, e essa posição, uma vez assumida, não será alterada pelo NSDAP como partido ou como Estado... O seu Führer, portanto, como um verdadeiro estadista e líder nacional, assumiu a posição de que o grande movimento de luta deve manter distância das diferenças individuais de opinião na vida religiosa. O NSDAP sempre declarou que reconhece e está disposto a proteger todas as confissões religiosas genuínas que não contradigam os valores germânicos. Respeitamos a fé das igrejas reconhecidas pelo Estado, mas também todos os esforços que buscam novas formas religiosas. Não sabemos se as aspirações por uma igreja nacional alemã serão bem-sucedidas ou não; compreendemos e respeitamos quando o fracasso dessas tentativas confessionais é claramente declarado por outras denominações, mas não reivindicamos o direito, nem como movimento nem como Estado, de descartar esses esforços como ramificações imaturas." "Devemos conceder a cada nacional-socialista, como personalidade, o direito de tomar uma posição sobre as questões individuais do nosso tempo, conforme dita a sua consciência." "Se quisermos ser apenas alemães de camisa castanha, então, caso alguém entre nós se envolva em questões ou debates religiosos, devemos proibir-lhe o uso da camisa castanha. Nenhum nacional-socialista está autorizado a conduzir discussões religiosas públicas com o uniforme do seu movimento. O Partido Nacional-Socialista não lutou por dogmas religiosos e não

> lutará por eles." "Toda a visão de mundo é tão forte quanto a vontade de quem a defende."

Em contraste, o ensaio publicado por Alfred Rosenberg no Völkischer Beobachter no final de 1934 (edição de 31 de dezembro), intitulado "A luta pela formação espiritual e cultural", afirma:

> "A revolução nacional-socialista deriva o seu significado da visão de mundo e do sacrifício; não pode renunciar à sua visão de mundo e contentar-se com a mera política estatal, mas a política estatal aqui é a salvaguarda interna para a formação externa das ideias centrais do nacional-socialismo. A unidade da visão de mundo, da nação e do Estado é o objetivo inalterável do movimento nacional-socialista, ontem, hoje e amanhã".

Da mesma forma, na palestra de 17 de janeiro de 1935, em Berlim:

> "O nacional-socialismo alemão, a visão de mundo fundada no sangue e no solo, não é um dogma universalista; ou seja, não afirma, nem nas suas premissas nem nas suas conclusões, influenciar povos e raças estrangeiros. Mas acredita que, com a sua confissão, retorna a um temor honroso pela natureza e suas leis. A visão de mundo nacional-socialista, portanto, nos parece um retorno consciente daquelas formas de vida que não levavam em consideração a essência dos diferentes povos e raças, uma rejeição das doutrinas culturais e científicas universalmente válidas e uma tentativa de uma autoconsciência elevada e simultaneamente aprofundada das próprias forças motrizes precisamente nessas áreas."

A mudança contínua de conceitos com as mesmas palavras inevitavelmente causa perigos no nacional-socialismo, assim que ele é elevado além do puramente político, contrariamente ao seu programa. Quem fala dos fundamentos filosóficos do nacional-socialismo já vê nele mais do que um sistema político. O nacional-socialismo é uma visão de mundo no sentido próprio? Isso também deve ser entendido no contexto de Otto Dietrich[224] e Walter Frank[225]. Ambos, no entanto, com a sua interpretação filosófica do nacional-socialismo, param onde os problemas reais e o trabalho filosófico

[224] Die philosophischen Grundlagen des Nationalsozialismus: Ein Ruf zu den Waffen deutschen Geistes, Ferdinand Hirt in Breslau, Königsplay, 1935.
[225] Kämpfende Wissenschaft. Mit einer Vor-Rede des Reichsjugendführers Baldur von Schirach. Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburg 1934.

realmente começam. Dietrich argumenta que a visão de mundo intelectual da maioria das filosofias do passado era o individualismo, enquanto o pensamento comunitário representa a inovação particular do nacional-socialismo na filosofia alemã. O pensamento comunitário, combinado com o pensamento racial-biológico, é a única esfera real da vida humana nesta terra. Esta representação, no entanto, não é menos um axioma do que o antigo individualismo, que via o valor e o significado da vida apenas no indivíduo e justificava a comunidade e o Estado meramente pela sua função de serviço ao indivíduo.

Quando, por outro lado, Dietrich afirma que o ser humano individual não tem liberdade alguma, pois é um ser humano coletivo em todas as suas ações, é Hegel falando através dele, para quem apenas o Estado é liberdade concreta, e a comunidade nada mais é do que a aceitação de seus laços. Por mais que Dietrich lute com o problema de salvar os valores da personalidade dentro desse coletivismo, os fundamentos de sua filosofia são apenas raça, nação e Estado. *"As realidades concretas que encontramos no mundo não são seres humanos individuais, mas raças, povos e nações"*.

Ainda menos clara é a justificação de uma filosofia nacional-socialista em Frank.

Pontos fundamentais[226]:

1. Nenhuma visão de mundo verdadeira pode focar no todo e, em vez de análise, fragmentação e justaposição, deve fornecer síntese, totalidade e integração para combater qualquer perigo de parcialidade e estreitamento.

2. O cristianismo é orientado para o todo, como o seu nome católico já sugere. Portanto, ao lado desta religião, não pode haver uma visão de mundo independente no sentido filosófico-cultural, exceto como um substituto para um cristianismo perdido.

[226] „Der Weg Aufwärts." Ein Buch über Religion und Weltanschauung von Wolfgang Gröbner, Wilhelm Braumüller Verlag, Wien-Leipzig 1934. Irreführend ist Karl Eschweiler, „Die Wahrheit der Rede von der Weltanschauung", in der Zeitschrift „Deutsches Volkstum", Märzheft 1930, S. 174 bis 185.

3. Toda visão de mundo no sentido próprio busca a totalidade da vida. Portanto, uma verdadeira visão de mundo pertence apenas àqueles que respondem de maneira uniforme às questões fundamentais da existência humana sobre a origem e o objetivo da vida e que refletem e vivem essa resposta até suas conclusões finais.

4. De acordo com o ensino cristão, uma visão de mundo genuína só pode ser derivada da religião; ela deve abranger a humanidade e Deus. Não deve permanecer limitada à nação e ao Estado ou mesmo à política interna. O cristão diz: posso morrer pela nação e pelo Estado, mas não devo torná-los uma religião no caminho para uma nova visão de mundo. Posso comprometer-me com a identidade nacional alemã e uma ética social baseada num amor fervoroso pela terra e pelo povo, mas não posso colocar o nacionalismo e o socialismo como uma visão de mundo no sentido original do termo no lugar da fé em Deus.

5. De uma perspectiva cristã e também do ponto de vista da política estatal prudente, seria, portanto, mais correto falar apenas de uma imagem política do mundo no nacional-socialismo e não de uma visão de mundo, pois este último termo já implica mais e invade o religioso. Uma visão política do mundo, por outro lado, não pressupõe necessariamente um compromisso religioso específico; em outras palavras, assim como a secularização da religião deve ser evitada, também a religião do nacional-socialismo deve ser evitada em nome da clareza conceitual. Ambas complicariam a unidade interna do povo e contradizeriam completamente o programa do nacional-socialismo. O cofundador e defensor do Serviço de Trabalho Judaico, que se tornou um nacional-socialista convicto na forja da vida, o professor de teologia evangélica Caius Fabricius[227], expressou em sua última obra pensamentos que se alinham totalmente com as afirmações anteriores em grande parte.

[227] Positives Christentum im Neuen Staat , Pfischel Publishing House, Dresden 1937.

2. O Cristianismo Positivo

Um ponto inabalável do programa do nacional-socialismo é o compromisso com o cristianismo positivo. Independentemente da interpretação desse termo, ele significa cristianismo e não paganismo. É simultaneamente um reconhecimento do passado cristão do povo alemão e um contraste com a propaganda ateísta bolchevique. Várias questões surgem imediatamente ao examinar esse termo mais de perto, que não é um neologismo nacional-socialista, mas é encontrado anteriormente nos estudos teológicos[228].

É equivalente a um cristianismo fiel e vivido na prática? Rejeita o cristianismo ensinado pelos representantes liberais da teologia protestante do século XIX, em que o positivismo eclesiástico e o liberalismo eclesiástico se opunham? Este cristianismo significa um ideal de vida natural e heróico, com a rejeição dos ensinamentos cristãos de humildade, amor e pecado? É um cristianismo sem dogmas ou apenas uma interpretação germânica antiga do cristianismo, mais enfatizadora dos heróis, no sentido de um cristianismo sem dogmas? No entanto, um cristianismo sem dogmas[229] não pode ser entendido nesta formulação do Artigo 24, pois sem dogmas não há comunidade concreta, não há cristianismo e também não há partido político. Ninguém reconheceu isso mais claramente do que Hitler quando afirma em seu escrito confessional (p. 295) que "*sem os fundamentos dogmáticos das igrejas individuais, a existência prática de uma fé religiosa é impensável". "O ataque contra os dogmas como tais, portanto, assemelha-se fortemente à luta contra os fundamentos jurídicos gerais do Estado, e assim como esta última" (ou seja, a luta contra o Estado) "encontraria o seu fim na completa anarquia estatal, a outra" (ou seja, o ataque contra os dogmas) "encontraria o seu fim num niilismo religioso sem valor[230]".*

---

[228] O órgão líder da Juventude Hitlerista (Führerorgan der Hitlerjugend), 1934, p. 46, escreve: *"O termo "cristianismo positivo" foi cunhado pelo nacional-socialismo e incluído no seu programa. Uma "definição" deste termo é, portanto, reservada exclusivamente ao nacional-socialismo".* (Den Begriff ‚Positives Christentum' hat der Nationalsozialismus geprägt und in sein Programm aufgenommen. Eine ‚Definition' dieses Begriffes bleibt demnach dem Nationalsozialismus allein vorbehalten)

[229] Assim, Lagarde, no sentido da teologia histórica do protestantismo, considerou o dogma como um "substituto da fé compulsória" [Zwangsglaubenersatz].

[230] A este respeito, veja o que se pode ler na edição de setembro de 1935 da revista mensal evangélica [evangelischen Monatsschrift] "Zeitwende", p. 373: "*Sem dúvida, vivemos numa época totalmente dogmática. O NSDAP tem o seu programa bem definido, que não pode ser questionado. O Estado do Terceiro Reich adotou-o e está prestes a implementá-lo de forma intransigente em todas as áreas da vida e da cultura. Apenas a Igreja é criticada por se manter inflexível e inabalável nos seus dogmas."*

O termo cristianismo positivo é definido no artigo 24.º do programa do partido, que inclui uma restrição relativa ao sentido germânico da moralidade, mas estas palavras não têm necessariamente de ser aplicadas ao cristianismo positivo mencionado posteriormente, com base no contexto geral. Além disso, existem declarações de vários líderes autorizados que esclarecem o termo.

O artigo 24.º do programa do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães diz o seguinte:

> "Exigimos a liberdade de todas as confissões religiosas no Estado, desde que não ponham em risco a sua existência nem ofendam o sentido moral e ético da raça germânica.
>
> O partido, como tal, defende o ponto de vista de um cristianismo positivo, sem se vincular confessionalmente a uma denominação específica. Ele luta contra o espírito judaico-materialista dentro e fora de nós e está convencido de que uma recuperação duradoura do nosso povo só pode ter sucesso a partir de dentro, com base no princípio: o bem comum antes do bem individual".

Gottfried Feder faz o seguinte comentário sobre o Artigo 24 do programa[231]:

> "A cultura da Idade Média estava sob o signo da cruz; grandes feitos, disposição para o sacrifício e coragem da fé tinham as suas raízes no cristianismo. É preciso distinguir cuidadosamente entre o núcleo interior e espiritual do cristianismo e os múltiplos excessos das suas manifestações mundanas. Certamente, o povo alemão encontrará um dia uma forma para o seu conhecimento de Deus, a sua vida divina, como o seu sangue nórdico exige; só então a trindade do sangue, da fé e do Estado estará completa. A consciência da ideia nórdica também se revelará de grande importância nesta área. Mas todos estes são pensamentos de importância secular que vão além do quadro de um programa tão fundamental como o que o nacional-socialismo proclama."

[231] „Das Programm der NSDAP. und seine weltanschaulichen Grundgedanken", 10. Auflage, pp. 49, Verlag Eher, München 1930.

O próprio Hitler, como único intérprete autorizado do programa, expressa-se em várias passagens do seu livro Mein Kampf:

> “O movimento considera ambas as confissões religiosas como apoios igualmente valiosos para a existência do nosso povo.” (p. 379.) “Para o líder político, as doutrinas e instituições religiosas do seu povo devem ser sempre invioláveis; caso contrário, ele não deve ser um político, mas sim um reformador, se tiver as qualidades necessárias para isso." (p. 127.) “Mesmo que houvesse realmente muito a criticar sobre confissões individuais, o partido político não deve perder de vista, nem por um momento, o fato de que, de acordo com toda a experiência histórica anterior, nenhum partido puramente político em circunstâncias semelhantes jamais conseguiu realizar uma reforma religiosa.” (p. 128.)

O cristianismo positivo, de acordo com estas palavras claras do Führer, é acima de tudo o cristianismo tal como ele é; mais precisamente — uma vez que o programa se destina inicialmente ao Reich alemão — o cristianismo tal como existe no Reich alemão. No entanto, o cristianismo no Reich alemão está dividido numa série de confissões. Esta não é uma situação ideal; é, no entanto, “positivamente” dada e não pode ser alterada num futuro previsível. Ao declarar que o partido defende o ponto de vista do cristianismo positivo, o programa estabelece que, uma vez no poder, aceitará este estado de coisas e se absterá fundamentalmente de qualquer tentativa de o alterar através de medidas estatais. Que este é o significado do programa também é evidente a partir das observações sobre o mesmo, que foram expressamente aprovadas pelo Führer do partido. Estas observações afirmam sobre este ponto:

> “Todas as questões, esperanças e desejos, quer o povo alemão venha um dia a encontrar uma nova forma para o seu conhecimento de Deus e a sua vida divina, são de pouca importância; são questões de significado secular que vão muito além do âmbito de um programa tão fundamental como o proclamado pelo nacional-socialismo”.

A redação desta passagem, até ao ano de 1933, era a seguinte[232]:

> "Certamente, o povo alemão encontrará um dia uma forma para o seu conhecimento de Deus, a sua vida divina, como o seu sangue nórdico exige; só então a trindade do sangue, da fé e do Estado estará completa. A consciência da ideia nórdica também se revelará de grande importância nesta área. Mas estas são questões de importância secular que vão além do âmbito de um programa tão fundamental como o proclamado pelo nacional-socialismo."

Em contraste, o apelo do governo do Reich ao povo alemão em 1 de fevereiro de 1933 contém uma declaração muito mais clara:

> "O governo nacional preservará e defenderá os fundamentos sobre os quais repousa a força da nossa nação. Ele colocará o cristianismo, como base de toda a nossa moralidade, e a família, como núcleo do nosso corpo nacional e estatal, sob a sua firme proteção."

Em 23 de março de 1933, o chanceler do Reich foi ainda mais explícito no seu importante discurso programático perante o Reichstag:

"O governo nacional considera as duas confissões cristãs como os fatores mais importantes para a preservação da nossa identidade nacional. Respeitará os tratados celebrados entre elas e os estados. Os seus direitos não serão infringidos... Encarará todas as confissões com justiça objetiva... A preocupação do governo visa a coexistência sincera entre a Igreja e o Estado. A luta contra uma visão de mundo materialista, que serve a uma verdadeira comunidade do povo, promove os interesses da religião alemã tanto quanto o bem-estar da nossa fé cristã."

Em contraste, o órgão de liderança do movimento juvenil nacional-socialista, *Wille und Macht*, em 17 de abril de 1933, define o termo cristianismo positivo num sentido muito mais restrito num artigo intitulado "Cristianismo positivo":

"O nacional-socialismo não rejeita categoricamente o cristianismo — seja ele como igreja ou como fé, em um contexto político ou religioso —, mas o afirma apenas quando é positivo,

[232] A frase sobre a "sensibilidade moral e ética da raça germânica" no ponto 24 do programa nacional-socialista recebeu muitos comentários críticos dos círculos católicos antes da tomada do poder, pois acreditavam que essas palavras também se aplicavam ao "cristianismo positivo" particularmente promovido pelo movimento. Tal limitação do cristianismo seria, sem dúvida, incompatível com o caráter sobrenatural da religião cristã, cuja moralidade não deve ser determinada pela etnia ou raça, se quiser continuar a ser uma revelação e uma religião mundial. Aliás, os dois termos "moralidade e sensibilidade ética" constituem uma "tautologia".

quando estabelece limites dentro de si mesmo e em relação ao poder político, como foi indicado.

O que é político? Político é tudo o que aparece nas formas vivas de organização, valores e educação, de espírito e ação, e tem o menor significado para a comunidade do povo. E o que é religioso? Religioso é tudo o que, em formas não compreensíveis pelos vivos, aparece como fé no transcendente, como um sentido de infinito, como um anseio por coisas além do mundo visível aos humanos."

De acordo com esta interpretação, que se alinha com o programa do nacional-socialismo, o "cristianismo positivo" do nacional-socialismo seria uma religião que, desligada da tradição e dos laços dogmáticos, toma a personalidade humana de Cristo como seu ponto focal, e mesmo assim apenas na medida em que ela encarna valores "heróicos". Nesse sentido, os círculos protestantes que acreditavam em Cristo, particularmente aqueles em torno de Stapel, cuja revista *Deutsches Volkstum* e obras[233] são significativas para o nacional-socialismo, compreenderam o conceito de cristianismo positivo desde o início do movimento:

Afirmamos que a concepção da moralidade como uma "lei universal" com uma ordem sistemática de virtudes e vícios é, em si mesma, condicionada racialmente. É a concepção romana, mediterrânica. Em contraste, a compreensão da moralidade como uma vivacidade imediata do "sentimento" é especificamente germânica. O germânico não consulta o padre como detentor de um conhecimento moral superior, mas sim o seu próprio coração. Mart chama a isto "interioridade".

Na luta pelo 'Ponto 24', portanto, as concepções romana e germânica se chocam sobre o que é a igreja, se é um poder moral e, portanto, político, ou um poder redentor puro.

Em oposição às declarações oficiais do Artigo 24 citadas anteriormente, também se posiciona Alfred Rosenberg, cujas ideias teológicas são influenciadas por Wellhausen, Stade, Harnack e Nietzsche. A sua posição no nacional-socialismo é tão significativa que, mesmo como indivíduo privado, ele

[233] „Der christliche Staatsmann"; „Die Kirche Christi und der Staat Hitlers"; „Volksbürgerliche Erziehung" (alle erschienen in der Hanseatischen Verlagsanstalt, Hamburg).

não pode empreender nada contra este artigo sem ser um falso arauto do partido[234]. Isso cria uma contradição quando Rosenberg, na introdução de *O Mito do Século XX* (p. 2), afirma que as ideias apresentadas ali são "*confissões inteiramente pessoais e não pontos programáticos do movimento político ao qual ele pertence".* Embora rejeite explicitamente (p. 14) ser o "*fundador de uma nova religião*" em *O Mito*, ele proclama um sistema de visão de mundo com muitos detalhes que devem ser descritos como uma religião ou substituto religioso. Suas palavras afirmam repetidamente um senso germânico distinto de lei e moralidade, alegando que o ensinamento cristão da humildade distorceu o caráter germânico. As seguintes palavras de *O Mito* (p. 598) são inequívocas:

> "O pré-requisito para qualquer educação alemã é o reconhecimento do fato de que não foi o cristianismo que nos deu forma, mas que o cristianismo deve os seus valores duradouros ao caráter germânico... Os valores do caráter germânico são, portanto, eternos, e tudo o mais deve ser medido por eles. Quem não reconhece isso renuncia ao renascimento alemão e pronuncia a sua própria sentença de morte espiritual. Um homem ou um movimento que queira ajudar esses valores a alcançar a vitória completa tem o direito moral de não poupar os oponentes. Eles têm o dever de vencê-los espiritualmente, deixá-los definhar organizacionalmente e torná-los politicamente impotentes. No entanto, se uma vontade cultural se torna uma mera empresa de poder, ela não deve iniciar sua luta."

Essa visão é encontrada quase literalmente em Lagarde[235], bem como repetidamente na crítica evangélica à teologia histórica protestante. Ela cresceu no mesmo solo em que surgiu a teologia liberal, com Strauss, Harnack e outros. Em muitos púlpitos e tribunas protestantes na Alemanha, essas e outras visões semelhantes foram expressas muito antes da Guerra Mundial.

Em geral, pode-se observar que os ensinamentos da teologia protestante liberal na Alemanha atual têm efeitos semelhantes à filosofia iluminista de Diderot e d'Alembert, que inicialmente afetou apenas os círculos educados da França, mas, após várias décadas, penetrou no povo e mais tarde encontrou sua realização mágica e tragédia no banho de sangue da Revolução Francesa. Existe

[234] „Mythos und Ethos", Eine Auseinandersetzung mit Alfred Rosenberg, „Deutsches Volkstum", 17, 1935, S. 361.
[235] Deutsche Schriften, „Über das Verhältnis des deutschen Staates zu Theologie, Kirche und Religion".

um tribunal mundial imanente no desenvolvimento histórico. Talvez as palavras da Bíblia possam ser aplicadas: "*Os filhos expiarão os pecados dos seus pais*".

Os nomes Renan, Strauss, Feuerbach e Harnack ressoam repetidamente nessas tentativas modernas de interpretação do conceito de "cristianismo positivo". Após décadas de contínua erosão da essência do cristianismo no protestantismo alemão, o debate atual gira em torno dos últimos e frágeis remanescentes de um mundo religioso desarraigado em amplos círculos. No entanto, não se deve ignorar que essas interpretações conceituais contradizem completamente o programa partidário e as declarações confessionais clássicas de Adolf Hitler.

De acordo com Rosenberg, que procura extrair apenas os traços "ativos" da imagem da vida de Cristo que melhor correspondem à alma nórdica, as marcas do cristianismo positivo (O Mito, p. 202) são a honra, a liberdade e o dever, bem como um subjetivismo religioso que resiste apaixonadamente a quaisquer laços dogmáticos e eclesiásticos. Por mais pouco tangível que seja o que aprendemos sobre o cristianismo positivo com Rosenberg, suas afirmações sobre o cristianismo "negativo" (O Mito, p. 77) são ainda mais inequívocas, o qual, segundo ele, teve origem principalmente no Cristo sofredor e foi moldado pelo domínio sacerdotal baseado nas tradições sírio-semíticas. Para Rosenberg, o chamado cristianismo positivo é o mito do sangue de Nietzsche disfarçado de religião, uma fé racial com brilho cristão, um sentimento religioso subjetivo que, em hostilidade à fé da igreja ligada ao dogma, se opõe a ela.

Enquanto Rosenberg vê no cristianismo uma visão de mundo decadente, algo obsoleto que não deve ser combatido para evitar dificuldades políticas internas, Hitler, no Congresso do Partido em Nuremberg (*Der Kongreß zu Nürnberg vom 5. bis 10. September 1934. Offizieller Bericht über den Verlauf des Reichsparteitages mit sämtlichen Reden*) 1934, fez um julgamento muito mais objetivo, reconhecendo os méritos da religião cristã na unificação das tribos no passado.

Muitas questões fundamentais, pertencentes aos campos dos estudos religiosos comparativos, dogma e história, precisariam ser abordadas aqui para estabelecer claramente que a interpretação de Rosenberg do "cristianismo positivo" não pode, de forma alguma, alinhar-se com a do programa e de Hitler. Grande parte

da incerteza com que Rosenberg e muitos círculos com ideias semelhantes abordam essas questões provavelmente decorre do fato de verem o cristianismo excessivamente através das lentes da cultura romana, como se o cristianismo e a cultura romana fossem dois conceitos mutuamente exclusivos. Por outro lado, as diversas interpretações do termo "cristianismo positivo" demonstram o quão vago ele é num programa político que naturalmente não conhece delimitações dogmáticas ou filosóficas, mas apenas a vida prática e a consideração das vantagens político-partidárias. Quão difícil seria aprofundar todo este campo e determinar o que exatamente o caráter germânico e a piedade germânica implicam! O cristianismo não é compatível com o caráter germânico? Levou à destruição ou à elevação do pensamento religioso germânico? Comparando a divindade do misticismo alemão com a de outros povos, dificilmente se pode falar de diferenças essenciais. No entanto, a visão de mundo de Nietzsche, que surge como uma torrente em tantos aspectos do nacional-socialismo, envenenou a essência do cristianismo para toda uma geração e criou oposições que ressoarão na alma alemã por muito tempo[236]. É impressionante traçar o impacto dessa interpretação nacional-socialista unilateral do cristianismo positivo na literatura contemporânea[237], que cita erroneamente Mein Kampf (p. 447), de Adolf Hitler.

Assim, o conceito de cristianismo positivo, tal como apresentado pela literatura nacional-socialista dominante, contém múltiplos mistérios que dificultam uma interpretação clara. Pode-se ver nele apenas uma formulação geral, praticamente necessária devido à divisão confessional da Alemanha, ou uma restrição do caráter universal do cristianismo, que, sendo de origem divina, não deve ser medido por sentimentos raciais e círculos culturais nacionais, mas sim gerá-los a partir de si mesmo. A última interpretação do conceito de "cristianismo positivo", que contradiz as palavras claras de Hitler, acabaria, no entanto, em erro. Contra essas múltiplas interpretações dos dois conceitos fundamentais de "visão de mundo" e "cristianismo positivo" por escritores individuais, que se opõem conscientemente ao programa original do nacional-socialismo, surge uma falta de clareza e incerteza de todo o sistema nas suas conclusões posteriores.

---

[236] „Judentum, Christentum, Deutschtum" von Friedrich Nietzsche, Dokumente zur Zeitgeschichte, Verlag Paul Stegemann, Berlin 1934, herausgegeben von Paul Bergenhagen.
[237] Alfred Miller, „Völkerentartung unter dem Kreuz", Verlag Adolf Klein, Leipzig.

3. O problema racial[238]

Com esta questão, tocamos num ponto central do nacional-socialismo baseado na visão de mundo, o seu dogma fundamental e ideia principal, que, através da crença no valor do sangue e da suposição de diferentes "almas raciais", pretende proporcionar uma visão totalmente nova da história, da religião e da cultura[239]. Em breve, de acordo com o julgamento de círculos de tendência radical, haverá não só um imperialismo econômico e político, mas também um imperialismo racial[240].

O órgão da Juventude Hitlerista, Wille und Macht, escreve (p. 1, 1933): *"Acreditamos que o espírito também está sujeito ao domínio racial. A raça é tudo, a raça é o destino",* e ainda (p. 8) num artigo sobre "Raça e Visão de Mundo":

> "O pensamento racial não faz uma distinção nítida entre natureza e espírito, mas vê ambos ligados através do que se chama alma. Os meios de expressão da natureza pertencem à paisagem, as capacidades do espírito ao ser humano. Assim, o ser

[238] As diversas obras de Hans Günther são fundamentais; ele se autodefine como um "darwinista da velha guarda" (Alt-Darwinist) e estabeleceu os fundamentos intelectuais que balizaram a legislação do direito nacional-socialista: „Rassenkunde des deutschen Volkes", publicada pela primeira vez em 1922; „Der nordische Gedanke unter den Deutschen", 1925; „Kleine Rassenkunde des deutschen Volkes"; „Rassenkunde Europas"; „Rassenkunde des jüdischen Volkes"; e „Nordische Rasse bei den Indogermanen".
Consulte também: Ernst Rittershaus, „Konstitution oder Rasse?", Verlag J. F. Lehmann, München 1934; e Ernst Rüdin, „Rassenhygiene im völkischen Staat", Lehmann-Verlag, München 1934.
O Departamento de Esclarecimento para Política Populacional e Preservação Racial (Aufklärungsamt für Bevölkerungspolitik und Rassenpflege), em Berlim W 35 (órgão do Reich), em cumprimento às diretrizes estabelecidas pelos ministros do Reich, Frick e Heß, publica a revista mensal „Neues Volk", boletim oficial do referido departamento para todo o domínio da política populacional. A „Zeitschrift für Rassenkunde" consolidou-se rapidamente como o periódico especializado em antropologia de maior prestígio na área linguística alemã (Verlag Ferdinand Enke, Stuttgart). Tal reconhecimento deve-se ao programa de seu editor, Egon Freiherr von Eickstedt (Breslau), que busca converter o método "holístico" (ganzheitliche Methode) — o qual considera corpo e alma de forma equivalente — em ferramenta de pesquisa para a ciência humana.
Veja adicionalmente: Oswald Menghin, „Geist und Blut", Verlag Anton Schroll, Wien 1934, especialmente os capítulos sobre raça, língua e cultura, e os fundamentos científicos da questão judaica. Complementa esta bibliografia o escrito: „Die Gleichwertigkeit der europäischen Rassen und die Wege zu ihrer Vervollkommnung", editado por Karel Weigner, Verlag der Tschechischen Akademie der Wissenschaften und Künste, Prag 1934.
[239] Rosenberg, „Das Wesensgefüge des Nationalsozialismus", S. 11 bis 18; Hitler, „Mein Kampf", S. 431 bis 457, 481.
[240] Nos livros mais antigos da editora Lehmann, de Munique, sobre raça, infelizmente não é raro encontrar ideias que podem ser consideradas, com Nietzsche como exemplo, como vaidade racial e presunção.

> humano e a paisagem não são estritamente separáveis, mas são manifestações diferentes de uma unidade. Essa unidade é a raça. Entre a paisagem e o ser humano está a raça, e nela a paisagem e o ser humano estão unidos. Assim, a alma é o meio de expressão da raça; na verdade, é a própria raça. O conceito de alma assume agora um significado totalmente novo que sempre lhe faltou. A alma é a raça, aquilo que está entre a natureza e o espírito, que é simultaneamente natureza e espírito."

Na edição de outubro de 1933:

> "A descoberta da raça é o ato copernicano dos tempos modernos. As ciências da natureza e da história, há muito separadas, estão hoje a unir-se para tirar as consequências desta tremenda descoberta. Quando Kepler e Galileu completaram o trabalho de Copérnico, foram ameaçados pela igreja. A ciência mostrou-nos, com a humanidade da coragem masculina, onde estamos. Nenhum espírito masculino se tornou menor por contemplar este abismo, embora alguns se tenham tornado mais duros e severos. Com a ciência, a Igreja tem estado em maus termos desde os tímidos primórdios da ciência natural moderna[241]. Após séculos, a Igreja finalmente adaptou-se à visão científica moderna do mundo. Reconheceu que ainda pode existir com a revisão da nossa visão natural do mundo. A virada copernicana no campo da visão de mundo histórica coloca a igreja em um perigo totalmente diferente. Essa igreja é ela própria uma construção histórica. Através da descoberta de raças e povos que a moldaram, a noção de sua unidade sobrenatural é destruída. A visão de mundo copernicana era inofensiva em comparação com a nova visão de mundo racial da história humana."

Particularmente orientadoras são as palavras de Rosenberg (Congresso do Partido de 1935):

> "Acreditamos que a maior descoberta do nosso tempo reside na experiência e na prova estritamente científica de que não é coincidência que pessoas de diferentes tipos caminhem nesta terra, que diferentes estados, culturas e formas de vida surjam das condições dessas características e que, portanto, sangue e caráter são apenas palavras diferentes para a mesma essência.
>
> Sabemos que uma nação é representada pela predominância de um caráter específico, condicionado pelo sangue; além disso, pela língua, pelo ambiente geográfico e por um senso de destino politicamente compartilhado. Mas também sabemos que as últimas

[241] Não seria difícil refutar essa afirmação com uma série de estudiosos católicos das ciências naturais, aos quais a humanidade deve um progresso significativo, embora eles fossem igualmente profundamente enraizados na religiosidade cristã e no rigor científico (Secchi, Hagen, Pasteur, etc.).

> condições não são as definitivas e que o sangue, o domínio racial dentro de uma nação, representa o elemento decisivo."

Além disso, no Congresso do Partido de Nuremberg de 1935[242]:

> "O partido está convencido de que a ciência racial constituirá a base para uma futura autoconsciência mais profunda dos povos individuais em relação aos impulsos decisivos das suas ações, à singularidade da alma das nações e ao que é verdadeira e necessariamente significativo para a sua cultura. Além disso, essa autoconsciência também exigirá respeito pela singularidade de outras raças e permitirá que cada ego criativo se reconheça a si mesmo. A ciência racial tornou-se o porta-estandarte de uma nova compreensão da cultura antiga e das tensões dentro da estrutura da civilização ocidental".

A extensão em que esse dogma permeia tudo também é evidenciada pelas seguintes palavras de Helmut Schubert, editor de assuntos de imprensa no Gabinete de Política Racial do NSDAP, Berlim[243]:

> "A ideia racial é a base da visão de mundo que foi elevada a doutrina de Estado em 30 de janeiro de 1933. Através da clara separação entre a herança alemã e a estrangeira, deve ser estabelecida a comunidade do povo, na qual todas as forças nativas podem tornar-se eficazes sem restrições por influências estrangeiras. O objetivo final é a equação entre comunidade do povo e comunidade de sangue. A nossa visão de mundo declara a unidade da raça como o critério de valor mais elevado. Com isso, redescobrimos as leis da vida segundo as quais se desenvolveu uma cultura ocidental milenar".

Em todas estas declarações, fortemente influenciadas por Chamberlain, povo, nação e raça aparecem como termos sinónimos.

A ideia racial é colocada de forma tão central por alguns representantes em todo o programa nacional-socialista que parece quase o dogma fundamental de todo o movimento, com todas as exigências legais buscando, de alguma forma, a sua justificação nela. Portanto, é considerado um sinal de liberalismo na literatura nacional-socialista de renome negar a influência da raça na história, no destino e

[242] Igualmente claras são as exposições de Walter Groß, ver seu discurso "A raça na nova visão histórica" [Die Rasse im neuen Geschichtsbild], proferido no seminário para líderes da Juventude Hitlerista em Berlim (Texto na „Bayerischen Volkszeitung" de 2 de fevereiro de 1936).
[243] „Deutsche Presse", Zeitschrift des Reichsverbandes der deutschen Presse, Nr. 1, vom 5. Januar 1935.

na cultura dos povos e procurar substituí-la por influências sociais e intelectuais. Qualquer ênfase forte nas forças espirituais no desenvolvimento cultural dos povos é rotulada como uma traição aos fundamentos do movimento[244]. Apenas o sangue e a raça, e não a posição social, a história social ou uma confissão religiosa, determinam essencialmente os povos e as culturas.

Assim, já se fala de uma ciência da alma racial, que Ludwig Ferdinand Clauss afirma ter estabelecido como ciência[245], após reconhecer a necessidade de uma psicologia nacional e uma reavaliação do ser humano alemão na experiência da linha de frente e nas convulsões do período pós-guerra. Muita observação humana combina-se neste dogma racial com imaginação artística e intuição ousada, embora a ciência séria ainda não tenha chegado a conclusões indiscutíveis. Acima de tudo, a consistência das características raciais espirituais[246], o impacto do mendelismo na vida intelectual e a determinação das peculiaridades raciais espirituais não foram esclarecidos, pelo que parece ousado explicar a ascensão e o declínio cultural apenas através do valor sanguíneo da raça, a menos que se queira acabar no materialismo.

A própria ideia racial é de origem francesa, como uma visão biológica do mundo com uma imagem antropocêntrica, um despertar das ideias de Ernst Haeckel, que está corretamente incluído no panteão do nacional-socialismo[247].

É um fato paradoxal que dois franceses, um nobre e um burguês, Georges Sorel[248], tenham cunhado dois termos que ganhariam enorme significado nos confrontos intelectuais e políticos do presente imediato, e que precisamente no

---

[244] Ver: Karl Saller, „Der Weg der deutschen Rasse“, ein Abriß deutscher Rassenkunde, Verlag Felix Meiner, Leipzig 1934. O chefe do Departamento de Política Racial escreveu contra ele: Dr. W. Groß, „Die Idee bleibt rein“, „Völkischer Beobachter“, 23. Januar 1935.
[245] Veja os livros: „Die nordische Seele, eine Einführung in die Rassenseelenkunde“, „Rasse und Seele“, eine Einführung in den Sinn der Lebensgestalt, Verlag J. F. Lehmann, München; „Rasse und Charakter“, I. Teil, Verlag Diesterweg, Frankfurt am Main, 1936.

A estes propósitos serve também o periódico mensal do movimento nórdico, „Rasse“ (1934 ff.), Verlag Teubner, Leipzig-Berlin, além de „Volk und Rasse“. Illustrierte Monatsschrift für deutsches Volkstum. Rassenkunde. Rassenpflege. Gesellschaft für Rassenhygiene. Verlag J. F. Lehmann, München. Compare-se também Bruno Petermann, livre-docente (Privatdozent) de Psicologia na Universidade de Kiel, „Das Problem der Rassenseele“. Verlag J. A. Barth, Leipzig 1935.”
[246] Egon Freiherr von Eickstedt, „Grundlagen der Rassenpsychologie“, Verlag Ferdinand Enke, Stuttgart 1936.
[247] Heinz Bücher, „Ernst Haeckel, Ein Wegbereiter biologischen Staatsdenkens“, „Nationalsozialistische Monatshefte“, Dezemberheft 1935.
[248] „Reflexions sur la violence“, Paris 1907.

país onde, através de Gobineau (Essai sur l'inégalité des races humaines), Taine (Introduction à l'Histoire de la Littérature anglaise, 1865), e discípulo de Darwin, Spencer, Galton e Haeckel, o conde Georges Vacher de Lapouge (Sélections sociales, 1896)[249] destacou pela primeira vez a importância da raça para o desenvolvimento das culturas, as diferenças raciais não desempenham qualquer papel na vida do Estado ou na consciência geral.

O conde Arthur de Gobineau explicou a história como uma luta entre raças superiores e inferiores. A raça nórdica parecia-lhe ser a portadora e criadora de cultura por excelência. Richard Wagner, que conheceu Gobineau em Roma, Veneza e Bayreuth, destacou pessoalmente no *Bayreuther Blätter* de 1881 o que considerava uma obra marcante do conde. Wagner escreveu sobre o "novo amigo" que "nos revelou" um "caos de impotência e ignorância".

Desde o entusiasmo do mestre, os wagnerianos não conseguiam mais escapar do feitiço de Gobineau. Houston Stewart Chamberlain, o inglês que escolheu a Alemanha como sua pátria, tornou-se o divulgador que realizou a simplificação necessária para uma ampla disseminação. Chamberlain, embora proveniente das ciências naturais, particularmente da botânica, trabalhava principalmente com a "intuição". Ele valorizava e amava a intuição e a síntese; pressupunha as minúcias científicas, mas não as perseguia ele mesmo.

Gobineau, a cuja brilhante intuição devemos, sem dúvida, insights mais profundos sobre o significado das raças na vida dos povos, sobre os quais uma nova pesquisa de filosofia histórica pode ser construída, não questionou a imutabilidade dos valores morais nem, apesar de sua preferência pela pré-história germânica, adotou uma postura anticristã. Esta doutrina racial, habilmente desenvolvida pelos discípulos de Gobineau, já não é dispensável na vida científica alemã dos nossos dias e está gradualmente a estender-se a vários outros campos.

[249] Os seus antecessores foram, em certa medida, o conde de Boulainvilliers († 1722), Montlosier († 1838) e o italiano Francesco Montefredini († 1892).

Já existem relatos históricos[250] em que a divisão anterior do desenvolvimento nacional europeu[251] foi abandonada, e as causas mais profundas do desenvolvimento intelectual são procuradas exclusivamente na raça. Assim, na conferência de investigadores da pré-história em Halle, em 6 de outubro de 1934, o líder regional Professor Reinerth, que propôs a criação de um Instituto do Reich para a Pré-história Alemã, pôde expressar os seguintes pensamentos depois de Alfred Rosenberg ter delineado os princípios da concepção histórica nacional-socialista:

> "A luta pela pré-história alemã não surgiu pela primeira vez a partir das questões das últimas décadas, mas começou já na época em que, sob os merovíngios e carolíngios, a força dos alemães foi quebrada pela introdução de uma forma estranha de vida comunitária. No entanto, a par desta estrangeirização, começou a luta pelo que é nativo, que agora entrou na sua fase decisiva.
>
> O verdadeiro inimigo de uma perspetiva histórica nativa sempre foi o romanismo, que via as questões da nossa pré-história através das lentes e dos padrões do Sul. Embora o campo romanista repita repetidamente o aviso de que o mundo estrangeiro nunca

---

[250] "Fundamentais são as reflexões pertinentes de Alfred Rosenberg, „Umwertung der deutschen Geschichte". O discurso está impresso no fascículo de janeiro de 1933 do Schulungsbrief des Reichsschulungsamtes der NSDAP.
R. Eichenauer, „Die Rasse als Lebensgesetz in Geschichte und Entwicklung", Verlag Teubner, Leipzig-Berlin 1934; R. Zimmermann, „Deutsche Geschichte als Rassenschicksal", Verlag Quelle & Meyer, Leipzig 1934; Ludwig Schemann, „Die Rasse in den Geisteswissenschaften"; E. Bauer, „Der Untergang der Kulturvölker im Lichte der Biologie"; ambos publicados pela Verlag Lehmann, München. Pertencem parcialmente ao domínio da fantasia e da literatura de Gleichschaltung [coordenação/alinhamento totalitário] os livros de Richard Eichenauer, „Musik und Rasse", e Paul Schultze-Naumburg, „Kunst und Rasse", igualmente da Verlag Lehmann, München.
Já em 1933, um certo Cech-Jochberg havia realizado uma revisão 'nacional-socialista' de toda a história alemã em um único volume — terrível de se ler. Muito em breve, o Partido teve de intervir contra o abuso do termo 'Nacional-Socialismo'. Destino semelhante alcançou um 'historiador' igualmente produtivo, Heinrich Bauer, na revista de liderança da juventude nacional-socialista „Wille und Macht" (Heft 2 vom 15. Januar)."

[251] Nesse sentido escreve Rüdiger, em "Die Aufgaben des neuen Kampfes" (As tarefas da nova luta), na revista juvenil nacional-socialista „Wille und Macht" (Vontade e Poder), caderno 18, 1935:
"Já não vemos o sentido da história mundial no fato de saber se o desenvolvimento dos povos se colocou, por meio da influência do cristianismo, numa trajetória inevitável, … mas sim em até que ponto as forças de sangue conseguiram impor-se na luta com e contra culturas de povos e conduzir à vitória de uma cultura conforme à sua natureza racial.
Sob esse ponto de vista, a história mundial nos aparece como um combate permanente, … como expressão de uma luta dinâmica das mais diversas almas raciais pela dominação sobre esta Terra.
O fato de que essa nossa concepção está correta é demonstrado justamente pela confrontação, atualmente particularmente aguda em todo o mundo, com uma cosmovisão que é capaz de aniquilar por completo as melhores forças primordiais do sangue nórdico e, assim, apagar sobre esta Terra a luz vital da força espiritual da raça portadora.
O nacional-socialismo alemão está fundamentado em sangue e solo, honra e trabalho, e se volta conscientemente contra toda forma de vida que não encontre suas raízes nas raças e nos povos. … Agora começa a luta por um estilo de vida fechado da nação."

> reconhecerá o pensamento nórdico, pode-se afirmar com firmeza, em resposta, que precisamente a base indo-germânica comum representa a força unificadora mais forte entre os povos europeus. No entanto, a par da tarefa relativamente fácil de esclarecer o mundo estrangeiro, existe a não menos difícil tarefa de superar todos os inimigos dentro da nossa própria terra"

Qualquer pessoa que examine a base científica nas numerosas obras dos investigadores modernos sobre raças terá, infelizmente, de concluir que, muitas vezes, apenas são utilizados argumentos probabilísticos, uma vez que a ciência ainda não deu a sua palavra final. Até agora, ninguém forneceu uma clarificação precisa e indiscutível do conceito e do conteúdo da palavra "raça", que está na base de todas as conclusões, nem uma interpretação clara do conceito de "raça" em geral.

Os problemas são muito mais complexos do que se supõe hoje. As questões raciais são difíceis demais para serem descartadas com slogans. Em vez disso, é aconselhável muito mais cautela e cuidado ao lidar com esses assuntos[252].

Talvez em nenhuma outra doutrina do nacional-socialismo se possa observar tão claramente como afirmações saudáveis, ou pelo menos discutíveis, levam às conclusões mais estranhas por meio do exagero. A doutrina de que apenas a raça nórdico-ariana é incondicionalmente superior e exclusivamente construtiva leva muitos membros do Partido Nacional-Socialista (Müller) a condenar a cristianização das raças negra e amarela, não apenas como uma intrusão cultural estrangeira nos seus valores raciais, mas como um esforço prejudicial e inútil. Por que se dar ao trabalho, se apenas os seres humanos nórdicos possuem habilidades formadoras de cultura que lhes dão o direito de governar, introduzindo raças cujo destino é apenas servir e obedecer num mundo cultural cristão?

A primeira consequência da doutrina racial, quando seguida de forma consistente e levada ao seu extremo radical, é o perigo da autoexaltação do ser humano nórdico em relação a outros povos[253], embora se estime que apenas 8%

[252] Um embaraço para a ciência alemã enraizada no solo pátrio constituem, sobretudo, as declarações aberrantes de Wilhelm Stapel em seu livro „Eine Theologie des Nationalsozialismus" (Uma teologia do nacional-socialismo).
[253] Ver os trabalhos da Gesellschaft für germanische Ur- und Vorgeschichte (Sociedade para a Pré- e Proto-História Germânica),

da população alemã seja de raça nórdica e que a cultura alemã seja muito mais uma síntese de elementos nórdicos e orientais. Pesquisadores como Martin, Fischer e Pittard rejeitam de fato fornecer evidências da superioridade da raça nórdica, embora Eugen Fischer, por outro lado, tenha declarado: *"Este sangue nórdico, no entanto, está presente em todos os lugares onde surgiram culturas particularmente significativas na Europa."* (Karlsruhe, 17 de fevereiro de 1934, na associação estadual "Baden Homeland".) Embora se afirme repetidamente que este dogma de sangue e raça não tem como objetivo degradar o valor de outros povos, toda a vasta literatura mostra claramente que apenas os gregos, os alemães e, em menor grau, a raça nórdica são apresentados como os verdadeiros portadores da cultura. A consequência adicional, quando tudo — história, cultura e religião — deriva exclusivamente da raça, é que o cristianismo deve inevitavelmente ser rejeitado como estranho[254].

(revista „Nordische Welt“).

[254] Dignas de nota são as palavras de Alfred Rosenberg em sua conferência „Der Kampf um die Weltanschauung“ (A luta pela cosmovisão), Berlim, Krolloper, 24 de fevereiro de 1934:

“Essa ciência racial não é, em sua profundidade, nada além de uma tentativa de largo alcance de autocompreensão alemã. Quando, nos anos passados, se declarou que a ciência racial seria anticristã, podemos hoje constatar com satisfação que o estandarte da suástica tremula tanto a partir de igrejas católicas quanto protestantes, que com isso foi consumada a aprovação externa e que as igrejas estariam dispostas a reconhecer o direito da nova ciência. Se, porém, após essa concessão, volta a ser declarado que a pesquisa racial não deveria voltar-se contra o cristianismo, então devemos dizer que, em si mesma, ela de fato não o fez; no entanto, uma ciência da natureza não pode tornar sua atuação dependente do fato de que seus resultados contradigam esta ou aquela concepção de mundo, mas apenas de saber se seus pressupostos se revelam falsos ou corretos. Não existe ciência sem pressupostos; sempre houve apenas ciência com pressupostos, e é disso que se trata: saber se esses pressupostos, nascidos do espírito de homens geniais, se confirmam ou não no decurso das pesquisas.”

Os mesmos pensamentos encontram-se no diretor do Instituto Universitário de Higiene Racial de Munique, Lothar Gottlieb Tirala, em „Rasse, Geist und Seele“ (Raça, espírito e alma), Editora J. F. Lehmann, Munique, 1934 (especialmente o último capítulo: Raça e cosmovisão).

De modo bastante semelhante se expressou Hauer no grande congresso berlinense do Movimento Alemão da Fé (Deutsche Glaubensbewegung) em 1º de outubro de 1934:

“Raça e fé pertencem uma à outra da forma mais estreita possível e são, de modo algum, separáveis. A posição contrária é combatida pelo Movimento Alemão da Fé como destrutiva tanto no sentido religioso quanto no biológico. Pois, com isso, a realidade do sangue como uma força criadora — que ao mesmo tempo é o nosso destino — é subestimada ou mesmo relegada como indigna e impeditiva para a vida religiosa.”

Assim, a religião alemã[255], com o seu culto ao nórdico e a sua ligação espiritual à mitologia germânica, torna-se a consequência necessária do dogma racial e da sobrevalorização das ideias biológico-raciais. Por mais diferentes que sejam as inclinações religiosas de seus representantes individuais — desde o panteísmo cintilante do professor universitário Bauer, de Tübingen (veja seu livro German God-View, Stuttgart, 1934)[256] até a distorção radical da religiosidade nos escritos da Liga Tannenberg — e por mais que esse uso indevido seja rejeitado por representantes sérios do nacional-socialismo como totalmente contrário ao programa, em sua essência, eles se baseiam na doutrina racial. Pode-se rejeitar ou endossar a religião alemã como indesejável, mas ela é uma filha legítima, desde que o conceito de raça não seja impedido de invadir a esfera religioso-cultural.

A terceira consequência da ideia de raça é uma visão de mundo que pode ser descrita como um materialismo antropológico pseudorreligioso, monismo racial ou uma religião imanente (uma filosofia do destino e do determinismo, rejeição do livre arbítrio). Se o divino é imanente no sangue e na raça, então a revelação seria apenas a ressonância do fluxo sanguíneo nacional, uma conversa consigo mesmo, um conceito completamente naturalista de revelação, mas não no sentido da Bíblia. Seria interessante compilar um léxico desse mundo conceitual racial para reconhecer melhor as suas contradições internas com o mundo da religião e das humanidades.

A quarta consequência é a rejeição do povo judeu e da sua história, inclusive dentro da religião do Antigo Testamento, bem como uma consideração da nação

---

[255] Reventlow, „Wo ist Gott?“ (Onde está Deus?), uma obra de filosofia da religião, Editora Reichswart, 1934; os escritos de Bergmann; a forma mais abjeta é representada pelo escritor antissemita Arthur Dinter em sua revista „Religiöse Revolution“ (Revolução Religiosa), o qual, em razão de sua postura hostil ao cristianismo, foi com razão excluído da NSDAP.
Cf. „Kirche und Volk“ (Igreja e povo), no número especial da revista „Hochkirche“, Munique, 1934, p. 222 e seguintes.
Levados a sério devem ser apenas Hauer e Reventlow; o restante é, em sua maioria, oportunismo conjuntural ou pertence ao campo da patologia.

[256] “*O nacional-socialismo não conhece e jamais poderá identificar-se com as aspirações da Deutschkirche. Ele é a expressão de uma nova atitude espiritual e de uma nova cosmovisão do ser humano alemão; a Deutschkirche, porém, é uma associação que estabeleceu como objetivo a renovação religiosa da Igreja Evangélica e a sua nacionalização consciente.”* R. S. Jurda, „Nationalsozialismus und Deutschkirche“ (Nacional-socialismo e Igreja Alemã), „Nationalsozialistische Monatsbriefe“, 1931, caderno 17, p. 374–375.

e da família exclusivamente a partir de perspectivas de higiene racial[257] (educação sobre a escolha adequada de parceiros, esterilização dos inferiores).

De uma perspectiva histórico-religiosa, a radicalização da doutrina racial e, particularmente, a sua transformação numa visão de mundo[258], cria múltiplas dificuldades, por mais simples que a questão possa parecer à primeira vista. O ser humano é elevado acima da sua relação com Deus. Ele não está mais orientado para Deus, mas focado no sangue e na unidade racial do seu povo.

De uma perspetiva histórico-religiosa, a radicalização da doutrina racial, e particularmente a sua transformação numa visão de mundo, cria múltiplas dificuldades, por mais simples que a questão possa parecer à primeira vista. O ser humano é elevado acima da sua relação com Deus. Ele não está mais orientado para Deus, mas focado no sangue e na unidade racial do seu povo.

Isso dá início a uma tremenda revolta moral, levada adiante por aquelas massas nacionais inquietas que encarnam o movimento de descristianização, embora permaneça questionável se elas alguma vez foram verdadeiramente cristianizadas.

A religião exige uma transformação moral interior do ser humano, uma purificação do ser humano natural, um processo espiritual-anímico que não está ligado a nada naturalmente dado, como o sangue e a raça. Por esta razão, os ensinamentos das religiões mundiais sempre foram descritos, em harmonia com os de Sócrates, Platão e Dante, como idealismo. Através da purificação moral e da graça de Deus, o ser humano, envolvido em culpa e pecado devido à turbulência da maquinaria do mundo, alcança a redenção, a libertação do sofrimento espiritual e do tormento, a purificação e a expiação, a elevação e um eu superior. Se certas correntes modernas, baseadas na tradição germânica e no sentimento nativo, ignoram estes fatos da vida da alma e defendem que apenas o sangue e a consciência racial são suficientes para se sentir religioso e ser uma pessoa moral, isso é insuficiente. A Igreja Católica não condena a pesquisa racial, mas deve ver na sua radicalização um retrocesso ao naturalismo, que o

[257] Hans Günther, „Volk und Staat in ihrer Stellung zur Vererbung und Auslese“. Ein Vortrag. 2. Auflage, Verlag Lehmann, München.
[258] J. Dollschan, „Le rôle du facteur racial dans les questions fondamentales de la morphologie culturelle“, Paris, éditeur Rousseau, 1934.

surgimento da religião mundial sobrenatural pretendia superar. Pois a mentalidade e o comportamento são valores morais cuja presença, mesmo com boa disposição racial, não pode ser assumida sem mais delongas. A noção de que a mentalidade nobre é condicionada pelo sangue nobre é um preconceito tanto quanto a ideia de que a mistura racial e o sangue misto produzem inevitavelmente traços de caráter ignóbeis.

A Igreja ainda não assumiu uma posição dogmática sobre a questão racial. Perante Deus, ou seja, no reino do sobrenatural, todas as raças e povos têm igual valor, iguais direitos e iguais obrigações no que diz respeito ao objetivo final da vida. Isto não significa, evidentemente, que todas as raças tenham igual valor nas suas disposições naturais, intelectuais, morais e fisiológicas. A proteção racial, na medida em que diz respeito à prevenção da mistura para fins de procriação, pode, portanto, ser considerada uma defesa para um povo em determinadas circunstâncias da vida. A Igreja Católica também pensava de forma radical e consistente na sua legislação judaica, até que, no século XIX, as paredes do gueto foram derrubadas pela primeira vez pelo Estado liberal, e não pela Igreja. No entanto, como é evidente em toda a natureza sobrenatural do cristianismo, as leis judaicas da Igreja eram motivadas principalmente por considerações religiosas, e não nacionais-raciais.

Toda a problemática da questão racial torna-se particularmente evidente quando examinamos o conceito de formação racial e cultural. Aqui residem muitas questões não resolvidas. A ciência não é clara sobre se as culturas elevadas são precisamente o resultado da mistura racial, enquanto a pureza racial leva à estagnação intelectual. O problema racial nunca deve, portanto, ser explicado e compreendido puramente biologicamente, para que o materialismo não se torne o seu fenômeno consequente, como já é ensinado em muitos escritos dos discípulos de Gobineau. Isso leva não apenas à rejeição do cristianismo, que busca guiar todas as raças para uma concepção de vida e cultura mais elevadas, mas também à negação da alma, que é o verdadeiro princípio da vida, a *forma corporis*. O egocentrismo das raças e dos povos, através do exagero dessa questão crucial, desencadearia vitalidades e planos futuros incalculáveis, sem restrições espirituais. A consequência adicional, no entanto, seria uma crise do cristianismo na Europa e além.

Por outro lado, a questão racial moderna também coloca novos desafios significativos para o cristianismo. Ninguém pode negar que, desde a Revolução Francesa, com os seus princípios de direitos nacionais e humanos, surgiu na Europa uma mistura de povos e raças, na qual a consciência da nacionalidade, da raça e dos seus elevados valores culturais muitas vezes perdeu todo o significado.

O trabalho missionário cristão também cometeu erros ao considerar o cristianismo e a cultura europeia como dois conceitos inseparavelmente ligados e acreditar que as nações e raças estrangeiras deveriam ser levadas à cultura europeia juntamente com o cristianismo, sem levar em conta a sua nacionalidade nativa. A europeização de outras raças foi o maior dano ao cristianismo e a todo o esforço missionário. O cristianismo é inicialmente indiferente a qualquer cultura. Ele forma, refina elementos estrangeiros e cria, uma vez feito esse trabalho de base, uma cultura correspondente à respectiva raça e povo, carregada pelo espírito religioso, na qual todos os elementos estão presentes e continuam a viver.

A questão racial e o cristianismo não precisam ser opostos. Somente onde começam os radicalismos é que surgem automaticamente lutas, oposições e dificuldades, porque o cristianismo é essencialmente harmonização, equilíbrio e síntese da natureza e da sobrenatureza.

Para obter clareza nesta questão extremamente difícil, as seguintes proposições podem ser suficientes para orientação do ponto de vista cristão[259]:

1) A realidade do conceito de raça não pode ser negada, nem ignorada, tendo em vista o fato indiscutível de que hoje todas as raças vivas se misturam entre si, e muitas vezes é difícil estabelecer limites nítidos entre os diferentes tipos humanos. A raça é mais do que uma mera abstração conceitual. É uma realidade tangível que os grupos biológicos da humanidade, as raças, são caracterizados não por uma ou mais

[259] W. Schmidt, „Die Stellung der Religion zu Rasse und Volk“, Verlag Haas & Grabherr, Augsburg 1932, und „Rasse und Volk“, Verlag Kösel & Pustet, 1936; Hermann Mudermann, „Grundriß der Rassenlehre“, Verlag Schöningh, Paderborn 1935; Albert Mitterer, „Rasse und Mensch nach Thomas von Aquin“, in „Schönere Zukunft“, 1935, Nr. 48 bis 51; Walter Berger, „Was ist Rasse?“, Verlag Gsur, Wien 1936. Herausgegeben von der Philipp-Stitta-Gedächtnisgesellschaft.

características, mas por um habitus típico geral. Isso também implica, dentro de certos limites, a potencial hereditariedade das disposições intelectuais, embora os resultados científicos até agora não tenham fornecido total clareza. Os poucos investigadores que abordaram esta questão independentemente de princípios preconcebidos ainda não conseguiram determinar com certeza inequívoca como as características do caráter humano se comportam na hereditariedade[260]. No domínio da alma, será sempre difícil distinguir até que ponto uma determinada característica, através da qual uma pessoa se distingue positiva ou negativamente das outras, é principalmente hereditária ou condicionada pelo ambiente, e como a hereditariedade e o ambiente se entrelaçam inseparavelmente nela. Ninguém nega uma certa herança de disposições intelectuais, embora a raça seja inicialmente apenas um tipo de traços hereditários funcionais e morfológicos, portanto, um fato puramente biológico. Uma ciência racial sólida, um cultivo racial prudente e, portanto, a proteção racial dentro de certos limites são algo totalmente desejável e necessário. No entanto, a pesquisa racial nunca deve se tornar um playground para o diletantismo. Seria lamentável se nós, alemães, por meio da ciência racial, que pode fornecer insights e observações valiosas sobre os processos naturais, construíssemos para nós mesmos um gueto germânico cultural, intelectual e religioso. Portanto, devemos ter cuidado para não ver na questão racial a chave para toda a história mundial. A raça não é tudo e não explica tudo. Nesta rejeição, encontro-me em boa companhia, pois um dos pioneiros intelectuais do nacional-socialismo, Möller van den Bruck, talvez tenha sido o primeiro a reconhecer com genialidade as fraquezas do radicalismo nesta ciência jovem.

2) A raça é, na escala de valores dos bens humanos, um bem, mas não o mais elevado. A ciência racial ainda carece de uma clarificação conceitual adequada. Quando se diz que a raça é destino, alma, em uma palavra, tudo, nada é explicado, mas a confusão aumenta significativamente. De acordo com a visão de mundo cristã, a escala natural de valores morais é: (1) Deus; (2) alma; (3) família; (4) raça; (5) nação; (6) Estado; (7)

[260] Um caráter fortemente leigo apresenta a seguinte obra coletiva, cujo aparecimento, em si, poderia ser saudado: Johannes Schottky, „Die Persönlichkeit im Lichte der Erblehre“ (A personalidade à luz da doutrina da hereditariedade). Em colaboração com H. Bürger-Prinz, O. Graf, E. Hester, G. Kloos, S. Panse, S. Stumpf. Editora B. G. Teubner, Leipzig e Berlim, 1936.

humanidade. Mesmo a seleção consciente para a purificação das raças nunca pode, por si só, efetuar um alto nível moral ou cultural dos povos, pois a mistura racial, apesar dos diferentes valores das raças, não é prejudicial em todas as circunstâncias. As dinastias imperiais alemãs, os saxões e os Hohenstaufen, que são considerados exemplos da virtude alemã, não temiam o sangue estrangeiro na sua linhagem. Casamentos com casas principescas orientais não eram incomuns. Eles acreditavam que o seu sangue era forte o suficiente para absorver a gota estrangeira. Estavam mais preocupados com a endogamia. A cadeia de governantes engenhosos que produziram provou que estavam certos. O declínio racial dos alemães não decorre do cristianismo, a menos que designemos a cultura cristã alemã da Idade Média como uma aberração e apaguemos um milénio de história cristã alemã com inúmeras grandes personalidades germânicas de destaque. O declínio racial começa muito mais tarde e foi provocado, entre outros fatores, pela mobilização de massas humanas para empreendimentos econômicos em grande escala e sua concentração nas grandes cidades, pelo afastamento dos filhos saudáveis dos camponeses da terra, em suma, pela industrialização, e não pela visão de mundo. Muitas famílias camponesas nas nossas regiões alpinas, que vivem nas suas quintas ancestrais há séculos com oito a doze filhos, que são cristãs e têm uma mentalidade nacionalista, não dão de forma alguma a impressão de terem degenerado racialmente devido à sua visão do mundo. Demonstram, através da sua numerosa descendência, que são racialmente muito mais saudáveis do que muitos representantes desta ciência racial, que muitas vezes mal têm dois filhos, embora possam escrever eloquentemente sobre a importância da raça para o nosso povo alemão.

3) A vida intelectual humana é apenas secundariamente condicionada pelo sangue e pelo corpo, e a questão de até que ponto as disposições físicas herdadas podem influenciar a vida intelectual no sentido de um habitus racial específico ainda não está claramente resolvida. Carecemos de estatísticas profissionais e qualitativas dentro das famílias, nações e raças. O elemento intelectual no ser humano não é uma emanação do físico, pois as leis da hereditariedade, estabelecidas pelo padre católico alemão dos Sudetos Johann Gregor Mendel, de Brünn, para as plantas, não

podem ser diretamente aplicadas à vida intelectual[261]. A cultura também é algo metafísico e não está apenas ligada a valores hereditários. Negar o fato de que o espírito também pode condicionar a raça e o sangue significa uma explicação monista do espiritual como uma mera função do corpo, reduzindo, em última análise, "o humano" a um conceito geralmente abstrato que não corresponde a nada na realidade.

4) As raças não são estáticas, dadas desde os tempos primordiais, mas, como toda a vida, estão em constante mudança, em tensão entre diferenças e equalização. Em outras palavras, a explicação puramente biológica da doutrina racial alemã é insuficiente se o papel inegavelmente significativo do espiritual como fator impulsionador também não for considerado. A incerteza da ideia de raça em termos físicos torna-a, de acordo com as pesquisas científicas atuais, extremamente perigosa, mesmo que se deixasse de lado os fundamentos de uma filosofia cristã, para construir toda uma política de Estado ou uma visão de mundo formal principalmente com base nela.

5) A doutrina da raça torna um momento subjetivo intra-mundo o critério da nossa postura em relação à religião[262], enquanto o cristianismo, como revelação divina, não é medido por nenhum padrão intra-mundo. Neste último aspecto, leva a uma reinterpretação da religião, da cultura e do

---

[261] O conhecido pesquisador racial Lothar Gottlieb Tirala, de Munique („Ist der Untergang der Kulturvölker eine biologische Notwendigkeit?"), que adota uma posição divergente, declara:
"Estamos muito longe de, no que diz respeito às qualidades espirituais, prescindir do espírito e substituí-las por fatores puramente corporais. Quanto à relação entre corpo e espírito, a higiene racial não precisa formular nenhuma hipótese. Ela entrega isso, com tranquila consciência, à filosofia da natureza. A acusação de materialismo racial, que tem sido dirigida aos higienistas raciais por diversos setores, especialmente por pseudofilósofos e escolásticos, deve ser rejeitada com toda a firmeza."
Por outro lado, o mesmo pesquisador escreve nos „Nationalsozialistischen Monatsheften", 1934, pp. 943 a 950, em „Rasse und Weltanschauung":
"A formação mais fina e delicada de uma raça, e ao mesmo tempo a coroa e a consumação de suas forças anímicas, é a sua cosmovisão. Cremos que também a nossa cosmovisão seja uma manifestação vitalmente necessária da alma racial germânica… Podemos, portanto, concluir que as disposições hereditárias do espírito são as causas pelas quais, repetidas vezes, entre esses povos, a mesma cosmovisão vem à luz. Nesse processo reside um sentido mais profundo. Assim, o nosso povo voltou a encontrar as verdadeiras fontes de sua essência, de suas disposições raciais, depois de ter sido, durante décadas ou talvez séculos, seduzido por pessoas de outras raças a renunciar à sua própria cosmovisão conforme à sua natureza. Em todos os lugares possíveis, tentou em vão não apenas adotar cosmovisões de outras raças e doutrinas pacifistas, mas também viver segundo elas. O afastamento dessa cosmovisão não conforme à própria natureza é tarefa e destino."
[262] Quanto à mutabilidade de importantes elementos raciais, veja os resultados das pesquisas das principais autoridades: Professor Scheidt, Hamburgo, e Professor Fischer, Berlim.

> espírito no sentido da biologia, enquanto o cristianismo, com base no seu ensinamento da origem unificada da raça humana, vê em cada ser humano, independentemente da raça, a alma imortal e a imagem de Deus, redimida pelo sangue de Cristo. O ser humano, julgado cristãmente, é uma personalidade espiritual, não meramente uma função da vitalidade racial ou nacional. Assim, a doutrina racial, uma vez que se estende da medicina e da biologia para o domínio da cultura, deve levar à negação de uma premissa fundamental do cristianismo. Diante da dependência real do ser humano em relação às suas disposições naturais, deve-se enfatizar — se não se quiser, em última instância, questionar a liberdade de ação — que a liberdade de vontade ou escolha, a influência das forças nutritivas do ambiente, as forças extraordinárias da graça de Deus e os efeitos regeneradores de uma vida religiosa na Igreja podem, mesmo que apenas em casos raros com personalidades moralmente heróicas, eliminar completamente as disposições raciais naturais, ou pelo menos mitigá-las, enfraquecê-las e refiná-las.

Mesmo os pesquisadores radicais da raça falam de espírito e alma, mas esses conceitos não se alinham com os da filosofia cristã: quem exagera a ideia de raça deve, com inexorável necessidade, chegar à rejeição do cristianismo. Eles podem desejar manter componentes do cristianismo por razões utilitárias ou estéticas. Para o agricultor, se ele for um homem alemão honesto e pesquisador, é impossível conciliar uma visão de mundo cristã com uma doutrina radical da raça e evitar as suas conclusões.

Devemos, no interesse da ciência racial, esta disciplina jovem que ainda não pode recorrer a uma longa observação, ter a coragem de contrariar a confusão conceptual do nosso tempo e restaurar às palavras e conceitos o seu significado originalmente pretendido, pois o nosso presente exige das pessoas instruídas e espiritualmente responsáveis muito mais esforço intelectual do que a Igreja alguma vez exigiu nos dois milénios da sua história. Com que ferocidade o homem liberal do século XIX resistiu à aceitação de dogmas imutáveis! Quantos novos dogmas, não baseados em dois milénios de cultura espiritual, devem ser acreditados hoje sem questionamentos! Onde está o lar da ciência hoje?

A maior problemática que se coloca em toda a investigação racial moderna, assim que os seus princípios são alargados da biologia ao domínio da cultura espiritual, só pode ser resolvida através de uma investigação individual séria, nunca através de ditames arbitrários. Em nenhum outro campo, portanto, a objetividade do pensamento, o esclarecimento de fantasias e diletantismo que nada têm a ver com a verdadeira ciência, a clareza dos conceitos, uma sólida educação filosófica e uma visão de mundo cristã são tão necessários como na ciência racial, para que ela não se torne um brinquedo das correntes contemporâneas e, com essa doutrina racial, que contém ideias valiosas, minar o cristianismo e, com isso, a última âncora moral nos corações das nações da Europa.

Os perigos da doutrina racial começam, portanto, apenas quando os seus princípios e afirmações ultrapassam os limites e procuram invadir o domínio da filosofia. No seu exagero, eles são uma nova incursão do materialismo na nossa cultura espiritual alemã.

4. A questão judaica — o antissemitismo[263]

A consistência férrea com que a literatura nacional-socialista aborda esta difícil questão, sem levar em conta as consequências em termos históricos globais e de política externa, só pode ser explicada pelo fato de que a posição nacional-socialista sobre o problema judeu é uma consequência necessária da doutrina racial, vista da perspectiva da autodefesa nacional. A questão judaica aparece como um fenômeno racial. Todas as leis são, dessa perspectiva, por mais severas que possam parecer, nada mais do que uma implementação intransigente do dogma da raça[264]. A história do antissemitismo, ou melhor, as tentativas de resolver a questão judaica, remonta a meados do século XIX na Alemanha e na Áustria. Notavelmente, os primeiros fundadores científicos do antissemitismo foram judeus[265].

A rápida incursão do judaísmo, que assumiu a forma de uma espécie de segunda migração de povos do Oriente para a Europa, e o fortalecimento da consciência nacional nos Estados que sofreram particularmente com essa incursão, foram os principais catalisadores desse movimento, que recebeu uma certa base científica de vários escritores[266]. Logo, surgiram duas direções. Uma tratava a questão

---

[263] Para a bibliografia, ver Theodor Fritsch, „Handbuch der Judenfrage“, 38ª edição, Hammer-Verlag, Leipzig 1935; A. Drel, „Judentum, der weltgeschichtliche Gegensatz zum Christentum“, Styria, Graz 1935. O sociólogo Drel apresenta, nesta impressão especial ampliada de um livro de grande envergadura, „Oeconomia perennis“, uma tomada de posição digna de nota sobre o chamado “problema judaico”, com base em abordagens de caráter espiritual-religioso e racial.
Irene Harand, „Sein Kampf. Antwort an Hitler“, Verlag der „Gerechtigkeit“, Viena 1935. — Desde que o nacional-socialismo chegou ao poder na Alemanha, a autora combate, em uma revista semanal publicada sob o seu nome, a teoria racial e o antissemitismo, em colaboração com judeus, colaboradores judeus e inspiradores provenientes do mesmo círculo, ao qual também pertence o Dr. Moritz Zalman. Por isso, a autora expõe ostensivamente o seu entusiasmo pelo judaísmo. O reconhecimento das capacidades e realizações judaicas é enfatizado de tal maneira que praticamente provoca a objeção de que o livro, em seu conjunto, deve ser rejeitado como unilateral e, portanto, não pode ser levado a sério.
Emmerich Czermak-Ostar Karbach, „Ordnung in der Judenfrage“, Verlag Reinbold, Viena 1933.
J. A. Kofler, „Die katholische Kirche und das Judentum“, Parteiverlag Eher, Munique 1931² (dirigido contra a “ordem jesuíta judaizada”). H. Graf Coudenhove-Kalergi, „Antisemitismus“, Paneuropa-Verlag, Wien 1929.
[264] Hans Günther, „Rassenkunde des jüdischen Volkes“, Verlag Lehmann, München. Alguns pontos do conteúdo: características raciais individuais. Judeus loiros e de olhos claros. Composição racial de determinados grupos judaicos maiores. Movimentos e gestos. A fala anasalada. Peculiaridades olfativas. Crimes. Situação de saúde e predisposições a doenças. Misturas judaico–não judaicas. Influências do espírito judaico. A raiz do “antissemitismo”.
[265] Arthur Trebitsch, „Deutscher Geist — oder Judentum“, Antaios-Verlag, Berlim 1921.
[266] Merecem menção especial, além de Richard Wagner e Förster (cunhado de Nietzsche), Dühring, o pregador protestante da catedral e da corte Adolf Stoecker, de Berlim, e o historiador literário Adolf

como um conflito racial puro, enquanto a outra a via apenas como uma tensão intolerável entre diferentes identidades nacionais. No primeiro caso, rapidamente se tornou um ataque frontal ao povo judeu como tal. Isso foi agravado pelo fato de que, desde o movimento sionista, os próprios judeus não formam mais uma unidade, mas um povo dividido, pelo menos na Europa Central, pois uma parte buscava assimilar-se à nação anfitriã, enquanto a outra perseguia o oposto e declarava isso um ideal. A noção de que os judeus alemães se enquadram no conceito de unidade nacional é, para a maioria, uma experiência para a qual eles não estavam psicologicamente preparados. Eles próprios não se consideram uma unidade nacional, são múltiplos e profundamente divididos, embora os seus oponentes acreditem estar a lidar com uma "aliança secreta" jurada até à morte. A realidade é diferente e é evidente precisamente na reação ao nacional-socialismo, que era e é tudo menos unificado. Falar simplesmente de "os judeus" sem especificar é superficial. O judeu sefardita de origem espanhola-holandesa não deseja ser confundido com o ashkenazi do Leste; o judeu ocidental de longa data tem mais reservas em relação ao judeu oriental recém-imigrado do que um ariano; o judeu ortodoxo não compreende o judeu batizado, o judeu burguês não compreende o revolucionário social e este último não compreende o combatente judeu de linha de frente com mentalidade nacional: as divisões ideológicas e partidárias do povo alemão afetam os judeus de forma precisa. O sionismo, como ideal nacional judaico, pode ter ganhado algum impulso com o choque da revolta

---

Bartels, „Die Berechtigung des Antisemitismus“, 1921. Aliás, encontramos considerações semelhantes também na França: Léon Bloy (polemista católico e romancista, Le salut du monde par les juifs); Edouard Drumont, „La france juive“, um livro que apareceu na década de 1880 e exerceu forte influência sobre Léon Daudet e, assim, sobre a Action française, a qual, de modo curioso, combate o judaísmo por considerá-lo acessível a interesses alemães (!) e a objetivos políticos.
O próprio Nietzsche frequentemente se contradiz em sua posição em relação aos judeus, como demonstra sua correspondência com Theodor Fritsch, publicada pelo Hammers-Verlag, Leipzig, em 1920:

“Falta-me aquele ‘mais elevado ponto de vista ético’ de que fala Lagarde. Acredite em mim: essa repugnante pretensão de ingênuos diletantes de opinar sobre o valor de homens e raças, essa submissão a ‘autoridades’, que por todo espírito mais ponderado são rejeitadas com fria desconsideração (por exemplo, E. Dühring, R. Wagner, Ebrard, Wahrmund, P. de Lagarde — quem dentre eles é, em questões de moral e de história, o mais injustificado, o mais injusto? —), as constantes falsificações absurdas e as manipulações dos conceitos vagos ‘germânico’, ‘semítico’, ‘ariano’, ‘cristão’, ‘alemão’ — tudo isso poderia, com o tempo, enfurecer-me seriamente e arrancar-me da benevolência irônica com que até agora tenho observado essas veleidades virtuosas e farisaísmos.”

Também segundo Kant, o Antigo Testamento não contém uma religião, mas sim os pactos celebrados com o “deus tribal” Javé, com o objetivo de estabelecer-se entre os povos anfitriões!

alemã; para a maioria, continua a ser uma utopia, e o vazio histórico de dois mil anos de história nacional é uma realidade mais convincente. É, num sentido muito mais radical do que para os alemães, um "povo sem espaço". Nem a partir de baixo (ideologia do sangue e do solo) nem a partir de cima (reflexão e renascimento espiritual-religioso) é possível alcançar uma unidade judaica autoconsciente. Aqui também, devido à mistura frequente e secular com sangue alemão, depara-se com questões de imensa complexidade. Com esta incerteza, toda a questão tornou-se, desde a década de 1890, um slogan para muitos partidos políticos na Alemanha e na Áustria.

O antissemitismo é, portanto, em certa medida, um problema da fronteira da Alemanha Oriental transposto para o Reich, surgindo no espaço onde a germanidade teve de se afirmar contra eslavos, magiares e romenos, e foi representado politicamente pela primeira vez em grande escala por uma figura significativa, o prefeito vienense Karl Lueger, que, no entanto, lutou por uma postura espiritual-religiosa, não biológica, e, como socialista cristão, declarou-se contra a "assimilação através do batismo". A mudança para a questão racial alterou a situação. A biologia racial não questiona a atitude do judeu individual em relação ao Estado e à nação anfitriã, mas sim o sangue como fonte mística dessa atitude. Só assim é que todo o problema judeu se tornou uma questão popular nos círculos partidários e, em O Mito do Século XX, de Rosenberg, um grande tema do destino alemão. Da “autoconsciência da alma racial alemã”, descrita como heróica, aristocrática, construtora do Estado, criativa e benevolente, deve emergir uma frente nacional acirrada contra o judaísmo, caracterizado como anti-heróico, egoísta, infiel, destrutivo e, em uma única palavra, “degenerado”. Embora a investigação objetiva ainda esteja atolada numa floresta de questões não resolvidas, as características já estão a ser atribuídas de acordo com um esquema a priori, embora ninguém negue certas peculiaridades e predisposições raciais psicológicas. Um problema altamente complexo deve encontrar uma solução aparentemente simples no nacional-socialismo. Assim, o problema judeu é transformado num problema moral; uma raça, como tal, é dotada de falhas morais como traços constitutivos.

A postura nacional-socialista em relação ao judaísmo foi preparada por artistas, políticos, pesquisadores raciais, historiadores religiosos, filósofos e professores de teologia liberal. Em particular, Friedrich Seitz e Fritsch, cujo Manual do

Judaísmo se tornou o padrão dogmático do nacional-socialismo, procuraram provar, a partir de uma compreensão intuitiva, que o Deus (Yahweh) do Antigo Testamento não pode ser equiparado ao Deus do Novo Testamento e, portanto, a religião cristã não pode ser a dos alemães, devido às supostas visões morais do Antigo Testamento que são consideradas inaceitáveis de uma perspectiva germânica. Além disso, o valor do Antigo Testamento é diminuído, as falhas morais de figuras individuais, que a Bíblia apenas relata, mas não endossa, são explicadas como expressões da decadência judaica, enquanto todas as ideias verdadeiramente grandiosas são atribuídas aos persas e sumérios (criação do mundo, Deus como criador, salvador do mundo).

No entanto, o movimento antissemita dentro do povo alemão não pode ser julgado de forma justa sem considerar a geografia nacional da Europa Central, onde, desde que a Revolução Francesa estabeleceu a igualdade política de todos os seres humanos e raças, ocorreu uma imigração perturbadora de elementos orientais, que logo dominaram toda a vida intelectual dominante entre os alemães. Mesmo antes da tomada do poder pelos nacional-socialistas na Alemanha, esta questão era muito discutida no Reich, mas permanecia um pequeno círculo que tirava o seu conhecimento mais da imprensa antissemita de partidos individuais do que de trabalhos científicos completos para refletir sobre as consequências desta imigração judaica cada vez mais assertiva em toda a área de língua alemã. Nos círculos católicos, a dimensão total desse problema para a vida cultural alemã como um todo era muito pouco apreciada pelos principais políticos, embora devamos os primeiros alertas contra esse perigo nacional aos escritores católicos[267], que, infelizmente, eram frequentemente ignorados ou ferozmente contestados.

Já no século XIII, Tomás de Aquino, na sua obra *De regimine Judaeorum*, expressou opiniões sobre o domínio económico dos judeus de uma forma que pouco fica atrás de muitos antissemitas modernos. As leis judaicas de várias assembleias eclesiásticas e sínodos diocesanos da Idade Média também mostram semelhanças com medidas modernas, embora a sua justificação fosse teológica, e não racial-biológica, na sua origem. No entanto, a literatura

[267] Sebastian Brunner († 1893), Josef Scheicher († 1928), August Rohling († 1923), cuja obra principal „Der Talmudjude“ conheceu 15 edições, e o bispo Ottokar Prokopsta von Stubweitenburg († 1927), com seu discurso no Deutscher Katholikentag em Frankfurt am Main, 1921; Fr. Steffen, „Antisemitische Bewegung und deutschvölkische Bewegung im Lichte des Katholizismus“, 1925.

antissemita alemã e francesa desde meados do século XIX tem-se desviado cada vez mais para as águas turvas do radicalismo.

Sem dúvida, estamos a lidar aqui com uma questão significativa para o povo alemão. As ricas estatísticas sobre a disseminação do judaísmo nas profissões intelectuais desde 1890 são impressionantes quando contrastadas com o fato de que os filhos de famílias nacionais estabelecidas há muito tempo[268], que assim tinham um direito de nascença, tiveram de permanecer desempregados durante anos porque os estrangeiros lhes tiraram o pão de cada dia. Especialmente o marxismo, onde quer que ganhasse poder na Alemanha e na Áustria, usava sua influência de forma implacável e inescrupulosa em benefício do judaísmo imigrado, que, por sua vez, apoiava o movimento socialista com recursos financeiros substanciais. A proporção de judeus em hospitais (Viena, Berlim), na profissão jurídica, nas profissões artísticas livres e na imprensa — sem mencionar o mundo financeiro — era desproporcionalmente alta. A consequência teve de ser um envenenamento da alma alemã com concepções e doutrinas estrangeiras, uma vez que nem sempre foi o segmento do judaísmo ainda crente e conservador que chegou ao poder, mas sim o segmento religiosamente e moralmente decadente. Foi somente através da Revolução Francesa, no final do século XVIII, que o judaísmo alcançou a sua igualdade.

Desde esse evento, que foi repetidamente saudado nos círculos liberais como o início de uma nova era e do Estado constitucional moderno, as numerosas medidas defensivas e leis da Igreja Católica da Idade Média relativas à posição dos judeus na sociedade cristã foram cada vez mais desmanteladas sob a influência do Estado[269].

O liberalismo considerava a existência da questão judaica incompatível com os seus princípios ideológicos e, por isso, fechou-se a este problema indesejado. Embora a Igreja medieval tivesse uma postura rígida em relação à questão dos judeus convertidos, este problema, devido às restrições estatais, deixou de ser apreciado e compreendido na mesma medida a partir do século XIX. Sem

[268] Ver; „Die Juden in Deutschland“, herausgegeben vom Institut zum Studium der Judenfrage, Zentralverlag Eher, München 1935 (mit Statistik), die Rede des Reichsministers Goebbels, „Rassenfrage und Weltpropaganda“, auf dem Nürnberger Parteitag am 2. September 1933 und besonders A. Wagner, „Grundlegung der politischen Ökonomie“, Berlin 1892/93.
[269] Zeitschrift „Archiv für Katholisches Kirchenrecht“, Jahrgang 1888.

grande inibição, muitas autoridades também ignoraram o perigo da diferença cultural, sem considerar que, em última análise, não se trata apenas de saber se o outro lado está pronto para um cristianismo verdadeiro, mas se tal mistura, do ponto de vista da religião e da nacionalidade, é sempre aconselhável. Muito poucos estudiosos alemães se debruçaram sobre o problema do judaísmo na história alemã, em parte devido à supressão da questão, em parte por medo de ter de tomar uma posição sobre um assunto delicado.

Assim, também não existe uma história de alta qualidade dos judeus na área de língua alemã que corresponda à consciência nacional do povo alemão. Há muitas omissões aqui, pois esse difícil problema ou não foi considerado em seu impacto cultural ou deveria ser resolvido exclusivamente da perspectiva da língua[270]. De qualquer forma, esse domínio dos judeus, que pode ser facilmente comprovado estatisticamente, nas instituições culturais do povo alemão não podia mais continuar; o influxo excessivo de judeus nas escolas secundárias e superiores, nas profissões médicas e jurídicas, era ainda menos sustentável porque, para enfatizar mais uma vez com determinação, os jovens alemães queriam ganhar o seu pão, constituir família e colocar as suas habilidades a serviço do povo e do Estado, mas tinham que assistir desempregados e sofrendo enquanto um número desproporcional dessas posições era ocupado por judeus.

O perigo de que essa espera frustrada se transformasse em radicalismos perigosos era perfeitamente compreensível. No cinema, na imprensa e no teatro, a influência dos judeus era esmagadora em proporção ao tamanho da sua população e, muitas vezes, verdadeiramente prejudicial. Desde meados do século XIX, muitas soluções para a questão judaica foram apresentadas ao público; uma que encontrou forte aprovação foi a de transformar o povo judeu numa espécie de nação minoritária[271], com os direitos e deveres resultantes no

---

[270] Uma primeira tentativa é a obra de Wilhelm Grau, 'Antisemitismus im späten Mittelalter' [Antissemitismo na Baixa Idade Média], Editora Duncker, 1935. Como o historiador de Munique, Karl Alexander von Müller, observa criticamente em seu prefácio, 'für eine ernsthafte Geschichte des Judentums in Deutschland noch fast alle Vorarbeiten' [faltam quase todos os trabalhos preliminares para uma história séria do judaísmo na Alemanha].
Consulte também 'Hofprediger Adolf Stöcker und die christlichsoziale Bewegung' [O Pregador da Corte Adolf Stöcker e o Movimento Cristão-Social], Berlim 1928, 2ª edição, Hamburgo 1935; o livro de G. Liebe, 'Das Judentum in deutscher Vergangenheit' [O Judaísmo no Passado Alemão], Jena 1924, não satisfaz nem as exigências científicas, nem a uma formulação de questão [abordagem] alemã."

[271] Ver o escrito do teólogo de Tübingen, Gerhard Kittel, „Die Judenfrage" [A Questão Judaica], Editora W. Kohlhammer, Stuttgart 1935. Kittel desenvolve, em conformidade com as atuais leis

Estado[272]. A consequência adicional seria, naturalmente, que, além da filiação nacional, também teria de haver uma filiação estatal com implicações jurídicas específicas.

O conhecido escritor Wilhelm Stapel, a quem o nacional-socialismo deve muitos impulsos, escreve por ocasião das novas leis do Reich sobre a preservação da raça ariana na revista *Deutsches Volkstum*[273], que ele edita, que até agora havia um condomínio, uma coeducação, um connubio, um comércio entre alemães e judeus. Em outras palavras: o judeu era simplesmente um alemão. Agora, o condomínio foi abolido; o co-governo no Estado autoritário alemão foi negado aos judeus. Stapel diz: "*Eles nunca mais farão política alemã, mas apenas política contra ou com a Alemanha*". Portanto, não política alemã, mas política com a Alemanha, o que, no final das contas, ainda seria política alemã!

Assim, Stapel descreve a regulamentação atual e acrescenta a seguinte consideração: "Quando analisamos o resultado dessa constatação do lado judaico, acreditamos que as gerações futuras considerarão o ano de 1933 como um ano de libertação para o povo judeu; com o fracasso da assimilação, a nacionalidade (juntamente com a fé) tornou-se poderosa". O cristianismo protestante[274] também reconhece isso — não há cláusula racial para admissão em sua comunidade religiosa, a menos que um fundamento essencial da crença cristã seja abalado. Assim, o batismo judaico e os casamentos mistos também serão permitidos no futuro. O código legal eclesiástico, que entrou em vigor em 19 de maio de 1938, não contém disposições de natureza específica para os judeus e fala apenas de católicos não batizados, mas não de judeus. Assim, a

---

nacional-socialistas, a necessidade da separação entre alemães e judeus a partir das condições resultantes da emancipação judaica e da assimilação. Kittel não considera o sionismo uma solução possível. Ele advoga a restauração do „Gastzustandes" [estado de convidado/estatuto de estrangeiro residente]. Os judeus devem tornar-se novamente judeus autênticos e piedosos. Autonomia cultural para uma verdadeira cultura judaica. (Imprensa em hebraico. Sistema de ensino privado judaico independente. Proibição de casamentos mistos [„Keine Mischehen"].)"

[272] Gottfried Feder, „Der deutsche Staat auf nationaler und sozialer Grundlage", S. 56 bis 59, „Nationalsozialistische Bibliothek". No Estado nacional-socialista, o direito de cidadania implicará obrigações morais para com o Estado e o povo. Os judeus serão, por princípio, excluídos do direito de cidadania.

[273] Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburg, Januarheft 1935.

[274] Fabricius Caius, „Die Judenfrage in der Evangelischen Kirche", Verlagsgesellschaft für Zeitungsdienst, Berlin 1934.

Igreja não reconhecerá o aspecto racial do batismo judaico ou do casamento misto, sem se opor à restrição da influência judaica na vida do Estado, pois é um fato empírico que a assimilação dos judeus em uma nacionalidade estrangeira muitas vezes permanece puramente superficial. Portanto, nenhuma objeção séria pode ser levantada contra a legislação estatal que, por necessidade e para proteger contra o influxo de elementos estrangeiros, salvaguarda a sua própria nacionalidade e, por razões político-estatais e nacionais, emite certos regulamentos restritivos para membros do povo judeu, mesmo que tais leis não estejam alinhadas com o Estado constitucional moderno[275], pois os princípios do Estado moderno, criados apenas através da Revolução Francesa, não são os melhores do ponto de vista do cristianismo e da nacionalidade. Menos ainda, porém, aqueles não arianos que são materialistas e negam a espiritualidade do ser humano com uma alma imortal têm o direito de se opor a esta legislação do Reich. Esses judeus terão de aceitar ser julgados exclusivamente com base em critérios raciais e biológicos e deixar de ser iguais em valor e direitos dentro do nosso povo alemão, pois só o reconhecimento de uma alma e a crença no sobrenatural podem proteger contra exageros.

O erro de muitos escritores nacional-socialistas proeminentes sobre esta questão duplamente delicada, em que o judaísmo representa um poder económico e intelectual mundial, reside mais noutra área, a saber, na radicalização que acaba por atribuir todos os lados sombrios da história nacional ao judaísmo[276] e, nas suas conclusões, leva a um desrespeito pelo Antigo Testamento, bem como a uma reinterpretação da personalidade de Cristo, que, devido à sua origem não ariana, é dificilmente aceitável para o antissemitismo radical. Historicamente, o exagero da questão judaica quase sempre terminou com a dissolução do cristianismo (Marcion), e é digno de nota que todos os defensores radicais do antissemitismo rejeitam particularmente o catolicismo[277].

---

[275] G. Gundlach, „Ausgeschlossen sind Ausnahmegesetze gegen jüdische Staatsbürger als Juden, und zwar vom Standpunkt des modernen Staates“, in M. Buchberger, „Lexikon für Theologie und Kirche“, I, S. 505.

[276] A esta vertente pertencem também escritos como: „Weltfreimaurerei, Weltrevolution, Weltrepublik“ [Maçonaria Mundial, Revolução Mundial, República Mundial]. Uma investigação sobre a origem e os objetivos finais da Guerra Mundial. Pelo Dr. Fr. Wichtl. 11ª edição, do 50º ao 54º milhar. Editado por E. Berg.

[277] Rosenberg, „Verbrechen der Freimaurerei“ [Crimes da Maçonaria], p. 150, escreve: Aqui, neste ponto sobre o espírito do Antigo Testamento, reside o ponto crucial da construção do nosso futuro. Se o nosso espírito, livre de correntes, se elevará, se o cristianismo superou as suas dificuldades

Também nesta questão, pode-se dizer que, na abordagem de representantes individuais do nacional-socialismo em relação ao Antigo Testamento, o grande processo de liquidação da teologia protestante liberal e da exegese bíblica, representado pelos nomes Wellhausen e Gressmann, está concluído, e é particularmente notável que essas ideias destrutivas, há muito rejeitadas pela erudição protestante séria, estejam agora a encontrar o seu caminho entre o povo, tornando-se efeitos colaterais ideológicos indesejáveis de movimentos políticos.

Torna-se ainda mais claro que o antissemitismo racial, com o seu ataque, visa não apenas o judaísmo, mas também o cristianismo, que é rejeitado como uma religião "estrangeira" e "oriental", e cuja "moralidade compassiva" e "ideal de humildade" são considerados incompatíveis com o espírito de um povo governante aristocrático. Nesse nível, duas reivindicações de eleição entram em conflito hostil: a reivindicação judaica, revelada divinamente, do povo escolhido pela graça, e a reivindicação alemã, autoproclamada, decorrente da consciência nacional ou racial da pureza e nobreza de sua própria essência, na qual se expressa uma determinação de posição social terrena. Assim, o já citado Wilhelm Stapel escreve em seu livro *O Estadista Cristão (*1932): "*Se apenas dois alemães vivessem em toda a Polónia, eles seriam mais do que os milhões de polacos; pois, afinal, eles são alemães".* A consciência alemã e judaica da missão se encontram nas profundezas.

O problema é claramente elucidado na declaração oficial do Jornal eclesiástico da arquidiocese, Köln, onde, num estudo especial complementar sobre O Mito do Século XX, de Rosenberg, pode-se ler o seguinte:

> "Existem, de fato, pontos de vista especificamente judaicos aos quais Jesus e Paulo se opuseram com igual determinação. Essas visões têm as suas raízes na ideia da

iniciais ou se o trabalho dos nossos grandes líderes para nos mostrar o caminho para os nossos sentimentos e pensamentos foi em vão, isso terá de ser decidido em breve"
São significativos os estatutos da Aliança dos Europeus Populares (Alliance Raciste Européenne), cujos membros se comprometem com o seguinte: "O que conquistámos na Alemanha, contra as correntes contrárias que surgiram por toda a parte (movimento católico, invasão da Igreja no domínio da liberdade de consciência, maçonaria dissimulada, arrogância judaica recém-despertada — preconceitos de classe e profissionais, intelectuais"

> superioridade da raça judaica sobre todos os outros povos. Essa ideia não provém do Antigo Testamento, no qual Israel possui apenas uma superioridade de graça, não de raça. No entanto, mais tarde, o judaísmo — e esta é a sua culpa histórica mundial e a causa última da sua queda — reinterpretou o privilégio da graça proclamado no Antigo Testamento como uma superioridade natural da sua raça. A causa e o efeito foram invertidos; já não — como no Antigo Testamento — o privilégio de Israel repousa na graça de Deus, mas a graça de Deus repousa em Israel porque é o mais nobre de todos os povos... Esta é a verdadeira doutrina judaica contra a qual João Batista, embora ele próprio judeu, protestou, como também registrado pelo judeu Mateus (3:9); contra a qual Jesus travou uma luta implacável; ... e sobre a qual, quando também ameaçou a jovem Igreja de Cristo, ninguém alcançou uma vitória decisiva além de Paulo".

Daí emerge uma postura significativa contra a tentativa de compreender e resolver a questão judaica exclusivamente da perspectiva da raça. O cristianismo é a superação da deificação da raça, articulada e dogmatizada pela primeira vez na fase tardia da história israelita, que, em contraste com a investigação científica sobre raças, não é, portanto, uma criação moderna; portanto, na era avançada da história nacional europeia, em que o cristianismo perde a sua força vinculativa, a possibilidade da deificação da raça ressurge. Este paralelo histórico judaico-alemão que se estende por dois milénios é profundamente digno de nota. Ele é reforçado pelo fato de que, ainda hoje, no cristianismo alemão genuíno, o problema judaico não ganha tanta nitidez.

No entanto, antes que um problema tão complexo como a questão judaica possa ser resolvido a partir de uma perspetiva racial, que ainda é cientificamente contestada, a questão deve primeiro ser esclarecida de forma inequívoca: desde quando o judaísmo, na história de outros povos, atuou como uma força destrutiva? Pois uma acusação tão ampla, como alguns propõem, parece infundada, mesmo que escritores individuais afirmem encontrá-la na justificativa oficial para a legislação de proteção racial do Reich alemão de 1935. Afirmações por si só não podem justificar o radicalismo, mesmo que o judaísmo, por meio de seu envolvimento significativo no movimento marxista e especialmente no bolchevique, tenha de muitas maneiras contribuído para a atual legislação do Reich alemão. Portanto, o quadro jurídico[278], baseado em

[278] Ver acerca da Lei de Setembro de 1935, "Schutz des deutschen Blutes und der deutschen Ehre" ["Proteção do sangue alemão e da honra alemã"], o estudo do assessor judicial Wöhrmann, Munique, publicado na Juristischen Wochenschrift, setembro de 1935, intitulado "Das Problem der Auflösung

Rosenberg[279], Stapel e Fritsch, mesmo que algumas restrições já tenham sido introduzidas, ainda mantém uma certa severidade quando se procura abordar a questão da emancipação judaica, a questão dos indivíduos mestiços e dos combatentes judeus da linha de frente a partir do princípio racial, de uma forma que pareça justa para todas as partes.

Como cristãos e católicos, não temos qualquer motivo para defender o judaísmo que, após a Guerra Mundial, assumiu a liderança das massas trabalhadoras no espírito do marxismo e a utilizou de forma grosseira para fins egoístas; no entanto, precisamente porque condenamos todas as injustiças, guardamo-nos de uma generalização que responsabilizaria apenas o judaísmo pelas injustiças sociais e políticas ao longo da história.

É verdade, porém, que especialmente no período pós-guerra, uma parte significativa da intelectualidade judaica, movida por uma ambição prejudicial, alinhou-se com partidos de esquerda e assumiu posições de liderança dentro de suas fileiras, particularmente na Áustria, Alemanha e Hungria (e na Rússia)[280] — uma situação em que todo o aparato partidário médio e inferior é judaizado, o que não abordaremos aqui — e que crimes industriais de natureza perigosa foram introduzidos em toda a vida política do povo alemão por esse judaísmo

---

von Mischehen zwischen Ariern und Juden" ["O problema da dissolução de casamentos mistos entre arianos e judeus"].

[279] Cabe aqui remeter a algumas passagens do Mythos des 20. Jahrhunderts, de Alfred Rosenberg. Ele afirma: "Ehen zwischen Deutschen und Juden sind zu verbieten, Geschlechtsverkehr zwischen Deutschen und Juden ist je nach der Schwere des Falles mit Vermögensbeschlagnahme, Ausweisung, Zuchthaus und Tod zu bestrafen. Läßt sich eine deutsche Frau freiwillig mit Negern oder Juden ein, so steht ihr in keinem Falle gesetzlicher Schutz zu, auch nicht für ihre unehelichen Kinder, die die Rechte des deutschen Staatsbürgers von vornherein gar nicht zugesprochen erhalten." [Tradução: "*Casamentos entre alemães e judeus devem ser proibidos; relações sexuais entre alemães e judeus devem ser punidas, conforme a gravidade do caso, com confisco de bens, expulsão, trabalhos forçados e morte. Se uma mulher alemã se relacionar voluntariamente com negros ou judeus, não lhe assiste, em caso algum, proteção legal, tampouco a seus filhos ilegítimos, aos quais, desde o início, não são concedidos os direitos de cidadão do Estado alemão.*"]

[280] Cf. Rak ("Rassenpolitische Ausland-Korrespondenz", n.º 4, abril de 1936); Abraham Heller, Die Lage der Juden in Rußland von der Märzrevolution 1917 bis zur Gegenwart ["A situação dos judeus na Rússia da Revolução de Março de 1917 até o presente"] ("Schriften der Gesellschaft zur Förderung der Wissenschaft des Judentums", n.º 39, Verlag M. & H. Marcus, Breslau, 1935).

religiosamente decadente[281]. Isso sem dúvida ocorreu sem e contra a vontade da grande maioria dos judeus que são orientados num sentido conservador e preservador do Estado.

Essa maioria lamentou profundamente as aberrações políticas e sociais de seus correligionários, até porque teve de sofrer as consequências que os extremistas judeus de esquerda trouxeram sobre si mesmos. Essa grande maioria, pelo menos do judaísmo respeitável e de longa data, também nunca teve a ambição de exercer influência indevida na vida pública, mas apenas desejava se dedicar ao trabalho pacífico e à diligência em harmonia com seus concidadãos cristãos. No entanto, uma acusação não pode ser deixada de lado: esta parte melhor do judaísmo alemão do Reich não conseguiu traçar uma linha clara de separação entre si e os agitadores vermelhos e afirmar claramente que não existe aqui nenhuma semelhança de pontos de vista ou aspirações. Isto foi negligenciado — talvez por um sentido mal compreendido de solidariedade, talvez por receio de que tais protestos apenas chamassem a atenção para o fato indesejável. Mas foi um erro tentar contornar diplomaticamente um fato que, afinal, era conhecido por todo o mundo, e o único resultado foi que esse silêncio forneceu ao antissemitismo racial ativo um argumento que não deixou de surtir efeito. Apesar de tudo isso: é historicamente falso e moralmente injustificável usar o comportamento aberrante de uma parte dos judeus como evidência para a discriminação de todos os judeus que vivem entre os alemães. Muitos judeus integraram-se totalmente à nacionalidade estrangeira e alcançaram realizações notáveis na cultura alemã. Somente na medida em que o judaísmo perdeu seus fundamentos religiosos e foi ideologicamente desenraizado é que ele se tornou realmente destrutivo para os outros. Em outras palavras, o destino dos judeus entre as nações e, portanto, o problema judeu em geral, não pode, em última análise, ser explicado apenas pelo fato de ser uma raça diferente ou apenas pela esfera política, mas requer necessariamente uma orientação teológica para evitar chegar a visões injustas no esforço de proteger a própria nacionalidade, visões que contradizem não apenas a verdade, mas também a compaixão humana básica.

[281] Um representante particularmente deplorável dessa corrente foi o socialista judeu Karl Kautsky, cujo livro Ethik constituiu um caso típico dessa decadência. (“Sittlichkeit ist nichts anderes, als das Haben-Gelten-Genießenwollen des Menschen nach seinem subjektiven Gutdünken.”)
[Tradução: “A moralidade não é outra coisa senão o querer-ter, querer-valer e querer-gozar do ser humano segundo o seu arbítrio subjetivo.”]

Da perspectiva da mera raça física, os judeus estão, aliás, mais próximos dos alemães do que, por exemplo, dos povos fino-úgricos e altaicos (magiares, turcos), pois um dos seus componentes raciais é o elemento mediterrâneo, que constitui o principal componente dos povos mediterrâneos “arianos” e também está presente no povo alemão, e outro componente é o elemento oriental, cujos principais portadores são os “arianos” O problema do povo judeu como um todo não pode, portanto, ser categorizado racialmente nos termos habituais e, na sua essência, baseia-se não em fatores materiais, mas espirituais (não no fator físico do “sangue”, mas no fator espiritual de um ato histórico de vontade). O povo judeu foi disperso e não encontrou uma consciência nacional desde a queda do seu próprio Estado.

Para compreender o judaísmo na história mundial, a queda do seu próprio Estado em 70 d.C. é de importância decisiva. Quando comparamos os livros do Antigo Testamento que surgiram após este evento, já encontramos duas direções que desde então se tornaram características de todo o judaísmo: 1) Literatura sapiencial com uma filosofia mundial que se alinha parcialmente com o ideal cultural cosmopolita do helenismo predominante, embora mesmo nesses livros a missão religiosa do judaísmo seja repetidamente enfatizada; 2) uma direção nacional, expressa nos livros macabeus, com a luta pelo verdadeiro reino. Desde então, os judeus têm sido um povo sem pátria, os eternos emigrantes da história mundial, cuja inquietação dentro de esferas culturais estrangeiras também decorre da perda desse centro nacional. É um fato experiencial geral da história que todas as nações e raças, em sua inquietação e natureza problemática, dependem essencialmente de que o desenvolvimento natural baseado na língua e na raça encontre ou não uma certa satisfação.

5. O problema da influência racial no desenvolvimento do cristianismo ocidental

As seções anteriores já mostraram claramente que o impulso da ciência racial representa um perigo apenas quando os seus princípios são estendidos como única autoridade no domínio da cultura e da visão de mundo, em vez de se limitarem à medicina, à biologia e à política populacional. Em muitas questões desta ciência jovem, a palavra final certamente ainda não foi dita. Se o primeiro caso ocorrer, seria realmente necessário falar de uma crise da cultura cristã até então predominante em toda a Europa.

A seguir, para aprofundar as ideias já adquiridas, abordaremos uma seção que, entre os pesquisadores radicais da raça hoje em dia, é quase mais central do que as questões sociais: qual o papel da questão racial no desenvolvimento do cristianismo ocidental ou, em outras palavras, o cristianismo ocidental é apenas o resultado da esfera cultural mediterrâneo-romana e das raças que nela residem?

Desde que o engenhoso frade agostiniano Mendel observou cientificamente as leis da natureza na solidão do seu mosteiro em Brünn, desde que Gobineau e Richard Wagner, ambos não por meios científicos, mas por intuição artística, tornaram popular a questão da influência racial na cultura intelectual, esta questão não tem descansado. Se acreditarmos nos proponentes radicais, ela está gradualmente a tornar-se o problema central, que também ressoa em vários movimentos políticos (Índia, México e Japão). No entanto, ninguém ainda resolveu exaustivamente a questão dos componentes determinantes da cultura. A explicação puramente orgânica da vida intelectual, que Spengler e, muito antes dele, Danilevsky[282] tentaram através da doutrina dos tipos ou almas histórico-culturais, não pode satisfazer. É evidente que a Igreja mundial de Roma, que impôs um certo ethos às culturas dos povos cristianizados, não pode permanecer intocada por estes grandes conflitos que estão inevitavelmente ligados ao problema racial.

[282] „Rußland und Europa“ (1869); ins Deutsche übersetzt 1920.

Uma enxurrada de perguntas assalta hoje toda pessoa moderna que procura examinar as correntes intelectuais que dão cor e ritmo à nossa história contemporânea acima do emaranhado panorama político da Europa. A luta contra Roma, que encontramos em todos os séculos e entre todos os povos em certas épocas do seu desenvolvimento intelectual, é realmente causada pela raça? É, acima de tudo, nas relações da Germânia com Roma, uma revolta do gênio alemão e sua religiosidade contra a forma "estranha" do cristianismo e contra o romanismo, que supostamente se encarna no catolicismo? Pode-se mesmo escrever uma história da cultura e do intelecto dos povos a partir da perspectiva racial, com base nas descobertas atuais desta ciência jovem? É possível detectar influências raciais na teologia cristã? E tantas outras questões são levantadas pela turbulenta corrente da história contemporânea. Várias observações preliminares são necessárias. A questão racial é um problema biológico e cultural-intelectual. Como higiene racial, essa questão pertence ao domínio da medicina e da biologia, onde a moralidade sempre terá uma palavra a dizer, pois muitas vezes diz respeito a questões limítrofes de ambos os campos. No entanto, a questão torna-se mais complexa quando o problema da raça é estendido à esfera cultural e se procura examinar a palavra da moda moderna, a “alma racial”.

O que é, afinal, uma alma racial? Este conceito abrange apenas certas predisposições biológicas para a formação do caráter, ou toda a atitude de uma pessoa em relação às questões da vida é condicionada pelo sangue? Em outras palavras: as raízes mais profundas de uma cosmovisão religiosa também estão no sangue e na raça?

Na visão de mundo cristã, três elementos moldam o tipo de ser humano, seu caráter e personalidade: a corrente hereditária ou massa hereditária, na qual a raça é condicionada, o ambiente e a alma como forma *corporis*. Quando esta visão é contrastada com a ciência racial radical, vemos que duas concepções fundamentalmente diferentes nos dizem algo:

1) O monismo biológico, no qual o sangue desempenha o papel decisivo na formação da cultura e da religião e termina num paralelismo psicofísico concebido biologicamente, onde o corpo e a alma representam os lados interno e externo da mesma entidade;

2) O dualismo antropológico, que, desde Aristóteles na filosofia grega, ganhou uma posição de destaque através da doutrina da matéria e da forma e constitui o próprio fundamento de toda a religião teísta, independentemente das formas dogmáticas com que se aproxima do humano.

Se examinássemos mais profundamente este problema, colocado ao cristianismo pela ciência racial — o que, no entanto, excede o âmbito deste livro —, seria necessário analisar cuidadosamente uma série de questões, sobretudo a influência do clima e da formação do solo no surgimento e desenvolvimento das culturas. Em que medida a alma e, portanto, a vida intelectual, também são influenciadas pela raça? Quão significativa é a diferenciação dos seres humanos por raça, tanto física quanto psicologicamente, na sua origem? Até agora, nenhuma pesquisa científica sobre raças forneceu uma resposta que possa satisfazer plenamente.

Todas as raças e nações contribuem para o progresso intelectual geral da humanidade, assim que fazem a transição de um estado nómada para um estado civilizado. Mas existem raças que podem ser designadas como inferiores e destrutivas desde o início? Existem, além disso, povos culturalmente autóctones cujo impulso criativo não requer modelos nem empréstimos de outras esferas culturais?

Uma vez que os primórdios da cultura entre todos os povos se perdem no crepúsculo da história e da lenda, é difícil determinar, em casos individuais, de onde vieram os primeiros impulsos e empréstimos, o que é inerente à raça e o que já foi adotado. No entanto, as seguintes afirmações, nas quais se baseiam as reflexões subsequentes, não parecem demasiado ousadas: por cultura, entendo a formação harmoniosa e consistente da vida com base numa visão específica do mundo. Em outras palavras: a cultura é algo vivo, estritamente definido; a maioria das pessoas não progride além de uma determinada civilização. As culturas são algo orgânico; elas se baseiam no que veio antes, vivem de seus tesouros e formas e os enriquecem. Não existem apenas culturas nacionais, mas também uma cultura humana no sentido da humanidade e, acima de tudo, do cristianismo, na qual as maiores conquistas de todas as esferas culturais de alguma forma convergem. Não se pode negar que existem não apenas diferenças

físico-biológicas, mas também intelectuais entre nações e raças, que também podem ter uma certa condicionalidade na própria raça. Assim, para citar apenas alguns exemplos, o conceito antigo de Estado entre gregos e romanos é fundamentalmente diferente. Pátria não significa a mesma coisa para ambos. Os fundamentos do conceito de Estado entre os romanos na era do seu imperialismo mundial são a organização e a coesão jurídica, enquanto entre os gregos, pelo menos nos primeiros séculos até Alexandre, o Grande, é mais a nacionalidade ligada à língua. O romano antigo queria absorver e padronizar toda a cultura; ele não conseguia conceber o conceito de direitos das minorias nacionais.

Assim que um povo começa a pensar em termos histórico-mundiais e cultural-imperialistas, as concepções de Estado e nação mudam completamente por si mesmas, sem levar em conta os fundamentos raciais. A história da religião também nos mostra diferenças entre nações e raças. A concepção do céu divino e seus habitantes não é a mesma entre os povos orientais, na Hélade e na Germânia. A arquitetura dos templos no Oriente e na Europa também pressupõe diferentes predisposições dos povos. Mas é absolutamente necessário buscar a causa dessas diferenças apenas na raça? Não seria possível que a causa estivesse na formação do solo, no clima ou mesmo na extraordinária variedade de possibilidades com que o espírito criativo molda frequentemente a vida e o ambiente de forma totalmente independente? Não existe uma migração espiritual com seguidores? Talvez hoje superestimemos o impacto do solo, do clima, da raça e do sangue, de modo que paira o perigo de um novo materialismo na explicação histórica. Talvez muito seja menos inato do que afirmamos hoje. Assim, há de fato muitas questões levantadas pela ciência racial moderna que, se examinadas com imparcialidade, podem um dia enriquecer o nosso conhecimento para distinguir o verdadeiro do falso, o subjetivo do correto.

Em si mesmo, não é necessário que o cristianismo e a ciência racial entrem em conflito, pois ambos representam ordens diferentes. As oposições começam, no entanto, quando se procura simplesmente explicar a vida biologicamente, sem qualquer consideração pelo espírito e pela alma. Seria incompatível com o cristianismo, que entra na história como revelação divina para unir todas as nações e religiões numa ideia divina e salvífica universal, exagerar tanto a teoria

racial que a religião cristã no dogma, no culto e na organização apareça exclusivamente como um sincretismo de certas raças ou esferas culturais, causado puramente biologicamente pelo sangue. Essa radicalização da ideia de raça significaria, em última análise, uma materialização da religião e, por meio de um mito do sangue, um retorno à filosofia religiosa monista de Haeckel, na qual muitos veem o precursor desses esforços modernos — em outras palavras, resultaria na completa destruição do cristianismo.

A grande problemática ainda inerente ao problema racial moderno, assim que se estende da biologia e da medicina à filosofia e à história intelectual, só pode ser resolvida através de uma pesquisa individual séria, na qual a ciência também deve ter a liberdade necessária, mas não através dos ditames da autoridade. Não vale a pena refutar a afirmação de que apenas a raça nórdica na pré-história levou a centelha para as regiões escuras e inexploradas e, assim, criou todas as culturas do mundo, ou que a mistura de sangue reduz o nível racial e, portanto, causa o declínio das culturas elevadas. Assim como na história alemã inúmeras personalidades notáveis foram indivíduos mestiços de duas ou três raças europeias, o mesmo aconteceu na antiguidade.

Três esferas culturais cruzam-se no início da era cristã. A semítica, que, em pensamento e linguagem, se estende do Antigo Testamento à era do Novo Testamento; a grega, no sentido do helenismo; e a latina-romana, uma vez que os romanos, através de Pompeu, incorporaram a Síria-Palestina e, através de Augusto, também o Egito ao seu Reich mundial. Os portadores da doutrina cristã eram, portanto, inicialmente membros de três nações, cada uma das quais havia absorvido diferentes raças. Cada uma dessas nações, que apresentavam diferenças intelectuais não insignificantes entre si, trouxe predisposições específicas e disposições volitivas para o cristianismo. O povo judeu, que somente na época pós-exílica, no século V a.C., sob Esdras, introduziu uma estrutura racial, enquanto influências culturais anteriores dos cananeus, babilônios, egípcios e hititas são rastreáveis, trouxe um sentido metafísico particular à sua missão religiosa. Em nenhuma outra literatura religiosa da antiguidade encontramos tal amplitude de pensamento, tal preocupação ansiosa com a pureza do monoteísmo e tal profundidade religiosa maravilhosa como nos Salmos e nos Profetas. Em nenhum outro relato histórico da antiguidade o ser humano puro é retratado de forma tão realista e imparcial como nos livros do

Antigo Testamento. As pessoas são retratadas nas passagens mais elevadas da mesma forma que são na realidade entre todos os povos. É o ser humano universal que tem um efeito tão cativante[283].

Quando se discute o problema da influência racial nas religiões, particularmente no cristianismo, é preciso alertar contra qualquer postura unilateral, o que não é incomum hoje em dia, sob a influência do antissemitismo em relação à história e à literatura do Antigo Testamento.

Marcião, o gnóstico cristão do século II, que encontrou o seu sucessor e defensor moderno em Harnack, também rejeitou o Antigo Testamento. Da mesma forma, os escritos de Lutero contêm confissões e declarações notáveis sobre o Antigo Testamento. No entanto, para esses oponentes do Antigo Testamento, as motivações eram muitas vezes de natureza puramente teológica: fanatismos mundanos do século II contra a postura de afirmação da vida do Antigo Testamento, uma ênfase exagerada no caminho cristão para a salvação ou noções equivocadas sobre a "essência do cristianismo". Em contraste, a aversão dos pesquisadores raciais modernos ao Antigo Testamento deriva, em última análise, de uma consideração puramente biológica da história, o que leva diretamente a uma incompatibilidade entre a religião do Antigo Testamento e a "piedade alemã". Essa tentativa de derivar todos os eventos biologicamente de instintos raciais imutáveis, de degradar o espírito e a fé a funções do sangue e de rotular toda mistura racial como inferior leva de Gobineau, Renan, Seitz e Chamberlain às fantasias antissemitas de nossos dias, que encontraram seus profetas e dogmáticos particularmente em Winter e Fritsch. Ao fazer isso,

---

[283] Cf. o juízo de Friedrich Nietzsche:

“Im jüdischen Alten Testament, dem Buche von der göttlichen Gerechtigkeit, gibt es Menschen, Dinge und Reden in einem so großen Stile, daß das griechische und indische Schrifttum ihm nichts zur Seite zu stellen hat. Man steht mit Schrecken und Ehrfurcht vor diesen ungeheuren Überbleibseln dessen, was der Mensch einstmals war, und wird dabei über das alte Asien und sein vorgeschobenes Halbinselchen Europa, das durchaus gegen Asien den ‚Fortschritt der Menschen‘ bedeuten möchte, seine traurigen Gedanken haben.”

“No Antigo Testamento judaico, o livro da justiça divina, há homens, coisas e discursos de um estilo tão grandioso que a literatura grega e indiana nada têm que se lhe compare. Permanece-se diante desses imensos vestígios daquilo que o homem outrora foi com espanto e reverência — e, ao mesmo tempo, surgem pensamentos melancólicos sobre a antiga Ásia e sua pequena península avançada, a Europa, que pretende representar, frente à Ásia, o ‘progresso da humanidade’.”

esquece-se completamente que o conteúdo religioso do Antigo Testamento era apenas uma preparação, a ser cumprida e parcialmente transcendida no cristianismo, de modo que seu valor religioso e moral em muitos aspectos tinha de ser relativo, adaptado a condições culturais específicas.

As justificativas com as quais as pessoas hoje, simultaneamente com o antissemitismo sancionado pelo Estado, procuram rejeitar os antigos bens religiosos sobre os quais o cristianismo se construiu são peculiares. Assim, o Antigo Testamento é criticado por ter muito pouco caráter heróico em seu conteúdo. No entanto, quem nega o espírito heróico do Antigo Testamento teria que ignorar todos os relatos militares dos tempos dos juízes e reis, embora estes, em sua mentalidade heróica — reconhecidamente também na selvageria de sua tradição — dificilmente fiquem aquém dos feitos dos antigos épicos germânicos. Aliás, um dos grandes erros do presente, herdado de Nietzsche, é que o heroísmo não é colocado na esfera moral do ser humano, mas é repetidamente equiparado ao imperialismo militarista, embora os verdadeiros heróis da humanidade nem sempre tenham sido conquistadores do mundo, mas sim vencedores do mundo. Um rompimento do vínculo entre o Antigo e o Novo Testamento com base na doutrina racial significaria o fim de ambos, pois a sua conexão não é apenas histórica, mas orgânica. Um evangelho “purificado” de todo o "judaísmo" continua a ser uma utopia e deixaria de ser um evangelho[284].

Portanto, não encontramos no processo de cristianização dos antigos germânicos a menor contradição com o conteúdo do Antigo Testamento, nenhum recuo instintivo, nenhuma rejeição baseada no sangue do material “estrangeiro” ou “de outra raça”. Pelo contrário, há um envolvimento e interesse vivos nas narrativas do Antigo Testamento, porque elas continham algo que faltava à antiga religião germânica: *a fé numa única e mesma divindade para todos os povos.* A literatura religiosa do Antigo Testamento mostra em vários pontos uma concepção universal da ideia de Deus, que nada tem a ver com um estreitamento das forças naturais dos povos primitivos ou com uma mera

[284]Já estão disponíveis uma série de excelentes escritos de defesa de Sellin, Volz e Hempel. Gostaríamos de chamar a atenção para uma brochura cujo autor, especialista em Antigo Testamento da Universidade de Marburgo, tem simpatias pelo nacional-socialismo: H. W. Herzberg. „Der Deutsche und das Alte Testament. Ein Beitrag zu den Fragen um Deutschtum und Bibel“, Verlag Töpelmann, Gießen 1934.

divindade tribal como Yahweh, mas pressiona para o desenvolvimento e o refinamento da ideia de Deus no cristianismo.

A nação grega foi escolhida nos primeiros tempos para contribuir, com o seu génio particularmente adequado para a especulação, para o aprofundamento do dogma da personalidade de Cristo e do Espírito Santo. A terceira esfera cultural é formada pelos romanos: a Providência destinou o gênio romano à grande missão de usar as suas predisposições para a construção organizacional da Igreja. O romano trouxe, da sua disposição nacional e racial, para a história do cristianismo um sentido de forma e ordenação clara de pensamentos e conceitos, de organização e conquista, de realismo sóbrio e atitude objetiva. Talvez haja um símbolo para avaliar o gênio romano na história intelectual ocidental: a magnífica construção do antigo Panteão, cuja arquitetura, como conclusão coroadora, foi adotada por Michelangelo numa brilhante visão de mundo para a construção monumental do cristianismo ocidental, a Basílica de São Pedro. Em nenhum outro edifício as proporções são tão puramente compreensíveis e num encerramento absolutamente claro e harmonioso, construído sobre números e proporções simples. Uma arquitetura em que tudo está equilibrado, todos os conflitos resolvidos, tudo flui um para o outro na sensação feliz da harmonia da vida e da unidade da visão de mundo.

A influência germânica começa na história do cristianismo ocidental com os séculos VIII e IX, e fica claro o quanto o caráter nórdico precisava de uma renovação parcial através dos contrastes da esfera cultural romana para permanecer um elemento positivo de desenvolvimento posterior no cristianismo. O ser humano germânico trouxe, com a sua tremenda energia de vontade, uma forte tendência para generalizar o que era subjetivamente experimentado e formar um sistema de pensamento a partir disso, para enfatizar excessivamente a vida interior religiosa e a autoridade interior da consciência individual contra as reivindicações externas de autoridade, e para enfatizar fortemente a dinâmica. Um impulso para a atividade e uma propensão para filosofar e reformar caracterizam a raça nórdica.

Aqueles que consideram estas diferenças brevemente esboçadas entre os povos que intervieram de forma mais decisiva na história cristã compreenderão mais facilmente os conflitos intelectuais dentro do cristianismo. A separação dos

povos orientais de Roma teve, portanto, origens totalmente diferentes das dos povos nórdico-germânicos durante a Reforma, por exemplo. O cristianismo oriental, para mencionar apenas um aspecto, adotou uma postura completamente diferente em relação ao Estado nos primeiros séculos do que a Igreja ocidental. No Oriente, o cristianismo tornou-se inteiramente um órgão do Estado e da história nacional ou distanciou-se de ambos em todas as questões mundanas, retirando-se para o puramente religioso (liturgia, dogma e vida monástica). Assim, a ideia de ordem no cristianismo oriental concentra-se, por assim dizer, egoisticamente na vida interior. Ordens como a dos jesuítas e as congregações modernas da Igreja Romana, nas quais algo do impulso conquistador da era apostólica continua vivo, são impensáveis ali, pois parecem contradizer o caráter especulativo e a mentalidade religiosa do Oriente, que é fortemente orientado para a vida após a morte e revelou um impulso conquistador militarista apenas na religião do Islão. É como se o cristianismo nesta parte do mundo se tivesse esgotado nas lutas religiosas dos primeiros séculos e perdido o seu poder conquistador. Os grandes teólogos da Igreja Oriental na Idade Média não trouxeram novas perspectivas para o desenvolvimento geral do cristianismo, mas simplesmente prolongaram os conflitos cristológicos e escatológicos dos primeiros cinco séculos.

Assim, o cristianismo nesta região também carecia da força política para resistir ao ataque do islamismo. Com a queda de Constantinopla no século XV, ele desmoronou impotente como um castelo de cartas.

Quando o cristianismo fez a sua entrada em Roma na era de Cláudio, esta cidade era habitada por uma mistura racial. A Roma daquela época era o terreno clássico de uma cultura mista. Ao lado da alta cultura greco-romana da classe alta instruída, existia uma cultura popular comum, na qual viviam influências ideológicas fortes dos egípcios, etruscos, fenícios e da história romana antiga.

Que elementos poderiam ser absorvidos pelo cristianismo a partir desse terreno racial e ideologicamente diversificado, que iniciou a sua marcha triunfal para o Reich a partir de Roma? Para quem ainda afirma fielmente o cristianismo, essa questão não pode dizer respeito à essência do cristianismo. A revelação divina e a religião mundial não podem estar vinculadas a nenhuma esfera cultural, raça ou nação. A questão diz respeito ao culto-organizacional e às manifestações

externas, à periferia, em suma, ao histórico no cristianismo, no qual as verdades objetivas, eternas e universalmente válidas, que não podem estar ligadas a nenhuma nacionalidade ou raça, vêm à luz, como num prisma onde os raios de sol são refratados.

O que o catolicismo deve à cultura romana? Para responder a este difícil problema, devemos considerar um fato importante que traz clareza. Roma adotou o cristianismo de uma forma específica e fechada, que já estava dada pelos livros do Antigo e do Novo Testamento, pois os livros bíblicos escritos em Roma, que completaram o cânone das escrituras sagradas, não podiam mais alterar o quadro religioso geral em seus componentes essenciais. Ninguém afirmaria que, por exemplo, o Evangelho de Marcos, escrito em Roma por volta de 68/69, ou as epístolas paulinas aos Efésios, Colossenses, Filemon e Timóteo — apenas a probabilidade aponta para Roma como o local de composição da Epístola aos Hebreus — contêm representações essencialmente diferentes do cristianismo ou, acima de tudo, influências romanas que só podem ser explicadas pela mistura racial da cidade mundial e seu solo cultural, que, especialmente durante o período imperial, teve uma forte influência grega.

Os conflitos entre a filosofia grega e a Bíblia já tinham encontrado o seu reflexo na literatura sapiencial do Antigo Testamento vários séculos antes, bem como no final do século I no Evangelho de João, que, no entanto, foi escrito no Oriente. Isto não significa negar que os primórdios do cristianismo estivessem sujeitos à lei do desenvolvimento no espaço e no tempo, que acompanha todos os acontecimentos naturais, mas também a obra sobrenatural de Deus. Independentemente das verdades estabelecidas nos livros sagrados, o cristianismo não era uma entidade acabada no momento do seu surgimento. Então, o que no catolicismo se supõe ser de origem distintamente romana?

A liturgia? Sabemos, pela pesquisa do eminente orientalista Gustav Bickell, que partes do rito da Páscoa das comunidades judaicas da diáspora pós-exílica sobrevivem na liturgia da missa. Mas é igualmente certo que uma incursão da liturgia germânica-franca ocorreu logo após Carlos Magno, o que trouxe elementos valiosos dos costumes germânicos para ela, elementos que continuam vivos na liturgia geral da Igreja Romana até hoje.

Além disso, a história e um olhar sobre a liturgia do cristianismo romano ocidental mostram-nos que a espiritualidade grega e o pensamento helenístico, a sensibilidade jurídica romana e o antigo sentido do grandioso e majestoso sobrevivem nas suas formas, encontrando descanso e uma clareza harmoniosa, enquanto as contribuições do norte germânico fertilizaram áreas mais individuais da nacionalidade alemã.

Assim, encontramos na liturgia romana a interação de esferas culturais que o sentido romano da forma moldou artisticamente num todo. A liturgia romana, que representa algo historicamente evoluído, é, portanto, uma síntese, sem que possamos falar de sincretismo no cristianismo por essa razão.

Tomemos o dogma! Teóricos raciais como Claus falam, dentro das raças humanas, de diferentes tipos de estilo (humano de realização [nórdico], humano de persistência, humano de redenção [culturas mediterrânicas], humano de revelação) — uma classificação cuja legitimidade é difícil de provar, pois encontramos características semelhantes em todas as raças e povos, embora não em todos os lugares com a mesma intensidade. A partir dessa classificação racial, afirma-se que a consciência do pecado, a ideia de redenção, um sacerdócio hierarquicamente estruturado e as concepções cristãs da vida após a morte entraram no evangelho através das culturas mediterrânicas supostamente predispostas que floresceram em Roma durante o período imperial e substituíram a antiga cultura romana; na verdade, que a semitização do cristianismo remonta ao século I, quando Paulo supostamente infundiu o cristianismo inerentemente ariano com o espírito semítico-talmúdico.

Não vale a pena levar a sério essas construções históricas que, tal como toda a doutrina racial, não são de origem alemã, mas francesa[285]. Como os discípulos de Renan e David Friedrich Strauss explicam o fato de que, de todos os apóstolos, Paulo encontrou a oposição mais forte não entre os pagãos, mas dentro do judaísmo?

Não foi Paulo, o indivíduo mestiço da Tarsus helenística, que de forma engenhosa levantou pela primeira vez a questão racial na Epístola aos Romanos

[285]Hans Windisch, “Paulus und das Judentum”, editora W. Kohlhammer, Stuttgart, 1935.

e rompeu com a estreiteza racial dos judeus de seu tempo no domínio do espírito? Não é o cristianismo, para ele, aquela visão religiosa universal do mundo capaz de unir os povos da Terra além de todas as diferenças de língua e raça, sem por isso extinguir ou absorver o que é legítimo e natural na língua e na raça?

Aliás, Harnack e Chamberlain contradizem-se precisamente na sua postura em relação à personalidade de Cristo. Ambos partem de um ponto de vista antissemita, mas chegam a conclusões diferentes no seu julgamento.

As origens do cristianismo não se encontram na escuridão do mito ou no crepúsculo da lenda, mas na plena luz da história. Elas não exigem nada mais da pessoa moderna do que objetividade no pensamento, julgamento sóbrio e a eliminação de fantasias que nada têm em comum com a verdadeira ciência. Não menos problemática do que a disputa sobre o significado do apóstolo Paulo no cristianismo é a suposição de que apenas o ser humano oriental conhece a ideia de redenção, enquanto a raça nórdica possui apenas uma religião realista, combativa e que afirma o mundo e a vida. Não foi Paulo, o indivíduo mestiço da Társis helenística, que de forma engenhosa levantou pela primeira vez a questão racial na Epístola aos Romanos e rompeu com a estreiteza racial dos judeus de seu tempo?

Não foi Paulo, o indivíduo mestiço da Tarsus helenística, que de forma engenhosa levantou pela primeira vez a questão racial na Epístola aos Romanos e rompeu com a estreiteza racial dos judeus de seu tempo no domínio do espírito? Não é o cristianismo para ele aquela visão religiosa universal do mundo capaz de unir os povos da Terra além de todas as diferenças de língua e raça, sem por isso extinguir ou absorver o que é legítimo e natural na língua e na raça?

Aliás, Harnack e Chamberlain contradizem-se precisamente na sua postura em relação à personalidade de Cristo. Ambos partem de um ponto de vista antissemita, mas chegam a conclusões diferentes no seu julgamento.

As origens do cristianismo não se encontram na escuridão do mito ou no crepúsculo da lenda, mas na plena luz da história. Elas não exigem nada mais da

pessoa moderna do que objetividade no pensamento, julgamento sóbrio e a eliminação de fantasias que nada têm em comum com a verdadeira ciência. Não menos problemática do que a disputa sobre o significado do apóstolo Paulo no cristianismo é a suposição de que apenas o ser humano oriental conhece a ideia de redenção, enquanto a raça nórdica possui apenas uma religião realista, combativa e que afirma o mundo e a vida.

A partir da história comparativa das religiões, sabemos que a busca pela redenção e a ideia do pecado, fundamentos essenciais do cristianismo, não são conceitos semitas, mas também estão presentes nas religiões arianas da Índia e, muito além disso, em quase todos os povos[286]. As orações e os ritos religiosos dos gregos e dos antigos germânicos tinham, sem dúvida, a sua origem na necessidade de expiação e libertação da culpa humana. Não existe um culto misterioso dos gregos independente das influências semíticas?

Não é necessária qualquer refutação para outra afirmação, a de que a ideia do sacerdócio penetrou pela primeira vez no evangelho a partir da esfera cultural oriental e foi desenvolvida hierarquicamente em Roma. Os povos sem sacerdócio não pertencem a culturas elevadas. Mesmo que os videntes e videntes entre os gregos e germânicos apontassem para ações sacerdotais, e mesmo que nenhuma classe sacerdotal colegial e exclusiva pudesse inicialmente desenvolver-se a partir das funções sacerdotais. Aqueles que conhecem a organização ricamente estruturada do sacerdócio do Antigo Testamento, bem como a do Egito e da Babilónia, não considerarão necessários quaisquer impulsos especiais de Roma a este respeito.

Era uma necessidade natural que as ideias religiosas individuais do evangelho tivessem de receber uma formulação bem definida ao longo dos séculos, em resposta às correntes contemporâneas que ameaçavam o cristianismo. No entanto, esse desenvolvimento dogmático-histórico do cristianismo, na sua origem, não ocorreu no Ocidente, portanto não dentro da Igreja Romana, mas no

---

[286]Cf. Gustav Mensching, Riga, “Artgemäßheit der christlichen Sündenidee”, editora Leopold Klotz, Gotha, 1934.

Mensching parte, em sua argumentação convincente, da ideia de que o conceito de pecado constitui a “substância do cristianismo”

Oriente, onde ocorreram os primeiros grandes conflitos do cristianismo com as correntes religiosas-filosóficas da antiguidade grega. Os grandes teólogos dos primeiros séculos eram de nacionalidade grega e, na medida em que pertenciam à esfera cultural romana, estavam sob a influência dos gregos. Pense em Ambrósio, que dependia de Orígenes e da escola teológica alexandrina, que influenciou quase todos os Padres gregos até João Damasceno, com quem o mundo oriental experimentou um certo encerramento teológico. Pensemos em Hilário de Poitiers, em Victorino, que no século IV escreveu o primeiro comentário bíblico em latim, enquanto até então o grego dominava os estudos. Se formos mais longe, os grandes teólogos que influenciaram o desenvolvimento posterior do cristianismo na antiguidade foram principalmente norte-africanos. A Igreja africana também desempenhou um papel magnífico em questões jurídicas dentro de toda a Igreja. Agostinho, o criador da teologia ocidental, da filosofia, da dogmática e do direito estatal medieval, influenciou profunda e decisivamente, era romano por parte de pai, mas de ascendência fenícia por parte de mãe. Tertuliano era ilírio. O primeiro romano verdadeiramente puro cuja obra literária, no entanto, influenciou mais a liturgia do que a formação do dogma, foi Gregório Magno, no século VI. Mais tarde ainda, Tomás de Aquino, em cujos escritos a teologia ocidental continua a basear-se, era parente da família governante Hohenstaufen. Nele, por assim dizer, duas naturezas, a mediterrânica e a nórdica, fundem-se numa esplêndida unidade. Ele era alemão e romano, germânico e romano numa só pessoa. Escreveu em versos medievais transformados pelo germânico e dirigiu a sua polêmica filosófica contra a filosofia iluminista árabe-semítica da sua época, que começou a obscurecer o Ocidente cristianizado como uma segunda gnose. A sua educação mais profunda não a recebeu em Nápoles e Orvieto, mas em Paris e Colónia, onde outro alemão, o suábio Alberto Magno, de Lauingen, foi seu professor.

Quando o problema é considerado de uma perspetiva racial, surge a conclusão surpreendente de que as figuras mais significativas, das quais se originaram os impulsos mais fortes para o desenvolvimento posterior do cristianismo ocidental nos seus séculos iniciais e decisivos, não eram racialmente puras, mas mestiças. Observamos fenômenos muito semelhantes no domínio da cultura secular na Antiguidade. Talvez não seja muito difícil confirmar esta ideia com exemplos de outras culturas também. Além disso, quantas figuras da raça germânica

estiveram envolvidas no desenvolvimento da teologia cristã depois que as obras dos autores patrísticos e antigos foram transmitidas ao gênio germânico das Ilhas Britânicas? Basta aqui recordar homens como Bede, o Venerável, Alcuíno de Iorque, Rábano Mauro e Valafrido Estrabão. Nos mosteiros e escolas catedrais de Fulda, Reichenau e St. Gallen, floresceu uma atividade acadêmica que poderia rivalizar em importância com as escolas de Tours, Orléans, Reims e Chartres. Em todos os séculos, encontramos no cristianismo ocidental uma colaboração entre raças e nações, pois somente por esse caminho uma Igreja mundial poderia se desenvolver, apesar das muitas contradições entre os grupos humanos.

Se considerarmos brevemente o desenvolvimento posterior da Igreja Romana a partir da perspetiva das origens nacionais e raciais das suas figuras principais, vemos que, para o Concílio de Trento, cuja influência se estende até aos dias de hoje e cujo precursor intelectual foi o último papa não italiano, Adriano VI, ao lado de teólogos espanhóis e do italiano Carlos Borromeu, um alemão, Pedro Canísio, exerceu uma influência decisiva. As conquistas da teologia alemã nos campos da teologia moral e do direito canônico no século XVIII são notáveis. Se no século XIX o catolicismo alemão era particularmente líder nos estudos históricos, um século antes não ficava atrás de nenhuma outra nação em outras disciplinas católicas. Nada seria mais valioso cientificamente, diante das afirmações de muitos teóricos radicais da raça hoje, que muitas vezes são apresentados como infalíveis e veem no catolicismo apenas uma esfera cultural romana e uma “igreja nacional italiana”, do que uma história da teologia católica organizada por raças, nações e tribos, como já possuímos tal história da literatura secular. Quando vemos a era da Reforma, do Barroco, do Romantismo e do renascimento do catolicismo a partir dessa perspectiva, não há dúvida de que a nação alemã lidera com o seu trabalho acadêmico dentro de toda a Igreja, com uma riqueza de ideias profundas e uma infinidade de impulsos que, devido à coexistência e ao envolvimento constante com outras denominações cristãs, não foram superados por nenhuma nação. O pensamento universal e nacional e a investigação, em todos os séculos do nosso povo alemão, encontraram-se frequentemente numa harmonia maravilhosa e em horizontes intelectuais expansivos.

A organização do cristianismo ocidental mostra influências das culturas romanas ou mediterrânicas, supostamente predispostas? A primazia de um apóstolo e a sucessão apostólica no episcopado aparecem na Bíblia como de origem divina e, portanto, não podem ser julgadas apenas da perspectiva do desenvolvimento histórico. No entanto, é uma questão totalmente diferente até que ponto o desenvolvimento da organização hierárquica em sedes metropolitanas e dioceses foi historicamente moldado. Ninguém nega que a estrutura política provincial romana não poderia deixar de influenciar a organização hierárquica da Igreja mundial, mas as principais linhas de organização foram estabelecidas muito antes nas comunidades judaicas da diáspora pós-exílica do Oriente. A organização da Igreja é, nos seus componentes essenciais, de origem apostólica. Portanto, o desenvolvimento da hierarquia através de Roma não alterou fundamentalmente a essência do cristianismo[287]. Em última análise, tudo depende da seguinte questão: a primazia de Roma, a instituição hierárquica mais poderosa da história mundial, deriva da esfera cultural romana, sendo, portanto, apenas uma continuação do Reich histórico mundial em formas religiosas? Isso nos leva a uma das áreas mais difíceis e, entre os pesquisadores raciais que estendem todo o problema à cultura religiosa, mais contestadas.

É, no entanto, gratificante que, nos nossos dias, mesmo nos círculos académicos protestantes, a avaliação eclesiástico-histórica e bíblica da Cathedra Petri, no sentido do conhecido texto de Mateus (16:17-19), esteja cada vez mais alinhada com a da Igreja Católica.

Os defensores radicais da ciência racial afirmam ainda que, em Roma, sob influência etrusca, uma doutrina fantástica sobre a vida após a morte se infiltrou no cristianismo. No entanto, precisamente nesta área, o desenvolvimento dogmático-histórico do cristianismo até à Idade Média não fez avanços significativos além da concepção bíblica. Qualquer pessoa que compare o mundo pós-morte dos etruscos com o dos babilônios e egípcios notará conexões e semelhanças surpreendentes, mas também observará que o cristianismo,

[287]O direito canônico atual possui, em seu procedimento processual, fortes influências do direito romano. Especialmente o procedimento fortemente formalista não é aprovado por alguns; contudo, em seu conjunto, trata-se de um mosaico de influências, no qual, por exemplo, as chamadas "testemunhas setenárias" (*Siebenhänderzeugen*) foram incorporadas a partir de costumes jurídicos germânicos.

incluindo os livros do Antigo Testamento, está muito distante das doutrinas fantásticas sobre a vida após a morte desses povos. Acima de tudo, o cristianismo rejeitou completamente a concepção puramente hedonista da vida após a morte dos etruscos e gregos. No cristianismo, a vida após a morte é essencialmente espiritual.

É uma questão totalmente diferente se elementos das concepções etruscas sobre a vida após a morte poderiam ter persistido por algum tempo como crenças populares comuns na cidade de Roma, já cristianizada. Sem dúvida, algumas imagens aterrorizantes da *Divina Comédia* de Dante foram influenciadas por essas ideias etruscas sobre a vida após a morte. Responder a essa questão é uma tarefa para o Völkisch comparativo, mas, de qualquer forma, mesmo que isso fosse confirmado, a essência do cristianismo não seria afetada. Quantos vestígios das esferas culturais romana e germânica antiga sobrevivem no cristianismo atual, mas ninguém diria que eles constituem ou orientam a essência da religião cristã. O seu desaparecimento não afetaria esta última mais do que a sua persistência é perturbadora, pois eles entraram numa síntese e união maravilhosas com o cristianismo.

O catolicismo não é, portanto, a expressão religiosa do gênio romano, dos povos romanos ou, racialmente falando, das culturas mediterrânicas predispostas. Outros povos e raças também contribuíram para o desenvolvimento do cristianismo. Gregos e germânicos trouxeram elementos valiosos dos ricos tesouros do seu espírito. Então, qual foi a tarefa religiosa de Roma e, portanto, da esfera cultural “romana”? A influência de Roma no desenvolvimento do cristianismo, em contraste com a alma germânica e nórdica inquieta, residiu na preservação do depósito da fé da Igreja primitiva contra os ataques de todos os séculos e no trabalho missionário do evangelho. Os ataques muitas vezes vieram de outras esferas culturais e raciais (arianismo, pelagianismo, Reforma), mas Roma sempre encontrou a formulação clara dos conceitos e a preservação contra todos os desvios radicais da religiosidade. Em todos os séculos, Roma demonstrou sua grande capacidade de agir de maneira equilibrada — e essa é uma característica romana antiga.

De fato, poderíamos dizer que, sem Roma, a fé na divindade de Cristo e, portanto, na essência sobrenatural do cristianismo teria há muito perecido entre muitas denominações separadas nas lutas intelectuais dos séculos.

As conclusões das reflexões anteriores, que visavam apenas abordar em linhas gerais um segmento do problema — Roma, o cristianismo ocidental e a questão racial — são as seguintes:

1. Em tempos de grandes conflitos e ainda maior confusão de conceitos e palavras, apenas aqueles que têm a coragem, dentro de certos limites, de pensar conservadoramente, preservar a liberdade de suas convicções acadêmicas e se opor à corrente dominante servem melhor à história, ao seu povo e à pátria. Portanto, em um campo tão complexo como a questão racial, devemos ter cuidado para não trabalhar com slogans. Não é cientificamente sustentável designar antecipadamente certas raças como destrutivas e outras como formadoras de cultura, ou rotular áreas racialmente mistas como inerentemente propícias à destruição. Todas as raças têm pontos fortes e pontos fracos. O verdadeiro progresso da humanidade é construído com base na sua cooperação harmoniosa. Ao avaliar as diferenças raciais para a vida cultural, devemos também considerar que, entre os povos civilizados, quase não existem mais raças puras e não misturadas. Inúmeras guerras, migrações de povos, o influxo constante de populações comuns do campo para as grandes cidades, a facilidade com que as famílias, especialmente hoje, podem mudar de residência — tudo isso contradiz essa ideia. Além disso, parece estar confirmado que o terreno fértil para as altas culturas são os espaços geográficos racialmente mistos, enquanto as condições de raça única ou pura levam à estagnação intelectual, assim como a autossuficiência na esfera econômica impede todo o progresso[288].

O excelente conhecedor da história romana, Edward Gibbon, conseguiu estabelecer isso na sua obra *The Decline and Fall of the Roman Empire* (p. 33):

[288]Eugen Fischer, diretor do Instituto Kaiser-Wilhelm e reitor da Universidade de Berlim, um dos mais importantes pesquisadores raciais da atualidade, afirma que a raça nórdica, nos locais onde teria surgido e ainda se mantém em sua forma mais pura, não apresenta realizações culturais acima da média; no entanto, isso ocorre quando se associa a raças de nível relativamente equivalente. Ele fundamenta essa afirmação no fato de que, em sua opinião, a maioria dos grandes alemães teria surgido de um cruzamento entre a raça nórdica e a raça alpina.

"*A política restrita de preservar o sangue puro dos cidadãos antigos, sem mistura estrangeira, impediu a felicidade de Atenas e Esparta e acelerou a sua queda*". Isso não significa afirmar que as culturas elevadas só podem ser resultado da mistura racial ou que a mistura racial é o pré-requisito indispensável para o surgimento de gênios.

2. O próprio exemplo de Roma, onde, com base na mistura racial de numerosos povos, graças aos romanos profundamente perspicazes, floresceu uma maravilhosa cultura cristã elevada enquanto o Reich político mundial dos Césares afundava, ensina-nos que a explicação puramente biológica das raças, que não são estáticas, está fadada ao fracasso se não for também considerado o inegável papel importante do espiritual. As culturas são moldadas pelo sangue e pela raça, pelo clima e pelo solo, mas principalmente pelo espiritual, que tem as suas próprias leis que só podemos observar através de uma pesquisa meticulosa, porque nada é tão infinitamente diverso como o funcionamento do espírito entre os povos. Portanto, quem exagera o conceito de raça não só chega à rejeição da Igreja mundial como portadora de uma síntese de culturas e de um cristianismo universal e supranacional, mas vai além disso, à rejeição total do cristianismo e, quando a doutrina racial se desenvolve em antissemitismo radical, à separação do Antigo Testamento do Novo. Aqueles que veem na raça o único princípio formador da cultura devem, logicamente, rejeitar o cristianismo, pois os seus primeiros portadores pertenciam a uma raça estrangeira. Em outras palavras, recuamos para as numerosas religiões nacionais da antiguidade, que o cristianismo deveria superar no sentido de uma visão de mundo unificada. Novas linhas divisórias são traçadas entre raças e povos, apontando apenas para o perigo de um exagero da questão racial, sem negar de forma alguma a autopreservação das raças dentro de certos limites. Assim, o conceito de raça nessa forma exagerada, na qual alguns hoje, contrariamente ao programa político do nacional-socialismo, o defendem, não é apenas uma luta contra Roma e o cristianismo, mas contra a própria ideia de Deus. A superestimação dos elementos biológicos e do biológico na história sempre terminou em materialismo. Podemos ir mais longe ao rejeitar várias conclusões que hoje, em relação à doutrina da alma racial, são simplesmente assumidas como resultados infalíveis da ciência.

> Particularmente controversa é a afirmação de que o declínio cultural é sempre a consequência necessária da degeneração racial; pode ser uma consequência ou, pelo menos, um fator contribuinte, mas nem sempre tem de ser assim. A história antiga da Grécia, Roma, Egito e Babilónia mostra-nos que os picos culturais não coincidem necessariamente com épocas de suposta pureza racial; na verdade, esses Estados já não eram nações-Estado nem possuíam material humano racialmente puro nos seus momentos de maior glória histórica. Considere a era de Augusto em Roma! Igualmente claro é o fato de que toda cultura se baseia nas conquistas da anterior. Não existem culturas isoladas. A cultura grega não surgiu de uma só vez, mas pressupõe séculos de culturas anteriores. Toda a cultura antiga é impensável sem o Oriente. Nem a da era moderna, quer contemos em séculos ou milénios, foi tecida a partir da solidão do deserto ou do sangue dos seres humanos, mas cresceu organicamente a partir de outras obras. Todos os povos contribuem para o enriquecimento da alta cultura. Na cultura religiosa, é semelhante, pois o cristianismo pressupõe a natureza, não a destrói, mas a aperfeiçoa. Encontramos, portanto, paralelos com o cristianismo, formas religiosas semelhantes e ideias entre muitos outros povos, nas mais diversas esferas culturais, mas este fato não prova nada contra o cristianismo; pelo contrário, diz-nos que o cristianismo absorveu as necessidades religiosas mais profundas da alma humana, que a alma humana é cristã por natureza. Como Clemente de Alexandria diz tão profundamente, existe um logos spermaticos entre todos os povos, pois Cristo era a luz do mundo muito antes de andar entre os humanos. "*Antes de Abraão existir, eu sou*". Ele envolveu os picos da história intelectual antiga com o Seu esplendor e reuniu das culturas judaica, indiana e grega o que elas preservaram, nutriram e desenvolveram de valores religiosos positivos.

A luta por Roma, especialmente a partir da doutrina radical da raça, é, portanto, compreensível para quem vê e julga o desenvolvimento da história intelectual da humanidade a partir de um poder superior. Roma representa a ideia da unidade do cristianismo, a unidade da raça humana além de todas as raças e nações.

O século XIX trouxe-nos a explicação puramente materialista da história, que inicialmente via nos acontecimentos dos povos apenas uma trama e um passar sem alma (Schopenhauer), mais tarde procurou explicar tudo através das lutas de classes sociais no sentido do marxismo (Bebel, Kautsky). Hoje, tudo foge, para evitar decisões finais, com o *Fausto* de Goethe por trás do mito da raça e do sangue. Não voltámos, de fato, ao monismo de Haeckel?

3. De acordo com a visão de mundo cristã, a superioridade e a primazia incondicionais não pertencem ao sangue, mas ao espírito. Onde a vontade humana mostra fraquezas e inibições, a raiz mais profunda reside, por mais que o clima, a paisagem e a raça possam desempenhar um papel, na esfera espiritual, no pecado original e não no sangue. Portanto, a raça nunca pode, por si só, ser elevada a um conceito de valor moral, sem negarmos que as raças individuais se distinguem por meio de predisposições específicas e características. A corrente hereditária pode criar pré-requisitos importantes para o ser humano espiritual-moral, mas nunca pode fundamentá-los. A essência do ser humano é determinada não apenas por leis naturais eternas biologicamente, mas também pelo espírito, a menos que desejemos negar a liberdade da vontade. A tarefa da ciência é investigar até que ponto o clima, a paisagem, o ambiente e o sangue moldam e influenciam a atitude espiritual-moral de uma nação. Mas quem procura escrever uma história das nações determinada pelo sangue e pela raça não é menos materialista do que os discípulos do marxismo, que procuram explicar o desenvolvimento dos povos exclusivamente por oposições condicionadas economicamente e por classes.

Perante as expressões radicais do conceito de raça, só a libertação do materialismo ajuda, porque a vida espiritual é mais do que uma descrição natural-científica de cadeias e tipos de reflexos; só o exercício da crítica pode rejeitar exageros e fantasias que, de outra forma, enterrariam o grande potencial orientado para o futuro do espírito e da ciência, que reside em várias ideias da ciência racial moderna. No entanto, estender o conceito de raça à essência do cristianismo leva inevitavelmente ao abandono do absoluto, ao estagnação no natural, à perda de todos os valores incondicionais, ao relativismo do conhecimento e da moralidade.

4. O cristianismo em si não é uma cultura ao lado de outras culturas e não cria diretamente uma cultura distinta de si mesmo, mas pode conectar-se com qualquer esfera cultural que não negue os fundamentos da philosophia perennis, para imbuí-la com o mais alto ethos do seu mundo religioso com ideias fundamentais específicas. O cristianismo, no entanto, preserva a cultura humana de afundar completamente numa filosofia naturalista. Não devemos, portanto, equiparar o cristianismo a uma cultura específica, como se o catolicismo fosse a forma latina do cristianismo ou a cultura romana fosse mais do que um fenômeno histórico e certamente também providencial que acompanha o cristianismo ocidental em algumas das suas expressões. O catolicismo não significa romanização ou o domínio do mundo cultural latino. Quem subscreve tal visão prejudica a Igreja universal tanto quanto os círculos hipernacionalistas do fascismo, segundo os quais apenas a cultura e a organização romanas elevaram o cristianismo do gueto de uma seita judaica ligada à raça na Palestina à posição dominante de uma religião mundial.

Por fim, perguntamo-nos:

5. Em que reside, afinal, a característica alemã no pensamento religioso? Será que o ser humano germânico tem realmente uma sensibilidade religiosa e moral diferente, que foi, por assim dizer, alienada e corrompida por elementos mediterrânicos, orientais e romanos? Em que escritores anteriores à *Reforma* isso se expressa mais claramente, dado que Meister Eckhart dificilmente pode ser considerado o fundador das correntes religiosas modernas alemãs? Também nesta questão é necessária muita objetividade imparcial para distinguir o verdadeiro do falso, a fantasia da realidade. Mesmo que se considere o misticismo como uma característica da natureza religiosa do ser humano germânico numa certa atitude autônoma e subjetiva em relação à autoridade externa, a essência da humanidade alemã dificilmente pode ser reduzida a uma fórmula fixa. Os alemães partilham demasiado em questões intelectuais com outros povos. De qualquer forma, seria errado afirmar que o ser humano alemão só encontrou a sua expressão religiosa característica com

Lutero. A Reforma, no seu início, foi apenas uma disputa teológica que não tocou de forma alguma a alma do povo germânico. Foram os príncipes territoriais que abusaram politicamente dessa revolta religiosa do Norte contra Roma para seus objetivos egoístas. Devemos apagar sete séculos da história alemã e privar inúmeras figuras proeminentes da Idade Média, que eram profundamente católicas e nacionais, de seu significado nacional? Nada seria mais equivocado do que, por exemplo, equiparar uma certa concepção religiosa panteísta, cujos representantes encontramos entre todas as raças e nações, ao gênio religioso do alemão. Também é absurdo quando, por exemplo, Chamberlain afirma que os alemães são sempre inclinados à tolerância em questões religiosas, enquanto a raça semítica pensa apenas materialisticamente, sem capacidades metafísicas! Como explicar então as Guerras Saxónicas, que não foram apenas políticas, mas também religiosas? De onde veio a riqueza da filosofia medieval nas escolas de Colónia, Fulda e St. Gallen, que foram influenciadas de forma significativa pelas correntes intelectuais árabe-judaicas da época?

6. Muitos investigadores da nossa época, que baseiam as suas afirmações exclusivamente no conceito de raça, vêem uma contradição essencial entre o sentimento nacional e o caráter universal que o cristianismo, particularmente no catolicismo, encontrou. O amor pela própria nacionalidade, pela sua história e pelo seu futuro é considerado incompatível com uma visão católica do mundo. Muitas vezes, eles falam explicitamente de um desaparecimento do sentimento nacional na atmosfera da vida religiosa católica. Sem dúvida, o catolicismo e a ideia de humanidade, no sentido do humanismo antigo e muito além dele, estão intimamente ligados. Tudo o que é verdadeiramente católico é uma restrição firme contra os radicalismos, em quaisquer campos que possam ocorrer, unindo pessoas e nações que hoje não têm mais em comum do que a sua pertença ao mesmo gênio, na consciência de um vínculo espiritual superior. No entanto, isso não significa que, no catolicismo, todas as raças sejam simplesmente niveladas e todos os elementos nacionais sejam simplesmente suprimidos. Mesmo dentro dos fundamentos comuns essenciais do cristianismo partilhados por todos, cada povo e cada raça manterá e refinará as suas boas características inerentes, pois a graça pressupõe a natureza e não a abole, mas apenas a

> aperfeiçoa. O alemão continua a ser alemão no catolicismo, o grego grego, o semita semita, o ariano ariano; caso contrário, o cristianismo seria equivalente à destruição da nacionalidade e dos valores biológicos e leis naturais estabelecidos na natureza pelo próprio Deus.

A vida da Igreja não é algo impessoal ou cosmopolita, mas expressa-se na realidade concreta de uma comunidade condicionada nacionalmente, uma nacionalidade. A Igreja, na sua auto-realização, está, portanto, necessariamente ligada ao caráter do povo que enfrenta. Assim, haverá sempre uma diferença na forma como a mesma vida eclesial se realiza entre gregos, romanos, alemães, eslavos ou asiáticos. Quando se pergunta, nesta perspetiva, sobre a contribuição da Germânia para o catolicismo mundial, ela reside no ativismo que os povos nórdicos trouxeram para o cristianismo e, portanto, para a Igreja mundial. Por mais valiosa que seja a formação de conceitos religiosos e a ênfase na lei na organização de uma Igreja mundial, a possibilidade e o perigo de estagnação foram talvez, em algumas épocas da história da Igreja, também controlados pela alma nórdica inquieta e orientada para os problemas, que pressionava constantemente por reformas, internalização, um sentido moral mais forte de responsabilidade e aprofundamento, a fim de permanecer frutífera. Está na essência de uma religião mundial que todas as raças e povos trabalhem juntos harmoniosamente dentro dela e, portanto, tenham direitos e obrigações iguais.

Talvez a Igreja Oriental, separada de Roma, carecesse precisamente desse elemento; caso contrário, a estagnação que ocorreu em igrejas nacionais individuais e o isolamento do cristianismo oriental das ideias culturais da história estatal e nacional dificilmente seriam compreensíveis.

Mas em todos estes pensamentos e sugestões, não nos esqueçamos de que o cristianismo é essencialmente sobrenatural, revelação, fé. Portanto, ao considerar até que ponto a herança nacional e racial dos povos foi aproveitada no seu desenvolvimento posterior, não se deve simplesmente equipará-la ou tratá-la da mesma forma que as religiões naturais. Um dos grandes erros do passado foi que uma sobrecarga de história religiosa e nacional comparativa sufocou o sentido da essência do cristianismo como religião sobrenatural. Isso explica muitos julgamentos equivocados sobre o cristianismo e sobre as religiões naturais da Índia e da Grécia antigas, ainda não hinduizadas, na

medida em que ainda não haviam absorvido influências pré-asiáticas (ver os escritos de Otto, Ryneff, Günther), e dos antigos germânicos (Kummer, Gronbach). Certamente nos deparamos, em parte, com questões e problemas que não ocupavam ou interessavam o passado na mesma medida que o nosso presente. Somente através de numerosos estudos individuais seria possível determinar como se pode falar de um elemento humano na ordenação do cristianismo, em questões jurídicas, na formação de conceitos, formulações e modos de expressão, sem reduzir o cristianismo do nível de uma revelação a uma filosofia de vida comum.

Os estudos teológicos podem, através de estudos individuais, mostrar como as raças e os povos, nos quais, segundo Clemente de Alexandria, o Logos já estava ativo antes da vinda de Cristo, contribuíram para o desenvolvimento posterior do cristianismo. No entanto, não se deve esquecer que o cristianismo não é um sincretismo de religiões e que fé e conhecimento não devem ser equiparados. Talvez a apologética cristã das últimas décadas, no seu zelo por defender o cristianismo contra os ataques modernos, tenha exagerado algumas coisas e acreditado que provas racionais unilaterais e conclusões analógicas poderiam aprofundar os fundamentos da religião cristã. A fé não é apenas conhecimento, mas, em última análise, uma obra de humildade e graça do intelecto e da vontade submissos, onde as provas matemáticas rigorosas falham. Assim, mesmo este pequeno excerto da história religiosa da Europa, considerado e julgado através da lente do conceito de raça, mostra quantos perigos para o cristianismo estão associados à radicalização desta ideia.

6. Esterilização e Eugênia[289]

A estrutura dogmática do nacional-socialismo assenta em dois conceitos: nação e raça. A partir destes dois fundamentos, que estão intimamente interligados, surgem exigências práticas significativas de clareza intransigente, assim que são pensadas de forma consistente. A ênfase excessiva nos conceitos de raça e hereditariedade racial acarreta o perigo de um distanciamento do cristianismo para o ser humano germânico, uma vez que esta "*religião teve origem em raças e esferas culturais estrangeiras*", enquanto no campo da política higiénico-social, a consequência surge como a eliminação da raça hereditariamente doente através de proibições de casamento e esterilização. A menos que os conceitos de nação e raça recebam uma interpretação mais restrita, é difícil evitar estas duas conclusões. Com extrema clareza, portanto, a exigência de esterilização aparece em toda a literatura nacional-socialista dominante como uma questão evidente, para a qual os proponentes radicais não permitiriam nenhuma outra justificativa ou avaliação do âmbito da moralidade. Nesse sentido, Alfred Rosenberg declarou em 14 de dezembro de 1934, em Hamburgo[290]:

> "Todos os grandes pontos de viragem na história mundial não têm origem no poder militar, mas sim na visão do mundo. As mudanças na visão do mundo determinam o destino dos povos.
>
> Com o ano de 1933, uma visão do mundo e um ponto de viragem político entraram na vida das nações, como só acontece a cada meio milénio ou milénio completo. O nacional-socialismo trouxe uma nova tentativa de se tornar consciente de si mesmo. Trouxe a descoberta da interligação entre o corpo e a alma, que determina não só a vida filosófica, mas também a vida estatal e económica. Não se trata do

---

[289]Sobre a essência, as tarefas e os objetivos da política racial da nova Alemanha informam o número especial, com rica bibliografia: "Deutsche Rassenpolitik. Mit einem Geleitwort des Rasse- und Siedlungsamtes der SS.", de Horst Rechenbach, "Süddeutsche Monatshefte", Munique.

Cf. ainda:
Fritz Lenz, "Menschliche Auslese und Rassenhygiene (Eugenik)", 3ª ed., Munique, 1931;
J. Mayer, "Gesetzliche Unfruchtbarmachung Geisteskranker", Freiburg, 1927;
H. Pfatschbacher, "Eugenische Ehehindernisse?", Viena, 1933;
J. Raup, "Volkshygiene oder selektive Rassenhygiene?", Leipzig, 1922.

[290] Texto integral em "Völkischer Beobachter", 15 de dezembro de 1934:
"Der weltanschauliche Kampf des Nationalsozialismus."

> reconhecimento de quaisquer dogmas, mas da fecundidade da vida alemã. Se ainda hoje há pessoas que discutem sobre o valor da esterilização, elas não compreendem que, sem a esterilização, em poucos séculos, para cada dois alemães, haverá um idiota, e todos os tesouros culturais serão destruídos. Não podemos mais permitir uma disputa sobre se a esterilização é cristã ou não cristã.
>
> Os antigos poderes também terão de aceitar a ciência racial e as profundas conexões entre corpo e alma. Os antigos poderes terão de aceitar muitas coisas. Mais tarde, eles as tornarão suas, assim como a Igreja Cristã outrora fez da cruz pagã, antes combatida, o seu símbolo".

Na questão da esterilização e da eugenia, certamente não se trata de coisas que o nacional-socialismo descobriu ou tornou objeto de debates científicos e políticos cotidianos. Décadas antes, encontramos esforços semelhantes, que também logo levaram a medidas legais em vários Estados. O clássico terreno dos esforços raciais-eugénicos é a Inglaterra, bem como toda a esfera cultural nórdica, incluindo a América do Norte com a sua maioria protestante. É certo que as motivações em muitos Estados são mais medidas punitivas e menos eugênicas por natureza.

A Sociedade Alemã para a Higiene Racial, cofundada por Alfred Ploetz[291], afirmou já em 1912 que ainda não havia chegado o momento da esterilização obrigatória dos deficientes mentais e outros degenerados na Alemanha, mas que a esterilização de pessoas com doenças hereditárias, a seu pedido ou com o seu consentimento, deveria ser regulamentada legalmente em breve. O deputado nacional-socialista Dr. Boeters não só exigiu a esterilização dos deficientes hereditários no seu projeto de lei "Lex Zwickau", apresentado ao Reichstag em outubro de 1927, como também, por sua própria responsabilidade, mandou realizar um grande número de esterilizações por razões de higiene racial.

Assim, mesmo antes de 1935, na Alemanha, círculos médicos individuais e deputados socialistas garantiram o avanço dessas ideias, e um projeto de lei foi preparado há muito tempo, que, no entanto, ia muito além dos de outros estados e não chegou a uma decisão devido à resistência dos círculos cristãos. Essa tendência em direção à legislação racial-eugênica também pode ter sido

[291] Cf. sua obra "Die Tüchtigkeit unserer Rasse und der Schutz der Schwachen", 1895, que depende de Arthur de Gobineau e Georges Vacher de Lapouge, e menos do inglês Francis Galton.

reforçada pela postura incerta de teólogos católicos individuais na Alemanha e na América do Norte, o que também se expressa na polêmica subsequente do conhecido jornal Germania contra a carta pastoral dos bispos austríacos de 1933:

> "A "lei anticristã da esterilização" não deve ser abordada como uma questão fundamental, mas como uma medida legal do governo nacional da Alemanha, cuja tendência também é aprovada pelos teólogos católicos. É certo que esta medida suscitou reservas por parte das autoridades eclesiásticas em relação ao governo do Reich num ponto, mas nas disposições de aplicação também foram imediatamente concedidas certas concessões. Tanto do lado do Estado como da Igreja, existe um desejo sincero de chegar a um acordo pacífico sobre esta e outras divergências".
>
> "A Igreja irá rever a sua posição sobre se a opinião que tem defendido até agora, de que a esterilização contradiz a ética cristã e natural, é válida, e irá abraçar a ideia de que a esterilização eugênica pode ser vista como um ato médico no corpo nacional e também na alma nacional e, então, reconhecida como um ato de amor ao próximo".

Para o nacional-socialismo, no entanto, não se trata apenas de uma medida legal, mas sim da concretização de uma exigência que decorre da mais extrema necessidade do dogma racial. É a visão de mundo de Gobineau, Nietzsche e Chamberlain sobre a inutilidade da vida hereditariamente doente que está a ser incorporada na legislação. Basta, a partir da história desses esforços de esterilização, que já afetaram vários estados, fazer algumas observações, pois qualquer pessoa que busque insights mais profundos neste campo moral, médico e igualmente controverso deve estudar exaustivamente a literatura especializada para obter um julgamento objetivo[292].

Além dos Estados Unidos, do cantão suíço de Vaud e da Alemanha, um grande número de países europeus aprovou leis semelhantes. Atualmente, além dos países mencionados, existem leis de esterilização na Finlândia, Noruega, Suécia, Dinamarca e Estónia. Projetos de lei estão pendentes na Polónia, Checoslováquia, Japão, Jugoslávia, Roménia, Nova Zelândia e nos países bálticos.

[292]P. Agapito Martin de Sobradillo, O. M. C., "La procréation et la stérilisation au point de vue du droit natural", editora Librairie Saint-François d'Assise, Paris, 1933.

Em cerca de um terço dos países modernos, a esterilização já é uma lei obrigatória para doentes mentais e criminosos reincidentes. Em contrapartida, a esfera cultural latina, com uma população predominantemente católica, tem resistido até agora (Itália, França, Espanha e também Áustria).

Na União Norte-Americana, nada menos que 23 estados introduziram legalmente a esterilização há algum tempo. Ela pode ser realizada em criminosos, loucos, débeis mentais, indivíduos moralmente degenerados, pessoas sexualmente perversas, sedutores, bêbados, epilépticos, sifilíticos, etc. A execução da operação é supervisionada por um comitê especialmente nomeado, composto por especialistas designados pelo estado. No Canadá, a província de Alberta aprovou uma lei de esterilização para doentes mentais em 1928. Ela prevê a esterilização de pessoas que, embora não estejam curadas ou sejam incuráveis, devem ser libertadas de manicômios por várias razões. A esterilização só pode ser realizada se o paciente, se capaz, der o seu próprio consentimento ou se o consentimento do cônjuge, tutor potencial ou outro parente próximo for fornecido. A supervisão da operação também é aqui confiada a um conselho médico especial. Na Suíça, foi o cantão de Vaud que aprovou uma lei de esterilização semelhante em 1928. As pessoas declaradas esterilizáveis são os deficientes mentais e os doentes mentais cuja condição é reconhecida como incurável e cujos descendentes, de acordo com a previsão humana, seriam hereditariamente afetados. O conselho de saúde do cantão só pode autorizar a esterilização após obter a opinião concordante de três médicos.

Na Dinamarca, existe desde 1920 uma lei exclusiva para infratores morais, incorporada como uma emenda ao código penal civil. De todos os países nórdicos, a lei de esterilização da Dinamarca de 1935 é a mais abrangente. A Noruega tinha uma lei semelhante desde 1934, enquanto na Suécia ela ainda estava em discussão. Os princípios fundamentais desta legislação são: segurança em vez de punição para indivíduos com problemas hereditários e a reconstrução do Estado numa base biológica, a supressão do individualismo "descontrolado" através de um novo conceito de família construído com base em leis hereditárias e determinado pela perspetiva da comunidade do povo, para aguçar o sentido biológico de responsabilidade do povo. Congressos internacionais (Nova Iorque, 1932) e um comité internacional do programa (Bruxelas, 1922) garantem a divulgação dessa ideia. À frente da Federação Internacional está o

conhecido higienista racial alemão Ernst Rüdin, que também escreveu as notas explicativas para a lei do Reich alemão.

Em quase todos os países nórdicos, o programa é caracterizado pelo seguinte: certificados de saúde antes do casamento, política seletiva de assentamento interno (propriedade de casa própria, assentamentos de pequenos agricultores) com a seleção de indivíduos viáveis, política familiar (promoção de muitos filhos), legislação sobre o álcool, erradicação de doenças venéreas, segregação de certos criminosos. É feita uma referência particular à elevada taxa de natalidade nos estados predominantemente eslavos e românicos — com exceção da França — em comparação com a taxa em acentuado declínio nos estados germânicos (principalmente na Áustria, Inglaterra e Suécia). É digno de nota que a esfera cultural românica tenha permanecido até agora distante destes esforços. No XI Congresso Internacional de Direito Penal e Assuntos Prisionais, realizado em Berlim em agosto de 1935, o professor suíço Naville atuou como relator nas questões de castração e esterilização.

Na terceira sessão, que tratou de questões de prevenção, a questão da castração de criminosos violentos e da esterilização de psicopatas, dos quais só se poderia esperar descendentes inferiores e propensos ao crime, ocupou o centro das discussões. Graças aos esforços do presidente Delaquis e do relator Naville, foi encontrada uma fórmula de mediação, que foi adotada por unanimidade na sessão e por uma maioria esmagadora na assembleia plenária. Ela recomenda ambas as medidas mencionadas, tanto a pedido dos indivíduos a serem operados quanto compulsoriamente, esta última somente após a execução de um procedimento adequado que garanta uma análise minuciosa das condições por um comitê de especialistas e jurados.

O conteúdo essencial da *Lei Alemã para a Prevenção de Descendentes com Doenças Hereditárias*, com efeito legal a partir de 1 de janeiro de 1934 (*Reichsgesetzblatt n.º 86 de 25 de julho de 1933, Parte I*), estipula a esterilização obrigatória de certos indivíduos com doenças hereditárias através de um procedimento cirúrgico sob três condições:

1) Se, de acordo com as experiências da ciência médica, for altamente provável que os descendentes sofram danos hereditários físicos ou mentais graves.
2) Se um pedido correspondente for apresentado por escrito pela própria pessoa em causa ou, em caso de capacidade jurídica reduzida, pelo seu representante legal, ou também pelo responsável pela saúde pública, ou, finalmente, no caso de reclusos de hospitais, sanatórios, lares de idosos ou instituições penais, pelo diretor da instituição.
3) Se um tribunal oficial de saúde hereditária tiver decidido a favor deste pedido.

Outras disposições que regulamentam os detalhes desta lei, que compreende 18 parágrafos, têm como objetivo facilitar a sua implementação. Um comentário oficial e as explicações do diretor ministerial Dr. Gütt numa conferência de imprensa no Ministério da Propaganda do Reich em 8 de janeiro de 1934 fornecem esclarecimentos adicionais. As ideias essenciais são as seguintes:

1. A esterilização só é permitida se a doença for clinicamente comprovada de forma incontestável e;
2. o tribunal de saúde hereditária, após avaliação livre das provas, concluir que os descendentes terão, com alta probabilidade, a doença hereditária.

Como base ética para tal decisão, afirma-se:

> "No futuro, não deve haver mais descendentes com doenças hereditárias, poupando às famílias sofrimento interminável e à comunidade novos encargos. Na medida em que este objetivo possa ser alcançado por outros meios, o legislador não considera a aplicação do procedimento absolutamente necessária. Portanto, pessoas que já estão permanentemente institucionalizadas não devem ser esterilizadas, assim como parece inquestionável abster-se de procedimentos se indivíduos com doenças hereditárias permanecerem voluntariamente em uma instituição. Se houver perigo de vida, o procedimento pode ser omitido".

Fundamentalmente, as disposições da jurisdição voluntária se aplicam ao procedimento perante o Tribunal de Saúde Hereditária. Foram estabelecidos regulamentos para evitar qualquer uso indevido. É particularmente digno de nota que o julgamento geral deve ser sempre feito exclusivamente com base em princípios médicos objetivos e nas experiências da ciência médica. Os

funcionários e especialistas de saúde pública devem tratar os casos com a máxima consciência. Por exemplo, não seria apropriado esterilizar imediatamente os internos de instituições que só poderão ser libertados da instituição dentro de um ano, ou começar com crianças em idade escolar, onde o risco de produzir descendentes com doenças hereditárias não é uma preocupação.

A lei de esterilização do Reich alemão lista oito grupos de doenças (esquizofrenia, epilepsia, cegueira hereditária, surdez hereditária, etc.), cujos portadores devem ser tornados inférteis por médicos institucionais. Através da Lei do Reich de 18 de outubro de 1935 (*Lei para a Proteção da Saúde Hereditária do Povo Alemão*[293]), o catálogo de motivos para a proibição do casamento é ampliado para onze itens. A nova lei, que dá continuidade à ideia eugênica, impõe a todos os casais de noivos a obrigatoriedade de se submeterem a exames médicos em centros de saúde. A certidão de elegibilidade para o casamento é negada nos seguintes casos:

1. Se um dos noivos sofrer de uma doença contagiosa que represente um risco significativo para a saúde do outro cônjuge ou dos seus descendentes.
2. Se um dos noivos for legalmente incapacitado ou estiver sob tutela provisória.
3. Se um dos noivos, sem ser legalmente incapacitado, sofrer de um distúrbio mental que torne o casamento indesejável para a comunidade do povo.
4. Se um dos noivos sofrer de uma doença hereditária, conforme definido pela Lei para a Prevenção de Descendentes com Doenças Hereditárias.

É digna de nota a disposição que, apesar da esterilização, não é permitido contrair matrimônio, uma vez que o legislador, com o objetivo de aumentar a população, não deseja permitir que um cônjuge saudável permaneça sem filhos. Parece problemática a inclusão de “distúrbios mentais” (ou seja, não apenas doenças mentais reais já enumeradas na lei da esterilização, mas também

[293]Cf. também o regulamento de execução de 10 de dezembro de 1935 (“Reichsgesetzblatt”, I, p. 1419).

neuroses, depressões, etc.), que são difíceis de diagnosticar definitivamente durante o exame sumário realizado por funcionários de saúde pública.

As disposições penais da lei ameaçam a celebração de um casamento proibido ou a tentativa do mesmo com pena de prisão de três meses a cinco anos. Se ambos os noivos ou o noivo forem estrangeiros, a lei não se aplica. No entanto, as mulheres estrangeiras que desejam casar com um alemão devem submeter-se ao exame médico[294]. Eles também estão sujeitos às disposições penais se fornecerem informações falsas sobre o seu estado de saúde ou tentarem outros tipos de fraude; no entanto, a acusação ocorre apenas mediante ordem especial, emitida pelo Ministro do Interior do Reich em acordo com o Ministro da Justiça do Reich. Os casamentos celebrados no estrangeiro para contornar a nova lei do Reich são inválidos.

O declínio moral geral desde a Guerra Mundial (estatísticas sobre nascimentos vivos e natimortos), a destruição da vida nascente, as dificuldades económicas das famílias numerosas, o aumento significativo e documentado numericamente das doenças mentais nas últimas décadas[295], o declínio das taxas de natalidade a par do aumento do desemprego e as más condições de habitação contribuíram significativamente para estas leis. A frase grandiosa sobre a "soma da imoralidade despertando a moralidade" não é sem justificação. O nacional-socialismo considera estas questões em parte de uma perspetiva financeira, em parte de uma visão biológica do mundo, na qual a vida inferior e hereditariamente doente não tem direito à reprodução. Muitos apoiantes vêem

[294] Também a esse respeito esperam-se novas regulamentações.
[295] Entre os anos de 1923 a 1929, segundo alguns pesquisadores, o número de deficientes mentais e doentes mentais nas instituições públicas de assistência na Alemanha aumentou em 65%.

nesta legislação a salvação da Alemanha do declínio[296]. Eles também estão sujeitos às disposições penais se fornecerem informações falsas sobre o seu estado de saúde ou tentarem outros tipos de fraude; no entanto, a acusação ocorre apenas mediante ordem especial, emitida pelo Ministro do Interior do Reich em acordo com o Ministro da Justiça do Reich. Os casamentos celebrados no estrangeiro para contornar a nova lei do Reich são inválidos.

O declínio moral geral desde a Guerra Mundial (estatísticas sobre nascimentos vivos e natimortos), a destruição da vida nascente, as dificuldades económicas das famílias numerosas, o aumento significativo e documentado numericamente das doenças mentais nas últimas décadas[297], o declínio das taxas de natalidade a par do aumento do desemprego e as más condições de habitação contribuíram significativamente para a visão copernicana do mundo, e também farão a transição da medicina individual para a biologia hereditária. Esta última abre novos campos e formas de amor solidário.

> 4. Enquanto muitos indivíduos capazes, movidos pelo egoísmo ou pela necessidade económica, renunciam voluntariamente à descendência, o Estado arca com custos enormes provenientes dos impostos dos capazes para as instituições de cuidados, reformatórios e programas de assistência social repletos de pessoas geneticamente inferiores.

---

[296] O conhecido pesquisador de raça e hereditariedade, Prof. Eugen Fischer, Berlim, declarou na grande assembleia em Karlsruhe, em 22 de fevereiro de 1934, sobre raça e cultura:

"Wir haben in Deutschland den stärksten Geburtenabsturz, den je ein Volk in Europa hatte, und haben Frankreich und Polen dabei weit überholt. Dabei weist die Statistik nach, daß vor allem die gesunden Kräfte in Deutschland sich eine freiwillige Geburtenbeschränkung auferlegen. Das führt zur ernstesten Gefahr. Wenn auch die Not uns zu gewissen Einschränkungen zwingen möchte, so müssen wir doch dafür sorgen, daß wenigstens die Guten und Gesunden sich fortpflanzen und nicht nur die erblich Minderwertigen. Der Nationalsozialismus hat als erster diese Notwendigkeit erkannt. Er wird dadurch Deutschland retten, der Welt ein Beispiel geben und somit auch die ganze europäische Kultur vor dem Untergang bewahren!"

"Na Alemanha temos a maior queda de natalidade já registrada por um povo na Europa, superando amplamente França e Polônia. As estatísticas mostram que, sobretudo as camadas saudáveis na Alemanha, impõem a si mesmas uma limitação voluntária da natalidade. Isso leva ao mais sério perigo. Ainda que a necessidade nos obrigue a certas restrições, devemos garantir que pelo menos os bons e saudáveis se reproduzam, e não apenas os hereditariamente inferiores. O nacional-socialismo foi o primeiro a reconhecer essa necessidade. Assim, salvará a Alemanha, dará um exemplo ao mundo e, desse modo, preservará também toda a cultura europeia da ruína!"

[297] "Nationalsozialistische Monatshefte", nº 24, 1932, p. 137.

As objeções a esses esforços eugênicos do nacional-socialismo não vêm dos círculos protestantes, mas dos católicos. Em outros Estados, apenas na Noruega houve um contra-movimento protestante que expressou suas preocupações morais. A esfera cultural germânica, predominantemente evangélica, já está completamente dominada por esforços eugênicos-raciais. Aqui, surge um fato notável: hoje, como na época de Lutero, o protestantismo adere religiosamente ao individualismo, rejeitando qualquer ideia mais forte de comunidade eclesiástica, mas, na esfera social, pensa de forma totalmente coletivista, com uma exclusão quase completa da cultura individual e do cuidado pessoal. Com o princípio "bem comum acima do interesse próprio" (**Gemeinnutz vor Eigennutz**), a ética protestante adapta-se a condições em que a ideia de comunidade reivindica precedência absoluta. A moral católica busca um meio-termo entre as exigências de uma cultura individualista e coletivista. É compreensível que isso a coloque em dificuldades em relação a movimentos que promovem radicalmente as suas ideias e rejeitam compromissos de forma categórica. Este problema, que é tanto moral-religioso quanto científico-médico, torna-se ainda mais complexo porque o ponto de vista científico ainda não foi totalmente esclarecido em todas as questões e não chegou a conclusões definitivas, como demonstram as explicações oficiais da lei do Reich alemão. A herança deve ser distinguida da predisposição hereditária, que pode ser mitigada em vários casos através de tratamento médico adequado. Assim, duas visões se confrontam aqui, ambas reivindicando caráter dogmático. Em última análise, trata-se de uma luta entre a liberdade do indivíduo e um conceito exagerado de comunidade. Uma reconciliação num meio-termo, por mais desejável que seja para aqueles que estão familiarizados com ambos os pontos de vista, parece difícil porque duas perspetivas fundamentalmente diferentes sobre a vida se confrontam: a perspetiva biológica e a perspetiva religiosa-natural. No entanto, certas acomodações poderiam ser consideradas para hospitais pertencentes a ordens, associações e federações católicas por meio de uma interpretação estatal mais branda de parágrafos individuais[298], a fim de evitar a participação ativa de freiras, médicos católicos conscienciosos, tutores e juízes em tribunais de saúde

[298] Cf. também o artigo 6 das disposições de execução da lei do Reich alemão:
"Personen, die sich dauernd in eine geschlossene Anstalt begeben, sind von der Sterilisation ausgenommen, wenn der Staat durch diesen Aufenthalt nicht belastet wird."

"Pessoas que se internam permanentemente em uma instituição fechada estão isentas da esterilização, desde que o Estado não seja onerado por essa permanência."

hereditária e na implementação de leis quando estas contradizem a consciência religiosa do indivíduo. Na prática, os princípios gerais da moral cristã e a possibilidade de participação em atos proibidos do ponto de vista cristão (*cooperatio materialis et formalis*) seriam decisivos. Outra dificuldade é o fato de a Igreja permitir casamentos de pessoas esterilizadas (*non esse impediendos*), enquanto o Estado os proíbe.

Se se deseja avaliar corretamente esses esforços eugênicos no seu desenvolvimento, não se deve, acima de tudo, ignorar que o regime marxista significou um colapso moral completo na Europa. Basta recordar as palestras científico-populares sobre contracepção recomendadas e apoiadas por esse partido, e a criação de clínicas que lidavam com a recomendação de métodos contraceptivos. As evidências estatísticas para a Alemanha e a Áustria em relação à composição racial, estrutura etária e qualidade dos recém-nascidos são chocantes. Somente uma eugenia positiva com um pensamento verdadeiramente cristão-nacional poderia proporcionar alívio aqui. Não é nada mais do que a coragem não apenas de morrer pela pátria, mas também de viver por ela. Isso naturalmente também incorporaria considerações hereditárias-biológicas ao trabalho caritativo. O número de filhos em si não pode ser decisivo, mas sim a qualidade esperada. A vida também requer uma ordem através da razão (racionalização das tarefas de assistência social, registos dos inferiores, facilitação do prognóstico para patologias hereditárias, incapacitação de indivíduos por certas razões, etc.).

A posição do catolicismo sobre todas estas questões está definida na encíclica *Casti Connubii*, do Papa Pio XI, de 31 de dezembro de 1930, e em várias decisões da Suprema Congregação para a Doutrina da Fé (Santo Ofício), particularmente a de 21 de março de 1931, na qual foram condenados os esforços eugénicos relativos ao casamento[299]. Ambas visam não criar uma nova lei, mas defender a lei natural contra as exigências do Estado moderno. A Igreja Católica condena qualquer restrição ao direito ao casamento por parte das autoridades seculares; define esse direito como um direito natural da pessoa humana e, portanto, como um direito que precede qualquer direito da sociedade. Ela ensina que indivíduos sobrecarregados devem ser dissuadidos do casamento e que a educação deve ensinar o valor do sacrifício pelo bem comum; mas

[299] *Acta Apostolicae Sedis*, 1931.

rejeita qualquer medida coercitiva legal: as autoridades seculares nunca podem, nem mesmo com base em um atestado médico, proibir um casamento. Definir impedimentos ao casamento é prerrogativa exclusiva da Igreja. O Estado pode impor proibições de casamento para militares e funcionários públicos sob certas condições, mas não impedimentos no sentido próprio.

A castração e a esterilização são, portanto, violações inadmissíveis do corpo, às quais nenhuma pessoa pode consentir. A Igreja Católica não permite qualquer compromisso nestas questões e aponta para o grande perigo de que se passe rapidamente das indicações médicas e eugênicas para as sociais, ou seja, para uma visão naturalista da vida. Ela proíbe todas as medidas que possam reduzir a taxa de natalidade, incluindo, portanto, todos os métodos contraceptivos. Esta posição consistente é exposta na encíclica *Casti Connubii*. Para os católicos, nem a esterilização compulsória nem a voluntária são consideradas, e, portanto, nenhum católico pode, com a consciência tranquila, solicitar a esterilização. A encíclica deixa em aberto apenas uma possibilidade para limitar a taxa de natalidade: a abstinência voluntária praticada de comum acordo. As encíclicas papais, embora não sejam decisões *ex cathedra* estritamente dogmáticas, são vinculativas para a consciência de todos os católicos como pronunciamentos da mais alta autoridade eclesiástica, uma vez que tomam posição sobre questões significativas da história contemporânea.

A Igreja não rejeita os esforços sérios e científicos da medicina e da investigação racial para promover a saúde das pessoas, mas condena a eugenia que abandona a distinção entre corpo e alma e reivindica uma autonomia absoluta, uma primazia moral no sentido da filosofia de Kant. Uma doutrina nacional de humanidade e política populacional que colabore com os cuidados hereditários e a higiene racial é, portanto, inteiramente bem-vinda, desde que os fatores espirituais não sejam negligenciados e, no zelo pela raça e pelo povo, não seja introduzido um naturalismo que deveria precisamente ser eliminado da vida nacional.

A justificação para rejeitar a esterilização não pode ser extraída apenas de Tomás de Aquino, cuja biologia, baseada no conceito aristotélico de natureza (physis, vitalismo), ainda não permitia as leis da hereditariedade ou a

problemática eugênica moderna[300]. Os argumentos devem, portanto, ser extraídos principalmente da lei natural, pois a Igreja não nega que, na reprodução, a quantidade e a qualidade juntas devem ser o objetivo ideal, e não apenas uma delas. Os conceitos de "*liberdade pessoal do cidadão, culpado, inocente*" também não são totalmente esclarecidos em Tomás[301].

A Igreja Católica aponta as seguintes considerações fundamentais para justificar a sua posição:

1. É um fato que precisamente as forças saudáveis e economicamente prósperas na Alemanha — e isso provavelmente é verdade em todos os lugares — impõem restrições voluntárias à natalidade a si mesmas. Eliminar os portadores de doenças hereditárias da reprodução não resolve a questão do declínio da taxa de natalidade, a menos que os círculos saudáveis e economicamente abastados, por razões morais e não eugênicas, façam sacrifícios pela sua própria nacionalidade para alcançar uma alta taxa de natalidade. Mas será que algum Estado na história conseguiu, por meio de medidas legais, influenciar essa parte essencial da política populacional? Uma lei de esterilização realmente serve à totalidade da população, ou não é apenas dominada pelo conceito de raça? Até agora, nenhum Estado que introduziu a esterilização publicou estatísticas precisas sobre os sucessos reais dessas medidas na política populacional, especialmente sobre a questão de saber se os descendentes saudáveis hereditariamente aumentaram ali. Além disso, a pesquisa sobre doenças hereditárias dificilmente está avançada o suficiente para tomar decisões seguras com facilidade.
2. A capacidade reprodutiva (*potentia generandi*) é um elemento essencial da personalidade[302]. Uma pessoa pode, por razões de ordem superior

[300] Em *Sent.* II, dist. 42, q. 1, art. 4. Cf. Edelbert Kurz, "Individuum und Gemeinschaft beim hl. Thomas von Aquin", 1932, p. 59, e Eberhard Welty, "Gemeinschaft und Einzelmenschen nach den Grundsätzen des hl. Thomas von Aquin", 1935, editora Anton Pustet, Salzburgo-Leipzig.
[301] Numerosos exemplos encontram-se em Albert Mitterer, "Mann und Weib nach dem biologischen Weltbild des hl. Thomas und dem der Gegenwart", *Zk.-Th.* 57, 1933, p. 491–556, Fel. Rauch, Innsbruck, 1933; e Albert Mitterer, "Der Dienst des Menschen an der Natur nach dem Weltbild des hl. Thomas und dem der Gegenwart", contribuição à filosofia da natureza e da cultura, *Zk.-Th.* 56, 1932, p. 1–45, Fel. Rauch, Innsbruck.
[302] É um falso raciocínio justificar a esterilização com base no celibato imposto pela Igreja Católica aos seus sacerdotes, pois os motivos pertencem a uma ordem moral diferente e, portanto, não se pode falar de uma intervenção na lei natural. Uma coisa é possuir uma função; outra, o seu uso.

(amor a Deus), abster-se de exercer essa predisposição natural, mas a eliminação da capacidade em si deve ser considerada mutilação.

3. Precisamente o cuidado com os desamparados sempre foi uma fonte de heroico sacrifício pelos outros na história da humanidade, e ninguém pode ser excluído desse amor. Quanto maior a necessidade, maior deve ser a disposição para ajudar.

4. A esterilização pode ser imposta pelo Estado[303] como punição por um crime correspondente, mas no caso de doenças hereditárias, dificilmente se pode falar em culpa pessoal.

---

[303] Segundo o "Völkischer Beobachter", nº 231, 1935, Alfred Rosenberg declarou em seu discurso de 18 de agosto em Heiligenstadt:

"Im übrigen hat der hl. Thomas von Aquin in seinem Hauptwerk erklärt, es sei manchmal erlaubt, jemand an seinen Gliedern zu verstümmeln. Er schreibt folgendermaßen: ‚Weil nun ferner der Mensch wie zu seinem Zweck zum Gemeinwesen Beziehungen hat, so kann das Abschneiden eines besonderen Gliedes wohl dem Körper des einzelnen zum Nachteil gereichen, jedoch dem Besten des Gemeinwesens nützen.' Diese weit über die Sterilisierung hinausgehende Stelle ist offenbar der Kirche entgangen. Ich gestatte mir deshalb, auf diese hinzuweisen."

"No mais, São Tomás de Aquino declarou em sua obra principal que, às vezes, é permitido mutilar alguém em seus membros. Ele escreve o seguinte: 'Como o homem, enquanto tal, está ordenado à comunidade como ao seu fim, pode o corte de um membro particular, embora prejudique o corpo do indivíduo, servir, contudo, ao bem da comunidade.' Essa passagem, que vai muito além da esterilização, aparentemente passou despercebida pela Igreja. Permito-me, portanto, chamá-la à atenção."

A passagem aqui citada é, naturalmente, tratada em numerosos escritos científicos católicos sobre a questão da esterilização e encontra-se também na encíclica matrimonial de Pio XI. Contudo, Rosenberg interrompe sua citação justamente onde Tomás prossegue:

"insoweit jemandem die Abtrennung eines Gliedes als Strafe zugefügt wird zur Unterdrückung von Verfehlungen".

("na medida em que a amputação de um membro é infligida a alguém como pena, para a repressão de faltas.")

Que Tomás de Aquino tem aqui em vista apenas o caso de uma mutilação punitiva fica claro pela frase seguinte, que Rosenberg omite:

"Und so wird einer, wie er von der öffentlichen Gewalt erlaubterweise des Lebens völlig beraubt wird wegen schwerster Verfehlungen, auch eines Gliedes erlaubterweise beraubt, wegen nicht so enormer Verfehlungen."

("E assim como alguém pode ser legitimamente privado da vida pela autoridade pública por causa de faltas gravíssimas, assim também pode ser legitimamente privado de um membro por causa de faltas menos graves.")

Portanto, São Tomás de modo algum "vai além da esterilização", mas restringe claramente a legitimidade da mutilação corporal ao caso de culpa pessoal grave, comprovada, e de caráter penal.

Summa Theologiae II-II, q. 65, a. 1:

Sed quia ipse totus homo ordinatur, ut ad finem, ad totam communitatem, cuius est pars, ut supra dictum est, quaest. 61, art. 1, et quaest. praec., art. 2 et 5, potest contingere quod abscissio membri etsi vergat in detrimentum totius corporis, ordinetur tamen ad bonum communitatis, in quantum alicui infertur in poenam ad cohibitionem peccatorum. Et ideo sicut per publicam potestatem aliquis licite privatur totaliter vita propter aliquas majores culpas, ita etiam privatur membro propter aliquas culpas minores.

5. Uma vez que o objetivo do casamento é duplo (Lei da Igreja, Cânone 1013), os casamentos de pessoas esterilizadas por coação estatal não devem ser impedidos, embora a outra parte, que só toma conhecimento da condição do seu parceiro após o casamento, possa, se necessário, requerer a separação junto do tribunal eclesiástico (Canon 1129).
6. Os esforços eugénicos modernos acarretam o perigo do radicalismo, de modo que a eugenia nacional poderá em breve considerar apenas as células germinativas e a raça, mas não mais a alma como princípio fundamental do corpo e do espírito. Se as barreiras à esterilização forem quebradas, o caminho para a legitimação do aborto eugénico não estará longe (compare a decisão do Cantão de Vaud, de 17 de novembro de 1931, sobre a indicação eugénica para o aborto, cuja admissibilidade legal é confiada ao conselho de saúde). Além disso, o efeito da esterilização poderia ser uma busca desenfreada do prazer além do bem e do mal, com a consequência do aumento das doenças venéreas.
7. O casamento não deve ser considerado apenas sob a perspetiva da preservação da raça. A necessidade biológica deve ser abordada com meios moralmente admissíveis. O Estado não tem as funções de um instituto de reprodução e, portanto, também não tem o direito de cumprir tarefas de política populacional com meios contrários à lei natural (danos físicos), uma vez que o mesmo objetivo pode ser alcançado através de outros meios morais.
8. A esterilização realizada cirurgicamente não deve ser julgada em seu significado moral com base no procedimento inerentemente relativamente inofensivo, concluído em poucos minutos[304], que não prejudica a capacidade de trabalho da pessoa tratada. Existe a possibilidade de restaurar a fertilidade por meio de uma operação reversa, embora o sucesso prático não possa ser garantido. Além disso, a esterilização das mulheres não é totalmente insignificante, embora, de acordo com opiniões médicas, não seja uma operação particularmente difícil. As consequências psicológicas de tal procedimento são mais difíceis de

[304] H. Naujoks e H. Boenninghaus, “Die Technik der Sterilisation und Kastration”, editora Ferdinand Enke, Stuttgart, 1934; Georg Heinrich Schneider, “Grundriß der Röntgensterilisierung”, editora S. Karger, Berlim, 1931; Hermann Muckermann, “Volkstum, Staat und Nation eugenisch gesehen”, Essen, 1933; Eugen Schmitz, “Die modernen eugenischen Bestrebungen”, editora Tyrolia, Innsbruck-Viena, 1934; Hermann Muckermann, “Eugenik”, editora Ferd. Dümmler, Berlim, 1934; “Kind und Volk”, 10ª edição, 1934.

avaliar, uma vez que a operação é naturalmente realizada em indivíduos que não são totalmente saudáveis mentalmente.

9. Mais importante do que as intervenções do Estado nas áreas mais pessoais da vida humana é a transformação da visão de mundo moderna, caracterizada por uma moral sexual naturalista e um desvio cada vez mais forte das noções seculares sobre o propósito do casamento e da vida familiar. Aqui, seria dever dos professores universitários tornar a jovem geração de médicos mais responsável novamente.
10. As proibições de casamento por motivos de higiene racial, sem uma proibição simultânea das relações sexuais extraconjugais, não produzirão resultados, além do fato de serem uma grave violação da liberdade pessoal, que não pode ser facilmente justificada pelo alegado benefício de melhorar a saúde da raça.
11. O meio mais importante é uma educação eugênico-pastoral dos jovens para o casamento, a fim de alcançar uma recristianização da família alemã, de acordo com as leis naturais biológicas e morais.

7. Nação e povo — aspirações políticas nacionais pela unidade dos alemães no espaço europeu[305]

Juntamente com o conceito de raça, as noções de nação e nacionalidade formam os fundamentos essenciais da visão de mundo nacional-socialista. Todas as outras ideias e exigências programáticas remontam a esses conceitos, encontrando neles a sua justificação e aprofundamento, ao mesmo tempo que aparecem como suas conclusões evidentes, de modo que se pode falar corretamente de um sistema dogmático do nacional-socialismo. Aqui, também, repete-se o fato frequentemente estabelecido na história intelectual: as ideias muitas vezes já estão presentes há décadas e são objeto de debates sérios antes de atingirem o seu ápice em uma personalidade ou movimento intelectual. Assim, era totalmente natural que, no início do século XIX, os conceitos de nação e nacionalidade se tornassem objeto de investigações aprofundadas por filósofos e poetas; isso parece ainda mais evidente em nossos dias, depois que Oswald Spengler, por meio de sua "descoberta" do suposto processo de declínio e da dissolução das forças sintéticas de nossa cultura, apresentou um diagnóstico sem esperança para o futuro. Para travar este declínio da emancipação de Deus e dos semelhantes e o distanciamento de toda a responsabilidade, e para refrear a mecanização da sociedade humana no casamento, na família, na ciência e na economia, muitos hoje vêem apenas um caminho: a reconstrução dos conceitos de nação e nacionalidade, que de fato possuem uma força de ligação comunitária para impedir a individualização em curso. A formação gradual dos conceitos de nação e nacionalidade no passado ocorreu em ondas. Todos os grandes movimentos (romantismo, liberalismo, democracia) cunharam a sua própria expressão da ideia nacional com um ideal particular de direito constitucional. O chamado *Movimento Alemão,* que gira em torno destes conceitos, conta com representantes no Iluminismo, no período Sturm und Drang (Tempestade e Ímpeto), no romantismo, no idealismo das escolas históricas, bem como figuras individuais (Ludwig Jahn, parcialmente Goethe) que não podem ser classificadas numa categoria específica. Assim, a

[305] Ignaz Seipel, „Nation und Staat", Verlag Wilhelm Braumüller, Wien 1917; Karl Bräunias, „Nationalgedanke und Staatsgestaltung im 19. und 20. Jahrhundert", Verlag J. C. Mohr, Tübingen 1934; Walter Pömbauer, „Nationalismus und Ethik", Verlag Wilhelm Braumüller, Wien 1935; Bruno H. Jahn, „Sinn und Sittlichkeit des Nationalismus, Versuch einer vernunftgemäßen Begründung", Verlag Cotta, Stuttgart 1934 (abwegig); Paul Klutbohn, „Die Idee des Volkes im Schrifttum der deutschen Bewegung", Verlag Junker & Dünnhaupt, Berlin 1935.

luta pelos conceitos de nação e nacionalidade passou por muitas reviravoltas, com altos e baixos. Apenas gradualmente ambos os conceitos se tornaram cada vez mais distintos da luta diária, buscando tornar-se a base filosófica dos movimentos políticos. As ideias de Ernst Moritz Arndt[306] permanecem bastante obscuras, apesar de todas as tentativas de demonstrar o seu papel de liderança em relação ao Terceiro Reich através de uma análise habilidosa dos seus escritos. Grande parte dos seus textos, com a sua linguagem carregada de *pathos*, tornou-se desagradável para a era sóbria em que vivemos, pois sentimos falta da clareza da formação conceitual na sua obra. Também surgem múltiplas dificuldades ao tentar atribuir a Fichte um lugar adequado no desenvolvimento da ideia de nacionalidade. Alguns encontram paralelos com o nacional-socialismo em quase todos os seus escritos. Fichte é visto como o grande educador nacional por excelência, crente na Alemanha, cujas exigências básicas (ideia de despertar, unificação da nação a partir das suas tribos) conduzem diretamente ao mundo do nacional-socialismo[307]. Outros, para quem o desejo não é o pai do pensamento, mesmo no trabalho académico, são mais cautelosos, incluindo o seu biógrafo Reinhold Schneider[308], que, apesar da sua admiração por Fichte, não ignora as múltiplas flutuações nas opiniões de Fichte sobre a germanidade, nem a sua postura incerta em relação ao cristianismo, onde podemos identificar semelhanças significativas entre Fichte e Nietzsche. Enquanto, de acordo com as ideias da Revolução Francesa, a nação é meramente a comunidade de cidadãos livres que obedecem às leis que eles próprios estabeleceram por razões políticas e racionais, Herder já havia fundamentado a nação como uma multiplicação de famílias e tribos — em termos modernos, racial-biologicamente — como algo natural e inevitável para a humanidade. Essas ideias foram adotadas pelo Romantismo alemão e ampliadas para significar que os fundamentos da nacionalidade devem ser baseados na raça e no sangue, de modo que a base do Estado não pode ser algo historicamente contingente, um cosmopolitismo, mas sim a nacionalidade

[306] Hans Rehm, „Ernst M. Arndt, der ewige Deutsche“, Verlag Eugen Diederichs, Jena 1930; Paul Requadt, „Volk und Staat“ (Auswahl von Arndts Werken), Verlag Kröner, Leipzig 1934.
[307] Ernst Bergmann, „Fichte und der Nationalsozialismus“.
[308] Fichte, „Der Weg der Nation“, Verlag Georg Müller, München 1932, und Xavier Léon, einer der hervorragendsten Fichte-Forscher der letzten Vergangenheit. Vgl. seine Werke: „Fichte et son temps“, Verlag Armand Colin, Paris 1922 bis 1924, und „La philosophie de Fichte dans ses rapports avec la conscience contemporaine“, Verlag Alcan, Paris.

consciente da espécie. Desde o surgimento de Herder[309], cujas ideias só foram popularizadas por Arndt e Fichte, a ideia alemã de nacionalidade tem competido com a ideia francesa de Estado-nação, e a sua imensa influência no vasto mundo estatal do Leste eslavo prova que este conceito possui grande poder político para perturbar um mundo antigo. Do idealismo alemão — Kant, Fichte, Schelling, Hegel — surgiu, em contraste com a ideia imperial cristã-romana, a noção do “Sacro Reich dos Alemães” como o "povo por excelência". Assim, tornou-se o terreno fértil para as concepções constitucionais alemãs posteriores e um idealismo ético (visão de mundo heróica, baseada no sangue). Em particular, o romantismo alemão deve ser designado como o movimento que contribuiu incomparavelmente mais do que a era do classicismo para preparar as bases do movimento nacional e a formação conceitual geral de nação e nacionalidade. Homens de todas as tribos alemãs e de ambas as confissões desenvolveram, desde o Romantismo, que detém o maior mérito pelo despertar nacional do povo alemão, os conceitos principais de nação e nacionalidade sem, no entanto, impor de forma compreensível a base racial-sanguínea como condição, embora ideias semelhantes muitas vezes pareçam transparecer nos seus escritos. Especialmente para o século XIX, devem ser mencionadas as seguintes figuras[310]: Friedrich von Schlegel (“Palestras Filosóficas”, “Fragmentos Românticos”), o teórico político católico Adam Müller, Franz von Baader, Joseph von Görres, Franz Ritter von Bußß, Adolf Kolping, von Tadomi, Friedrich Pilgrim, Wilhelm von Ketteler, Franz Hitze. Nessa altura, a escola histórica do direito (Puchta, Savigny) já não ignorava a ideia nacional na economia (Friedrich List[311]) e no direito constitucional. Torna-se cada vez mais clara a noção de nação como a comunidade de pessoas que lutam pelo seu próprio Estado em nome da soberania. Pessoas da mesma comunidade linguística e cultural formam o conceito de nação, pelo qual a paisagem, a religião e a história criam em todos os lugares um gênio único. Inúmeras

[309] Rudolf Steinmetz, „Deutscher Nationalsozialismus“. Eine Würdigung aus den Niederlanden, Verlag Martin Warneck, Berlin; Arnold Gehlen, „Deutschtum und Christentum bei Fichte“, Verlag Junker & Dünnhaupt, Berlin 1935.

[310]Paul Klutbohn, „Die Idee des Volkes im Schrifttum der deutschen Bewegung“, Verlag Junker & Dünnhaupt, 1934; Emil Ritter, „Katholisch-konservatives Erbgut“. Eine Auslese für die Gegenwart. Mit einem Geleitwort von Abt Ildefons Herwegen, O. S. B., Verlag Herder, Freiburg i. Br. 1934; Jakob Hommes, „Lebens- und Bildungsphilosophie als völkische und katholische Aufgabe“, Verlag Herder, Freiburg i. Br. 1935; Alois Dempf, „Görres spricht zu unserer Zeit“. Der Denker und sein Werk, Verlag Herder, Freiburg i. Br. 1935; Taras Borodajkewycz, „Deutscher Geist und Katholizismus im 19. Jahrhundert“. Dargestellt am Entwicklungsgang Konstantin von Höflers. Verlag Anton Pustet, Salzburg-Leipzig 1935

[311] Friedrich Lenz, „Friedrich List, der Mann und das Werk“, Verlag Oldenbourg, München-Berlin 1936.

diferenças separam o Reich alemão do Reich austríaco, dos suíços alemães e dos alemães da diáspora. A mesma nação tem uma face distinta em cada espaço espiritual no qual se pode desenvolver. Dada essa multiplicidade de expressões individuais do mesmo espírito, é difícil dizer em que parte a nação encontrou a sua forma exemplar e orientadora para todos. A história, a religião e o espaço geográfico podem exercer uma influência tão forte que até mesmo a principal característica da nação, a consciência de um destino comum, é relegada (Holanda, Flandres, Suíça-Reich Alemanha). Cada nação tem a sua nacionalidade, mas os conceitos de nação e povo não são idênticos.

Enquanto o primeiro é mais profundo e se baseia numa certa comunidade de almas, o povo é muitas vezes apenas um conceito político. Pode-se falar de um povo austríaco e suíço, mas dificilmente de uma nação. O austríaco é o alemão no espaço cultural austríaco. Enquanto no período pré-guerra os conceitos de nação e nacionalidade surgiram cada vez mais dos debates académicos e políticos, após a guerra, personalidades fortes, através da reflexão sobre as forças conservadoras da história, levaram as ideias de nação e nacionalidade a círculos mais amplos. Em Moeller van den Bruck e Othmar Spann[312], o ser humano aparece, no sentido da concepção antiga de Aristóteles, como valioso apenas na medida em que vive e cria na comunidade. O nacional-socialismo tinha, assim, uma vasta quantidade de material sobre as questões de nação e nacionalidade à sua disposição quando deu um passo adiante e trouxe ambos os conceitos para a conexão essencial mais próxima com os de raça e sangue, enquanto que para Spann, a nacionalidade representa uma assimilação espiritual de pessoas sem condições raciais, aparecendo como uma entidade organizada pelo Estado em uma área de assentamento comum. Spann também concede à Igreja supranacional precedência sobre a organização eclesiástica nacional, uma vez que o Estado se situa apenas depois da religião, na qual tem o seu pré-requisito espiritual. Em contrapartida, o órgão de liderança da juventude nacional-socialista escreve[313]:

> "Na nacionalidade ligada ao sangue, reflete-se a alma racial, que não podemos descrever de forma tangível, mas cuja ação criativa sentimos e intuímos em grandes personalidades.

[312] Othmar Spann, „Vom Wesen des Volkstums", 1922; „Kategorienlehre", 1924; „Gesellschaftslehre", 1925, vgl. übrigens Alfred Kirchhoff, „Was ist national", pp. 102.
[313] „Wille und Macht", Heft 18, 1935: Rüdiger, „Die Aufgaben des neuen Kämpfers".

> Assim, da alma racial surge a nacionalidade, que, na sua multifacetada grandeza, é portadora dessa personalidade e cresce para além de si mesma, alcançando as grandes esferas culturais que têm sido as únicas portadoras do progresso e desenvolvimento da humanidade neste mundo. As esferas culturais, no entanto, são determinadas exclusivamente pelas raças e pelas almas raciais.
>
> Assim, descobrimos uma nova lei criativa que, no seu ciclo, abrange a totalidade da vida. Com esta visão, contrastamos fortemente com as visões universalistas que dominaram o nosso povo durante séculos e que mais uma vez encontraram um centro vibrante da nossa existência, dando-nos a possibilidade de construir uma visão do mundo tão sublime e magnífica como nunca antes se viu".

Da mesma forma, Hantoulf von Hagbangen expressa[314]:

> "Enquanto o fascismo vê o Estado e a nacionalidade como o seu objetivo final, por assim dizer, como o seu telos, o nacional-socialismo, sob a influência da ideia *Völkisch*, enfatiza conscientemente algo superior ao lado disso: a raça".

Assim, o nacional-socialismo difere fundamentalmente do fascismo[315], que permanece enraizado no antigo conceito romano de nação[316] e, portanto, mantém o ponto de vista liberal de respeitar as nacionalidades minoritárias estrangeiras e os valores culturais estrangeiros: "*O povo e o território são a nação, concretizada no Estado como forma jurídica"*. De uma perspectiva nacional-socialista, apenas a presença de características raciais específicas constitui o conceito de povo, ou seja: uma autoridade estatal tem o direito de exigir respeito e proteção apenas se isso corresponder aos interesses da nacionalidade. Todas estas definições conceptuais foram reunidas na sua forma mais ousada numa filosofia do Terceiro Reich por Hermann Schwarz[317], na cuja obra, a par dos conceitos de nação e nacionalidade, todos os outros (incluindo os

---

314.

315

316

317 "Nationalsozialistische Weltanschauung", dois ensaios dos anos de 1919 a 1923, e "Zur philosophischen Grundlegung des Nationalsozialismus". Publicados nos "Escritos da Escola Superior Alemã de Política". I. "Ideia e forma do nacional-socialismo", caderno 17, editora Junker & Dünnhaupt, Berlim, 1936. "Neben Rosenbergs ‚Mythos-Philosophie', als dem Zentrum nationalsozialistischer Weltanschauung, und neben Baeumlers ‚Philosophie des heroischen Realismus' wird seine ‚Philosophie des Gottestums im Volkstum' stets als wesentlicher Exponent nationalsozialistischen Geistesgutes genannt werden müssen." (Paul Junker, nos "Nationalsozialistischen Monatsheften", 57, 1935, p. 1140: "Gottestum im Volkstum".)

religiosos) são meramente secundários. Na nação, revela-se uma "*vida divina que santifica a humanidade*". Tal como em Fichte, de acordo com a concepção de Schwarz, uma corrente de vida divina flui da nacionalidade para o indivíduo, de modo que o serviço ao povo constitui uma obrigação moral da mais alta ordem. Schwarz rejeita qualquer forma de cristianismo como inadequada para captar os valores da nacionalidade e da experiência da pátria. Aqueles que pensam em termos destes dois últimos não precisam da santificação das esferas religiosas, mas santificam-se a si próprios. O povo, a nação e a pátria são sempre sagrados, e não há nada mais elevado.

Ninguém encontrará verdade nas ideias de Schwarz, que procuram elevar o nacional-socialismo a uma visão idealista da vida, muito menos o que os clássicos gregos entendiam por filosofia. Nem as análises inovadoras do conceito de comunidade por Ferdinand Tönnies, nem a filosofia de valores de Max Scheler, para não falar das exposições semelhantes de Tomás de Aquino, encontram apreciação ou valorização neste tratamento auto-satisfeito dos conceitos de nação e nacionalidade.

A pergunta "O que é uma nação?", à qual Ernest Renan procurou responder em 1882 com a famosa frase "*L'existence d'une nation est un plébiscite de tous les jours*" (A existência de uma nação é um plebiscito diário), não pode ser respondida com os conceitos de raça e sangue, os quais ainda não receberam uma definição científica clara. A questão principal permanece em aberto: como surge essa unidade espiritual e emocional que constitui a essência de uma nação e de um povo? Pode-se supor a existência de uma alma racial e popular, que paira sobre os membros individuais e se "expressa" neles, mas ninguém consegue explicá-la de forma compreensível[318]. Qual é a ordem hierárquica da religião e da nacionalidade? Pembaur, que enfatiza mais fortemente a natureza espiritual e emotiva desses conceitos, afasta-se do caminho do nacional-socialismo quando escreve[319]: "*não podemos esperar que as visões religiosas formem nossa relação com o todo nacional"*. Em contrapartida, a fé afirma que faz parte da essência do cristianismo que, na ordem moral do mundo, o religioso mantenha a primazia. É ainda uma consequência natural da sobrevalorização biológica da característica racial nórdica quando Stapel, que

[318] Kurt Stavenhagen, „Das Wesen der Nation", Verlag Hans Robert Engelmann, Berlin 1934
[319] a. a. O., pp.172.

influenciou fortemente o nacional-socialismo através das suas ideias religiosas, culturais e filosóficas, escreve[320]: "*Assim como não há igualdade entre as pessoas na realidade, também não há igualdade entre as nações... Se a nação polaca fosse colocada no mesmo nível que a alemã, isso não seria justo, mas absurdo. Os valores menores devem sempre ceder aos superiores. Caso contrário, a vida não é possível. A comunidade humana não é naturalmente estruturada para a igualdade. O portador do novo imperialismo só pode ser a nação alemã... Deve haver: o Reich. Onde não nos é concedido, deve ser conquistado. Pois não somos iguais aos outros, mas somos alemães".*

A exageração da ideia de nacionalidade concebida em termos raciais e biológicos foi levada tão longe por alguns que eles defendem até mesmo uma completa descrença[321] em toda a vida, especialmente nos costumes nacionais, porque as expressões da alma popular alemã foram "cobertas" pelo cristianismo. Os costumes devem, portanto, ser classificados de acordo com os seus componentes próprios e estranhos (cristãos) e removidos da influência da Igreja para criar um Völkisch alemão com base racial; pois o cristianismo nunca foi uma "religião popular" entre os alemães!

Muitos teóricos do conceito nacional-socialista de nacionalidade esperam que a sua realização na vida política da Europa também dê início a uma nova visão de mundo, uma ordem de paz supranacional e uma nova lei dos povos, falando de uma ideia nacional europeia. O direito à autodeterminação dos povos, baseado

[320]„Der christliche Staatsmann, eine Theologie des Nationalsozialismus", S. 240 ff., Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburg 1932.
[321] Matthes Ziegler, „Kirchliche oder religiöse Volkskunde", „Nationalsozialistische Monatshefte", 65, 1935, 678 ff.; Führerorgan der nationalsozialistischen Jugend, „Wille und Macht", Heft 18, 1935; Hasso Volger, „Entkonfessionalisierung des Brauchtums".

"Recentemente, o ministro do Reich, Dr. Frick, exigiu em Münster a laicização de toda a vida pública. É preciso, em primeiro lugar, aplicar essa exigência também às manifestações da alma popular que, como expressão do sangue e da visão de mundo, determinam o conteúdo e a forma de nossas festas populares e de nossas celebrações tradicionais na vida do povo, no decorrer do ano ou no decorrer da vida humana: os costumes populares. Certamente, quando falamos de costumes populares, deve ficar claro desde o início que, em sua forma atual, não temos mais diante de nós a herança pura de nossos antepassados, mas que, ao longo dos séculos, foram feitas diversas falsificações e alterações. A exigência de uma separação de nossos costumes entre traços próprios e estranhos torna-se, portanto, cada vez mais necessária e, com isso, também a exigência de libertar nossos costumes tradicionais da influência da Igreja."

na ideia de nacionalidade, é, portanto, também "justificado pela visão de mundo"[322]:

> "Somente quando as nações tiverem refletido sobre si mesmas, como fez a nação alemã, ... somente quando as outras nações que ainda não o fizeram trabalharem em prol dos mesmos objetivos, então um grande objetivo será alcançado: então a paz mundial estará garantida.
>
> O temido dinamismo alemão não é direcionado sem rumo para o vazio. Ele acende-se na realização do direito à autodeterminação dos camaradas do povo alemão e inflama-se por si mesmo quando a ideia do povo alemão se concretiza".

O problema austríaco também está presente aqui, embora sem nome, como um ponto de perspetiva imaginário para o qual todas as linhas convergem.

O desenvolvimento do conceito de nação concebido em termos raciais e biológicos leva à exigência política de pertencer à nacionalidade alemã coletiva, que também é cientificamente fundamentada[323]. O conceito mecanicista de Estado-nação do Ocidente, da Prússia e de Bismarck é substituído por um princípio orgânico de formação do Estado: a nacionalidade.

Programaticamente, as palavras de Hitler[324], que colocam a salvação e o futuro da nação no fechamento de sua própria nacionalidade, também são adotadas como o primeiro ponto na meta de trabalho do nacional-socialismo[325]; além disso, as ideias do importante educador nacional-socialista Ernst Krieck[326], em cujo trabalho educacional o nacional-socialismo aparece como um movimento de liberdade impulsionado por forças elementares Völkischen-raciais. O nacional-socialismo é, assim, elevado a outro reino, um que nenhum partido político alemão jamais reivindicou. Ele aparece nesses escritos como o movimento biologicamente natural para a unidade dos alemães espalhados pelo

---

[322] Hans Keller, „Das dritte Europa", Verlag Baschari, Zürich–Paris–Berlin 1934.

[323] Das Buch vom deutschen Volkstum. Wesen — Lebensraum — Schicksal." Herausgegeben von Paul Gaus. Verlag F. A. Brockhaus, Leipzig 1936.

[324] „Mein Kampf", S. 305 bis 308, 459, und Eckart Weinreich, „Die Nation als Lebensgemeinschaft", S. 72 bis 105, Verlag Lehmann, München 1931.

[325] Gottfried Feder, „Das Programm der NSDAP", pp. 19.

[326] Nationalpolitische Erziehung", S. 33 bis 48, Armanen-Verlag 1932, und „Nationalsozialistische Erziehung". Begründet aus der Philosophie der Erziehung. Verlagsbuchhandlung A. W. Zickfeldt, Osterwieck am Harz, 1935.

espaço europeu. Assim, Krieck fala de uma "*antropologia racial-völkisch-política*" — uma combinação ousada de vários conteúdos e conceitos[327].

Todas essas inovações filosóficas sofrem principalmente da falta de clareza nos seus conceitos fundamentais, pois as palavras "raça, nacionalidade, sangue e nação", carregadas das emoções de um ativismo político imprevisível, formam um dicionário conceitual que ainda não foi examinado.

Mesmo que a dura realidade da vida histórica desmantele alguns desses objetivos ou os adie para um futuro distante, há forças na própria ideia que não podem deixar de impactar os jovens em particular. Raça e nacionalidade são elevadas pela literatura nacional-socialista dominante a conceitos sagrados aos quais tudo o mais deve servir.

Os esforços políticos nacionais para a unidade de todos os alemães na Europa constituem, assim, o objeto de observação atenta dos principais círculos nacional-socialistas. Este ponto do programa é considerado inegociável e só poderia ser adiado por razões de prudência e habilidade política. A unificação dos alemães continua a ser o objetivo final inabalável do nacional-socialismo. A juventude alemã aspirante, cujo vago anseio na Europa é direcionado para uma nova visão de mundo de estilo unificado porque acredita no logos divino no desenvolvimento histórico, não abandonará essa ideia até que outra ideia maior possa substituí-la[328]. Algo semelhante, aliás, está na base do mito italiano do fascismo com a sua reivindicação da universalidade de Roma (CAUR), que também é evidente nos mapas geográficos-políticos da *Via dell'Impero* na Cidade Eterna.

No entanto, nesta questão decisiva da unificação de todos os alemães, que nos últimos anos trouxe tanta agitação espiritual às famílias, afirmações corretas e prematuras coexistem, pois alguns exageram tanto o conceito biológico-racial da nação que, segundo a sua opinião, apenas os Estados nacional-socialistas poderiam garantir a paz na Europa. Por outro lado, o entusiasmo pelo ideal do

[327] "Völkisch-politische Anthropologie", Bd. I, Armanen-Verlag, Frankfurt am Main 1936.
[328] Hans Eibl, „Vom Sinn der Gegenwart". Ein Buch von deutscher Sendung. 2. Auflage. Verlag Wilhelm Braumüller, Wien 1935.

pequeno Estado alemão-prussiano, que, com algumas modificações, prevaleceu até ao fim do Reich Hohenzollern, glorifica a Prússia como a campeã dessa ideia, enquanto a Casa de Habsburgo é combatida com uma paixão reservada para coisas que ainda não estão mortas, mas carregam valores vivos dentro de si. Nenhum historiador objetivo, por mais nacionalista que seja, pode negar os méritos desta dinastia em questões puramente alemãs, uma vez que coloca o Reich Habsburgo no contexto mais amplo da história e se concentra não no Estado alemão, mas na nação alemã como o centro de sua consideração. Não se poderia exigir uma política estatal exclusivamente alemã num Estado multiétnico onde os alemães constituíam uma porcentagem relativamente pequena sem liquidar o significado de uma monarquia multiétnica. A propósito, nunca a influência alemã se estendeu tão profundamente à Europa Oriental e Meridional (burocracia alemã, língua administrativa alemã, língua de comando militar), e nunca foram realizadas tantas repatriações nacionais em favor da Germândia como sob Maria Teresa e José II (Transilvânia, suábios de Banat). É certo que a política de Bismarck em 1866 rompeu essa corrente alemã na Áustria. Assim, a antiga monarquia foi até então a unificação mais bem-sucedida dos fragmentos étnicos e pequenos povos da Europa Central e Oriental, unidos espacialmente sob a liderança cultural alemã. Quem se libertar das distorções e preconceitos de que tantos historiadores políticos de séculos se tornaram culpados terá, no espírito de Srbik[329], cujo trabalho recente com Cosmopolitanism and Nation-State, de Meinecke, inaugura um novo capítulo na nossa compreensão histórica, de abordar a questão de por que razão as pessoas, o espaço, o Reich e o Estado ainda não se tornaram uma unidade para os alemães e por que razão a história alemã, tão rica em heroísmo e grandeza, também contém tanta tragédia e profundidade até 1800 e até os dias atuais, mais do que a história de outros grandes povos culturais.

De qualquer forma, a identidade alemã-austríaca, moldada pela ideia imperial supranacional e pelo contacto constante com as nacionalidades eslavas, húngaras e românicas, através de tribos, destino territorial e ideais culturais católicos, permaneceu uma unidade de estrutura política que, em muitos aspectos, está mais próxima do sul da Alemanha do que do norte, um tipo especial de essência alemã, sem que os alemães-austríacos sejam considerados totalmente diferentes em termos de sangue dos alemães do norte. Enquanto

[329] „Deutsche Einheit“, Verlag F. Bruckmann, München 1936. 2 Bände

Frederico II da Prússia não carregava consigo nenhuma consciência cultural alemã, apesar de moldar milhões de alemães, na Áustria, apesar da mistura étnica, o sentimento de pertença ao Reich, especialmente nas esferas literária e científica, sempre permaneceu vibrante, apesar de todos os obstáculos.

A questão da unificação dos alemães na Europa seria, portanto, em si mesma, apenas um problema político que, desde que os meios para atingir esse objetivo não entrem em conflito com a ética, deve ser resolvido e julgado por considerações políticas, os mesmos padrões que se aplicaram a esforços semelhantes dos italianos, polacos e eslavos do norte e do sul. Os Estados são historicamente formados e sujeitos a mudanças. Como um problema puramente político, a questão da reorganização da Europa a partir de perspectivas Völkischen não pertence inicialmente ao fórum da cosmovisão cristã, desde que as precauções acima mencionadas sejam observadas, uma vez que uma solução violenta está descartada.

Nunca houve um estado Estático na política étnica, muito menos no espaço europeu, e ninguém rejeitará permanentemente as ideias políticas e nacionais que se afirmam na história enquanto a clareza de seus objetivos durar, a menos que possa se opor a elas com outras ideias ainda maiores e mais viáveis. O tratado estatal entre a Alemanha e a Áustria de 11 de julho de 1936, que estabelece a importância da Áustria como o segundo Estado alemão, resolve a relação controversa entre os dois Estados alemães de uma forma que satisfaz ambas as partes para o desenvolvimento futuro de um esforço comum pela nacionalidade alemã. O centro natural de interesses mútuos em todas as áreas da vida une naturalmente os povos alemães de ambos os estados, embora os interesses culturais da Áustria, particularmente o tratamento do catolicismo, não devam de forma alguma ser negligenciados. Assim, o desenvolvimento da questão austríaca nos últimos anos criou a impressão entre aqueles familiarizados com a situação de que a Roma eclesiástica, o Vaticano, é o forte contraponto à ideia de unificação alemã. No entanto, trata-se de uma convergência coincidente, uma vez que a questão da anexação, para além das considerações de política externa, se transformou principalmente para os católicos austríacos num problema de consciência religiosa devido à influência ideológica e não religiosa de vários escritores no programa nacional-socialista. Se a política cultural nacional-socialista tivesse seguido caminhos diferentes,

toda a questão teria evoluído de forma fundamentalmente diferente. Uma contradição por motivos religiosos talvez nunca tivesse sido levantada com tanta força, embora as estatísticas confessionais já fossem de importância decisiva para a política de Bismarck em relação à Áustria na Paz de Nikolsburg.

Precisamente quando se fala da unidade dos alemães na Europa, deve ser citada aqui uma declaração peculiar de Treitschke, pioneiro do nacional-socialismo no campo histórico. Embora seja um "nacionalista", ele coloca de forma notável as questões religiosas e de visão de mundo em primeiro plano na questão da unificação da Alemanha e da Áustria[330]:

> "Nunca tantas felicitações calorosas e sinceras pela continuidade da Áustria foram trocadas nas últimas semanas como nas salas de conferência do Reichstag alemão... Hoje, mesmo a força combinada de uma Alemanha unificada teria de despender um trabalho longo, pesado e talvez infrutífero neste solo, se encontrássemos aqui o triste legado dos Habsburgos. Já temos inimigos ultramontanos do Reich mais do que suficientes; vamos mantê-los sob controle; mas o nosso Reich é apenas um Estado protestante porque os protestantes nele predominam. O colapso da Áustria, no entanto, seria uma catástrofe sem precedentes na história, que ameaça envolver-nos em guerras incalculáveis.
>
> Nós, alemães, nunca compreendemos o princípio da nacionalidade no sentido cru e exagerado de que todos os europeus de língua alemã devem pertencer ao nosso Estado. Consideramos uma bênção para o convívio pacífico do continente que as fronteiras das nações não estejam gravadas na crosta terrestre como se fossem feitas com uma faca; que milhões de franceses vivam fora da França, milhões de alemães fora do Reich Alemão... A base sólida do nosso poder atual, as ideias criativas da nova política alemã, foram solidificadas pelo abençoado ano de 1806. Longe da Áustria! Esse era o nosso grito de guerra na época. Como se tivesse sido libertado de uma costela, o peito da Alemanha respirou livremente quando nos separámos da Áustria. Cada novo dia da história alemã desde então prova que essa separação foi uma necessidade, que só através dela voltámos a ser nós mesmos. Devemos agora, em ganância imprudente, jogar a estrutura de 1866, os alicerces do nosso Reich, de volta à ruína? Na sóbria Berlim, a ideia de que a capital natural das terras do Danúbio se tornasse uma cidade provincial alemã é ridicularizada como uma utopia".

---

330 „Preußische Jahrbücher" (Treitschke-Heft), 1934 (enthält Auszüge aus dessen tagespolitischen Auffassungen 1866 bis 1870).

Particularmente na questão da unificação de todos os alemães na Europa, como demonstram bem estas declarações de Treitschke, parece ser uma grande infelicidade e um fato prejudicial da história alemã a luta eclesiástica de Lutero em Wittenberg[331]; portanto, a tentativa de apresentá-lo como um herói nacional deve ser rejeitada da perspectiva de uma história alemã que não pensa em décadas, mas em séculos. Assim como Herder inspirou pela primeira vez a concepção nacional através de Hutten, ele também apontou pela primeira vez para a solidariedade étnica de Lutero para celebrar a sua rejeição de Roma como um ato nacional. Essa apreciação nacional nunca desapareceu totalmente da imagem de Lutero (algo semelhante pode ser visto na veneração de Hus pelos checos) e ganha especial destaque nos nossos dias no nacional-socialismo. Os escritores nacional-socialistas recordam Fichte e Arndt, que já glorificavam Lutero como um herói nacional, e baseiam-se principalmente em Chamberlain, que declarou abertamente no seu livro *Fundamentos do século XIX:* "*Lutero é, antes de mais, um herói político. O amor pela pátria era o seu absoluto, o seu conhecimento divino era o seu condicional, no qual ele nunca abandonou completamente o hábito de monge. O seu ponto fraco era a teologia"*
Esta visão cientificamente contestada da personalidade de Lutero foi adotada por Rosenberg no seu *Mito do Século XX.* No entanto, Erasmo de Roterdão viu o cisma da Igreja como o maior golpe para a própria germanidade, cuja prevenção teria poupado a Alemanha da Guerra dos Trinta Anos. Enquanto a Inglaterra, a França e a Espanha podiam dedicar-se às tarefas da cultura e da arte, entrando numa era dourada, a Alemanha foi transformada num deserto. Quando Goethe e Schiller surgiram, a grande tradição da nacionalidade alemã não só foi interrompida, como destruída. Somente a reconstrução através do Romantismo recuperou a germanidade para sua própria cultura Völkische. O protestantismo e a posterior contra-reação necessária, a Contra-Reforma, dividiram o povo e o Reich em dois campos, enfraqueceram o Reich, separaram culturalmente os principados alemães, rasgaram a Alemanha nas grandes lutas da Europa dividida confessionalmente e, em um momento de grandes decisões políticas globais, tornaram o povo alemão incapaz da tarefa então relevante da ideia do Reich mundial.

A história alemã dos séculos XVII e XVIII, em particular, prova que a Reforma do século XVI, frequentemente declarada como essencialmente alemã, se

[331] Cf. os julgamentos de Ignaz von Döllinger e Janssen

transformou numa desgraça para o nosso povo. A unidade teria sido alcançada há muito tempo, as lutas religiosas do século XVII nunca teriam ocorrido, o que atrasou o norte da Alemanha em séculos de uma cultura católica florescente, sem colocar nada completo ou equivalente em seu lugar. Não é difícil provar que, com o século XV e ainda mais com o século XVI, começou o declínio do pensamento alemão universal e dos conceitos de nação e nacionalidade.

Pontos fundamentais de uma perspetiva cristã sobre a questão da nação e da nacionalidade[332].

1. A interpretação biológica do conceito de nacionalidade, que não é idêntica à raça, mas é condicionada principalmente pela língua, pela história comum e pelo espaço vital, não contradiz em si mesma o cristianismo, mesmo que os dois fundamentos do sangue e da raça ainda não tenham encontrado explicação científica suficiente, desde que não se exija a primazia da nacionalidade sobre a visão de mundo e que o foco da vida humana e nacional não seja exclusivamente transferido para o aqui e agora. No cristianismo, a divisão da humanidade em nações e raças é considerada um fenômeno secundário que não pode negar a unidade da raça humana.
2. Os conceitos de nação e nacionalidade, que contêm grandes valores, devem, de acordo com o ensino cristão, ocupar o seu lugar na hierarquia geral dos valores da vida. A nacionalidade carrega valores verdadeiros, mas não os mais elevados da vida. O seu conteúdo espiritual não é autossuficiente. Não abriga nenhum objetivo final e não pode satisfazer a nossa alma. A nacionalidade luta e oscila, transforma-se e remodela-se constantemente, tal como o ser humano em busca de si mesmo que a ela pertence. A nacionalidade nunca é a realização última da humanidade, a menos que receba a sua purificação e consagração através do cristianismo. A ideia nacional deve, portanto, ser refinada pela ideia cristã e clarificada nas suas exigências, para evitar que termine numa auto-adoração racial.

[332] Der protestantische Standpunkt ist klargelegt im Buche: „Die Nation vor Gott“, Zur Botschaft der Kirche im Dritten Reich. Herausgegeben von Liz.-Dr. Künneth und Prof. Dr. Helmuth Schreiner, 3. Auflage, Verlag Wichern, Berlin

Nenhuma nação abrange todos os valores e, portanto, nenhuma pode reivindicar a primazia para assumir a liderança na Europa (contra Stapel). Todas requerem purificação moral através do *ethos* cristão.

3. A ideia nacional e o orgulho na própria nacionalidade precisam, para evitar terminar numa auto-adoração convulsiva e estreitar a visão dos problemas humanos mais amplos, de um complemento através da virtude da humildade, que não é fraqueza, mas verdade — ou seja, auto-exame rigoroso e reflexão sobre as próprias falhas e fraquezas, para, instruídos pela grande mãe e educadora dos povos, a Igreja Católica Mundial, levar a distinção nacional a um desenvolvimento precioso. Mesmo no caráter alemão, ao lado de qualidades esplêndidas, existem grandes fraquezas que requerem mitigação ou complementação de outras esferas nacionais: uma forte tendência ao individualismo, subjetividade, uma certa unilateralidade, exclusividade e brusquidão na afirmação de um ponto de vista adotado. Tudo isso requer um forte elemento formativo para evitar a dissipação e a dissolução.

4. A verdadeira nacionalidade é, a longo prazo, impossível sem religião. A separação das duas esferas é um erro, pois ambas pertencem essencialmente uma à outra.

Portanto, a completa desconsacralização dos costumes populares deve ser rejeitada como um ataque tanto à nacionalidade quanto ao cristianismo por qualquer pessoa que, no sentido do programa nacional-socialista, Artigo 24, acredite que um cristianismo positivo deve permanecer como o fundamento da comunidade do povo.

5. Sempre que a religião e a nação parecem estar em conflito, a solução, se não se tratar de questões moralmente indiferentes e puramente políticas, deve ser extraída da religião, o que significa que o compromisso com a nacionalidade não encontra restrições no reconhecimento de uma ordem mundial divina.

A religião e a nacionalidade, de acordo com a concepção cristã, alinham-se tão harmoniosamente com a ordem da criação que as contradições entre as duas só podem ser aparentes. A pessoa que acredita na providência deve estar convencida de que o plano da criação corresponde ao propósito divino. Se, portanto, a humanidade se realiza em diferentes povos e raças, isso deve, para a pessoa que acredita, ser considerado como uma expressão da vontade divina. Esta ideia é inteiramente compatível com a noção de que os talentos naturais são distribuídos de forma diferente entre os povos e, portanto, há povos chamados a realizações particularmente grandiosas. As contradições só podem surgir se o lado religioso subestimar e questionar o natural ou se o lado nacional afirmar que a nacionalidade abrange a totalidade dos valores, excluindo os valores religiosos, ou, por outras palavras, que todos os valores são meramente funções da nacionalidade e que não existe um mundo espiritual que transcenda a natureza. Nenhum dos dois exageros pode ser justificado pelos princípios da religião ou pelas necessidades da nacionalidade.

6. Uma vez que a luta pela existência nacional e pela autodeterminação, bem como pela reconquista de um lugar ao sol na nacionalidade e no Estado, traz profundas transformações e é quase impossível sem tensões e conflitos, é dever do cristão e do cidadão com consciência nacional trabalhar em prol de um equilíbrio entre ambas as esferas de interesse, no sentido da lei natural e da lei moral cristã, cujas obrigações nenhuma comunidade do povo pode escapar.
7. Na totalidade da nacionalidade, não há mais uma pessoa apolítica. O tipo normal de cidadão torna-se a “pessoa política”. Aqui, também, não há inicialmente nenhuma contradição com o cristianismo, desde que o elemento normativo e orientador primário para a ação humana possa permanecer o cristianismo.
8. Uma vez que o cristianismo, pela sua origem e essência como palavra divina revelada, transcende todas as condições étnicas e raciais, qualquer exagero da nacionalidade deve ser rejeitado, assim como qualquer visão de mundo determinada exclusivamente pela ideia de raça e nacionalidade. O Estado, o povo e a raça também estão sob a palavra de Deus. Aqui também surge a mesma conclusão já observada na discussão sobre o problema racial: que o conceito nacional-socialista de nacionalidade, seja ele correto ou não em detalhes, representa um perigo para o cristianismo

apenas no caso de sua radicalização e extensão ao domínio da cultura religiosa.

9. A nacionalidade alemã e a fé católica tornaram-se, ao longo dos séculos, inseparavelmente entrelaçadas. Quem contestar isso demonstra compreensão insuficiente dos fatos da história intelectual e cultural alemã. O pensamento nacional e a convicção católica estão, portanto, longe de ser opostos irreconciliáveis. Exemplos genuínos do passado comprovam isso. Basta apontar algumas figuras particularmente significativas:

O renano Joseph Görres contribuiu decisivamente para preparar o terreno intelectual e espiritual para a luta de libertação contra Napoleão.

No meio da era liberal, os defensores da preservação da nacionalidade alemã, de uma educação cívica enraizada na pátria e no povo e da renovação da cultura alemã foram o padre renano Anton Heinen e o padre convertido Julius Langbehn, o alemão de Brandemburgo. De uma forma sem paralelo, o sul-alemão Joseph Nadler retratou a riqueza interior e as conquistas intelectuais das tribos alemãs. A revelação dos tesouros profundos que repousavam nas antigas sagas, lendas e poesia épica alemãs foi obra do vienense Richard von Kralik. A primeira coleção de antigas canções Völkischen alemãs (Des Knaben Wunderhorn) devemos ao renano-francônio Clemens Brentano.

A primeira história nacional dos alemães, que, segundo o julgamento do historiador protestante Johannes Haller, realmente merece esse nome, foi escrita pelo padre católico Michael Ignaz Schmidt (1794), cuja estátua se encontra no Hall da Fama de Munique.

Quem se tornou um dos maiores benfeitores da diáspora germânica através da fundação da primeira Associação Escolar Alemã, antecessora da atual Liga Popular para a Germânica no Exterior? — O padre sul-tirolês Franz Xaver Ritterer. Quem criou a primeira associação para o estudo científico e o cultivo prático dos valores profundos da nacionalidade alemã? O coadjutor bávaro Christian Frank, e não seria difícil continuar esta lista até ao presente e também comemorar as atividades de destaque de tantos católicos alemães no estrangeiro, que não só se dedicaram ao trabalho religioso-pastoral, mas também

desenvolveram atividades culturais nacionais de longo alcance em benefício de toda a nacionalidade alemã, tudo isto décadas antes de existir qualquer trabalho organizado da diáspora alemã.

8. Ideia de Estado e soberania — direito, poder e moralidade — direito romano e direito alemão — a ideia de ordem política[333].

Enquanto a teoria marxista do Estado se baseia principalmente na filosofia de Rousseau, o fundamento do nacional-socialismo é a filosofia alemã, embora, em certa medida, o naturalismo de Rousseau constitua um elo de ligação entre as duas visões de mundo, uma vez que ambas, embora não na mesma medida, partilham a negação do pecado original e a crença na bondade absoluta da natureza humana. No entanto, enquanto o marxismo, emergente do pensamento liberal da Revolução Francesa, é totalmente alheio e até hostil às ideias de nacionalidade e raça, ambas constituem fundamentos essenciais da concepção nacional-socialista de Estado, lei e justiça. Até certo ponto, como mostrou a seção anterior, estes são, sem dúvida, elementos viáveis, cuja zona perigosa só começa quando são estendidos à esfera religiosa e moldados numa cultura moral independente no sentido do naturalismo. Este último significaria o colapso do cristianismo e um retorno a uma visão de mundo nacional totalitária, que a cultura antiga não conhecia nessa medida.

Cinco pilares fundamentais da formação jurídica alemã, correspondentes a essas novas leis de vida da nação, podem ser identificados no trabalho de renovação no campo do direito nacional-socialista: solo, raça, Estado, honra e trabalho. Os princípios constitucionais escritos e não escritos que dominam e moldam toda a vida, alguns dos quais já estão estabelecidos em uma série de leis fundamentais do Estado — direito penal, direito da família e direito matrimonial ainda aguardam as emendas correspondentes — são os seguintes[334]:

1. A visão de mundo nacional-socialista é a base ideológica da legislação e, portanto, da organização do Reich alemão. “A ideia nacional-socialista tem a sua âncora organizacional no partido”. (Hitler)

[333] Hans Frank, „Nationalsozialistisches Handbuch für Recht und Gesetzgebung“, 2. Auflage, Verlag Franz Eher Nachfolger, München 1936 (grundlegend für die Umgestaltung des deutschen Rechtslebens im Dritten Reich); vgl. ferner die Fachzeitschrift „Deutsche Rechtspflege“, Organ des Bundes Nationalsozialistischer Deutscher Juristen, 1936, und die „Zeitschrift der Akademie für deutsches Recht“.
[334] „Völkischer Beobachter“, Sondernummer zum Jahrestag der Machtübernahme, 30. Januar 1936. (Abhandlung von Wilhelm Stuckart über die Sonderverfassung des Dritten Reiches und die neuen Staatsgrundgesetze.)

2. O Reich é o povo legalmente ordenado e politicamente formado. A nação é o conteúdo e a substância do Reich. É o objeto de toda a ordem. O povo, criado por Deus, como entidade duradoura e viva, é o único propósito de toda a ação humana e de todas as instituições estatais.
3. O Reich é um Estado socialista: o bem comum precede o interesse próprio. O que beneficia a comunidade do povo é lei; o que a prejudica é ilegal.
4. O Reich é um Estado Völkisch: o sangue e o solo são a fonte de vida sempre renovada do povo alemão. A pureza e a preservação do sangue alemão são pré-requisitos para o povo alemão e o Reich. Somente um alemão ou pessoa relacionada pode co-determinar o destino e o futuro do povo alemão.
5. O Reich é um Estado de liderança: o partido, o povo e o Reich são liderados e administrados de acordo com o princípio da liderança. A liderança é conquistada através de um desempenho que convence os seguidores.
6. O Reich é um Estado popular: a base do Reich e da sua liderança é a relação de confiança e lealdade dos seguidores para com o líder.
7. O Reich é um Estado unitário: existe apenas uma autoridade estatal do Reich e uma soberania do Reich; existem apenas cidadãos alemães e cidadãos do Reich.
8. O Reich é um Estado de partido único: “O partido representa a consciência política, a convicção política e a vontade política da nação”(Hitler). Tem a tarefa de definir os grandes objetivos em todas as áreas da vida e alinhar a vida pública com os deveres populares. O líder é o partido, e o partido é o líder. O partido é a instância máxima de supervisão e decisão.
9. O partido tem a tarefa, na sua organização, de reunir, promover e designar ao Estado os elementos da nação capazes de liderança política, para a sua liderança e como seus seguidores. “Deve, assim, defender o princípio de que todos os alemães devem ser ideologicamente moldados como nacional-socialistas, que os melhores nacional-socialistas se tornem camaradas do partido e que os melhores camaradas do partido assumam a liderança do Estado”. (Hitler) Acima de tudo, tem a tarefa de proporcionar ao Estado alemão a liderança mais elevada e geral.

10. O líder do partido é simultaneamente o chefe supremo do Reich e o comandante supremo das forças armadas.
11. O partido e as forças armadas são os dois pilares indissoluvelmente ligados que sustentam o povo e o Reich. “O partido dá ao exército o povo, e o povo dá ao exército os soldados, mas juntos eles dão ao Reich alemão a segurança da paz interna e a força para a sua afirmação” (Hitler).

Essas ideias fundamentais da concepção nacional-socialista do direito, uma vez pensadas de forma consistente e implementadas na vida, devem levar a uma atitude totalmente diferente também no direito internacional. O axioma político decisivo de que a comunidade de povo é a base de todo o desenvolvimento cultural, intelectual e político exige, a par do compromisso com a própria comunidade do povo, o reconhecimento dos grupos nacionais estrangeiros. Enquanto a concepção do direito internacional do século XIX proclamava a primazia indiscutível do Estado e reconhecia apenas o povo do Estado, a teoria nacional-socialista do direito popular e internacional exige que, mesmo quando um grupo nacional separado do *povo-mãe* é incorporado a uma estrutura estatal estrangeira, o reconhecimento fundamental desse grupo nacional pelo direito internacional seja concedido na forma jurídica de autonomia cultural, uma vez que qualquer outra regulamentação dos chamados “direitos das minorias” baseada no princípio liberal-individualista se mostrou, na prática, inadequada. O nacional-socialismo busca, assim, um reconhecimento positivo do elemento nacional estruturado de forma diferente e se opõe à teoria da assimilação com a autonomia cultural popular. Condena qualquer desnacionalização mais forte como incompatível com os pressupostos básicos da concepção nacional-socialista do direito internacional.

Dessa atitude em relação ao poder legal e culturalmente criativo da comunidade do povo surge a postura básica anti-imperialista do pensamento nacional-socialista sobre o direito internacional, ou seja, o nacional-socialismo, com base no seu programa, não tem fundamentalmente interesse em incorporar grupos nacionais estrangeiros ou dissolver internamente indivíduos por meio da desnacionalização.

Os fundamentos dessas visões jurídicas estatais do nacional-socialismo remontam não apenas ao sistema filosófico estatal de Hegel e seus sucessores, mas, em última análise, aos seguintes dogmas fundamentais, que, por sua vez, decorrem necessariamente da doutrina racial: "*A essência da lei é condicionada racialmente*"[335]. O conteúdo essencial do direito alemão deve, portanto, consistir em disposições que preservem a herança racial. O direito não é um domínio autónomo, mas reflete a luta política e econômica do povo. O indivíduo deve integrar-se no "nós" do povo, no "socialismo do sangue". A liberdade do indivíduo está socialmente vinculada; a sua essência política surge apenas da sua base völkisch. Estado e liberdade são conceitos inseparáveis. Só existe liberdade política no e para o Estado, não a partir do Estado. Enquanto o antigo direito germânico restringia a liberdade individual em favor do clã e da família, aqui ela ocorre no interesse do Estado, no qual a fonte do direito é o espírito völkisch determinado racialmente.

De acordo com a concepção nacional-socialista do direito, o povo, como comunidade original, tem precedência, e não o Estado. O Estado é legitimado pelo povo, e não o contrário. Isso resulta numa série de consequências decisivas. Os conceitos de honra e lealdade, dever para com a comunidade e segurança pública devem ser interpretados no sentido nacional-socialista, de modo que ocorra uma mudança de pensamento também na vida jurídica[336]. Aqui, também, fica imediatamente claro que o nacional-socialismo visa ser um todo unificado. Enquanto alguns representantes ainda ensinam um novo direito internacional baseado na raça[337], outros rejeitam completamente o direito internacional[338], pois o direito, sendo um fenômeno ligado à raça, colapsa no próprio Estado. As seguintes declarações de figuras proeminentes são indicativas:

---

[335] Walther Merk, „Vom Werden und Wesen des deutschen Rechtes", Verlag Hermann Beyer, Langensalza 1934; Koellreutter, „Der deutsche Führerstaat", 1934, und Knubben, „Der nationalsozialistische Führer- und Totalitätsstaat in seiner Stellung zu den Weimarer Grundrechten und den individualistischen Menschenrechten", „Reichs- und preußisches Verwaltungsblatt", 1934, 772 ff.

[336] Dr. Ruttke, „Rassenhygiene und Recht", Vortrag, gehalten auf dem erbbiologisch-rassenhygienischen Lehrkurs für Psychiater in München, 10. Februar 1934.

[337] Cf. o tratado do Prof. G. A. Walz, Breslau, „Nationalsozialismus und Völkerbund", in der Zeitschrift „Völkerbund und Völkerrecht", Dezemberheft 1934.

[338] Paul Krannhals, „Das organische Weltbild", Bd. I, S. 117 bis 124: "*Um direito internacional geral que se sobrepusesse ao direito à existência dos Estados deve ser rejeitado não apenas como uma utopia prática, mas também como uma utopia moral. Enquanto forma de vida e personalidade moral, o Estado é um fim em si mesmo, responsável apenas perante a sua própria consciência.*"

Adolf Hitler[339]:

a) O Estado não é um fim em si mesmo, mas um meio para libertar as forças adormecidas na raça.

> "A compreensão fundamental é... que o Estado não representa um fim, mas um meio. É, de fato, o pré-requisito para a formação de uma cultura humana superior, mas não a sua causa. Esta última reside exclusivamente na existência de uma raça capaz de cultura".
>
> "Quando se fala de uma missão superior do Estado, nunca se deve esquecer que a missão superior reside essencialmente na nacionalidade, à qual o Estado, através do poder orgânico da sua existência, deve apenas permitir o livre desenvolvimento".

O Estado völkisch coloca a raça no centro da vida em geral.

> "Quem vê uma missão do povo alemão na Terra deve saber que ela só pode consistir na formação de um Estado que considere a sua tarefa mais elevada a preservação e promoção dos componentes mais nobres e invioláveis da nossa nacionalidade, na verdade, de toda a humanidade".
>
> "... Um Estado völkisch terá, portanto, em primeiro lugar, de elevar o casamento do nível de uma desgraça racial permanente para lhe conceder a consagração dessa instituição chamada a produzir imagens nobres do Senhor"

Helmut Nicolai[340]:

c) A relação do Estado e do Reich com a lei.

> "É legalmente válida a autoridade estatal que age de acordo com a ideia de direito, que defende o direito e o trata de acordo com a ideia eterna e legalmente válida de direito".
>
> "A fonte do direito consuetudinário é a consciência jurídica do povo, o espírito popular, que recebe a sua expressão específica da predisposição racial".

---

339 „Mein Kampf", S. 431 bis 436, 451.

340 „Die rassengesetzliche Rechtslehre", S. 31 bis 41, 44 bis 48, „Nationalsozialistische Bibliothek" und „Der Staat im nationalsozialistischen Weltbild", 1933. O autor foi posteriormente rejeitado pelo partido, mas não por causa de suas opiniões sobre o direito constitucional.

> “A luta contra a desgraça racial é a tarefa mais importante da política jurídica... São necessárias proibições de casamento entre povos diferentes, mas não entre povos semelhantes, portanto, não entre povos germânicos”.

> Por ocasião da fundação da Academia de Direito Alemão em 1º de outubro de 1933, o líder da Frente Jurídica Alemã, Ministro Dr. Frank, pôde declarar:

> "A luta hoje é menos dirigida contra os resquícios do direito romano objetivo do que contra o espírito criado ao longo de séculos de envolvimento com o direito romano.

> Acreditamos no passado nórdico como uma possibilidade futura e agora travamos a luta não apenas no nível jurídico contra o direito estrangeiro, mas em toda a esfera intelectual, introduzindo o conceito de raça.

> O direito alemão será, no futuro, o direito racial. A Academia de Direito Alemão tem a tarefa de realizar este direito da raça alemã com toda a ênfase em todas as suas formas”.

Em muitos aspectos, Carl Schmitt[341] pode ser visto como o verdadeiro pioneiro intelectual, a quem se pode atribuir uma série de formulações desse tipo. Todas essas ideias tornam o conceito de raça a questão fundamental do direito, do Estado e da comunidade, de modo que a tarefa essencial do direito alemão deve ser a preservação da pureza racial.

Outra necessidade seria a formação de uma filosofia jurídica nacional-socialista distinta para sustentar essa nova ciência jurídica. No entanto, uma vez que a teoria jurídica parece ser pensada apenas em termos raciais-jurídicos, a história jurídica também teria de se basear em fundamentos raciais. Essa introdução do conceito de raça no sistema jurídico alemão também é expressa deliberadamente, uma vez que a Liga dos Juristas Nacional-Socialistas Alemães decidiu, em dezembro de 1934, estabelecer uma cooperação mais estreita com a

[341] Em especial, seu escrito sobre, „Die Arten des rechtswissenschaftlichen Denkens“, „Nationalsozialismus und Rechtsstaat“, entre outros trabalhos, „Der Begriff des Politischen“, Verlag Duncker & Humblot, München, apresenta diferenças consideráveis na avaliação do sistema de conselhos russo nas duas edições dos anos de 1932/33. Ver também „Schriften der Akademie für Deutsches Recht“, herausgegeben vom Präsidenten der Akademie für Deutsches Recht, Reichsjustizkommissar Dr. Hans Frank, Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburg, abgedruckt in Heft 12/13 der „Juristischen Wochenschrift“ von 1934.

Comunidade Cultural Nacional-Socialista de Rosenberg. Outras ideias nacional-socialistas sobre o Estado e o direito incluem:

> "O direito na era da comunidade é monista, o que significa que os seus fundamentos são a raça e a nacionalidade; no Estado individualista, no entanto, o direito tem um caráter dualista e deriva o seu conteúdo, por um lado, do espírito da comunidade jurídica (= o respetivo fundamento ideológico da entidade estatal em questão) e, por outro lado, esse conteúdo do direito é determinado dentro da ordem jurídica privada pela vontade das partes contratantes, no Estado pelo detentor da autoridade estatal, sem que haja um fundamento específico unificado para o significado do direito".

Aqui, surgem diferenças significativas em comparação com as ideias político-estatais do teórico do direito penal Anselm von Feuerbach[342], embora vários elementos da sua teoria do direito penal, particularmente a casuística, a separação entre moralidade e direito e a libertação do direito penal da esfera das avaliações religiosas e morais, tenham sido adotados na literatura nacional-socialista. O princípio de Feuerbach "nulla poena sine lege", que significa a proteção do cidadão contra ataques da autoridade estatal, é, em qualquer caso, rejeitado. Muito do que é particularmente enfatizado pelos juristas nacional-socialistas hoje em dia não é inteiramente novo. Os esforços de reforma para um novo direito penal alemão já estavam na agenda da Alemanha algum tempo antes da tomada do poder. Por exemplo, em 1929, foi introduzido um sistema penal graduado para aperfeiçoar o tratamento individualizado dos prisioneiros. O nacional-socialismo baseia-se em todas essas ideias e se esforça para transformar radicalmente toda a vida jurídica alemã, levando inevitavelmente a vários contrastes com a ciência jurídica europeia anterior. (Ver o projeto de código penal, já conhecido do público em suas disposições essenciais.)

O ponto de partida de todas essas reformas é a nova ideia de Estado, que, em oposição consciente ao conceito absolutista de Estado, como uma massa de súditos, e ao liberal, como a totalidade dos indivíduos, concebe o Estado como a encarnação viva da comunidade do povo condicionada racialmente. Segundo o jurista Freigler, o direito apresenta-se *"como a soma das exigências da consciência völkisch sobre o povo e os seus membros, com o objetivo de garantir o direito völkisch à vida"*.

[342] Gustav Radbruch, „Paul Johann Anselm Feuerbach", Verlag Julius Springer, Wien 1934.

O ponto de partida de todas essas reformas é a nova ideia de Estado, que, em oposição consciente ao conceito absolutista de Estado, como uma massa de súbditos, e ao liberal, como a totalidade dos indivíduos, concebe o Estado como a encarnação viva da comunidade do povo condicionada racialmente. De acordo com o jurista Freigler, o direito apresenta-se "como a soma das exigências da consciência popular sobre o povo e os seus membros, com o objetivo de garantir o direito popular à vida".

Uma consequência evidente é a extensão do direito penal a áreas anteriormente reguladas exclusivamente pelo direito civil. (Estas incluem o direito do trabalho, onde as disposições do direito penal devem dar maior força às medidas estatais para manter a paz laboral). Com intervenções tão abrangentes da autoridade estatal e uma aplicação tão multifacetada de medidas penais, isso só pode cumprir seu objetivo se o Estado for capaz de quebrar qualquer forma de resistência. Isso mudou fundamentalmente o caráter da punição. Ela não expia mais o ato criminoso, mas visa neutralizar ou mesmo destruir o perpetrador. O novo direito penal alemão é, portanto, de acordo com a formulação do Dr. Freigler, um “direito penal do autor” em vez do anterior “direito penal do ato”. Intimamente relacionado com isso está o fato de ser simultaneamente um “direito penal da intenção”, como foi chamado pelo Ministro da Justiça do Reich, e, como tal, apaga a distinção entre um ato cometido com sucesso ou meramente tentado. A teoria da retribuição e da dissuasão domina todo o direito penal e é particularmente evidente no sistema penal.

No entanto, a influência predominante da exigência de honra teve de resultar na busca da punibilidade contínua. O legislador nacional-socialista acredita que aborda esta questão introduzindo a analogia como um recurso legal adicional para a tomada de decisões judiciais através das alterações de 26 de agosto ao Código Penal e ao Processo Penal. Que isso constituía uma “revolução no direito penal” já havia sido observado pelo presidente da Academia de Direito Alemão, Dr. Frank, após sua publicação na Correspondência do Partido Nacional-Socialista. A introdução da analogia deixou de lado o princípio considerado universalmente válido para o direito penal, consagrado no § 2 do Código Penal Alemão: “nullum crimen sine lege” — :nenhum crime sem lei: — pela exigência “nenhum crime sem punição”. A disposição anterior era

considerada uma conquista da escola moderna de direito penal para estabelecer limites à arbitrariedade judicial no interesse da segurança jurídica. De acordo com a nova disposição, um infrator é punido não apenas quando a lei declara o ato punível, mas também quando merece punição de acordo com a ideia fundamental de uma lei penal e "de acordo com o sentimento völkisch saudável".

À objeção de que a introdução de um fator tão imensurável e variável na administração da justiça poderia criar incerteza, o Ministro da Justiça do Reich procurou contrapor, no seu discurso no Congresso de Direito Penal, invocando a uniformidade da visão de mundo nacional-socialista e a sua compreensão pelo juiz. No entanto, as suas declarações não conseguem dissipar a observação de que a tomada de decisões judiciais, ao afrouxar a sua ligação à lei, perdeu um apoio e ainda não encontrou suplementação suficiente através do conceito de sentimento popular saudável. Em vez da lei estatutária, entra em cena o direito consuetudinário, e a distinção entre direito público e privado fica significativamente obscurecida.

A lei é definida como aquilo que os homens arianos consideram ser lei, porque a lei não significa nada de abstrato, mas a criação de um sangue específico, o da comunidade racial e ideologicamente ligada do povo alemão e sua visão de mundo. É uma consequência evidente dessa base comum baseada no sangue e na ideologia que, assim como não existe internacionalidade na verdadeira arte, também não pode existir na lei. A verdadeira lei só pode ser völkisch e adequada à espécie se for uma expressão das forças populares e da nacionalidade que a moldam.

Já em tons radicais, ressoam as seguintes ideias de escritores nacional-socialistas individuais: "O poder precede a lei. O que é moral é o que beneficia o Estado, o partido ou a nação. O veredicto judicial deve ser extraído do sentimento popular e racial. A força decide o destino dos povos e dos Estados. A arte de governar deve estar além do bem e do mal para ter sucesso. A doutrina cristã da paciência, do amor e do perdão leva à queda dos povos. Diz-se que as nações católicas retrocederam culturalmente e em termos de política de poder. Mas onde, como na Itália, é evidente uma ascensão política, as

suas bases já não derivam do cristianismo, mas da filosofia estatal de Maquiavel".

Ao examinar cuidadosamente essas ideias sobre o Estado e a lei, percebe-se rapidamente que elas são caracterizadas por uma oscilação entre o revolucionismo e o conservadorismo, tornando compreensível questionar se o nacional-socialismo e o Estado de direito são conceitos opostos que se excluem mutuamente[343]. Até mesmo o teórico oficial do fascismo italiano, Sergio Panunzio, descreveu o Estado fascista como uma entidade "revolucionária-conservadora".

De onde vêm essas concepções de Estado, lei e liderança, que inevitavelmente levariam a uma completa revolução do sentido da lei se fossem introduzidas em todos os Estados europeus? Sem dúvida, elas são a reação imediata a uma democracia degenerada que causou a decadência de toda a autoridade estatal e da soberania, um sistema partidário patológico que destruiu o povo alemão após a Guerra Mundial. Além disso, elas são o efeito prático do positivismo jurídico[344], que ressurge repetidamente nas concepções estatais de Nietzsche e Treitschke e nega qualquer lei natural.

Particularmente através da negação da lei natural, as comportas para a legislação estatal arbitrária já estavam abertas antes da Guerra Mundial. Num mundo que limita o conceito de lei aos interesses do próprio país e povo, tudo termina no ilimitado e em concepções que devem perder toda a forma e medida. Além disso, as pessoas modernas, sobretudo por meio da filosofia alemã e da dissolução religiosa do protestantismo, perderam qualquer critério firme de verdade, de modo que se agarram a qualquer coisa que ainda lhes pareça sólida. No entanto, nessa forte ênfase no poder de formação da lei pela comunidade também ressoam as concepções dos antigos gregos, que estão a viver um renascimento político em nossos dias. Aristóteles estabeleceu o princípio:

---

[343] Destaca-se a seguinte obra: Günther Krauss e Otto von Schweinichen, „Disputation über den Rechtsstaat". Com introdução e posfácio de Carl Schmitt. Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburgo, 1935.

[344] Rudolf Laun, "Religion und Sittlichkeit", editora Springer, Berlim, 1935, rejeita a ideia de uma "lei moral abstrata e universalmente válida" e declara a legislação estatal como autônoma. Direito e moralidade seriam uma e a mesma coisa. Em contrapartida, o não menos confuso jurista espanhol Quintiliano Saldana, Madri, chega aos seguintes resultados: "Para nós, o direito — isto é, o conceito de direito — não existe. Não há direito, mas sim direitos.". É impossível negar, na consciência, o fato empírico da existência de um direito natural. Editora de Ciência Política e História, Berlim, 1935.

"Acima do indivíduo está a comunidade como objetivo e como todo". O domínio absoluto do Estado sobre o privado é a primeira e particularmente distintiva característica da cultura ática. Em Atenas, os conceitos de humano e cidadão começaram a fundir-se completamente. O que parece tão estranho na filosofia e, especialmente, nos ensinamentos éticos de Platão e Aristóteles — a equação entre pessoa individual e cidadão — decorre do pensamento geral de Atenas. O humano existe, em primeiro lugar, para o Estado, não apenas, como é evidente, para sacrificar bens e sangue em tempos de perigo, mas a sua única atividade é, de fato, para o Estado[345].

Esta absorção completa do ser humano ateniense pelo Estado foi acompanhada por desvantagens não insignificantes do Estado ateniense. Era impensável que alguém pudesse retirar-se da vida pública ou permanecer neutro nas lutas políticas, algo que uma lei de Sólon proibia. Assim, o indivíduo era arrancado do seu solo natural, alienado dos laços clânicos e de parentesco e de quaisquer laços não estatais, para ser exclusivamente integrado em organizações puramente estatais. Quão fortemente esta antiga teoria do Estado influencia a concepção moderna do Estado![346] A este renascimento das antigas teorias do Estado acrescenta-se a filosofia jurídica e estatal alemã do presente[347]. Não seria, portanto, suficiente transferir anacronicamente conceitos modernos para textos antigos, por mais importante que seja traçar esta linha de ligação entre o presente e o passado da Grécia.

---

[345] ver Prof. Sowald, „Kultur der Antike", Athenaion-Verlag, Potsdam 1935.
[346] Günther, „Platon als Hüter des Lebens", München 1928.
[347] Karl Larenz, "Rechts- und Staatsphilosophie der Gegenwart", editora Junker & Dünnhaupt, Berlim, 1935; além disso, a obra coletiva "Rechtsidee und Staatsgedanke", publicação em homenagem a Julius Binder, editora Junker & Dünnhaupt, Berlim, 1934, especialmente o volume II; Franz W. Jerusalem, Jena, pretende, em seu novo livro "Der Staat. Ein Beitrag zur Staatslehre", editora Gustav Fischer, Jena, 1935, fundamentar novamente os conceitos básicos do direito do Estado a partir do reconhecimento de seu significado sociológico para os diferentes tipos de Estado:
I. O Estado comunitário
(1. O Estado popular germânico;
2. O Estado de séquito).
II. O Estado individualista
(1. O Estado corporativo;
2. O Estado principesco soberano).
III. O Estado de representação nacional
(1. O Estado francês após a Revolução;
2. O Estado constitucional na Alemanha).
IV. O Estado da comunidade do povo
(Alemanha desde a revolução nacional-socialista).

Esta breve visão geral da história do Estado grego permite-nos compreender a evolução para o Estado de liderança moderno:

As formas de Estado na história caracterizam-se pela oposição entre individualismo e coletivismo. No início, temos o Estado comunitário; da sua dissolução surge o Estado individualista; os ensinamentos de Rousseau marcam o ponto de viragem em que começa o movimento contrário; o Estado de liderança traz a libertação do individualismo. Todos os desenvolvimentos históricos na Alemanha apontam para isso. O seu objetivo é a eliminação de todas as tendências individualistas da formação de conceitos jurídicos estatais.

As consequências das ideias filosóficas estatais descritas acima são: a rejeição do direito romano, a ser substituído por um direito consuetudinário alemão, a totalidade do conceito de Estado, o princípio da liderança com lealdade dos seguidores[348] e a formação de uma elite política numa vida semelhante a uma ordem. Assim, segue-se naturalmente, mesmo que não seja imediatamente intencional, uma totalidade de cultura e visão de mundo, uma absolutização na tendência da nação, que é inerente a toda visão de mundo coletivista. Em outras palavras, o nacional-socialismo está apenas no início da realização do seu programa, pelo que o objetivo final ainda não é claramente discernível, mas existe a certeza de que os conflitos fundamentais entre o cristianismo e um Estado formado a partir destas ideias jurídicas nacional-socialistas não podem ser evitados, a fim de criar então uma base trágica para a reconciliação entre os dois.

O que estamos a viver hoje são apenas escaramuças preliminares, talvez se possa dizer a limpeza do campo de batalha dos obstáculos intelectuais que uma religião, por vezes demasiado envolvida na política, deixou para trás de uma época sombria do povo alemão.

---

[348] Eckart Weinreich, „Die Rolle des Führers“, Deutschlands Erneuerung, 1932, caderno 3, p. 134–141: “Aquele que é seguido, para seus seguidores, é o homem mais elevado; para a massa, o Führer é um deus.”

Uma vez que o Estado totalitário será discutido mais adiante, algumas observações devem ser feitas em relação às outras conclusões filosóficas sobre o Estado[349]:

A rejeição do direito romano em favor de um direito consuetudinário alemão[350] é, em si mesma, por assim dizer, uma questão política interna que nada tem a ver com o cristianismo. O que seria necessário rejeitar a este respeito é a postura emocional que considera o direito romano inerentemente inferior ao sentido alemão do direito. A mesma sobrevalorização afeta a avaliação da jurisprudência medieval alemã, especialmente Eike von Repgow[351], autor do Sachsenspiegel, que é elevado a quebrar o bastão sobre o direito romano sem a necessária base científica; infelizmente, essa tática também não é raramente aplicada quando se trata de destacar a perspectiva nórdica no pensamento jurídico contra a romana. Não trataremos aqui da questão de saber se as chamadas perspectivas nórdicas foram originalmente decisivas no direito romano, apenas mais tarde substituídas por influências internacionais. (O ius gentium ganha importância, os estrangeiros recebem o ius connubii, levantando as restrições Völkischen ao casamento. As famílias nobres deixam de ser protegidas, igualando-se patrícios e plebeus.)

Também não negamos que a influência do direito romano, na forma transmitida à Alemanha através das faculdades de direito de Bolonha e Pádua, tenha sido desastrosa para o desenvolvimento posterior da vida intelectual alemã em muitos aspectos. Talvez a transferência de conceitos jurídicos estrangeiros também tenha contribuído para as consequências da Reforma, particularmente os movimentos de liberdade das Guerras Camponesas do século XVI, na Alemanha. Sem nos aprofundarmos aqui em divagações, que precisariam ser extraídas das obras de Oering (Espírito do Direito Romano) e Schulze[352], pode-se afirmar com toda a clareza que seria um erro subestimar o valor do direito romano, que ganhou através da sua recepção pela vida jurídica alemã e que existirá, em certa medida, enquanto houver vida jurídica. Ninguém forneceu

[349] Otto Koellreutter, „Volk und Staat in der Weltanschauung des Nationalsozialismus“, Pan-Verlag, Berlin-Charlottenburg 1935.
[350] Programm des Nationalsozialismus, ponto 19: “Nós exigimos a substituição do direito romano, que serve à ordem mundial materialista, por um direito comum alemão.”
[351] Como se dá amplo espaço à fantasia é mostrado pelo livro de Walter Möllenberg, “Eike von Repgow und seine Zeit”, editora August Hopfer, Burg bei Magdeburg, 1934.
[352].“Prinzipien des römischen Rechtes”, editora Duncker & Humblot, Munique, 1934.

uma definição melhor de direito do que os romanos*: jus est ars boni et aequi* (o direito é a arte do bem e da justiça), ninguém deixou uma obra-prima de filosofia e lógica na teoria jurídica como Roma, e ninguém cunhou o direito da boa-fé, o princípio da boa-fé, tão cedo. Não se pode negar que este direito era de fato "pagão", com concepções egoístas da propriedade, tratamento dos escravos, etc. Sem dúvida, a aceitação do direito romano na Alemanha, justificada pela sua perfeição em comparação com o direito nativo, trouxe algumas influências incompatíveis com o pensamento germânico (ver o direito sucessório no Sachsenspiegel alemão). No entanto, a influência do direito romano na Alemanha é superestimada. Regiões e áreas inteiras (direito mineiro, direito autoral, direito privado alemão, artesãos e camponeses) permaneceram totalmente intocadas pelo pensamento jurídico romano, ou foram remodeladas pelos glossadores alemães e pela prática jurídica contemporânea (usus modernus), de modo que, em muitas partes da Alemanha, com a introdução da "Lei Geral da Terra" (1794), ela logo teve apenas validade subsidiária. O projeto do Reichstag para o Código Civil Alemão já afirmava num memorando de 1896 que, desde a recepção do direito romano na Alta Idade Média, através das centenas de estados e cidades do Sacro Reich Romano da Nação Alemã, as "leis populares germânicas", como codificadas pela primeira vez no Sachsenspiegel de Eike von Repgow, mantiveram uma forte influência. No entanto, através de codificações no final do século XVIII e início do século XIX, ocorreu uma regressão da unidade jurídica para o particularismo jurídico (Direito Fundiário da Baviera e da Prússia), sem que isso criasse um direito popular alemão que, no seu próprio ritmo, refletisse o da nação alemã. Nesse sentido, o esforço para passar do individualismo do direito romano para uma ênfase mais forte no direito comunitário social (direito da aldeia, direito do trabalho e da posse da terra, sistema cooperativo, direito privado) só pode ser bem-vindo. No entanto, para evitar qualquer exagero, as palavras de Schlegelberger devem ser levadas em consideração:

> "Nem tudo o que é germânico é, portanto, bom para nós, e nem tudo o que é romano é, portanto, mau;"

Muitas ideias subjacentes ao direito romano não podem ser totalmente abandonadas, mesmo por um sistema estatal moderno, e o fato de o direito romano, ao longo da sua trajetória pela história europeia, ter sido repetidamente alvo de veneração e emulação ou de oposição e rejeição é, por si só, a melhor

prova da grandeza do seu fenômeno histórico. Muitos supostos contrastes essenciais entre as concepções jurídicas romanas e germânicas dissolvem-se rapidamente após uma análise cuidadosa das passagens relevantes[353]. Acima de tudo, a alegação de que o direito romano tem sido consistentemente rejeitado pelo povo alemão até hoje é refutada por quatro séculos de história. A aceitação do direito romano não foi algo forçado, mas surgiu naturalmente das condições específicas da Alemanha entre os séculos XIII e XV (fragmentação do Sacro Reich Romano, falta de uma coleção jurídica correspondente, consequências do particularismo dos príncipes e tribos) e era inevitável porque o antigo direito germânico rural estava atrasado em relação às necessidades emergentes de uma cultura urbana e, a longo prazo, teria significado um fardo cultural para a Alemanha. De qualquer forma, é um equívoco atribuir a forma de recepção do direito romano na Alemanha ao "legalismo", ou seja, ao catolicismo. Pelo contrário, os propagandistas do direito romano contra as leis fundiárias na Alemanha eram principalmente pensadores protestantes ou humanistas anticlericais, como Maquiavel, Grotius e Montesquieu, que promoveram a secularização do pensamento escolástico no norte da Europa. O Código Napoleónico, que, em consonância com os princípios da época, "superou" qualquer ligação interna com o pensamento jurídico eclesiástico, baseou-se neles e teve, sem dúvida, uma influência significativa na vida jurídica alemã. Além disso, as Pandectas (textos do Corpus Iuris Civilis) já não eram utilizadas na prática jurídica alemã antes da criação do Código Civil de 1896 e, já 90 anos antes do nacional-socialismo, constituíam apenas um campo especial da história jurídica.

Um papel particular é também atribuído ao princípio da liderança[354] na ideia do Estado nacional-socialista. Juntamente com a totalidade do Estado, este conceito constitui o principal problema da política teórica na Europa. Não é necessário enfatizar aqui que a forma de liderança do Estado é algo puramente histórico, que vem e passa. Portanto, não é tarefa da religião determinar a forma. O cristianismo é possível e concebível em qualquer forma de liderança estatal,

[353] O direito alemão seria subjetivo, o romano objetivo (Adolf Schmitt, Hermann Kahn); o primeiro, um direito social e um direito das regras jurídicas (Wegemann, Otto von Gierke); o primeiro, um direito delicado, o romano mais duro, mais objetivo, mais sóbrio e mais individual (Der Rembranddeutsche); o primeiro seria um direito camponês, o segundo o da cidade (Heinrich Brunner, Hugelmann).
[354] "Wesen und Inhalt der politischen Verfassung." De Professor Dr. Ernst Rudolf Huber. Na série de publicações editada pelo conselheiro de Estado Carl Schmitt, "Der deutsche Staat der Gegenwart" (publicada pela Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburgo), caderno 10.

desde que as exigências fundamentais da lei natural e da liberdade de consciência não sejam prejudicadas. Da perspectiva da história das ideias, o princípio da liderança é a declaração de falência da democracia moderna, a recaída na antiguidade e a admissão da humanidade de que, com o desaparecimento da sensibilidade cristã da política mundial, ela se tornou sem rumo e, em sua falta de objetivo, encontrou pelo menos um substituto nas personalidades fortes da cultura. Encontramos o mesmo fenómeno no fim do Reich Romano, onde apenas personalidades individuais com vontade de ferro e força inflexível puderam, se não impedir, pelo menos atrasar o colapso de uma época cultural por alguns séculos. É o domínio de personalidades individuais fortes previsto por Spengler, no qual a filosofia estatal de Nietzsche se tornou realidade. Os processos dinâmicos e as formações de agrupamentos humanos ao longo da história — do Estado sacral, aristocrático e monárquico ao princípio de liderança em estreita conexão com o mundo inteiro e a visão de vida da época — apenas provam que, em épocas culturais em declínio, o princípio de liderança surge repetidamente da história, muitas vezes para salvar uma nação, mas às vezes, quando ultrapassa as suas competências, para terminar numa tirania moldada em formas legais (czarismo russo)[355].

Para que um princípio de liderança nos tempos modernos perdure por mais tempo, ele deve buscar a sua base no estabelecimento de uma nova cultura ou visão de mundo, da qual esse sistema político-estatal emerge como um fenômeno orgânico, tanto como pré-requisito quanto como conclusão final. Em outras palavras, qualquer princípio de liderança que busque perdurar na história e não ser apenas um fenômeno transitório inevitavelmente leva a uma certa totalidade cultural estatal. Um complemento e aprofundamento importantes são recebidos pelo princípio da liderança, que coloca a primazia não no Estado, mas na política, por meio da ideia de ordem política[356], ou seja, na forma de uma nova "nobreza", isto é, um material humano politicamente elitista que recebeu

[355] Cf. o novo livro de Richard Thurnwald: “Werden, Wandel und Gestaltung von Staat und Kultur im Lichte der Völkerforschung”, editora Walter de Gruyter, Berlim, 1935; o quarto volume de sua grande obra “Die menschliche Gesellschaft in ihren ethno-soziologischen Grundlagen”; além disso, E. A. Emge, “Ideen zu einer Philosophie des Führertums”, na coletânea em homenagem a Rudolf Stammler, editora para ciências do Estado e história, Berlim, 1936.

[356] Cf. o discurso do Reichsführer-SS Heinrich Himmler no Dia do Agricultor do Reich em Goslar, 1935, sobre a ordem de homens de determinação nórdica (liga masculina com base racial), parcialmente publicado no semanário “Das Schwarze Korps”, edição 38.

formação especial para, então, exercer a liderança efetiva no Estado. Sob a influência do pensamento racial-biológico, mas também fertilizado pela literatura nacional conservadora do período pré-guerra, o nacional-socialismo, assim como o fascismo, chegou à questão dessa nova nobreza. A doutrina de uma elite política não é de origem alemã, mas remonta a Vilfredo Pareto (Lausanne). Na verdade, já existem formas de um Estado semelhante a uma ordem: a Rússia e a Itália. A estrutura do sistema czarista russo significa um afastamento completo da democracia formal ocidental. O sistema czarista é uma estrutura piramidal, desde a célula de base até ao ápice do Estado, através de eleições indiretas. Esta estrutura ascendente encontra-se, a partir de cima, com a vontade unificadora e supervisora do Estado, na qual a polícia secreta do Estado (Cheka) desempenha um papel especial, muitas vezes mais forte do que o do partido. Essa vontade do Estado, ao contrário da Itália, onde a mais alta autoridade fascista determina a lista eleitoral final, expressa-se na forma de terror comunista, que começa na célula eleitoral primária. Isso permanece eficaz nas eleições superiores subsequentes e garante uma "purificação" gradual do czar de elementos não comunistas. A Rússia tem, assim, teoricamente, uma democracia czarista aperfeiçoada, mas, na prática, a ditadura de um partido semelhante a uma ordem.

As ideias fundamentais da ordem nacional-socialista, uma nova nobreza baseada no sangue e no solo[357], que não pode ser entendida como um catolicismo secularizado ou uma cópia da ideia de ordem católica baseada num mal-entendido romântico das ordens de cavalaria alemãs e seus objetivos[358], nem como um derivado das ideias russas, foram claramente articuladas por Rosenberg no seu discurso da ordem de Marienburg e consistentemente ligadas à visão de mundo que ele pregava.

---

[357] Richard Walther Darré, "Adelserneuerung oder Neuadel?", "Nationalsozialistische Monatshefte", 1931, caderno 17, p. 337–347:
"Deutschland braucht eine neue Führerschicht. Die Geschlechter, deren Glieder sich als Führer bewährt haben, sollen den neuen Adel formen."

Além disso, o mesmo em: "Neuadel aus Blut und Boden", p. 9–13, editora J. F. Lehmann, Munique, 1930:
"Der Wesensinhalt des echten deutschen Adelsbegriffes im germanischen Sinne ist bewusst gezüchtetes Führertum auf Grund auserlesener Erbmasse."
"Wir müssen einen echten Adel für unser Volk wieder ins Leben rufen."

[358] Gustav Gundlach, "Der Orden im politischen Raum", *Stimmen der Zeit*, março de 1935.

> "Quando admiramos no princípio do duque germânico e seus seguidores o fenômeno sempre recorrente de uma grande figura na história alemã, quando reconhecemos no princípio da ordem, no princípio do Senado, a base espiritual firme para a durabilidade de um sistema estatal, então devemos tirar as conclusões para o século XX de que esta forma deve ser sustentada por uma visão de mundo que se despede do Iluminismo sem sangue e retorna ao princípio fundamental de que os líderes políticos da ordem nacional-socialista e, portanto, também do Reich alemão, estão eternamente ligados ao solo e apoiados pelo sangue de sua nacionalidade, para que novas gerações surjam e sejam integradas desde a juventude nas estruturas do movimento nacional-socialista, de modo que o instinto, a vontade formativa e orientada para objetivos e os princípios racionais também encontrem sua realização em personalidades vivas, na mais ampla camada possível de liderança e subliderança do povo alemão".

Essas ideias também são claramente expressas num ensaio de Klüger sobre Othmar Spann (Órgão Líder da Juventude Hitlerista: "Linha e Poder", Berlim, 12 de janeiro de 1936):

> "A vontade política brota da elite dirigente enraizada na comunidade do povo. O partido — ou, como também dizemos, a ordem — comanda o Estado e é a verdadeira força motriz e o poder dinâmico de todo o sistema estatal. O Estado deve ser guiado pela política. Portanto, os estamentos do nacional-socialismo não têm nada a ver com os estamentos antigos. A mera realidade dos estamentos formados até agora prova isso. Compare a estrutura da Câmara do Trabalho do Reich, da Câmara da Cultura do Reich e da Frente Trabalhista Alemãcom os estamentos hierárquicos da Idade Média, e a diferença fundamental ficará claramente revelada. Os estamentos do nacional-socialismo, em sua maioria, não se assemelham mais às guildas medievais. Os estamentos medievais reais, como a nobreza, o clero e a burguesia, que também tinham um caráter político, estão mortos e, apesar de Spann, não serão revividos".

Mesmo as poucas questões abordadas acima sobre o Estado e a lei mostram diferenças significativas entre o nacional-socialismo e a teoria do Estado fascista[359]. Embora ambos defendam ideias comuns em muitas áreas, os conceitos de raça e nacionalidade nessa consistência são estranhos ao italiano[360],

[359] Giuseppe Lo Verde, "Die Lehre vom Staat im neuen Italien" (doutrina social e do direito do Estado), editora Junker & Dünnhaupt, Berlim, 1934. Os últimos capítulos tratam de: Estado fascista e Igreja Católica, influências do Oriente e do Ocidente, a forma de Estado fascista.
[360] A Itália vê o Estado na nação, a França no território, a Inglaterra na sociedade, a Alemanha no sangue, isto é, na ascendência comum; cf. Alfred Rosenberg, "Krisis und Neubau Europas", editora Junker & Dünnhaupt, Berlim ("Schriften der deutschen Hochschule für Politik", caderno 6).

e a ideia de totalidade não é, pelo menos politicamente, tão completamente implementada na Itália quanto seria possível de acordo com os livros e escritos fundamentais do fascismo, de modo que a posição da Igreja na Itália pode ser descrita como relativamente tolerável — uma circunstância que indica a possibilidade de cooperação mesmo neste sistema político-estatal, apesar da forma totalitária.

O que foi afirmado de forma conclusiva nas duas seções anteriores sobre raça e nacionalidade aplica-se em parte também a todo o sistema político-estatal do nacional-socialismo. Desde que a visão cristã do mundo não seja excluída desta estrutura estatal e jurídica através de um projeto de vida puramente mundano, no sentido do naturalismo de Rousseau, o cristão crente poderia, em muitas áreas, alinhar-se com várias concepções jurídicas-estatais nacional-socialistas sem, com isso, encontrar conflitos de consciência. Quando Hans Frank resume sucintamente o ideal jurídico nacional-socialista nas palavras: Serviço ao povo alemão, não há nada a objetar, pois não pode surgir nenhuma contradição com o cristianismo. Muitas reformas também são totalmente compreensíveis para o observador imparcial, pois a lei alemã não foi criticada sem razão por ser principalmente uma lei dos juristas e menos uma lei popular. No entanto, tal crítica aplica-se apenas a detalhes específicos e não ao princípio fundamental. Ninguém contestará que o normativismo abstrato, introduzido no pensamento jurídico alemão através da recepção do direito romano e do constitucionalismo liberal do século XIX, deve ser substituído por um pensamento jurídico concreto determinado por uma ordem comunitária alemã. Os perigos aqui surgem apenas da radicalização ou do renascimento das ideias liberais. É revelador que as propostas de reformulação da lei alemã do divórcio (crueldade mental como motivo de culpa), baseadas no conceito de raça, apresentem liberdades de longo alcance em comparação com as leis matrimoniais correspondentes dos partidos liberais (ver Artigo 42, parágrafo 3, Código Civil Suíço). Não menos digno de nota é o princípio: "*A lei é o que os homens arianos consideram ser a lei*" (Rosenberg, *Mythos*, p. 736), literalmente retirado de Nietzsche, *O Anticristo, Vol. V, VIII,* p. 58, também foi adotado com habilidade reinterpretado por Lenin (Preobrazhensky, *Moralidade e Normas de*

Classe, p. 13, Hamburgo 1923) para o seu ideal político-estatal. ("T*udo o que serve ao povo russo é lei; tudo o que o prejudica é ilegal*.")

Discussões fundamentais sobre as questões anteriores[361].

1. A doutrina de que apenas a comunidade importa é uma reversão combativa da concepção individualista da vida, mas não pode, por si só, criar uma nova ordem de relações entre o indivíduo e a comunidade; pelo contrário, inicialmente apenas restringe a personalidade. Ela supera o "individualismo" tão pouco quanto o marxismo supera o "liberalismo", porque é coletivista e deve, por mais paradoxal que pareça, terminar num individualismo de classe.
2. A lei não é apenas o conhecimento racialmente condicionado do que é certo, mas deve encontrar a sua justificação na consciência humana, que é a mesma para todos, porque existem concepções morais comuns a todos os povos e raças. Existe uma lei natural, o grande Decálogo, contra o qual os erros ou concepções divergentes de tribos ou pessoas individuais não provam nada. Em outras palavras, existem ideias morais fundamentais comuns a todos os povos, cuja aplicação à vida real pode muitas vezes ser variada e difícil, mas não altera a sua força vinculativa. A lei positiva deve derivar a sua orientação normativa da lei natural.
3. O Estado não é um fim em si mesmo, mas um meio para atingir um fim. É algo formado historicamente e que desaparece historicamente. Portanto, as tarefas do Estado não devem ser tão exageradas a ponto de, em última instância, suprimir todo movimento livre da personalidade, porque existem direitos inatos e até mesmo o *bonum commune* (o bem comum precede o interesse próprio) tem os seus limites. Até onde esses limites da autoridade estatal devem se estender e quanta liberdade pessoal deve ser concedida ao indivíduo é decidido pelo Estado com base na lei natural e na cosmovisão cristã. Dessa tensão entre a liberdade espiritual e a autonomia da personalidade e a coerção estatal necessária, surge apenas um caminho: o compromisso, porque nem a autoridade estatal pode ser

[361] Karl Bräunias, "Die Grund- und Freiheitsrechte nach den Rundschreiben der letzten Päpste", *Zeitschrift für öffentliches Recht*, XV, caderno 6, 1935; Kurt Schilling, "Der Staat, seine geistigen Grundlagen, seine Entstehung und Entwicklung", editora Ernst Reinhardt, Munique, 1935. Esta tentativa de fundamentar filosoficamente o problema "indivíduo e comunidade estatal" não foi bem-sucedida.

> estendida a todas as questões morais, nem o Estado pode ser completamente separado dos postulados morais[362].

Para o liberalismo, a comunidade é apenas uma soma de indivíduos sem legalidade própria; o Estado é uma instituição que concede ao indivíduo o livre desenvolvimento da sua personalidade e, de resto, o sobrecarrega o menos possível. Esta doutrina estatal é uma sobrevalorização do indivíduo. O conceito de Estado do nacional-socialismo, por outro lado, supervaloriza, se não fundamentalmente — uma vez que pretende incluir o conceito da personalidade individual criativa —, mas na interpretação de vários juristas, a comunidade, e a arranca da ordem divina das coisas. Ele pergunta: de que serve o indivíduo ao Estado? e determina o valor do ser humano de acordo com isso.

Isso é compreensível como uma reação psicológica contra a concepção individualista do Estado, quando alguns teóricos e juristas do novo movimento formularam a doutrina da totalidade do Estado de uma forma que não parecia

---

[362] Cf. o escrito: "Individuum und Gemeinschaft beim hl. Thomas von Aquin." De P. Edelbert Kurz, O. F. M., editora Kösel & Pustet, Munique, 1935.

O que diz Tomás de Aquino sobre a candente questão de nosso tempo: indivíduo ou comunidade? O homem para o Estado ou o Estado para o homem? Kurz talvez, por deferência às correntes da época, contradiga todos aqueles que, com Maurice de Wulf, querem encontrar em Tomás a doutrina: "Toda comunidade existe apenas para o indivíduo", e afirma — deixando-se orientar excessivamente por uma tendência apologética —:

"Assim, o santo Tomás, nesta questão, segue inteiramente Aristóteles: acima do indivíduo está a comunidade como seu fim e totalidade."

Tomás não teria corrigido Aristóteles, mas o teria completado no sentido de que "o indivíduo é livre em relação ao Estado nas coisas em que o Estado já não é da mesma ordem que ele", isto é, nas coisas da salvação eterna.

"Quem quiser ver individualismo em Tomás deve, de maneira puramente arbitrária, restringir o conceito de comunidade apenas à comunidade terrena do Estado."

Somente o valor eterno da alma individual estaria acima dos deveres para com a comunidade estatal; fora isso, vale a palavra de Tomás: *Bonum commune melius est et divinius bono unius, si utrumque in eodem genere.*

Toda essa difícil questão ainda necessita de investigações mais aprofundadas de teologia moral, para refutar a acusação de alguns escritores nacional-socialistas de que a moral cristã se fundamentaria apenas numa cultura individualista da personalidade. Talvez haja também uma identificação excessivamente generalizada entre Estado e comunidade.

inteiramente justa para com os direitos e a dignidade da personalidade individual ou para com a essência da nacionalidade. Felizmente, o esclarecimento dessas ideias está hoje a avançar na direção de que a nacionalidade é considerada uma unidade orgânica em desenvolvimento, como a raiz da qual o Estado também emerge, e que o desenvolvimento da personalidade individual é julgado da perspectiva da integração da sua contribuição na cultura geral da nação. Essa perspectiva de julgamento, que adverte contra a supervalorização do indivíduo, corresponde plenamente ao sentimento cristão, segundo o qual a personalidade individual só se aperfeiçoa ao se subordinar ao serviço de um todo.

Assim, a concepção cristã do Estado situa-se entre os dois sistemas político-estatais, procurando trilhar um caminho do meio. Ela reconhece que a comunidade é algo novo, algo diferente da mera soma de indivíduos. O ser individual, porém, existe antes da comunidade; ontologicamente, ele é primário. O significado e o valor da vida humana derivam principalmente de como e se ela é vivida de acordo com as leis divinas. A visão de mundo cristã restaura o ser humano e a comunidade à sua ordem natural e, assim, revela primeiro o seu verdadeiro valor, enquanto as outras duas, na sua tendência de supervalorizar o indivíduo ou a comunidade, na verdade relativizam o seu valor.

Contra a alegação de que, na humanidade moderna, o cristianismo já foi tão esvaziado do seu conteúdo religioso que uma estrutura estatal baseada na substância cristã não é mais possível, a possibilidade de uma política cristã como ideal para uma humanidade cristianizada deve ser fundamentalmente defendida.

4. O Estado não tem autonomia moral imediata ou legalidade inerente, mas deve basear as suas diretrizes na lei natural e nos princípios da ética moral. Portanto, o ideal da política católica é a adaptação constante do direito positivo à lei natural, para evitar cair no ilimitado.

Por mais que a rejeição da doutrina estatal nacional-socialista do individualismo e sua expressão política no liberalismo seja bem-vinda, é preciso apontar o perigo inerente a tal revolução: que o valor da comunidade seja exagerado em

detrimento das oportunidades de auto-realização do indivíduo, e que o foco seja deslocado de forma excessiva para o todo popular.

5. De acordo com a ordem moral cristã, o Estado também está inserido numa ordem moral superior. A tarefa última do Estado cristão é ajudar a garantir que os seus membros também alcancem o seu objetivo final e mais verdadeiro: Deus. O Estado não é meramente um portador de poder, mas uma forma de vida legítima para estabelecer o bem-estar de toda a comunidade dos seus habitantes, independentemente da sua religião, raça ou nacionalidade; somente sob esta condição o Estado, segundo Hegel, representa "a realização da ideia moral". Essa exigência ao Estado é principalmente a conquista da época cultural cristã; ela se baseia, em contraste com o conceito de Estado da Antiguidade, na percepção da igualdade de todos os seres humanos perante Deus e, portanto, também no reconhecimento de uma esfera de liberdade para o indivíduo dentro do Estado e da sociedade, decorrente das relações religiosas. Do ponto de vista ético, a afirmação de Maquiavel de que o Estado é apenas "poder" é um empobrecimento conceitual, porque o poder como autoridade legítima só deve surgir através da vinculação da consciência.
6. Estado e nacionalidade não são conceitos idênticos, mas distintos. Do ponto de vista da paz europeia, talvez fosse melhor se a Europa pudesse ser reorganizada em Estados-nação, mas o mapa étnico da Europa Central está tão emaranhado há séculos (ver as condições na região do Danúbio, Tchecoslováquia) que uma reorganização no sentido da exigência de que o povo e o Estado tenham as mesmas fronteiras é dificilmente possível sem guerra. No entanto, mesmo à parte disso, de uma perspectiva puramente cultural, a coexistência de várias nações dentro do mesmo território estatal com a maior liberdade mútua corresponderia melhor ao ideal.

É mais difícil examinar a questão de saber se o Estado está acima da nação[363]. Uma vez que o Estado é algo puramente histórico e uma instituição humana de governos, governantes e povos em constante flutuação, a nacionalidade, como

[363]Friedrich Stapel, "Vollbürgerliche Erziehung". Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburgo, 3ª edição.

entidade natural, ocupa um lugar mais elevado. Assim, os Estados com minorias nacionais são obrigados a conceder autonomia cultural (pastoral e educação na língua materna), porque isso diz respeito a um direito natural cuja eliminação nenhum poder no mundo pode justificar, independentemente das razões apresentadas. Isso não significa irredentismo, mas cria a clareza necessária para a obediência ao Estado, que tem limites na lei natural.

7. O Estado e a Igreja podem, de fato, posicionar-se de forma neutra um em relação ao outro no caso da separação, que pode ser benevolente ou hostil à Igreja. Mas o ideal de um povo cristianizado só pode ser a cooperação de ambos os poderes em formas de compromisso que reflitam a ordem fundamental dentro do prisma da história contemporânea.

9. O Estado totalitário — cultura da unidade e educação[364]

Todas as concepções raciais, *Völkischen* e jurídicas do nacional-socialismo culminam na ideia do Estado total, no qual encontram a sua realização. Essa ideia, oposta às doutrinas políticas da Revolução Francesa, remonta às suas origens há décadas, quase um século, se não a identificarmos parcialmente já na antiguidade grega. A filosofia jurídica e estatal de Hegel[365] e de seus sucessores está se tornando realidade hoje, embora alterada ou reformulada de várias maneiras. De qualquer forma, o teórico clássico e filósofo estatal desse sistema foi Hegel, cujos processos de pensamento influenciaram significativamente o fascismo e o nacional-socialismo, por mais que a antiga concepção estatal negue essa influência alemã no sistema. Esses esforços são ainda mais influenciados pelas doutrinas estatais do Barão vom Stein, dos sucessores de Hegel, pela deificação da autoridade estatal pelo jurista judeu Friedrich Julius Stahl, pelas doutrinas estatais dos positivistas jurídicos que não admitem nenhuma lei natural, pelo círculo em torno de von Gleichen com seus conceitos de autoridade estatal "genuína" e, em parte, também pelos processos de pensamento de Othmar Spann.

Jacob Burckhardt previu há muitos anos que a cultura da "Europa atual" estava a chegar ao fim, profetizando uma transformação geral do pensamento político-estatal, como nos séculos III e IV, em que personalidades individuais fortes, como portadoras de uma concepção totalitária, exerceriam o seu poder sobre as massas sem autoridade. A guerra expôs a hipocrisia da nossa humanidade e a superficialidade da humanização através da cultura e da educação. No lugar da humanidade idealista que ainda era a crença do século anterior, surgem absolutos terrenos (sociedade comunista, Estado total, distinção e raça), que encontram a sua expressão em mitos e símbolos de uma nova visão de mundo que reivindica a ortodoxia. Como o ser humano irreligioso não consegue mais dar valor a si mesmo, ele refugia-se em coletivos nacionais-raciais e comunistas ou no Estado autoritário, a menos que já esteja

[364] Walter Gehl, Berlim, “Der nationalsozialistische Staat, Grundlagen und Gestaltung, Urkunden des Aufbaues, Reden und Vorträge bis zum 12. November 1933

[365] De Günther Holstein e do hegeliano Karl Larenz apareceu uma “Staatsphilosophie” (como edição especial do “Handbuch der Philosophie”). Holstein trata da Antiguidade, da Idade Média e da Europa Ocidental até Jean-Jacques Rousseau; Larenz, da filosofia do direito e do Estado do idealismo alemão (editora Oldenbourg, Munique, 1935). Cf. “Hegel heute”. Uma seleção do pensamento político de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Editora Felix Meiner, Leipzig, 1934.

satisfeito com a tecnologização esportiva da vida. As interpretações unilaterais do cristianismo por Sverbeck, Welschke e Burckhardt, que procuravam ver o seu caráter fundamental apenas na negação ascética do mundo, também contribuíram significativamente. "*Um verdadeiro cristianismo só poderia afirmar-se se se retirasse novamente para a sua ideia fundamental de sofrimento neste mundo*". A unidade espiritual que é o resultado da humanidade cristã, mas que está a ser cada vez mais perdida, será substituída, enquanto não houver um despertar das forças da vida cristã entre as massas, pela autoridade do Estado totalitário[366]. No lugar da unidade espiritual e religiosa, surge a uniformidade das massas humanas organizadas.

Muitos consideram Carl Schmitt como o intérprete designado do Estado nacional-socialista totalitário, que, no entanto, vê o objetivo da revolução alemã mais num Estado corporativo com uma certa autonomia dos direitos da vida social. O Estado totalitário seria apenas um meio para atingir um fim: um Estado corporativo baseado em classes sociais.

A relação entre a Igreja e o Estado nesta totalidade é formulada de forma peculiar pelo conhecido escritor Stapel[367]:

> "Ao Estado total pertence tudo o que diz respeito à lei e à moralidade. À Igreja pertence tudo o que diz respeito ao reino dos céus".

Por outras palavras, num Estado totalitário, o próprio Estado não é apenas o legislador, mas também a norma suprema da lei e da moralidade, de modo que, num conflito de deveres entre o Estado e a concepção religiosa, o primeiro teria sempre precedência!

Ainda mais claras são as palavras de Rosenberg num artigo intitulado "*Estado Total*":

> "O que se desenrolará num âmbito mais amplo não é a chamada totalidade do Estado, mas a totalidade do movimento nacional-socialista. O Estado já não é algo que deve

[366] Ernst Forsthoff, "Der totale Staat", Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburgo, 1934, foi o primeiro constitucionalista a descrever a essência de um novo Estado alemão em formulações que parecem adequadas talvez apenas à direção de uma associação juvenil, mas não de um Estado moderno.
[367] "Die Kirche Christi und der Staat Hitlers", p. 65, Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburgo, 1934.

> estar ao lado do povo e do movimento, mas deve ser uma ferramenta da visão de mundo nacional-socialista dominante.
>
> Portanto, recomenda-se que todos os nacional-socialistas não falem mais do Estado total, mas da unidade (totalidade) da visão de mundo nacional-socialista e do Estado nacional-socialista como ferramenta para garantir a alma, o espírito e o sangue do nacional-socialismo, como o fenômeno épico que começou no século XX".

Nenhuma outra questão decorre com tanta inevitabilidade do conceito de raça como precisamente a exigência da totalidade do Estado, que é, em última análise, a expressão de uma atitude espiritual específica. No entanto, poderia ser encontrada uma solução de compromisso ou, pelo menos, um modus vivendi entre a Igreja e o Estado, se a forma política totalitária não representasse simultaneamente a realização de uma cultura totalitária incondicionalmente secular.

A advertência de Kolbenheyer[368] ao Estado totalitário para que não desça, em questões culturais, ao nível mecânico do comando é justificada, desde que a ideia de liderança seja reconhecida por ele sem reservas da lei natural.

Se a Idade Média exagerou parcialmente o conceito de Igreja e exigiu um domínio imediato da Igreja sobre o Estado, o Estado totalitário moderno, da sua perspectiva, comete o oposto. A disputa sobre a autoridade mediata ou imediata da Igreja em assuntos seculares, que outrora trouxe tanta inquietação à humanidade, parece estar a reviver à luz de algumas teorias estatais modernas. Assim como não existe uma totalidade da Igreja (ver a concepção de Glareanus, Papa Bonifácio VIII, Aegidius Romanus, de Maistre, Donoso Cortés[369], em oposição a Agostinho e Tomás de Aquino, que designaram o Estado e a Igreja como duas sociedades politicamente coordenadas), mas apenas de Deus[370], também a totalidade do Estado não pode ser justificada sem, a longo prazo, cair numa série de dificuldades e conflitos de consciência. Para a Alemanha,

---

[368] "Völkischer Beobachter", em 9 de janeiro de 1934.
[369]."Der Lebensstand der geistig Schaffenden und das Neue Deutschland", editora Albert Langen & Georg Müller, Munique, 1935.
[370]Thomas Michels, "Das Heilswerk der Kirche", p. 46, editora Anton Pustet, Salzburgo, 1935: "*É totalmente incompreensível que hoje se tente novamente separar o político do eclesiástico e que haja católicos que, tacitamente ou explicitamente, aprovem tal atitude… Qualquer política que, em última instância, não tenha como objetivo o eterno não é uma política que tenha razão de ser na ordem da salvação cristã*"

acrescenta-se a isso algo mais que, mesmo da perspectiva do programa nacional-socialista, que considera as confissões religiosas como fatos históricos, deve provocar uma reflexão séria. Todo Estado totalitário será inevitavelmente confessional ou ateísta. Todo o desenvolvimento de tal Estado leva a isso. Mas onde existem duas confissões, como na Alemanha, a ideia de Estado total tenderia inevitavelmente para uma única confissão, a fim de construir sobre ela um Estado ou uma Igreja do Reich. No entanto, ninguém na Alemanha pode eliminar de um dia para o outro o fato histórico da divisão confessional. O estadista deve, ao contrário, levar em conta esse fato para o futuro.

Certos perigos do Estado totalitário, que por sua natureza é centralista e absolutista, permanecem para a consciência religiosa, mas diminuem se as ideias religiosas mitigarem as reivindicações do Estado em relação à personalidade individual. O Estado totalitário, se as suas ideias forem consistentemente realizadas, só é concebível de duas formas: como a teocracia do princípio da liderança ou como uma comunidade secular com uma nova cultura, na qual o Estado se torna a Igreja, a política torna-se atividade sacral, a cidadania torna-se religião, a assembleia do povo torna-se serviço divino, o estadista torna-se o sacerdote, o líder do povo torna-se o santo. Essa tendência marca o fim do cristianismo e teve o seu paralelo na Inglaterra, mesmo que as igrejas religiosas continuassem a existir sem perturbações. O perigo de um Estado totalitário desse tipo seria que o ateísmo interior nem sequer chegasse à consciência dos afetados, mas continuasse a operar com os conceitos de religião e cristianismo[371]. É, portanto, um grande erro acreditar que uma unidade política e um Estado alemão forte sem uma cultura totalitária[372] não seriam possíveis a longo prazo. Precisamente o fato de o nosso povo alemão estar dividido em duas confissões exige cautela, para não paralisar ou transformar forças valiosas da nação numa oposição indesejada no zelo pelos ideais de uma nova era alemã.

[371] “Völkischer Beobachter”, em 9 de janeiro de 1934.
[372] “Der Lebensstand der geistig Schaffenden und das Neue Deutschland”, editora Albert Langen & Georg Müller, Munique, 1935.

Os Estados totalitários conduzem naturalmente à educação total[373] do jovem. A agitação política na Alemanha não afeta, portanto, nenhuma área — exceto ramos individuais das ciências jurídicas e estatais — tão diretamente quanto a doutrina educacional, porque o novo Estado proclama um novo tipo humano e, portanto, novos princípios e formas de educação, que exigem uma reorientação completa do pensamento pedagógico anterior. Nesse sentido, Ernst Krieck afirma[374]:

> "O Estado total, como expressão da unidade popular e órgão da vontade nacional, deve necessariamente ser a autoridade suprema sobre a educação e as escolas, bem como sobre toda a cultura, economia e ordem de vida. Ele determina a direção e o objetivo do trabalho educativo, supervisiona a adesão ao curso e define o nível geral de desempenho".

Assim, alguns já levantaram a exigência de uma escola nacional com uma ética nacional. Neste sentido, mesmo antes do nacional-socialismo, a justificação interna das escolas confessionais religiosas foi contestada pelo protestante Ernst Krieck[375] e, em contradição com a Igreja, pelo lado católico por Ernst Michel[376], Weismantel[377] e pela Conferência da Academia Keeslinghausen de 28 a 30 de dezembro de 1923.

Seria tentador ver esses esforços educacionais de pedagogos nacional-socialistas individuais em conexão com a secularização moderna das escolas, até a promoção de uma ideologia exclusivamente estatal, a fim de eliminar a influência da Igreja nas escolas e na educação. Onde quer que essa ideia

---

[373]Thomas Michels, "Das Heilswerk der Kirche", p. 46, editora Anton Pustet, Salzburgo, 1935: "*É totalmente incompreensível que hoje se tente novamente separar o político do eclesiástico e que haja católicos que, tacitamente ou explicitamente, aprovem tal atitude… Qualquer política que, em última instância, não tenha como objetivo o eterno não é uma política que tenha razão de ser na ordem da salvação cristã*

[374]Heinrich Rommen, "Der Staat in der katholischen Gedankenwelt", editora Bonifatius-Druckerei, Paderborn, 1935.

[375] Em parte, essa confusão conceitual também existe em certos círculos do Fascismo e da Action Française, quando termos da religião cristã são reinterpretados politicamente (mártir, sangue sagrado, Trindade, mística de forças políticas); cf. a revista do fascismo publicada em Milão.

[376] O Fascismo, cujas raízes histórico-intelectuais aparecem na filosofia do Estado da Antiguidade e da Idade Média italiana, tenta colocar em uma relação de tensão suportável as ideias do *stato corporativo*, do princípio de autoridade e poder, do universalismo e da totalidade, com a doutrina da consciência estatal cristã. Cf. Adolf Menzel, "Der Staatsgedanke des Faschismus". Uma investigação histórico-intelectual. Editora Franz Deuticke, Viena-Leipzig, 1935.

[377] Hermann Nohl, "Die pädagogische Bewegung in Deutschland und ihre Theorie", editora Gerhard Schulz-Bulme, Frankfurt am Main, 1935 (de caráter objetivo).

exagerada de escola estatal tenha sido realizada, a secularização das escolas deu os maiores passos. O que Jules Ferry começou na França em 1882 é continuado hoje pela Rússia e pela Turquia (Lei de 30 de abril de 1928), transformando a escola numa ferramenta exclusiva da propaganda estatal[378]. Nos países do Leste Asiático (China, desde 1928, com o culto ao estadista nacional Sun Yat-sen) e nos países da América do Sul, o deslocamento da influência religiosa começou a alcançar uma educação nacional. Enquanto o fascismo elevou o catolicismo à religião oficial do Estado e incorporou o seu programa educativo na educação nacional, justificando-o como a religião adequada ao génio italiano, este processo não ocorrerá sem dificuldades no Estado totalitário nacional-socialista, uma vez que os elementos Völkischen e raciais são apresentados como valores supremos. Assim, o direito educativo da Igreja e a reivindicação absoluta do Estado no campo da educação dos jovens opõem-se.

De acordo com a encíclica papal *Divini Illius Magistri* de 1929, a Magna Carta da educação cristã, existem três autoridades educativas originais dotadas de responsabilidade primária: a família como educadora natural e divinamente desejada, a Igreja Católica como educadora divinamente desejada e o Estado como educador. Assim como a escola não possui toda a sua autoridade por seu próprio poder, mas a recebe dos educadores primários, o Estado só se conformará a essa ordem educacional se limitar à escola à sua esfera de atividade própria e não permitir que ela invada o domínio da família e da Igreja, abstendo-se de usurpar a família e a Igreja e tomar o seu lugar, porque a verdadeira alma do trabalho educacional é a religião[379], e somente na educação religiosa os valores educacionais aparecem em seu verdadeiro significado.

[378]Nationalsozialistische Erziehung", p. 148–150.
[379] "Philosophie und Erziehung", p. 250 ss., editora Diederichs, Jena, 1922; além disso, "Wissenschaft, Weltanschauung, Hochschulreform", editora Armanen-Verlag, Leipzig-Frankfurt am Main, 1934, e "Nationalsozialistische Erziehung", Armanen-Verlag, 1932.

10. Religião — assistência espiritual — política — o catolicismo político[380]

Essas questões levantam um problema antigo, que não era desconhecido na Idade Média, apesar de sua piedade. Destacam-se os nomes: Filipe, o Belo, Luís, o Bavário, Marsílio de Pádua e toda uma série de juristas eclesiásticos que, como teólogos da corte, ficaram do lado do Estado contra a Igreja. Foi um lamento amargo quando a bula do Papa Bonifácio VIII, *Unam Sanctam*, se queixou deste problema, que nenhuma era resolveu totalmente: *laicus clero semper inimicus* (o leigo é sempre hostil ao clérigo). É compreensível que, na vida política do presente, todo este complexo de questões tivesse de ser reaberto. No Estado moderno, o povo da Igreja e o povo do Estado já não coincidem; as suas esferas cruzam-se amplamente. Estas dificuldades eram desconhecidas tanto na Idade Média como na era das lutas da Reforma, que, apesar da sua oposição ao papado, se mantinha sob influência cristã. No presente, esta atmosfera de inclinação devota para o mundo invisível desapareceu. A crítica e a rejeição tornaram-se algo estranhamente natural e são propagadas. A Jerusalém religiosa maravilha-se, abanando a cabeça, com os antigos santos. O ser humano moderno já não sabe que eles são limitados e questionados por outra dimensão.

O liberalismo já explorou essa tensão entre moralidade, política e cuidado pastoral no Estado moderno para seus próprios fins, particularmente desde meados do século XIX, com os slogans "catolicismo político", "clericalismo" e "ultramontanismo". No nacional-socialismo, essas dificuldades residem no próprio sistema, que busca a unidade do partido, da visão de mundo e da cultura, sendo que as duas últimas no sentido de uma visão de mundo programática. As seguintes palavras de figuras proeminentes são indicativas[381]:

> "As igrejas e as confissões não têm nada a ver com as questões práticas da vida, mas com as da fé. Deixamos para a religião a tarefa de explicar a essência das coisas e compreendê-las dogmaticamente".

---

[380] Johann Peter Steffes, "Religion und Politik", editora Herder, Freiburg, 1929, e Leopold Kropf, "Religion und Politik", Akademische Pressevereinsdruckerei, Linz, 1929; do lado protestante, de valor, Richard Benz, "Geist und Reich, um die Bestimmung des Deutschen", editora Eugen Diederichs, Jena, 1933.

[381] O ministro do Reich Hanns Kerrl, "Nationalsozialismus und Glaube", conferência de 10 de outubro de 1935, por ocasião da recepção do conselho econômico da Academia Alemã.

Inúmeras questões surgem naturalmente quando tais ideias atingem o seu auge num mundo totalitário. Repetidamente, afirma-se nestes debates que a luta não é dirigida contra a religião como tal, mas contra o poder político mundano da Igreja, que, sob o pretexto da religiosidade, procura subjugar os povos. Mas no Estado totalitário, tudo é político, pois baseia-se numa visão de mundo que abrange tudo e não deixa nada de fora. O que é político, só o Estado deseja determinar, e mais ninguém. A interioridade pura à qual o Estado relega a religiosidade do cidadão individual deixa, assim, de ser vinculativa para a configuração da vida, uma vez que a vida ativa e lutadora se submete às leis de outra visão de mundo. Os católicos reconhecem o Estado e o seu poder, mas, a par da história política do poder, conhecem uma história sagrada que transcende espiritualmente a primeira. Aqui começam as primeiras dificuldades, pois o mundo terreno parece relativizado através das lentes espirituais-religiosas do cristianismo, e as ideias de povo, Estado, poder e honra contemporânea não devem ser consideradas absolutas. Para responder a estas perguntas, é preciso primeiro delinear claramente as questões: o que é a religião e qual é a sua tarefa? Como se manifesta? A cultura e o cristianismo são dois círculos que simplesmente se encontram, ou o cristianismo também cria cultura? Não é toda religião formadora de cultura, a menos que seja puramente especulativa e sobrenatural, como o budismo, que, embora tenha criado magníficos monumentos religiosos, tornou-se simultaneamente a causa das tristes condições sociais de milhões de pessoas no Oriente?

O que é cultura e qual é a sua relação com a religião[382]?

A religião é o meio, o pré-requisito ou a base da cultura[383]? Na visão de mundo do nacional-socialismo, a cultura é "*a soma de todos os valores espirituais, emocionais e morais do povo, condicionados pela raça*"[384].

---

[382]Theodor Haecker, "Christentum und Kultur", editora Kösel-Pustet, Munique; Johannes Messner, "Die soziale Frage", editora Tyrolia, 1933.

[383] Segundo a concepção bolchevista, "a religião é uma inimiga da cultura"; "Hochland", 1927–1929, p. 44 ss., ensaio de Wilhelm Moog.

[384] Hans Severus Ziegler, "Praktische Kulturarbeit im Dritten Reich, Anregungen und Richtlinien für eine gesunde Volksbildung", editora Franz Eher Verlag, Munique, 1932².

O que é política e qual é a sua relação com a moralidade[385], e qual é, afinal, a sua função?

Existe uma moralidade autónoma para a política e a cultura, uma consciência dupla ou uma legalidade inerente? A política, mesmo que fosse apenas a formação consciente da vida comunitária com os meios de poder do Estado, não seria, em última análise, mais do que uma postura oportunista que apenas leva em conta fatos concretos? Alfred Rosenberg enfatiza claramente essa estreita conexão entre política e visão de mundo em uma palestra, "*A Unidade da Visão de Mundo e da Cultura*", que ele proferiu por ocasião do *Dia da Tecnologia*, em 3 de fevereiro de 1937, no Rheinlandhalle, em Düsseldorf.

Poderíamos perguntar ainda: existe apenas uma lei moral que deve ser aplicada a todas as relações? Existem ações completamente indiferentes que estão além do bem e do mal? A Igreja tem apenas uma influência indireta sobre as questões temporais?

Com isso, são abordadas questões da maior profundidade, que são muito mais essenciais para a configuração política interna de um Estado do que todas as discussões sobre o destino de associações e organizações: a questão da relação entre política e espírito, pois toda a política decorre, em última instância, de alguma visão de mundo, porque o pré-requisito indispensável de qualquer política criativa e da restauração do verdadeiro conceito do político é a fé em valores transcendentais. Repetidamente, nas últimas décadas, a Igreja levantou objeções contra a separação deliberada entre religião, moralidade e política. Do Papa Pio IX (Syllabus) a Pio XI, há uma postura consistente que deixa pouca margem para dúvidas[386]. Os teólogos protestantes[387] também reconhecem cada

---

[385] Julius Binder, "Staatsraison und Sittlichkeit", editora Junker & Dünnhaupt, Berlim, 1935, trata detalhadamente do problema entre política e moral.

[386] Cf., de tempos mais recentes, sobre as aspirações fascistas, Restrepo, "Concordata vigentia", Roma, 1934, p. 502.

[387] Revista "Evangelische Theologie", número de março, editora Chr. Kaiser Verlag, Munique, 1935; Martin Niemöller sobre o serviço da Igreja ao povo; além disso, Max Huber, "Der Christ und die Politik" em "Rufe der Zeit", palestras de Berna-Münster, editora da Sociedade Evangélica em Berlim, 1935; Alfred de Quervain, "Die theologischen Voraussetzungen der Politik", Berlim, 1931.

vez mais que essa “espiritualização” da religião, da Igreja e da vida pública, proveniente dos círculos pietistas, particularmente da teologia de Schleiermacher e seus sucessores, inevitavelmente terminaria com o deslocamento do cristianismo para o âmago da adoração privada. A religião de Cristo é abrangente e não pode ser um domínio da vida espiritual ao lado da política, da economia e da cultura, mas deve representar a norma moral para todos. Aqui, também, vê-se como o conceito protestante liberal de Igreja, ao relegar a religião inteiramente ao transcendental e incontrolável, age de forma dissolvente e destrutiva assim que as conclusões de suas concepções jurídico-estatais são implementadas na vida pública.

Assim, ao longo de todo o século XIX, tornou-se o dogma fundamental e o erro fundamental do liberalismo: a privatização total do religioso, do qual toda a influência sobre o “mundo” deve ser retirada, para provocar uma secularização do espaço extra-eclesiástico. Com isso, a religião é degradada ao nível de um “sentimento privado”.

Mesmo por parte de escritores católicos individuais (Ernst Michel), nos últimos anos, têm sido frequentemente expressas opiniões incompatíveis com o pensamento católico. Certamente não existe uma política, economia, arte e cultura católicas no sentido de que essas áreas procedam para os católicos de acordo com leis gerais diferentes das que se aplicam aos não católicos, mas princípios diferentes muitas vezes se aplicam aos católicos, pois há políticos, economistas, artistas e portadores da cultura católicos que também carregam um ethos distinto dentro de si.

Com todas estas questões, entramos já no problema designado pelo termo "catolicismo político". É o slogan mais abusado do antigo liberalismo, que já encontramos na década de 1850. Mas o que se entende por isso[388]? A extensão da influência eclesiástica a áreas que não têm ligação imediata com a religião? A formação de partidos confessionais, que também procuram uma influência decisiva do cristianismo na vida pública, particularmente na legislação social?

[388] Uma posição não conciliável com o sentimento católico diante da questão do catolicismo político é adotada por Ernst Michel quando, em seu livro “Von der kirchlichen Sendung der Laien”, editora Lambert Schneider, Berlim, 1934, afirma que a Igreja teria por tempo demais tentado impor, de maneira medieval, uma organização do mundo segundo seus próprios moldes, ao postular moral católica, ciência católica e o Estado cristão. Tais pretensões seriam hoje rejeitadas na Europa como “catolicismo político”.

Este termo é dirigido contra a forte pressão de alguns clérigos na vida pública, ou apenas contra erros lamentáveis nos círculos eclesiásticos que talvez tenham confundido liderança com domínio e legalismo? Se a subordinação da religião a fins puramente políticos deve ser condenada, deve-se dizer, inversamente, que a ação política baseada em fundamentos religiosos e mundiais não constitui, de forma alguma, um uso indevido da religião para fins políticos. Como a política é essencialmente mais do que o exercício do poder estatal, a vontade mais forte ou a inteligência calculista, ela naturalmente e necessariamente alcança contextos espirituais mais elevados.

A visão de mundo dos liberais, marxistas e seguidores de Lenine é realmente apenas uma questão privada que nada tem a ver com a vida pública? Por que, então, esse esforço para implementar os princípios da sua visão de mundo na vida? Ou será que um estado excepcional só se justifica para os cristãos crentes? É ainda mais humano que políticos de visão de mundo católica tenham ocasionalmente usado a sua influência para obter vantagens partidárias ou mesmo pessoais. Mas hoje, os ataques contra o catolicismo político não se dirigem apenas contra esse uso indevido; quando se julga mais profundamente a situação problemática do nosso tempo, reconhece-se que o catolicismo político é frequentemente condenado hoje precisamente porque, por sua natureza, nada mais é do que a aplicação dos princípios cristãos à vida pública, sendo, portanto, mais do que uma mera postura em questões de fronteira religioso-políticas[389]. Nenhuma outra visão de mundo é tão unificada e autônoma quanto a do cristianismo. Este ser religioso do ser humano designa o encerramento completo da sua existência espiritual. É a forma mais elevada e unificada de julgar todos os acontecimentos da vida à luz da visão de mundo cristã. O cristão, como portador de dois mundos, tem uma responsabilidade especial, porque, tendo em vista o objetivo final – Deus e a eternidade –, tudo o mais, incluindo o Estado e a política, tem apenas um valor secundário. A religião tem a ver com a política na medida em que esta última invade o domínio religioso, pois existem ligações fundamentais e numerosas entre os dois. Uma separação completa entre os dois afastaria amplas áreas da vida da fé cristã e da doutrina moral.

[389] Cf. o valioso ensaio de Ernst Kaufmann, “Politischer Katholizismus”, na revista “Der Fels”, caderno 10, Frankfurt am Main, 1934/35.

A história dos partidos políticos confessionais prova, aliás, que eles surgiram em quase todos os países para defender os direitos mais básicos da religião contra a intolerância do liberalismo ideológico e da maçonaria quase sempre associada a ele (Alemanha, Antiga Áustria, Holanda, Luxemburgo, Espanha e, mais recentemente, Itália).

Desde que a votação principal do Reichstag de 1803 provocou uma mudança significativa nas relações confessionais na Alemanha a favor dos católicos, o catolicismo político surgiu como um movimento de oposição, influenciado por Joseph Görres, na história do povo alemão para defender o segmento católico da população, que havia sido economicamente, culturalmente e politicamente saqueado através da secularização dos bens eclesiásticos, contra novas medidas. Começa agora uma história gloriosa, na qual todas as terras alemãs puderam produzir personalidades católicas notáveis na vida pública, que não foram de forma alguma limitadas na sua postura nacional e política estadual pela sua confissão. Basta recordar o badense Joseph von Bufß e o editor do Historisch-politische Blätter, J. Jörg. O próprio Bismarck, no final do Kulturkampf, atraiu esse catolicismo político, que em 1870 se havia dotado de um programa partidário cristão, e não puramente confessional, para a colaboração nos assuntos governamentais. Por mais grandiosa que tenha sido essa história nas seis décadas, esse catolicismo político nunca pôde nem quis se equiparar à Igreja, porque apenas 14% dos 70% de católicos alemães também eram eleitores desse partido.

O catolicismo político na Alemanha foi hoje superado por um movimento que provou a sua legitimidade histórica através da luta heróica e bem-sucedida contra o poder destrutivo do bolchevismo e a indignação dos tratados de paz. Mas precisamente porque o chamado catolicismo político, com o qual eu pessoalmente nunca me envolvi, pertence ao passado, pode-se fazer-lhe justiça; e precisamente porque desejamos que a luta do nacional-socialismo contra a decadência e o caos seja concluída com vitória, também desejamos que ela não deixe amargura na alma alemã. Para um julgamento justo, é necessário recordar a situação intelectual e histórica em que o catolicismo político surgiu e distinguir entre o período do seu desenvolvimento na luta contra o liberalismo e o período que se seguiu ao colapso devido à Guerra Mundial. A ascensão alemã no século XIX ocorreu sob o signo do liberalismo e dos direitos democráticos,

ou seja, de uma mentalidade individualista que, como a história demonstrou, minou o sentido de comunidade e responsabilidade em amplos setores dos povos europeus e preparou a burguesia para uma revolta. Os líderes do povo católico na Alemanha e na Áustria utilizaram os meios de combate político disponíveis nessa situação para afirmar a sua visão de mundo, que combatia o liberalismo por meio de um sentido metafísico de comunidade, particularmente nas esferas política e social. Um dos maiores desses combatentes, o prefeito vienense Dr. Karl Lueger, é tratado pelo líder da revolta nacional em seu livro Mein Kampf como praticamente um modelo e professor. Ele o chama de o maior prefeito alemão de todos os tempos. Ao seu lado estavam o Barão von Vogelsang e o Príncipe Alois Liechtenstein. Os líderes do Reich alemão Windthorst, Mallinckrodt, os Reichenspergers, Schorlemer, Gneist, Lieber, Barão von Hertling, Gröber, Pichtler e Peter Spahn pertencem às figuras representativas tanto do parlamentarismo como da reforma social cristã. É verdade que, no campo da reforma social na Alemanha, surgiram duas direções: uma mais radical, que se alinhava com o programa de Vogelsang, e a de Munique-Gladbach, que buscava apenas reformar o capitalismo, mas o reconhecia fundamentalmente, e que a maioria dos políticos sociais católicos na Alemanha pertencia a esta segunda direção. O desenvolvimento histórico ultrapassou essa direção. Mas não foi essa circunstância que impediu a justa apreciação desses políticos, mas algo totalmente diferente. No Reich Alemão, os políticos de visão de mundo católica tiveram que se afirmar contra uma aliança do liberalismo e da liderança estatal de tendência protestante, o que teve como consequência que a oposição católica foi combatida como uma oposição contra a nação e o Reich, embora fosse, naturalmente, uma grande injustiça duvidar da lealdade ao povo e ao Reich da população católica e dos políticos católicos. As coisas foram um pouco diferentes na Áustria, onde relativamente cedo — embora após uma luta extraordinariamente feroz de Lueger contra o domínio liberal — foi estabelecida a relação correta entre um movimento de reforma religiosa e social e os detentores conservadores do poder do Estado. É certo que também na Áustria o movimento cristão-social terminou num compromisso com o capitalismo dominante. Esta circunstância e a restrição da ideia nacional devido às condições do Reich Habsburgo multiétnico enfraqueceram ideologicamente o partido cristão-social, de modo que, após o colapso, este enfrentou uma situação na Áustria muito mais diferente do que no Reich Alemão.

Chegamos assim à segunda fase do catolicismo político, o período após o colapso. O Reich Alemão estava então ameaçado de desintegração devido à oposição irreconciliável entre os partidos de direita, liberais e individualistas, e os partidos de esquerda, com tendências bolcheviques. Era politicamente necessário, em primeiro lugar, manter o Reich unido da melhor forma possível. Para isso, o catolicismo político no Reich Alemão contribuiu de forma decisiva, pois era o único capaz de formar coligações em ambas as direções. Sob extrema pressão política, a coligação partidária que emergiu da revolta teve inicialmente de se envolver numa política de cumprimento. Essa política era um fardo e tinha de chegar ao fim em algum momento. A questão era qual força iria pôr-lhe fim. Quando essa força se revelou ser o movimento apaixonado do nacional-socialismo, o colapso da coligação partidária associada à política de satisfação foi um destino histórico. As coisas foram diferentes na Áustria. O partido cristão-social, devido ao seu passado e à sua eficácia no Reich multiétnico, não estava suficientemente preparado para a ideia nacional elementar que se impunha. Seipel tem o mérito, apesar de toda a ênfase na ideia de um Estado austríaco, de promover uma comunidade de convicções entre todos os partidos no trabalho preparatório para o futuro grande Reich Alemão, mas, por razões de visão de mundo, rejeitar a colaboração com o socialismo austríaco, reconhecidamente extremamente radical. De Seipel também vem o famoso programa: Qualquer combinação com o Reich, nenhuma sem o Reich. Na Áustria, já existia após o colapso uma coalizão nacional-cristã-social natural. O fato de isso não ter levado imediatamente a uma coalizão cristã-nacional-socialista natural após a ruptura de 1933, poderá ser calmamente refletido e julgado uma vez superada a triste luta fraternal. E as reflexões neste livro pretendem contribuir para isso.

Seria, portanto, um dever honroso para os historiadores católicos na Alemanha escrever, em particular, a história do catolicismo alemão desde o fim da Guerra Mundial. A acusação de sentimento internacionalista, a fusão entre política e religião e a alegada dependência constante dos partidos católicos em relação ao Vaticano[390], juntamente com muitas outras críticas, perderiam todo o sentido, e

[390] Característico é o autógrafo do Papa Pio X de 30 de outubro de 1900 ao cardeal-arcebispo Anton Hubert Fischer em Colônia:

as poucas personalidades e fenómenos lamentáveis da sua história não poderiam diminuir o significado duradouro de toda a conquista política e social que emanou desta nobre falange para o Reich Alemão e além. Figuras como Windthorst, Mallinckrodt, os Reichenspergers, Schorlemer, Galen, Hohenstein, Hallekrem, Lieber, Hertling, Gröber, Kiene, Gröter, Pichtler, Peter Spahn, Lueger e Seipel brilham para sempre, não só como luminares do catolicismo mundial, mas também como exemplos do patriotismo alemão e da arte de governar alemã. Se pudéssemos falar de erros — e que partido escapou das falhas humanas e tão humanas? —, então seria apenas a "oportunidade perdida" de proteger o movimento nacional dos radicalismos ideológicos e dos substitutos religiosos e de o guiar para uma política conservadora e cristã-nacional. Especialmente nos tempos turbulentos que a Europa vive hoje,

---

“Nicht geringer war die Befriedigung“, so heißt es in jenem päpstlichen Handschreiben, „welche Wir aus der wiederholt betonten Beteuerung entnommen haben, daß die deutschen Katholiken in allen religiösen Dingen der Autorität des Apostolischen Stuhles folgen wollen. Wenn auch einige, welche die Wahrheit nicht kennen, sich heftig dagegen gewendet haben, so läßt doch dieser Gehorsam, wie eine fortwährende Erfahrung zeigt, einem jeden vollständige und uneingeschränkte Freiheit in denjenigen Angelegenheiten, welche die Religion nicht betreffen.“

“Não foi menor a satisfação”, assim se diz naquele escrito papal, “que extraímos da reiterada afirmação de que os católicos alemães desejam seguir, em todas as questões religiosas, a autoridade da Sé Apostólica. Ainda que alguns, que não conhecem a verdade, tenham se oposto veementemente a isso, tal obediência, como mostra uma experiência contínua, deixa a cada um plena e irrestrita liberdade naquelas questões que não dizem respeito à religião.”

Em 4 de março de 1907, foi adotada por unanimidade pelos delegados de todas as organizações partidárias católicas uma decisão que enfatizava 'que o Partido do Centro (*Zentrumspartei*), como um partido político e não confessional, deveria ser independente do julgamento das autoridades eclesiásticas em assuntos puramente políticos'.

Exatamente como os partidos católicos na Alemanha, os Cristãos-Sociais na Áustria sempre agiram da mesma forma. 'Eu apenas desejaria aos social-democratas que eles fossem tão pouco dependentes dos judeus quanto nós somos do clero católico', declarou o Dr. Lueger em 3 de julho de 1902 na Câmara Municipal de Viena. Com razão, o colaborador de longa data e biógrafo de Lueger, Franz Stauracz, refere-se em seu livro sobre Lueger (Braumüller, Viena 1907) à observação feita por um opositor do Partido Cristão-Social: 'Os Cristãos-Sociais nunca receberam as ordens para seu comportamento político de Roma; eles demonstram compreensão pela posição do clero na vida de nossos povos, mas nunca se curvaram ao ditado dos bispos'.

Em contrapartida, o Chanceler do Reich, Bismarck, tentou, durante a luta pelo "Septenato""

os grandes e duradouros sucessos do catolicismo político não devem ser esquecidos. Se a revolução de 1918 foi superada relativamente rápido, o Estado constitucional restaurado e a corrente turbulenta logo canalizada de volta para um leito de ordem, razão e lei, isso se deve essencialmente à colaboração do catolicismo político na Alemanha. O fato de isso ter ocorrido dentro da única possibilidade da época, a democracia parlamentar, não foi culpa dos católicos, pois na Assembleia Nacional de 1919, o liberalismo ideológico de orientação socialista e burguesa detinha a maioria esmagadora. O julgamento equilibrado da história estabelecerá um dia que esse "catolicismo político" agora rejeitado, por mais limitado que fosse pelo tempo, foi capaz de proteger a Alemanha de muitos erros de elementos radicais, enquanto uma forte autoridade estatal, que o nacional-socialismo concedeu ao povo alemão, ainda não era possível. Sem dúvida, a entrada do catolicismo na vida partidária política acarretava grandes perigos, aos quais alguns representantes sucumbiram, pois a secularização e a consideração das questões puramente da perspectiva do profano político podiam, mesmo indiretamente através do partido, transbordar para a própria religião.

Assim, foi também um fenómeno natural que acompanhou todos os movimentos políticos que duas tendências surgissem dentro do Partido do Centro: uma conservadora (monárquica-patriótica) e outra mais social-democrata-liberal. No entanto, a conexão do catolicismo político com os marxistas, por mais que tenha sido lamentada e condenada de um ponto de vista fundamental, não foi atribuída exclusivamente a essa ala de esquerda dentro do Partido do Centro, mas sim baseada no fato lamentável de que os partidos políticos burgueses nos parlamentos estaduais e no Reichstag falharam completamente em questões de visão de mundo e eram muito mais intolerantes do que os marxistas, muitos dos quais não eram de forma alguma revolucionários, mas mostravam algum alinhamento com o Partido Trabalhista Inglês.

Os erros nunca devem ser atribuídos a uma causa em si. Há sempre um abismo entre o ideal e a realidade, pois todas as pessoas, e ainda mais um partido, ficam sempre aquém de suas melhores forças. Ninguém condena o nacional-socialismo por ter tolerado um grupo corrupto dentro dele — ninguém deve, portanto, condenar o catolicismo político porque, em algumas resoluções,

particularmente em questões nacionais, ele não demonstrou maior visão e não conseguiu mais impulsionar o movimento.

Acima de tudo, o slogan do catolicismo político e religioso, que nas suas conclusões finais, se pensado de forma consistente e implementado na vida, leva a um erro dogmático, deve ser rejeitado aqui. Embora o ex-protestante e mais tarde convertido Reinhold Baumstark[391], que se distanciou do Partido do Centro após a fundação do Reich, do qual foi deputado durante vários anos, tenha permanecido um filho leal da Igreja, ele, no entanto, em seu zelo e devido à falta de discernimento sobre os problemas, causou danos com essa postura. Aqueles que percebem a moralidade aplicada na política nunca serão capazes de admitir duas esferas completamente separadas de política e religião ou o direito a uma consciência dupla, a menos que desejem acabar no beco sem saída de uma heresia com a distinção entre um catolicismo político e religioso. Portanto, a luta contra o catolicismo político não serve nem à Igreja, nem à nação, nem à religiosidade em geral, mas apenas aos oponentes de uma cultura cristã na vida pública. Na verdade, a política sem dogma começa com o Tractatus Theologico-Politicus, no qual o judeu Spinoza degradou o cristianismo a um fenómeno historicamente transitório, sem valores duradouros e forças normativas definitivas. Se existe uma cultura cristã, que nada mais é do que a relação de todas as coisas com o centro, a subordinação dos bens da vida ao bem supremo, a salvação da fragmentação, então também deve existir uma política cristã, ou seja, a ordenação dos assuntos da vida pública de acordo com as leis da justiça e do amor cristãos. Não devemos ignorar esta conexão entre política e lutas ideológicas. A longo prazo, não existem Estados ou partidos indiferentes à visão de mundo. Com a entrada na história da humanidade, toda ação é uma posição a favor ou contra ela. Todos os políticos e estadistas têm um credo específico, derivado da religião, da filosofia moderna ou das correntes contemporâneas. Mais importante do que toda ação política é a reconstrução do mundo da consciência. Se quisermos sair do caos do presente, há apenas uma

[391] Cf. Paul Hazard, “La Crise de conscience Européenne”, Paris, 1935; Gustav Roffmann, “Die deutsche Vorgeschichte, eine hervorragende nationale Wissenschaft”, editora Kurt Kabitzsch, Leipzig.

Entre os verdadeiros trabalhos de pesquisa, a obra de Wolfgang Schultz, “Altgermanische Kultur in Wort und Bild”, editora J. F. Lehmann, Munique, é a mais importante. Trata-se de um quadro amplo — ainda que em parte um tanto unilateral — do mundo e da essência dos germanos, tal como até então dificilmente havia sido apresentado com essa unidade.

possibilidade: restaurar a hierarquia dos valores da vida e, assim, submeter a política à moralidade. Também é, da perspectiva da história das ideias, completamente errado ver o significado mais profundo do presente na despolitização da Igreja e na secularização da religião, que começou com a Revolução Francesa e a secularização subsequente, para terminar com o fim do Estado eclesiástico e a eliminação dos partidos eclesiásticos. Certamente, o cuidado pastoral hoje tem um significado muito maior do que antes; o espaço das casas de culto é mais sagrado, a luz eterna nas igrejas fala mais ao povo do nosso tempo sobre o valor da alma e do ser humano interior do que em épocas de prosperidade e condições políticas ordenadas — mas tudo isso não decorre do fim do catolicismo político, mas do fato de que as pessoas, exaustas pela politização de toda a vida, fogem para o santuário mais íntimo de sua alma. A necessidade criou, assim, no passado, o catolicismo político, ou seja, uma representação política dos católicos na vida pública. Assim como o seu surgimento foi historicamente condicionado, a duração da sua existência foi temporariamente limitada. No momento em que o próprio Estado assume a garantia da liberdade religiosa de consciência, a existência de tais partidos torna-se supérflua. Mas mesmo que não existam mais partidos políticos independentes, a tarefa da Igreja em relação à vida pública não estaria concluída se ela desejasse preservar e aprofundar o caráter cristão dos povos e dos Estados. A Igreja não pode ser indiferente à vida pública, a menos que, como o budismo ou algumas seitas espiritualistas da Idade Média, coloque o foco de suas tarefas exclusivamente em outro mundo, ou a menos que se queira entender o cristianismo puramente escatologicamente. Assim, tudo depende da questão da relação correta entre religião e cultura, Estado e Igreja. Se toda essa questão representa um problema tão difícil, é compreensível que ninguém tenha ainda encontrado uma fórmula prática universalmente válida. A delimitação das esferas de competência da religião e da cultura e, consequentemente, da Igreja e do Estado, sempre foi um problema que nenhuma época resolveu totalmente e que sempre permanecerá um problema. Sem dúvida, muitos erros também foram cometidos no campo católico durante os últimos dois séculos. A ascensão política do catolicismo nem sempre foi acompanhada pelo tato e pela moderação que um forte anticristianismo exigia. O desenvolvimento das organizações talvez tenha ocorrido de forma demasiado rápida e veemente, sem aquele crescimento lento e natural, sem ligação orgânica com o passado. Muitas vezes, também faltou instinto político para o despertar nacional, para o mundo

das ideias da juventude em ascensão. Foi ainda um erro profundamente lamentável que, em última análise, a pastoral, com a sua organização puramente religiosa, tenha sido arrastada para a amarga luta da política partidária. Assim, o foco da vida católica foi muitas vezes deslocado para a organização e o trabalho externo. Não foi injusto dizer que havia uma primazia do político no catolicismo da Europa Central. O catolicismo estava representado nos órgãos parlamentares e era medido pelo número de deputados. Em muitos círculos católicos, a Igreja e a religião eram frequentemente identificadas com partidos e sistemas políticos, enquanto a Igreja só pode apoiar e promover quando se trata de interesses puramente religiosos e não de questões políticas, nas quais todos devem ter liberdade de decisão. Portanto, nem sempre é uma desvantagem, em tempos de tensão política, que a Igreja se retire da luta política para cultivar melhor as forças sobrenaturais da religião e, em tempos de oposições, se mantenha acima da contenda do dia a dia. Aqueles que servem ao eterno e, através de um cuidado pastoral diligente, permeiam espiritualmente os corações dos fiéis, criaram o melhor pré-requisito para a continuidade da existência do cristianismo na vida pública. A natureza guerreira da política e o Evangelho são conceitos contraditórios e incompatíveis. A Igreja pode, através do seu cuidado pastoral, alinhar politicamente os sistemas quando estes são necessários e úteis do ponto de vista da visão do mundo, mas nunca deve identificar-se com eles, muito menos permitir-se ser equiparada à política partidária. As perspetivas de ambos podem sobrepor-se em muitas áreas, mas a política pensa num espaço estreito, enquanto a Igreja deve ser universal-pastoral, ou seja, servir a todos. A religião e a política, no entanto, nunca ou, pelo menos, muito raramente são completamente separáveis. Uma separação estrita entre as duas já é impossível porque a consciência religiosa permeia todas as áreas da vida humana. Portanto, para um cristão convicto, não pode haver uma consciência dupla, uma nacional, politicamente orientada para o Estado, e outra religiosa. Essa concepção seria incompatível com o cristianismo.

Do ponto de vista da história das ideias, a tentativa de uma separação fundamental entre religião, pastoral e política, e, portanto, também o termo “catolicismo político”, remonta ao conceito protestante e puramente espiritualista da Igreja, que Lutero já ensinava e que a teologia posterior, sob a influência de Schleiermacher, desenvolveu de forma cada vez mais unilateral como uma oposição entre Estado e Igreja. Mas o que precisamos hoje, mais do

que nunca no passado, são cristãos para quem a religião é uma realidade que vai além do incenso da Igreja, para quem o Evangelho é mais do que uma formalidade, ou seja, a era da Igreja primitiva deve reviver, quando ser cristão ainda não era uma questão socialmente óbvia, mas um caminho sangrento até à cruz. Uma palavra correta foi dita por Hitler (Mein Kampf, 424), que também pode ser aplicada ao catolicismo atual, se quisermos ter um impacto duradouro:

> "Toda visão de mundo, por mais correta e mil vezes benéfica para a humanidade que seja, permanecerá sem significado para a configuração prática da vida de um povo, enquanto os seus princípios não se tornarem a bandeira de um movimento de luta".

11. Roma e o povo alemão — aspirações eclesiásticas nacionais — romanismo e catolicismo

As concepções de alguns dos principais escritores nacional-socialistas nesta área dizem respeito a uma série de questões que, desde meados do século XIX, têm ocupado repetidamente também a investigação protestante. Em última análise, porém, tudo gira em torno de duas questões contidas nos dois conceitos: Roma e germanidade.

Ao examinar os vários autores que se posicionaram sobre isso em contextos recentes, reconhece-se ainda que não se trata apenas de uma luta contra o catolicismo, em última análise, contra o cristianismo como uma suposta intrusão estrangeira na essência alemã, mas que toda a problemática se amplia para um confronto espiritual entre a cultura germânica e a cultura romano-latina em geral, de modo que, em certo sentido, a antiga luta da Germânia sob Arminius contra Roma parece encontrar sua continuação nos dias de hoje. Pode-se caracterizar resumidamente essa antiga problemática de Roma e Germânia através dos seguintes nomes: Widukind - Carlos Magno Bonifácio; Hohenstaufen Gregório VII; Lutero - Jesuítas; Habsburgo Prússia; Potsdam - Aachen (Viena).

Pode-se falar de uma oposição inerente e necessária da nação alemã a Roma? O sentimento anti-romano realmente acompanha todas as épocas da história alemã que devem ser designadas como o despertar do sentimento nacional? Arminius ou seu irmão Flavus são o símbolo da unidade germânica? Alguns podem considerar supérfluo sequer levantar tais questões após um milênio de história cristã alemã, já que ninguém pode voltar atrás na roda da história. Mas o movimento religioso alemão, com uma falta de tato fatídica, aninhou-se nesses processos de pensamento para trabalhar em direção a uma Gleichschaltung espiritual da nação e da antiga religião-cultura germânica no sentido da deificação do sangue e da raça, embora, no programa nacional-socialista, se não se interpretar mal o Artigo 24, dificilmente haja um ponto de partida para isso, e o próprio Hitler, na sua obra Mein Kampf, rejeitou essa conclusão com as palavras mais duras.

Infelizmente, também aconteceu que, nas últimas décadas, os círculos católicos, relutantes em se distanciar das descrições tendenciosas de Tácito, frequentemente subestimaram os antigos germânicos, e com isso a nobre cultura nacional, e superestimaram o mundo latino-romano. Esse fato infeliz teve de ser corretamente percebido como uma provocação nos círculos alemães de mentalidade nacionalista e, assim, intensificou significativamente a oposição a Roma. A preferência pela cultura grega e romana, que começou com Winckelmann, também obscureceu a visão de muitos pesquisadores alemães não católicos sobre a grandeza e a importância da pré-história germânica antiga da Alemanha. Em vez de se envolverem amorosamente com esse passado, que, do ponto de vista moral, sem dúvida se destacava acima da cultura do Reich Romano em declínio religioso e de visão de mundo, construiu-se uma história, baseada em Tácito e fontes romanas, que incutiu na juventude alemã a concepção romana, como se os antigos germânicos fossem meros bárbaros. Se os germânicos não possuíssem algo indestrutível e grandes virtudes naturais, a sua entrada no mundo cultural romano em declínio, sem falar no seu sucesso na fundação do Ocidente, seria inexplicável[392]. Por outro lado, não se deve esquecer que os círculos nacionais, ao enfatizarem a cultura germânica pré-cristã, foram longe demais e não conseguiam mais julgar objetivamente a era cristã. A antiguidade transformada pelo cristianismo, afirmam esses escritores, provocou uma "enorme ocultação" da essência germânica. A alma religiosa dos alemães foi “destruída” pelo desenvolvimento histórico trazido por Roma. Uma empreitada perigosa! Esforços nacionais-culturais semelhantes já são evidentes no Japão, Hungria, México e Turquia, onde, com a ajuda de ideias panteístas, está a ser construída uma cultura nacional nativa, na qual os valores da transcendência cristã devem tornar-se um mundo estrangeiro.

Em todos esses processos de reflexão, Roma aparece repetidamente como o grande contraponto às fortes culturas nacionais. Mas, como a antiguidade grega

---

[392]Gustaf Kossinna, “Die deutsche Vorgeschichte, eine hervorragend nationale Wissenschaft”, Editora Kurt Kabitzsch, Leipzig. Entre as novidades editoriais propriamente ditas, a obra de Wolfgang Schultz, “Altgermanische Kultur in Wort und Bild”, Editora J. F. Lehmann, Munique, é a mais importante. Trata-se de um retrato abrangente, embora em parte um tanto unilateral, do mundo e da essência dos germânicos, como raramente foi apresentado com tal coesão até o momento.

e romana, com componentes não insignificantes, fluiu para a do Ocidente, essa luta no espaço europeu torna-se simultaneamente uma luta contra a ideia de um Ocidente cristão.

Da infinidade de problemas colocados pela questão de Roma e do povo alemão, apenas alguns podem ser destacados aqui. Grande parte deles já foi abordada nos meus escritos anteriores: Roma, Cristianismo e o Povo Alemão e O Povo Alemão e o Ocidente Espiritual. Além disso, na seção deste livro intitulada "O Problema da Influência Racial no Desenvolvimento do Cristianismo Ocidental", várias questões foram respondidas.

Sem dúvida, a luta moderna em torno de Roma apresentou aos estudiosos católicos novas e gratificantes tarefas para examinar minuciosamente toda a relação de Roma como símbolo cultural, religioso e político em relação à nação alemã. Uma história do catolicismo alemão no espírito de Hansen seria importante, mas com uma consideração cuidadosa dos problemas atuais; da mesma forma, uma história da teologia alemã deve ser escrita em breve para investigar a contribuição significativa da esfera cultural germânica para o desenvolvimento do cristianismo no Ocidente, que não raras vezes é subestimada pelos povos românicos. Se o órgão oficial para a história do Reich criou um departamento separado para pesquisar as aspirações da igreja nacional na Alemanha, isso contém um aviso aos estudos católicos alemães para que abordem essas questões sérias, que hoje atormentam inúmeros jovens capazes, no âmbito de sua própria pesquisa. Acima de tudo, trata-se de declarações programáticas fundamentais que surgem repetidamente no tratamento da questão “Roma e o povo alemão”, influenciam significativamente toda a perspetiva religiosa e histórica e já foram formuladas, de forma mais ou menos clara, como um “afeto anti-romano” em Hagar de, Chamberlain e Arthur Bonus. É digno de nota o quão profundamente a ideia racial e nacional penetrou hoje nessas questões, mesmo entre os povos não germanófonos. Como um fio espiritual, essas ideias percorrem o mundo atual. Encontramos exigências e interpretações semelhantes no México, onde o cristianismo é combatido com a intenção nacionalista de reviver a antiga cultura dos astecas e maias; no Peru, a era dos incas é glorificada; no Japão, há esforços semelhantes do xintoísmo, que retratam todas as influências estrangeiras como hostis e prejudiciais ao povo japonês.

a) Existem realmente dois tipos essencialmente diferentes de piedade, uma germânica-nórdica e outra sul-românica?

Rosenberg afirma: Roma é decadente e rígida ao mesmo tempo! Günther[393], no entanto, descreve a essência da piedade germânica com os seguintes pensamentos:

> "A camada nórdica dos povos indo-germânicos está orientada exclusivamente para este mundo (a piedade indo-germânica é uma saúde corporal-espiritual), é firmeza diante do destino, não religiosidade do medo, consciência do pecado ou autocondenação, mas uma relação imediata com Deus sem a intermediação do clero, com um impulso de amizade mútua entre o divino e o humano no sentido de Platão e do panteísmo. A piedade germânica não conhece o medo, a espera passiva pela graça, o conceito de redentor ou salvador, a dualidade (dualismo) entre corpo e alma; é a harmonia da vida no sentido da concepção de vida de Goethe, com um caráter heróico pronunciado de ativismo masculino e militar que glorifica a vida, no qual o cultivo das virtudes masculinas e cavalheirescas na luta diária parece mais importante do que a "preocupação verdadeiramente individualista" em garantir uma existência na vida após a morte. Em contraste com esta piedade de caráter germânico, enraizada na humanidade pagã, tal como se depreende dos testemunhos do espírito grego e da cultura germânica, as religiões que penetraram da Ásia são "construções pálidas e hostis à vida".

Na mesma linha, Kolbenheyer[394] tenta substituir um sistema "dogmático" da Igreja Romana por uma religião baseada na raça (biologicamente). Mas se seguirmos consistentemente esses processos de pensamento, chegaremos naturalmente à conclusão de que a diferença racial dos povos é decisiva não só para a experiência religiosa, mas também para a verdade metafísica. Em outras palavras, a consequência seria também um relativismo do conhecimento! Essas

---

[393] "Herkunft und Rassengeschichte der Germanen", p. 162 ss., editora J. F. Lehmann, Munique, 1935. Nesse mesmo sentido se movem também as propostas de política cultural de Hans Friedrich Blunck, que assumiu a direção da Câmara do Livro, "Deutsche Kulturpolitik", p. 20–21, editora Albert Langen-Georg Müller, Munique, 1935, com fortes sentimentos "germano-crentes".

O mesmo espírito permeia as "Reichsfaszungen der deutschen Erzieher" ("Nationalsozialistische Lehrerzeitung"), 1934, caderno 4, p. 10 (renascimento altogermânico).

[394]Em "Teuland", dois ensaios. Editora Albert Langen-Georg Müller, Munique, 1936.

concepções estão ligadas aos processos de pensamento do professor Hauer, de Tübingen, que, em sua palestra programática em Berlim, em 25 de outubro de 1934, explicou o termo que cunhou, "vontade religiosa", e, entre outras coisas, proclamou[395]:

> "Raça e fé estão intimamente ligadas e são inseparáveis. A visão oposta é combatida pelo movimento religioso alemão como destrutiva, tanto no sentido religioso quanto biológico, porque subestima ou mesmo descarta como sem valor e obstructiva à vida religiosa a realidade do sangue como um poder criativo que é simultaneamente o nosso destino... Se quisermos fundamentar novamente a cultura espiritual da Alemanha na fé, devemos aceitar as grandes leis do que acontece na vida como diretrizes, mas não como um dogma. Haverá sempre uma comunidade de Jesus. Mas a outra questão, se o cristianismo deve permanecer como a autoridade normativa no centro da vida religiosa da Alemanha, é respondida de forma diferente pelo movimento religioso alemão, que declara: que o cristianismo como autoridade normativa central no povo alemão é um episódio da história alemã, e esse episódio está a chegar ao fim".

Uma escola inteira já está a trabalhar nesse sentido, para transferir o conceito de raça para o domínio cultural, em total oposição ao programa nacional-socialista, e para isolar espiritualmente a essência da piedade germânica, com uma preferência pela visão de mundo dos gregos e arianos em geral e uma rejeição cada vez mais forte do cristianismo como uma religião além-mundo.

Essa piedade racialmente alemã[396], desprovida de qualquer ligação com o voluntarismo moral presente no cristianismo, é, quando analisada mais de perto,

---

[395]Texto integral no "Völkischer Beobachter", 1934, nº 292

[396]Cf. os seguintes escritos:
Walter F. Otto, "Der Geist der Antike und die christliche Welt";
Gustav Neckel, "Die altgermanische Religion", editora Hermann Wendt, Berlim;
Andreas Heusler, "Germanentum", editora Carl Winter, Heidelberg;
Gottfried Spahnuth, "Glaube und Kultur unserer Ahnen", editora Kurt Stenger, Erfurt, e "Die altgermanische Religion und das Christentum", editora Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen;
Hans Naumann, "Die Götter Germaniens", em "Wandlung und Erfüllung", editora J. B. Metzler, Stuttgart;
Walter F. Otto, "Die Götter Griechenlands", editora Gerhard Schulte-Bulmke, Frankfurt am Main.

nada mais do que uma enorme autoilusão, um autoengano, um panteísmo sem dogmas com ecos do idealismo alemão. A realidade até mesmo do ser humano nórdico é diferente. O poder do pecado não pode ser apagado da nossa existência através de tipos de piedade artificialmente construídos. É precisamente nisto que o cristianismo se revela totalmente fiel à vida, pois ensina os seres humanos a verem repetidamente a realidade da culpa original e do pecado na sua terrível dimensão. Hoje experimentamos o que é este ser humano "natural" e iremos experimentá-lo de forma ainda mais terrível se forem tiradas conclusões adicionais. A doutrina cristã, no entanto, não engana os seres humanos sobre essa realidade, mas abre os seus olhos sem, com isso, obscurecer o seu entusiasmo pela vida ou enfraquecer uma força natural original. A humildade não é servidão, mas um claro reconhecimento de si mesmo; o pecado original não é uma fantasia semítica, mas um fato triste que nem mesmo a pesquisa histórico-religiosa pode negar, por mais que Schweitzer tente fornecer tais evidências[397].

Essas construções da piedade alemã refletem um completo desconhecimento da essência do cristianismo, que, como nenhuma outra religião na Terra, pressupõe o maior heroísmo de vontade para conquistar e manter o sobrenatural. O cristianismo não possui traços sentimentais femininos nem fenômenos decadentes em todas as culturas. A interpretação das virtudes cristãs da humildade e do amor, como defendido por esta literatura, como se fossem nada mais do que fraqueza, baixeza de espírito, servilismo e obediência cadavérica, indignas da consciência dos homens alemães, é completamente injusta. Baseia-se num total desconhecimento dos conceitos de honra e humildade, ambos enraizados na mesma profundidade existencial e que, especialmente nas vidas heróicas de tantos santos cristãos, deram à humanidade maravilhosos frutos de heroísmo. Somente aqueles que levam o cristianismo a sério e procuram implementá-lo na vida percebem como é difícil ser cristão na vida moderna, quanta renúncia e sacrifício são necessários para manter a elevação religiosa. O cristianismo é frequentemente julgado por esses construtores da sua própria religião apenas por externalidades e lastro histórico, em vez de por suas profundas forças vitais.

[397]Josef Schnitzer, “Die Erbsünde im Lichte der Religionsgeschichte”, um estudo de história das religiões e dos dogmas, Bolonha, 1931.

Ninguém nega as diferenças no pensamento religioso entre os povos, condicionadas pelo caráter, idioma, raça e paisagem. O cristianismo, como religião mundial, pode unir e equilibrar essas diferenças em essência através dos seus dogmas universalmente compartilhados, organização abrangente e liturgia unificada. Mas nunca se propôs a simplesmente erradicar ou nivelar tudo o que floresce da boa nacionalidade. Assim, sempre houve diferenças na arquitetura, no misticismo, que, apesar de seu caráter sobrenatural, pode estar ligado ao Völkisch, nos costumes religiosos populares e até mesmo na teologia, onde autores alemães e românicos nem sempre seguem os mesmos caminhos, por mais que convergem na dogmática. As formas de piedade do ser humano católico nórdico, apesar dos fundamentos dogmáticos comuns, não se alinham de forma alguma em todos os aspectos com as dos povos do sul. Mas aqueles que consideram mais profundamente as diferenças raciais e Völkischen chegarão à convicção de que as nações individuais são cultural e religiosamente interdependentes e que esse processo de harmonização só pode encontrar realização numa Igreja mundial, não numa Igreja nacional, na medida do humanamente possível. O que é verdadeiro está distribuído entre os povos, e somente através do exagero é que a essência nacional é falsificada. A piedade nórdica é caracterizada pela profundidade, interioridade, rigor moral, capacidade de imersão mística e poder de formação intelectual. A característica distintiva do alemão é: pensamento, reflexão e busca incansáveis, o faustiano. Depois, a vontade de ferro, persistente, e finalmente o seu admirável poder organizacional.

Mas a piedade alemã está ameaçada pelo perigo de negligenciar a forma e a ordem, tornando a convicção do indivíduo o árbitro absoluto, sacrificando a verdade objetiva até mesmo a uma consciência errada, caindo no subjetivismo religioso e rebelando-se contra a reivindicação de uma autoridade religiosa.

A piedade românica do sul possui uma simplicidade e franqueza de pensamento particulares, clareza intelectual, humildade fiel, integração na comunidade da Igreja, vontade de forma e ordem e coragem para uma devoção incondicional a Deus. Não é injusto dizer que o ser humano românico é, por natureza, inclinado para a religião, mesmo quando existe um fosso entre a piedade externa e a conduta moral.

Mas a piedade românica é constantemente acompanhada pelo perigo de superestimar a razão, de que a forma se torne fórmula e, em última análise, substitua a convicção interior, pelo perigo da rigidez e da exteriorização, da superficialidade intelectual e da frivolidade religiosa.

Se apenas uma dessas duas formas de piedade prevalecesse na Igreja de Deus, isso seria um empobrecimento, pois cada uma delas abriga valores que a outra não possui. Se ambas as formas de piedade coexistissem sem mediação, o contraste seria difícil de suportar e poderia levar à discórdia. Independentemente do que se possa pensar sobre a suposta imposição violenta do cristianismo na Alemanha há mil anos e a consequente alienação das disposições piedosas germânicas, a Germândia daquela época não tinha força religiosa efetiva para se opor à cristianização, e é preciso considerar e aceitar essa interligação milenar entre a Germândia e o cristianismo como um destino alemão. Com razão, Gustav Paul afirma[398]:

> "Se o paganismo dos germânicos, cujos traços heróicos são simpáticos e não devem ser negados, tivesse sido interiormente superior ao cristianismo, teria triunfado sobre ele. Na realidade, porém, foi precisamente o contrário: o cristianismo era muito superior à religião germânica... Portanto, não é correto dizer que o cristianismo quebrou a força vital da raça nórdica".

Além disso, o cristianismo nas terras germânicas tornou-se, ao longo de mais de mil anos, cada vez mais germanizado e internalizado. Nenhuma visão religiosa do mundo antigo fez a transição para o cristianismo de forma tão orgânica, suave e universal como a germânica. Nenhuma outra deixou menos resíduos não resolvidos ou vestígios irracionais. Mesmo as antigas concepções religiosas pré-cristãs de Deus[399], entre os germânicos, penetraram no cristianismo — não apenas no protestantismo — e transformaram-no repetidamente, adaptando-se a si mesmas e ao espírito popular. No cristianismo alemão de hoje, vive, sem dúvida, mais da consciência pré-cristã de Deus dos antigos alemães do que poderíamos conhecer ou experimentar por qualquer outro caminho. A alienação

---

[398]."Grundzüge der Rassen- und Raumgeschichte des deutschen Volkes", p. 258, editora J. F. Lehmann, Munique, 1935.

[399] Cf. o antigo princípio escolástico: *Quidquid recipitur, ad modum recipientis recipitur.*

da germanidade através do cristianismo é superestimada. Não foi o misticismo alemão que foi a primeira "vontade metafísica moldadora" alemã, mas o cristianismo já estava germanizado nos seus primeiros encontros com as tribos nórdicas.

Desde o poeta Heliand, que, como Gottschalk, significa uma superação do Mediterrâneo pelo espírito alemão, desde Meister Eckhart e os grandes místicos até ao Romantismo, na fé e no pensamento, na poesia alemã e na pintura alemã, na arquitetura alemã e na música alemã, durante mil anos o melhor da alma alemã foi forjado numa unidade indissolúvel com o cristianismo[400].

Mas aqueles que não desejam reconhecer esses fatos teriam primeiro que fornecer uma resposta clara e inequívoca à pergunta: o que é alemão afinal[401]?

Ninguém nega a afinidade eletiva e natural do espírito alemão com o grego (gregos e alemães são indo-germânicos), mas surge a questão urgente: por que razões a adoção do cristianismo greco-romano pelos povos germânicos foi possível? Hoje, são apresentadas duas explicações: ou esses povos tinham uma consciência tão pouco desenvolvida de si mesmos e da lei da sua vida que sucumbiram à nova cultura religiosa ricamente estruturada, sem levar em conta se ela lhes convinha ou não, ou a outra possibilidade — a adoção foi baseada numa superioridade sentida da religião "estrangeira" sobre a sua própria, numa superioridade objetiva da cultura adotada pelos povos "bárbaros", no sentido romano. É possível discernir na história intelectual alemã até o século XIX uma resistência da mentalidade religiosa germânica ao cristianismo pregado por Roma? Essa noção de supressão da essência germânica-alemã contradiz totalmente a maneira como Roma foi recebida na Germânia. Nunca uma interpenetração violenta dos valores de vida germânicos e cristãos teria levado a formas novas, fortes e vibrantes.

De uma perspectiva *histórico-völkisch*, seria necessário perguntar ainda: o nórdico é uma atitude espiritual originalmente associada a todos os povos indo-germânicos? Então, naturalmente, esses povos teriam de partilhar desse

---

[400] Will Vesper em: "Die neue Literatur", p. 147, março de 1934.

[401] Hans F. K. Günther, "Rasse und Stil", Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburgo, 1935.

espírito. Resta apenas a questão de como a adoção do cristianismo "estrangeiro" poderia ter ocorrido. Mas se definirmos o conceito de "nórdico" biologicamente, então, dada a mistura racial dos povos europeus, não entenderíamos como os 7% de pessoas nórdicas que a Alemanha ainda conta hoje poderiam deixar sua marca em uma nova era mundial emergente.

Mesmo Martin Wähler[402], que escreve numa obra coletiva inteiramente baseada na teoria da alienação de Günther e Hauer[403], deve admitir que a investigação do caráter religioso popular do ponto de vista racial ainda carece de uma base cientificamente segura, de modo que estudiosos sérios, com ceticismo justificado, a rejeitam categoricamente. Nenhum povo pode rejeitar tudo o que é estrangeiro, pois, de acordo com o plano da criação e até mesmo com a ciência moderna, que não faz julgamentos apodícticos, os povos e as nações são interdependentes para estabelecer culturas elevadas de natureza religiosa ou mundana. Muitos bens originalmente estrangeiros, através da adoção pelo povo e do uso secular, assumiram a cor e o sabor do solo alemão. Um povo saudável só adota o que corresponde à sua natureza. O que, como o cristianismo, tem sido apreciado e praticado pela maioria do povo durante séculos deve ter correspondido à essência do povo. Que a superstição era uma importação estrangeira do Oriente, ninguém que conheça a antiga religião germânica e considere o fato histórico de que a caça às bruxas, a superstição popular e os cultos aos fantasmas dificilmente eram mais difundidos em qualquer outra terra do que nas áreas de língua alemã acreditará.

É uma historiografia ilusória que considera tudo sob a ideologia de um nacional-socialismo mal compreendido e num afeto anti-romano, quando até mesmo respeitados estudiosos alemães respondem à questão da essência do ser humano alemão com o "belo sentido" da Edda, a "grande coragem" do Nibelungenlied e os costumes cavaleirescos, com a "ruptura com a camada profunda de uma experiência pessoal de Deus" e a "inquietação da alma"[404].

---

[402] Em "Die deutsche Volkskunde", editado por Adolf Spamer, dirigente da seção de Völkisch na comunidade do Reich para pesquisa Völkische alemã, p. 600 ss., Bibliographisches Institut, Leipzig, e Herbert Stubenrauch, Berlim, 1935; além disso, Hermann Buddensieg, "Was ist deutsch?", editora Bünscher Verlag, Heidelberg, 1934.
[403] "Deutsche Gottesschau", editora Karl Gutbrod Verlag, Stuttgart, 1934.
[404] Hans Naumann, Willy Andreas, Adolf Heulner, Gerhard Fricke e Erich Rothacker, "Der deutsche Mensch", Deutsche Verlagsanstalt, Stuttgart, 1935. Pensamentos semelhantes no número especial da "Süddeutsche Monatshefte", "Prägungen germanischer Religiosität", Munique, 1934

Aqueles que se aprofundam na literatura autorizada que trata do conceito de piedade alemã e se preocupa com a sua autenticidade Völkische reconhecem que, em última análise, essas discussões tratam da rejeição do pecado original, do papel intermediário da Igreja e da primazia papal da Igreja Romana, que supostamente não correspondem à natureza alemã. A ênfase exagerada no ideal da vida política heróica, na qual devem ser educados os portadores da futura força popular alemã, do poder militar, da economia, da cultura e da liderança estatal, leva a um pelagianismo germânico que espera tudo da força vital puramente natural e independente da raça da nacionalidade alemã e vê na luta heróica por isso a dotação moral especial da alma racial nórdica. Diante de tal biologismo, o cristianismo, com sua doutrina do pecado e da redenção, da graça e dos sacramentos, deve realmente parecer um mito semítico anti-heróico e mágico.

Os pais intelectuais de tal interpretação do cristianismo para os alemães não foram, no entanto, os nacional-socialistas, mas Nietzsche, Chamberlain e Hagarbe, embora, do lado católico, Thomas Becker (Mainz) e Hermann Schell (Würzburg) também elogiassem um ideal de juventude "ativista"[405].

Aqueles que pensam consistentemente nessas concepções teriam que designar os mil anos de história alemã no cristianismo como uma ilusão do nosso povo e rejeitar incondicionalmente Roma, que, como centro do catolicismo, tem sido a principal portadora e oponente do movimento cristão em todos os séculos.

É extremamente gratificante ver que, em contraste com essas alegações, respeitados estudiosos protestantes[406] e católicos, por meio de pesquisas objetivas, chegam a conclusões semelhantes na avaliação correta da relação entre Roma, o cristianismo e a Germânia. Apenas razões políticas, e nada mais, levaram os saxões a lutar contra os missionários cristãos. Ninguém ainda apresentou provas de que a cristianização da Alemanha tenha provocado uma mudança na natureza germânica. A adoção do cristianismo pelos povos germânicos não foi violenta nem constituiu uma violação da alma germânica,

[405] Para mais detalhes, cf. A. Gisler, "Der Modernismus", p. 27 ss., editora Benzinger, Einsiedeln, em contraste com o "americanismo

[406] Cf. o notável ensaio de Johannes Bühler, "Germanentum und Christentum", na revista científica "Geistige Arbeit", nº 3, de 5 de fevereiro de 1934

mas sim uma fertilização mútua e uma interpenetração do antigo espírito cristão e da sensibilidade germânica. O poeta do Heliand não era menos alemão do que os antigos sacerdotes germânicos que entoavam cânticos cultuais em louvor a Wotan.

A germanidade é, em geral, apenas uma das muitas fontes que alimentam a corrente da vida alemã, embora talvez seja a mais forte. Já Jauer (Épocas da História Alemã) enfatizou com insistência que não se deve equiparar alemães e alemães, até porque os alemães, entre todos os povos germânicos (incluindo os ingleses!), ainda não constituem a maioria. Mais decisivo do que essa relação numérica parece ser o fato de que muito do que hoje consideramos um componente essencial da germanidade não estava de forma alguma contido na germanidade. Menciono aqui apenas o primeiro ponto do programa do nacional-socialismo: a ideia da unidade alemã, pela qual todas as tribos germânicas lutaram durante séculos, não apenas os príncipes, mas também o povo, e que, quando temporariamente realizada, foi repetidamente destruída[407]. Característica das tribos germânicas, para as quais o termo barbari foi cunhado para distingui-las da população romana, é a falta de um nome unificado, bem como de uma vontade cultural unificada que lhes tivesse permitido contrariar com sucesso o declínio da cultura romana no sentido de uma síntese e criar um Reich nacional. Somente no cristianismo foi possível superar esse ódio, com o qual as antigas tribos germânicas se perseguiam mutuamente, por meio de uma unidade religiosa espiritual. Nenhum sapo pode negar ou diminuir esse mérito histórico da religião cristã nas áreas de língua alemã. Portanto, no discurso de encerramento do Congresso do Partido em Nuremberg, em 1937, as conquistas do cristianismo para a construção da nação alemã foram plenamente reconhecidas pelo intérprete designado do programa nacional-socialista.

b) O Reich Romano da Nação Germânica foi um grave prejuízo para o desenvolvimento histórico nacional[408]? Desde meados do século XIX, quando

---

[407]Ludwig Schmidt, “Die Ostgermanen, Geschichte der deutschen Stämme bis zum Ausgang der Völkerwanderung”, editora C. H. Beck, Munique, 1934.

[408]Heinrich Hostenkamp, “Die mittelalterliche Kaiserpolitik in der deutschen Historiographie”, editora Emil Ebering, Berlim, 1934, nos “Historischen Studien”, caderno 258.

Heinrich von Sybel, em contradição com outros estudiosos, particularmente Ficker, descreveu a política italiana dos reis alemães como uma ilusão, este período milenar da história tem sido apaixonadamente contestado, como se todas as desgraças do povo alemão fossem exclusivamente atribuíveis a esta fusão de ideias religiosas e políticas, que começou com a coroação do rei franco Carlos Magno.

Depois que a disputa sobre a personalidade de Carlos Magno[409] já foi decidida pelo próprio Adolf Hitler no sentido da concepção Völkische anterior, a luta pela interpretação do Primeiro Reich continua ainda mais acirrada. Em Sybel e Ficker, e isso se mantém até a historiografia nacional-socialista dominante dos dias atuais, não são apenas duas interpretações acadêmicas diferentes da história alemã que se confrontam, mas a perspectiva histórica prussiana, que projeta seus objetivos político-estatais na Idade Média, e a postura universal e pan-germânica do estudioso vienense Ficker. Não são poucos os escritores alemães que consideram a ideia imperial romano-germânica nada menos do que um prejuízo para o conceito de unidade alemã, embora não possam negar que a transferência da coroa romana para o povo alemão esteve simultaneamente ligada ao papel de liderança na história europeia. Isso vai de mãos dadas com uma dura polêmica contra a casa governante dos Habsburgos, que ostentou essa coroa por mais de quatro séculos, mas hoje é designada como a arqui-inimiga da germanidade. Com uma paixão raramente encontrada em outros lugares, essa dinastia é combatida, embora nenhum outro Reich tenha levado a ideia cultural alemã tão ao sul e ao leste quanto precisamente este (ver os assentamentos alemães na Hungria e na Iugoslávia), e embora a Germânia nunca tenha ocupado uma posição culturalmente tão poderosa na Europa Central como na

---

Heinrich Günter, “Das mittelalterliche Kaisertum”, Munique, 1935; Leopold Ziegler, “Das heilige Buch der Deutschen”, Darmstadt, 1925; o mesmo autor, “Das werdende Deutschtum und Rom”, editora C. H. Beck, Munique, 1934:

“Nicht Romablehnung steht hinter der Haltung eines Notker und Widukind, sondern Mangel an Wissen um das Wesentliche.”

“Não é a rejeição de Roma que está por trás da atitude de um Notker e de um Widukind, mas sim a falta de conhecimento do essencial.”

[409]Sobre a questão, cf. a “Sammlung von Beiträgen über Karl den Großen oder Charlemagne”, editora E. S. Mittler, Berlim, 1936

antiga monarquia multiétnica, onde todos os altos funcionários falavam alemão e eram, portanto, obrigados a alinhar-se com a cultura alemã — uma situação que mudou fundamentalmente desde 1918 nos Estados sucessores.

Esta luta contra a ideia do Sacro Reich Romano da Nação Germânica tem sido acompanhada, há várias décadas, por uma deliberada valorização das conquistas culturais específicas do protestantismo, em contraste com as da população católica e, portanto, de toda a Idade Média católica, consideradas insignificantes. Aqueles que examinam cuidadosamente as obras das figuras proeminentes que prepararam essa mentalidade da literatura nacional-socialista reconhecem que, na avaliação do Sacro Reich Romano da Nação Germânica, as concepções históricas da Grande Alemanha e da Pequena Alemanha se opõem, e a rejeição de Roma é uma tendência preconcebida e deliberada. Isso já é indicado pelos slogans sob os quais esses debates sobre a ideia imperial são conduzidos: "*centralismo federalismo; política universal - política nacional; Reich estado; romano - cristão ocidental alemão-nacional-protestante prussiano; o estreito envolvimento com a Igreja e as disputas destrutivas entre o papado e o Reich foram prejudiciais ao desenvolvimento do Estado e do povo alemão; impediram o Estado unitário nacional alemão, enfraqueceram a autoridade imperial e envolveram os alemães em planos ilimitados; os esforços particularistas foram reforçados, as lutas de política externa foram levadas para a vida política interna, o povo alemão foi colocado contra outros povos e a fronteira ocidental ficou em perigo*".

Frequentemente, sob esta visão histórica, apenas os imperadores do Sacro Reich Romano Germânico que se opunham politicamente a Roma são reconhecidos como nacionais, mesmo que, na sua vida familiar, não incorporassem de forma alguma o ideal do caráter alemão. De uma perspectiva cristã, a vida privada de muitos governantes alemães da Idade Média, hoje celebrados como pioneiros do presente, lança sombras profundas. Frederico II era tudo menos alemão. É um mito atribuir-lhe sentimento nacional, pois ele amava o sul mais do que a sua pátria alemã. Henrique IV e Luís da Baviera, como cristãos, também não estavam isentos de grandes erros. Mas quem se liberta de fatores emocionais subjetivos e julga este milénio de história germano-italiana de um ponto de vista mais elevado deve reconhecer que a luta medieval entre o imperador e o papa, por mais que elementos humanos tenham influenciado ambos os lados, não foi

causada pela ambição espiritual pelo poder ou pelo sentimento antialemão do clero romano, mas que, na maioria dos casos, problemas totalmente diferentes e mais profundos estavam por trás disso. De qualquer forma, não está resolvida a questão de saber se, nesses conflitos medievais entre Roma e a Germânia, também estavam em jogo as diferenças entre as concepções estatais e eclesiásticas romanas e germânicas (Sachsenspiegel, Schwabenspiegel). Talvez tivesse sido melhor se, em vez da ilusão da coroa imperial romano-germânica, a unidade política interna das tribos germânicas tivesse formado o ideal de Estado dos governantes da época. Mas ninguém pode voltar atrás na roda da história de acordo com os desejos atuais e exigir que a política estatal daquela época fosse moldada de acordo com as concepções dos séculos posteriores. Inúmeras razões, nem todas religiosas, levaram os príncipes alemães da Idade Média a marchar para a Itália e empreender campanhas para Roma: a consideração de esforços semelhantes por parte dos franceses e ingleses, o papel de liderança na política europeia e os estreitos laços econômicos entre os dois países. De qualquer forma, o grande plano de conquistar os eslavos para o Reich só poderia, nas condições da época, ser realizado com Roma e não em oposição à Cúria Romana. Nada prova isso melhor do que a política de Otão, o Grande, e a fundação da Arquidiocese de Magdeburgo. Sem a política romana dos imperadores, a colonização oriental teria entrado em colapso rapidamente, e a Prússia Ocidental, a Curlândia e a Livônia teriam mais tarde se tornado alemãs e cristãs simultaneamente. Talvez, vista sob esta perspetiva, a fundação do Sacro Reich Romano da Nação Germânica seja o único ato político mundial que trouxe prestígio duradouro ao povo alemão até aos dias de hoje. Nada é tão revelador como o fato de nenhum dos príncipes alemães se ter rebelado contra o papel que a história tinha atribuído aos alemães na Itália naquela época. Pelo contrário, o Sacro Reich Romano Germânico era uma fonte de fé e orgulho evidentes. Portanto, é inadequado projetar as nossas perspectivas políticas atuais no passado para julgá-lo. Nem Widukind, cujo nome está inscrito no Martyrologium Germanicum, nem os Welfs são adequados como heróis nacionais, pois ambos permaneceram inimigos da ideia de unidade alemã e particularistas do governo tribal e da política de poder dinástico. A grande concepção germânica no Reich de Carlos Magno, na qual a subjugação dos saxões era uma “necessidade política”, não conseguiu alcançar a sua plena realização apenas porque foi concebida de forma demasiado grandiosa para uma geração. Assim, estamos perante o fato inegável de que Carlos Magno, a quem

Leopold von Ranke também chama de “executor da história mundial”, está mais profundamente enraizado no coração do povo alemão do que o seu oponente Widukind. Carlos Magno era mais universal; as sagas de muitos povos giram em torno dele, do Oriente à Islândia, as suas energias espirituais se estendem; Widukind, fora do seu antigo domínio na região da Baixa Saxónia, nunca se tornou uma força espiritual, ele nem mesmo abrangia todo o território do povo alemão, e os seus seguidores tribais pagãos não contribuíram nem um pouco para a colonização alemã dos territórios eslavos além do Elba. Era ainda uma consequência natural que, no Sacro Reich Romano da Nação Germânica, no qual diferentes povos e raças estavam unidos em unidade cultural e política, apenas a ideia de Estado *ad Romam* pudesse ter legitimidade. A partir dessa coexistência de diferentes nações no mesmo espaço político, a Germânia acabou por obter vantagens significativas em todos os domínios culturais.

Assim, a magnífica política de colonização alemã foi levada adiante, e a Germânia avançou geopoliticamente precisamente durante esse período. Ao lado dos beneditinos e premonstratenses, na Pomerânia, Mecklemburgo, Brandemburgo e na atual província e reino da Saxônia, os principais promotores da germanização foram os cistercienses. Por meio do cristianismo e de seus mensageiros, o povo alemão cresceu até mais do que dobrar seu território original. Apenas pequenos enclaves linguísticos eslavos em Spreewald e Lausitz, e a origem eslava de duas dinastias principescas alemãs (as de Reuss e Mecklenburg), testemunham a nacionalidade original dessas terras agora alemãs.

A Alemanha tornou-se assim portadora do *imperium universal*, que, através da sua ligação com Roma, abrangia toda a cristandade ocidental; através disso, a cultura alemã espalhou-se por todo o Ocidente e, no apogeu da Idade Média, tornou-se possível uma política de grande espaço económico mundial. Os imperadores foram portadores de uma das maiores ideias histórico-políticas, o *imperium cristão-romano*. A influência dos francos ocidentais foi repelida apenas pela posição preeminente desse imperium.

Toda política de uma nação deve transcender as fronteiras nacionais. Isso se aplica a nenhuma nação tanto quanto à alemã. A história ensinou-nos isso em cada página. Portanto, é um ponto de vista muito limitado e errado lamentar que

os alemães tenham cruzado os Alpes, que tenham se intrometido nos assuntos do mundo romano e, assim, privado a sua pátria e terra natal das suas melhores e mais nobres forças populares. Se a história ensina alguma coisa, ela mostrou claramente que a essência e o significado histórico mundial da germanidade, desde o início, residiam precisamente nessa busca pela capital espiritual e política do mundo. Ao longo de todos os séculos, não houve política mais alemã do que lutar para atravessar os Alpes (ultra montes), não houve política mais alemã do que a romana, a romântica. Ao longo de todos os séculos, os alemães foram para Roma quando eram grandes, quando estavam conscientes da sua vocação, quando eram verdadeiramente alemães, ou seja, Völkischen[410].

Mas a política germânica cristã e romana não é vantajosa apenas para os alemães, mas para o mundo inteiro.

Se se quiser julgar a luta dos Hohenstaufen contra Roma não apenas como um problema político, mas também como um problema religioso-cultural, então não foi apenas uma defesa de Roma contra o cerco alemão ao Estado eclesiástico, mas também uma luta pela essência universal do conceito da Igreja Católica, contra o despotismo dos governantes e a servilidade. Mesmo que nos nossos dias se deseje, com razão, que a historiografia alemã, que nas últimas décadas muitas vezes ficou aquém das exigências do momento devido à falta de paixão política e militância, renuncie a parte da sua objetividade anterior para ganhar um orgulho nacional saudável e justificado e, assim, julgar o curso dos acontecimentos não em sonhos vazios, mas a partir de perspetivas populares, esse esforço não deve ir tão longe a ponto de, em última análise, escrever a história apenas como ela deveria ter sido. Reconhecer erroneamente as necessidades históricas é envolver-se em historiografia ilusória[411], temer a verdade e esticar os desenvolvimentos históricos numa cama de Procusto para negar que o Sacro Reich Romano da Nação Germânica foi de fato a maior ideia

---

[410]Richard von Kralik, em seus “Kulturstudien”, que, embora escritos há 30 anos, são atuais como se tivessem sido redigidos ontem.

[411] “Kämpfende Wissenschaft”, de Walter Frank. Com prefácio do líder da juventude do Reich Baldur von Schirach, Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburgo, 1934. O escrito, formalmente um discurso comemorativo em memória de Heinrich von Treitschke, é ao mesmo tempo um programa daquilo que a revolução nacional-socialista exige da ciência histórica, e uma crítica ao que a geração de historiadores alemães do período pré-guerra — os epígonos de Leopold von Ranke e Treitschke — teria “realizado” para a historiografia nacional.

do ser humano alemão e a criação mais tremenda do Ocidente, cuja universalidade nada mais na Europa pode ser comparado. Isso não significa defender uma glorificação unilateral da Idade Média, que, apesar da coerência de sua visão de mundo orientada pela religião, exibe sombras não insignificantes que nenhuma crítica, por mais inclinada ao romantismo, pode obscurecer[412]. Nenhuma época da história humana pode ser simplesmente apresentada como a era cristã ou católica.

Apenas alguns pensamentos fugazes podem ser expressos aqui, com o objetivo de contribuir para uma discussão mais aprofundada sobre essa difícil problemática. Aqueles que desejarem se aprofundar no assunto encontrarão orientações iniciais na bibliografia fornecida como nota. Também nesta importante questão da avaliação correta de um período tão vasto da história, fica claro que os slogans só confundem o julgamento calmo e imparcial do passado, mas não nos aproximam de uma solução. A história escrita apenas a partir de uma perspetiva partidária-política não é ciência, mas uma tendência inadmissível, como o caso de Geschlochberg provou suficientemente. As campanhas romanas e as cruzadas, nas quais o significado histórico mundial da germanidade se expressa mais claramente, só podem ser criticadas a partir de um ponto de vista estreito e mesquinho-nacional.

Igreja Nacional — Romanismo e Catolicismo. O recém-fundado "Instituto do Reich para a História da Nova Alemanha", em outubro, incluiu, entre os quatro principais planos de trabalho anunciados pelo seu presidente, o professor Walter Frank, a "investigação dos esforços da igreja nacional no século XX". Algumas semanas antes, a revista Nationalsozialistischen Monatshefte (outubro, p. 67) abordou extensivamente os esforços para a criação de uma igreja nacional alemã na Idade Média. Igualmente dignas de nota, por seguirem a mesma linha e direção, são as declarações relevantes na revista *Deutsches Volkstum* (1937), edição 24, "*A Igreja Católica e o Povo Alemão*". Aqui também ressurgem ideias, desejos e esforços que, no povo alemão, não se extinguiram totalmente desde o início do século XX. Trata-se do desejo de uma maior ou mesmo completa independência eclesiástica da Germânia em relação a Roma. Uma

[412]Theodor Steinbüchel, "Christliches Mittelalter", editora Jakob Hegner, Leipzig, 1934.

abundante literatura propagandística garante hoje a disseminação desse mundo ideológico entre as pessoas comuns. Como as pessoas de nosso tempo vivem em sua maioria sem nenhum conhecimento histórico e sem o peso de insights sobre o passado, elas prontamente, sob a influência dessas ideias, dissolvem qualquer continuidade, simplesmente pulando séculos de desenvolvimento histórico[413]. Estas são questões sérias cuja importância não deve ser negligenciada, mesmo nos círculos católicos. Com uma propaganda habilidosa que explora vários erros táticos das autoridades eclesiásticas, uma mentalidade contra Roma poderia ser gradualmente cultivada na juventude alemã, o que, após décadas, poderia se manifestar de forma perigosa. A luta contra Roma tornou-se mais uma vez o grande ponto focal em torno do qual giram os pensamentos de muitas personalidades nacional-socialistas respeitadas em nossos dias. Alguns representantes radicais vão tão longe em suas afirmações a ponto de designar o catolicismo como a morte de sua própria nacionalidade e como uma negação de seu próprio passado e futuro nacional. Já os "Centuriadores" luteranos, que publicaram a primeira história "substancial" da Igreja, viam em Roma um *mysterium iniquitatis*. São bem conhecidas as palavras de Chamberlain, justamente considerado um precursor dessa postura anti-romana, de que a Igreja Romana tem sido, desde o início, o "*escudo e portador de armas de todos os esforços anti-germânicos*"[414]. Os esforços da igreja nacional são, portanto, uma expressão de piedade livre de Roma que corresponde à alma alemã. Um provérbio diz: Em Roma, os povos perecem (Gregorovius).

Assim, a relação entre o cristianismo católico e o pensamento nacional alemão tornou-se, de fato, uma das questões mais prementes do presente. Aqueles que vêem na história apenas um resultado racial-biológico de diferentes povos[415] não terão mais compreensão para as seguintes considerações fundamentais. Para nós, o cristianismo, nesta ou naquela forma de confissão, mas acima de tudo a fé católica romana, tornou-se uma questão de história. Poder-se-ia apontar a esses

---

[413] Alfred Miller, "Rom in der deutschen Geschichte, Tausend Jahre der Tragik", editora Schwertschmiede Verlag, Stuttgart, 1934; a essa literatura pertencem também especialmente os numerosos escritos hostis a Roma da Tannenbergbund (general Erich Ludendorff).

[414] "Grundlagen", p. 515.

[415]Karl Zimmermann, "Deutsche Geschichte als Rassenschicksal", editora Quelle & Meyer, Leipzig, 1934; Johannes von Leers, "Geschichte auf rassischer Grundlage", Reclam, Leipzig, 1934.

representantes o trabalho dos alemães no estrangeiro em esferas culturais católicas estrangeiras, os grandes sucessos de tantas personalidades católicas alemãs significativas que, apesar de anos de separação da sua pátria alemã, não perderam nada do seu sentimento nacional e cujas vidas poderiam quase ser chamadas de uma apologia à síntese do catolicismo e da nacionalidade. Mas esta linha de argumentação mal toca na essência da problemática e permanece superficial; pois mesmo alguns círculos católicos alemães têm, nos últimos anos, expressado pensamentos sobre Roma e a germanidade, a Cúria e o catolicismo, nos quais se esconde uma força perigosa e eruptiva. As principais acusações levantadas pelo campo nacionalista católico contra Roma são as seguintes[416]:

> "Romano e católico é, no que diz respeito à forma atual da Igreja Católica na esfera cultural alemã, uma contradição interna. A romanidade da Igreja Católica manifesta-se hoje num profundo entrelaçamento cultural do rito, da vida e das formas "católicas" com a nacionalidade românica, a cultura românica, o direito romano e a sensibilidade moral e religiosa romano-oriental. A dependência evidente das igrejas nacionais individuais de um centro de unidade eclesiástica, tal como fundamentalmente estabelecido na ideia de uma Igreja Católica, é hoje tão exagerada pela centralização da burocracia eclesiástica em Roma que dificilmente se pode falar de uma igreja nacional alemã com uma certa autonomia e independência em questões eclesiásticas individuais, tais como a liturgia e a disciplina".

Num cristianismo verdadeiramente católico, nenhuma esfera cultural específica, nem a românica, nem a germânica, nem qualquer outra, pode reivindicar ou possuir domínio exclusivo.

O catolicismo do presente é, no entanto, meramente a forma católica da esfera cultural românica.

Este impulso centralizador de Roma resulta numa ênfase excessiva na forma e no formal, numa priorização do espírito romano e, além disso, numa completa

---

[416]Albert Werminghoff, "Nationalkirchliche Bestrebungen im Mittelalter", Stuttgart, 1910; Ulrich Stutz, "Die Eigenkirche als Element des mittelalterlichen germanischen Kirchenrechtes", Berlim, 1895; Karl Henttrich, "Nationalkatholizismus", Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburgo; "Der deutsche Katholizismus im untergehenden und kommenden Reich" (redigido por teólogos católicos [?]), editado por Ernst zu Reventlow, Reichswart-Verlag, Berlim, 1932.

italianização de toda a Cúria Romana, com uma marginalização de todas as outras nações na administração da Igreja mundial.

Através da própria Igreja, através do seu sistema atual, o ser humano alemão é privado de justiça. Todas as reformas e ideias criativas tiveram de ser impostas à Igreja a partir do exterior, através de catástrofes, lutadas e levadas para dentro da Igreja. O Concílio de Trento, que respondeu aos reformadores alemães e continua a ser decisivo até hoje para muitas formas católicas de piedade, regulamentos disciplinares e disposições cultuais, foi, na realidade, um concílio dos românicos. Como muito poucos bispos alemães estiveram presentes no concílio, os esforços de reforma assumiram um caráter predominantemente romano. Através da sua implementação, a Igreja Católica, mesmo na Alemanha, tornou-se em muitos aspectos uma igreja da esfera cultural romana.

Desde 1870, a unidade jurídica no catolicismo tem sido claramente expressa, mas a unidade interna da Igreja foi perdida.

Através desta ênfase excessiva na lei formal e na autoridade eclesiástica externa, o catolicismo aparece na imaginação dos crentes (incluindo amplos segmentos do clero) mais como uma construção jurídica, um sistema de poder mantido pela disciplina, um órgão administrativo hierarquicamente bem estruturado e puramente burocrático, do que como uma comunidade de graça divina e de amor dado e recebido. No exagero do legal e do administrativo, a Igreja "católica" de hoje mostra claramente a sua face romana.

Como tudo é reduzido a uma fórmula uniforme e suave, as ciências teológicas da dogmática, da exegese (interpretação das Escrituras), da história da Igreja e da teologia moral (ética) sofrem particularmente.

Para os cristãos católicos romanos, o domínio do debate e da investigação intelectuais livres foi restringido ao extremo (Reforma do Índice).

As três formas pelas quais a Igreja hoje se manifesta externamente — o direito canónico, o tratamento dos ensinamentos doutrinários e a liturgia — provêm em grande parte da esfera cultural românica e devem ser percebidas pelos povos germânicos como estranhas ao caráter nórdico.

A Igreja Católica Romana, sob pressão política do Estado, fez concessões significativas às comunidades orientais e eslavas numericamente insignificantes, como os coptas, sírios, armênios, maronitas, russos, gregos, croatas, etc., nos seus esforços pré-eclesiásticos, e acomodou-as do seu ponto de vista cultural e jurídico romano — por que razão o mesmo não acontece em relação à nação alemã, com os seus 40 milhões de católicos?

A sensibilidade religiosa e moral germânica tem sido deliberadamente suprimida por Roma ao longo dos séculos, com o objetivo de uniformizar a Igreja mundial num sentido romano.

É difícil condensar estas *lamentationes nationis Germanicae*, como são frequentemente chamadas, que cortam profundamente e ressurgem repetidamente no século passado, em algumas fórmulas curtas. Seria necessário um tratamento minucioso para examinar as acusações em detalhe. Apenas dois pensamentos podem ser destacados aqui, que poderiam servir como pontos de orientação para a avaliação geral do problema de Roma e do catolicismo alemão.

a) A cultura romana e a Igreja estão ligadas apenas de forma contingente, não essencial; portanto, o catolicismo não pode ser designado como a forma romano-latina do cristianismo. Talvez se possa falar de uma ligação essencial no que diz respeito às verdades filosóficas fundamentais da filosofia antiga na sua forma escolástica, mas mesmo aqui há muitos aspectos que não precisam necessariamente de ser realizados em todos os lugares onde o cristianismo avança da religião para a síntese cultural. O espírito germânico também influenciou o desenvolvimento posterior do cristianismo, e a teologia alemã não permaneceu estranha à Igreja universal, mas contribuiu para moldar o desenvolvimento do dogma, da moral e, em particular, do direito canónico[417]. Mesmo antes de Bonifácio, quando a Igreja iro-escocesa, que emergiu da tradição celta-bretã, dominava a Europa Ocidental até ao sul da Itália longobarda através da

[417]Cf. no *Codex iuris canonici* as seções: regulamentação do parentesco, sistema das igrejas próprias (*Eigenkirchenwesen*), votos, legados

> singularidade da sua organização e linguagem cultual, o princípio de autoridade da Cathedra Petri era mentalmente questionado ou fundamentalmente rejeitado por razões nacionais. Não se pode negar, porém, que nos últimos séculos muitos representantes das missões cristãs no exterior careceram da sabedoria e do tato missionário de um Bonifácio em relação à herança popular. A difusão do cristianismo para outros continentes estava demasiado ligada à exportação de valores culturais, políticos e bens económicos da Europa, em vez de pregar o cristianismo entre os povos do exterior em estreita ligação com a sua nacionalidade.

Uma vez que o cristianismo pode alinhar-se com qualquer esfera cultural que não contenha um erro na sua raiz, não deve ser equiparado a nenhuma delas. Nenhuma esfera cultural, seja românica ou germânica, pode reivindicar ou possuir domínio exclusivo numa Igreja mundial sem pecar contra o significado de uma comunidade religiosa de povos. Assim, o cristianismo está envolvido em todos os povos e esferas culturais, animando, penetrando, purificando e esclarecendo. Uma apologia convincente para a fecundidade do cristianismo em todas as possibilidades culturais são os costumes populares que, apesar da comunalidade dogmática, diferem significativamente entre as nações católicas entre alemães, românicos e eslavos[418]. Assim, a piedade individual e popular não é de forma alguma a mesma entre todos os povos. Esta é precisamente a grandeza de uma Igreja mundial: que cada nação pode construir o seu próprio santuário dentro do templo central. Poder-se-ia ainda citar as magníficas obras teológicas da Idade Média alemã, testemunhas da unidade do pensamento católico e nacional. Apesar de todas as polémicas contra Roma, a fé católica em si nunca foi designada como uma intrusão no pensamento estrangeiro da época.

[418]Cf. os excelentes escritos do Prelado Schreiber, Münster; além disso Hans Koren, „Volksbräuche im Kirchenjahr“. Ein Handbuch. 2ª edição, editora Anton Pustet, Salzburg–Leipzig 1938. (Com ilustrações de texto de E. Dombrowski e um apêndice de imagens de costumes religiosos populares); Anton Stonner, „Die deutsche Seele im christlich-deutschen Volksbrauch“. Editora Kösel-Pustet, Munique 1935. Ambas as obras são, involuntariamente, uma apologia do cristianismo em relação ao “movimento de fé alemão”, e de fato uma apologia incomparavelmente melhor e mais eficaz do que os escritos e artigos teóricos provenientes da pena de teólogos protestantes. O “paganismo” germânico não é superado por meio de polêmica irada, mas por meio do reconhecimento amoroso e do cultivo de seu conteúdo natural de verdade, como sempre correspondeu à grande sabedoria pedagógica da Igreja Católica (Friedrich Heiler).

Quando, nos nossos dias, se considera a ideia de uma Igreja nacional alemã, não é raro que se pense que as confissões e as igrejas surgiram apenas devido à contenciosidade e à sede de poder dos teólogos e dos padres, quando, na realidade, apesar das falhas e das sombras humanas, elas são fenômenos historicamente desenvolvidos, espiritualmente preparados há muito tempo e devem ser julgados como tal. Repetidamente, as pessoas para quem a religião é um fato da vida se reunirão em torno de uma confissão, uma bandeira, e orientar-se-ão por ela.

Mas mesmo que as confissões fossem consideradas como algo historicamente desenvolvido, a busca da unidade não conduziria a novas divisões, como uma igreja nacional traria, mas sim a um alinhamento mais próximo dos católicos fiéis com Roma, para melhor afirmar o elemento cultural alemão contra o romanismo.

b) Os esforços da igreja nacional na Idade Média não surgiram de supostas oposições entre os tipos germânico e românico de piedade ou esferas culturais nacionais, mas foram quase sempre de natureza política. (Compare a luta de Tomás Moro sob Henrique VIII.) Foram os teólogos da corte que acompanharam cada época, cada movimento político e forma de governo como seus apologistas e oponentes naturais de Roma. Esses esforços da igreja nacional são alimentados, entre outras coisas, pela alegação de que "a parte germânica da família ocidental de povos tem sido repetidamente maltratada pela Cúria Romana e reprimida em favor da parte românica, especialmente a italiana, que, além disso, hoje, no clima do regime fascista, sucumbe à “magia” do “hipernacionalismo”. Repetidamente, é apontado que a esfera cultural românica ocupa uma posição dominante na liderança da Igreja. Mesmo que não pudéssemos descartar a legitimidade das queixas individuais, uma coisa não deve ser esquecida: a Igreja não pode ser transformada numa federação internacional de povos sem se expor a grandes convulsões. Numa era de ciúmes nacionais, começaria uma luta apaixonada pela liderança suprema da Cúria, pondo em risco qualquer condução calma e objetiva dos negócios. Quem reduzisse a Igreja mundial ao papel de uma federação de povos, que, nos poucos anos de existência, encontrou principalmente dificuldades devido ao seu aparato internacional pesado, sem resolver um

> único problema político sério, estaria enganado. (Compare os gritos inúteis de socorro dos povos minoritários na Europa.) O domínio do segmento da população românica na Cúria é explicado pela localização do centro eclesiástico na Itália e pelas estatísticas confessionais atuais, segundo as quais o elemento românico entre os milhões de católicos em todo o mundo supera significativamente os elementos germânico-germânicos e eslavos (Itália, França, Espanha, América do Sul, Canadá). A América do Norte é uma mistura de povos e raças da qual ainda não emergiu nenhuma nacionalidade distinta. Os seus muitos milhões de católicos, em termos de língua cultual e expressão religiosa, devem ser considerados parte da esfera cultural românica.

Nenhum filho leal da Igreja desejará ignorar as suas sombras[419], mas nunca esquecerá que a Igreja, independentemente da esfera cultural — germânica, românica ou eslava — que atualmente domina, contém dois elementos: um divino, que a protege do colapso e da rigidez nos formalismos através da presença do Espírito Santo no ministério apostólico do vigário de Cristo e dos bispos associados a ele, bem como através de personalidades fortes e religiosamente orientadas que lhe são concedidas de tempos em tempos, ou através de perseguições, das quais sempre emergiu, mesmo que muitas vezes enfraquecida numericamente, mas interiormente aprofundada; e um humano, muitas vezes demasiado humano, que a torna vulnerável às tentações e aos erros humanos, mas que, mesmo assim, continua a ser a Igreja de Cristo, a Igreja que é o Corpo de Cristo, o que significa que ela é a Igreja de Cristo, mesmo que muitas vezes enfraquecida numericamente, mas interiormente aprofundada; e uma humanidade, muitas vezes demasiado humana, que a torna vulnerável às tentações e aos erros humanos, mas que, mesmo assim, continua a ser a Igreja de Cristo, a Igreja que é o Corpo de Cristo, o que significa que ela é a Igreja de Cristo, mesmo que muitas vezes enfraquecida numericamente, mas interiormente apro pessoalidades religiosas orientadoras que lhe são concedidas de tempos em tempos, ou através de perseguições, das quais sempre emergiu, mesmo que muitas vezes enfraquecida numericamente, mas interiormente

[419] Neste sentido, apesar da sua fiel mentalidade eclesiástica, São Clemente Maria Hofbauer queixava-se nos dias do sistema de Igreja estatal de Metternich: „Não se compreende os alemães.“ (Citado segundo Ernst Karl Winter, Anton Günther em „Revista para toda a Ciência do Estado“, 88, 1930, p. 328.)

aprofundada; e um elemento humano, muitas vezes demasiado humano, que vem e vai com a história e, portanto, participa de todas as fraquezas e fragilidades inerentes a tudo o que é humano. Se a influência germânica foi significativamente reduzida dentro da Igreja universal, isso não é menos uma consequência da Reforma alemã, pois até ao século XVI, o elemento alemão muitas vezes teve uma influência predominante em muitos pontificados, que mais tarde foi assumida pelos romanos[420]. É preciso enfatizar repetidamente que a Reforma de Lutero, que teve de ocorrer dentro da Igreja, infligiu a ferida mais profunda ao povo alemão, tanto interna quanto externamente, politicamente, e introduziu um processo de dissolução no próprio cristianismo. A cooperação sacrificial nas grandes tarefas da Igreja pode compensar lentamente este dano, mas não o esforço para separar mais partes do povo alemão da antiga Igreja-mãe, à qual a Alemanha deve a sua cristianização, com base em construções incertas da esfera cultural nacional e dogmas raciais. Os alemães não tiveram um milénio de cultura cristã apenas para afundar hoje na escuridão Völkische de um cristianismo nacional-eclesiástico. Assim como aplicamos a encarnação do cristianismo à doutrina da raça e não o contrário, também devemos dizer que o cristianismo não deve os seus valores duradouros às influências germânicas ou românicas, mas sim que o cristianismo foi o primeiro a trazer a verdadeira formação a ambas. Quem, portanto, realmente deseja o bem do povo alemão deve manter-se fiel ao programa político-cultural do nacional-socialismo, que se baseia no fato das confissões, e garantir que essa tentativa de fundar uma igreja alemã “livre de Roma” ou qualquer outra igreja chamada nacional pertença ao passado o mais rápido possível. Tal nova fundação apenas levaria a uma luta de vida ou morte para as igrejas antigas, incluindo as protestantes, criaria uma terceira confissão ao lado das duas existentes e dividiria para sempre a comunidade do povo alemã, sem qualquer ganho duradouro ou real.

[420] Cf. o meu livro, „O Trabalho Cultural Alemão em Itália“, Editora Aschendorff, Münster 1934."

IV. Conclusão

Fascismo — bolchevismo — nacional-socialismo cristão

A lei suprema de toda consideração intelectual-histórica das correntes espirituais é a exploração das conexões, pois não há ruptura entre os séculos XIX e XX, apenas mudanças. A luta do liberalismo atravessa os séculos em formas em constante mudança, mas é sempre a mesma luta, que, por sua natureza, nunca cessará, porque existe um liberalismo político e cultural cujas formas se sucedem na história. O primeiro foi superado organizacionalmente pelo nacional-socialismo, mas o segundo, que se estende da segunda metade do século XIX até o nosso presente, só pôde ser erradicado através de um cristianismo aprofundado da vida espiritual alemã. Quando o marxismo, o filho rebelde do liberalismo político e cultural, faliu no Reich, uma onda perceptível de sensibilidade religiosa varreu as massas, que antes haviam empobrecido espiritualmente com a sua impiedade. Este surto não deve encalhar no banco de areia de uma nova doutrina de salvação concebida como um substituto do cristianismo. Portanto, toda tentativa de construir uma filosofia ou visão de mundo separada do nacional-socialismo, como também prova a última obra do professor Hans Heyse, de Königsberg[421], termina em pura mundanidade, pela qual se ignora completamente ou se esconde deliberadamente que a mundanidade mais pura é representada pelo bolchevismo. Essa deificação do mundo, invocando a suposta espiritualidade grega e nórdica ou o programa do partido nacional-socialista mal compreendido ou falsamente interpretado, aumenta a confusão conceitual geral, obscurece frentes claras e põe em risco a paz interior do nosso povo alemão.

O nacional-socialismo não é um acidente, não é invenção de homens individuais, não é de forma alguma uma revolução radical, mas foi preparado há muito tempo na essência alemã e no seu desenvolvimento. Pertence firmemente ao leito da história alemã e está enraizado no seu passado.

[421]"Idee und Erziehung". Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburgo, 1936.

Rosenberg afirma, com razão, que o nacional-socialismo não traz ideias absolutamente novas[422]. Aqui também se aplica o ditado de Eclesiastes 1:10: *"Não há nada de novo debaixo do sol, e ninguém pode dizer: eis que isto é novo, pois há muito tempo já existia nos tempos que nos precederam"*. Pode-se encontrar paralelos na história intelectual alemã do século XIX para muitas coisas dos nossos dias[423]. Mas, em todo caso, no despertar nacional do Terceiro Reich, há uma concentração habilidosa e integração sistemática de ideias filosóficas, religiosas e históricas pré-existentes com a ideia de unidade política nacional, que, em si mesma, não precisava necessariamente estar ligada a elementos da visão de mundo. Mas, uma vez que a ideia de raça e nacionalidade constitui o cerne de todo o sistema nacional-socialista, poderíamos ser tentados a dizer, com Will Vesper[424], que "*o nacional-socialismo é a ideia mais simples do mundo*".

Mas a questão não é assim tão simples, pois os atuais escritores nacional-socialistas de renome e as figuras intelectuais pioneiras, a quem os primeiros devem muitas das suas ideias, muitas vezes falam sem se entenderem entre si e também sem se entenderem com o programa do partido. Eles falam com as mesmas palavras, mas conceitos diferentes estão ligados a elas, mesmo que externamente pareçam significar a mesma coisa. Devemos, portanto, primeiro eliminar a ambiguidade conceitual criada pela filosofia alemã das últimas décadas e restaurar o verdadeiro significado das palavras e conceitos de sangue, fé, visão de mundo, raça, povo e nação, a fim de chegar a uma postura fundamental em relação ao nacional-socialismo.

Devemos procurar as causas não apenas em épocas distantes e abstratas, mas também na vida intelectual que nos é irresponsavelmente próxima. Todos os elementos essenciais do nacional-socialismo aparecem mais cedo, e quase todas as ideias que pareciam revolucionárias por volta de 1933 já estavam presentes de forma embrionária na década de 1890. Naquela época, a crise da consciência religiosa alemã no mundo educado também se instalou e teve seu efeito até o presente. Essa crise religiosa, que hoje abala o ser humano alemão, não foi provocada pelo nacional-socialismo. Como fenômeno latente, ela estava

[422]"Das Wesensgefüge des Nationalsozialismus", p. 5–10.
[423]Cf. a exaltação de Ulrich von Hutten pela corrente católica alemã de Johannes Ronge (Heinrich von Treitschke, "Deutsche Geschichte", vol. II, p. 691)
[424]Revista "Die neue Literatur", janeiro de 1934.

presente muito antes, sobretudo no protestantismo (alienação das massas e do mundo culto da igreja). É o processo de dissolução do protestantismo liberal, no qual a religião de Cristo, em completo contraste com a religiosidade de Lutero, afundou na história e a teologia na ciência[425].

Desde que o húngaro David Friedrich Strauss, com a sua *Vida de Jesus* (1835) e *A Velha e a Nova Fé* (1872), abalou os fundamentos da crença cristã no protestantismo, esta crise nunca cessou, pois Strauss exerceu uma profunda influência nos descendentes, incluindo a postura de Nietzsche em relação ao cristianismo.

Para cada afirmação religioso-cultural na literatura nacional-socialista dominante, era possível encontrar um paralelo num professor de teologia liberal (Harnack, Delitzsch, Drews, Gregmann, Dunkel). Filosoficamente e literariamente, este ponto de viragem estava, assim, preparado. O elemento nórdico-germânico e a questão racial também tinham os seus defensores. Assim, um dia, essa crise teve que eclodir. O nacional-socialismo, com a sua força eruptiva, teve apenas a tarefa de detonador.

O reconhecimento das conexões nas quais esse novo mundo surgiu leva a uma análise aberta e livre da culpa que a geração anterior tem por esse colapso. As perguntas dessa nossa culpa seriam: a Europa, por meio dos tratados de paz de Versalhes e St. Germain, que são nomes para um crime metafísico contra o povo alemão e, portanto, contra todo o Ocidente, confirmou essencialmente o radicalismo da nação alemã oprimida? Não carregava cada tratado que reconhecia essas formas já em si a semente de uma nova agitação? Por outro lado, a grande ideia nacional estava tão sobrecarregada com o peso da visão de mundo que nem sequer chegava aos alemães? A grande lição da época, através da qual o eterno brilha, teria de ser a purificação e o afastamento do supérfluo, o tornar-se farisaico pelas bênçãos do cristianismo na esfera cultural germânica e a coragem de se concentrar no essencial.

Em todos os movimentos revolucionários da história, sempre houve equívocos e explosões de elementos irresponsáveis. Nenhum estadista ou líder político pode impedir que aspirações, há muito latentes e em parte já ultrapassadas, mas até

[425]Gerhard Kuhlmann, “Die Theologie am Scheidewege”, editora J. C. Mohr, Tübingen, 1935.

então ocultas na obscuridade, entrem na esfera pública durante um período de transformação, acreditando que a sua hora de colheita chegou. Esse perigo era ainda maior com o nacional-socialismo, para o qual milhões de marxistas migraram sem qualquer evidência de esforços educacionais entre essas massas no sentido de um cristianismo positivo. No entanto, a tarefa de todos os homens e mulheres verdadeiramente cristãos e de pensamento alemão é ainda mais responsável e sagrada: enfrentar esse perigo em todos os lugares com um compromisso com o essencial, conter a intrusão de um liberalismo cultural e, por meio de um trabalho abnegado, apesar de todas as decepções, abrir caminho para um esforço construtivo cristão-nacional-socialista, de modo que os fenômenos e excessos que o acompanham não possam ser elevados a componentes essenciais do programa nacional-socialista. O nacional-socialismo levanta ainda mais uma reivindicação de totalidade, a exigência da penetração completa em todos os aspectos da vida nacional e, assim, afirma ser uma visão de mundo. Muitos apoiantes viram nesta reivindicação a semente de um conflito inevitável com o cristianismo historicamente dado e um obscurecimento da amizade com a Igreja Católica estabelecida pelo Concordato. Um conflito prolongado entre a revolta nacional, que é de importância decisiva para todo o Ocidente além do Reich alemão, e a religião historicamente dada seria, no entanto, não só catastrófico para o Reich alemão, mas, tendo em conta a ameaça bolchevique, um perigo imenso para toda a cultura ocidental.

De acordo com o programa bolchevique anunciado em janeiro de 1924, esse conflito é um dos pré-requisitos para o avanço comunista na Europa. Quem quer que tente eliminá-lo está, portanto, a trabalhar contra a revolução comunista. Antecipando claramente essas possibilidades de desenvolvimento, Adolf Hitler alertou contra a confusão entre política nacional e crise religiosa e declarou que aqueles que cometem esse erro são os maiores inimigos do povo alemão (Mein Kampf, p. 113), rotulando os destruidores do que é historicamente dado como tolos e criminosos, enquanto nada melhor for encontrado (p. 294), condenando o antigo movimento “Longe de Roma” com base no argumento de que os ensinamentos e instituições religiosas de um povo devem ser invioláveis para um líder político (p. 127) e equiparando um ataque ao sistema doutrinário de uma religião a um ataque aos fundamentos legais do Estado, uma vez que o primeiro leva à anarquia política e o segundo ao niilismo religioso sem valor (p. 631).

Por outro lado, uma vez que cada época se esforça por desenvolver uma forma espiritual unificada a partir de uma situação intelectual abrangente, surge a questão para a geração atual: é possível combinar o conhecimento e a vontade do presente com a grande tradição espiritual e religiosa do Ocidente? Porque acreditamos no valor e na necessidade absoluta desta ligação entre o cristianismo e a germanidade e lutamos por ela, apoiamos inequivocamente as declarações do líder da revolução alemã. Se essa síntese falhar devido à inadequação humana, então graves convulsões espirituais se aproximariam: nesse caso, de acordo com a previsão humana, a revolução bolchevique, como a mais radical, assumiria a liderança histórica até que, por meio de forças contrárias que talvez não precisassem mais emergir da esfera cultural ocidental, um novo equilíbrio fosse formado. Nós, como cristãos, acreditamos que esse novo equilíbrio também seria determinado pelo cristianismo, embora seja concebível que esse cristianismo não tivesse mais o seu centro na Europa. Mas essas são perspectivas distantes. A nossa tarefa imediata, em qualquer caso, reside em lutar pela germanidade e pelo cristianismo no Ocidente.

Portanto, esclarecer os conceitos de totalidade e visão de mundo contribuiria significativamente para acalmar os ânimos. Totalidade, como programa, significa o domínio completo de uma ideia sobre todas as áreas da vida. Trata-se, inicialmente, de uma fórmula muito geral, cujo conteúdo concreto deriva apenas dos interesses vitais da própria nação. A totalidade do Estado poderia, por exemplo, levar a uma interpretação que colocaria em risco os interesses vitais do povo alemão se outras nações levantassem a mesma exigência e, em nome da totalidade, um Estado não alemão destruísse a existência física e espiritual de um grupo étnico alemão. Contra essa interpretação da totalidade do Estado, os grupos étnicos alemães no espaço da Europa Central defendem-se hoje com razão, e os teóricos nacional-socialistas dos direitos étnicos declararam, portanto, a nacionalidade como a substância fundamental da história. Em contrapartida, a ideia de totalidade era inteiramente justificada noutro sentido, nomeadamente no sentido de unir todas as forças nacionais em torno do que é mais importante na luta da nação alemã pela autopreservação, como a igualdade jurídica e militar entre os povos, a recuperação da região do Sarre, a criação de emprego, a reorganização do Reich e questões semelhantes.

A palavra cosmovisão, como já explicado no Capítulo III, Seção 2, é usada num sentido mais amplo e mais restrito. No sentido mais amplo, ela também denota uma postura política, o alinhamento de toda a personalidade em direção a objetivos concretos; no sentido mais restrito, refere-se à totalidade dos pensamentos sobre o propósito da humanidade. Quando se fala hoje de uma visão de mundo nacional-socialista e se adere às palavras anteriormente citadas do líder da revolta alemã, uma visão de mundo nacional-socialista só pode ser entendida como um sistema político-sociológico, com ênfase em questões práticas-éticas. Se a palavra visão de mundo é de fato usada apenas neste sentido mais amplo, não há nada a objetar nesta designação. O termo torna-se problemático apenas quando se destina a denotar um sistema doutrinário que responderia à totalidade das questões sobre a origem e a interligação da alma do universo e a posição da humanidade.

No meu livro, não são os oradores sensacionalistas dos comícios que têm voz, que prosperam com os radicalismos em todos os partidos, mas sim as principais figuras literárias do nacional-socialismo que defendem a sua visão do mundo como uma teologia com seriedade, consistência férrea e determinação irresistível. Esses homens falavam connosco na sua própria língua. Visto de uma perspectiva intelectual e histórica elevada, essa visão de mundo, que alguns representantes hoje associam ao nacional-socialismo, é a consequência necessária do processo de dissolução religiosa na Europa, que começou em meados do século XIX e afetou mais o protestantismo do que a Igreja Católica. Isso pode ser designado como materialismo, que penetrou em todas as áreas da cultura (historiografia, medicina, filosofia, conceitos jurídicos, questões sociais). O século XX colheu os frutos das aberrações do marxismo. Não seria, portanto, profundamente lamentável se, no nacional-socialismo, que busca finalmente conceder ao povo alemão uma ideia de Estado nacional unificado após séculos, os erros religiosos, filosóficos e históricos do liberalismo cultural destruíssem essa ideia nacional, de modo que, no final de todo o desenvolvimento, se não for redirecionado atempadamente para outros canais, não surgisse um cristianismo positivo, mas um Estado não cristão, no qual a religião de Cristo não fosse mais uma força que molda a vida e cria cultura, mas um arcaísmo de tempos passados?

Nos círculos católicos e protestantes, o político nem sempre foi separado do elemento da visão de mundo no nacional-socialismo. Acreditava-se ainda que esses esforços se limitavam a combater a profundamente lamentável divisão confessional do nosso povo alemão, que deveria ser superada por uma ênfase mais forte nos três conceitos de raça, nação e comunidade do povo, enquanto, na realidade, trata-se de questões fundamentais do cristianismo, uma vez que a política também abrange a visão de mundo. Portanto, em várias obras da literatura clássica de liderança do nacional-socialismo, os caminhos da visão de mundo do século XIX são encontrados em uma formulação concisa. Se esse programa de reforma, que em todos os aspectos contradiz o Artigo 24 do programa nacional-socialista, fosse incutido nos corações da juventude alemã por apenas dez anos, sob essa aparência sedutora e nessa expressão cativante do nacionalismo moderno, que hoje domina cada vez mais todos os povos da Terra, então o cristianismo perderia a geração emergente na Europa, mas não encontraria jovens entre os seus oponentes. Isso também resolveria automaticamente a questão das associações e organizações. Portanto, o machado deve ser colocado na raiz para separar a grande ideia nacional dos esforços de visão de mundo com os quais ela não tem nada a ver. Em outras palavras, o essencial no nacional-socialismo deve ser reconhecido e valorizado em seu impacto sobre uma Alemanha cristã. Duas coisas devem ser cuidadosamente distinguidas. O nacional-socialismo em si é um movimento político que, desde que os meios não violem a lei natural e a lei moral, não pertence ao fórum da Igreja em seu esforço de unir os alemães no espaço europeu. Se esses alemães, espalhados por muitos estados, isolados da maioria e muitas vezes violados nos seus direitos naturais à sua língua materna e cultura, um dia se unirão para criar um grande Reich que determinará o destino da Europa, como o Sacro Reich Romano da Nação Alemã fez durante séculos, isso, nas condições acima mencionadas, inicialmente não teria nada a ver com questões religiosas.

No entanto, surge um quadro totalmente diferente quando se consideram as seguintes palavras de uma figura proeminente neste contexto[426]:

> “Tudo é ofuscado pelo confronto de visões de mundo, no início do qual nos encontramos agora. Um grande movimento só pode prevalecer a longo prazo se possuir uma base sólida de visão de mundo, se certos juízos de valor surgirem dessa

[426]“Nationalsozialistische Monatshefte”, número de setembro, 1934

> visão de mundo que dão a todas as áreas a sua marca característica. É compreensível que essa visão de mundo seja combatida com particular veemência por aqueles que acreditavam que só precisavam agir politicamente, dada a magnitude da virada histórica. Aqui, é particularmente importante moldar os fundamentos da visão de mundo nacional-socialista com clareza interior e tenacidade inabalável por meio do treinamento coletivo de todos os setores do movimento, para solidificar a unidade e a coesão internas e educar de forma intransigente a juventude para as grandes tarefas do futuro alemão."

Se o nacional-socialismo é assim entendido no sentido de um sistema de visão de mundo, como várias obras da sua literatura principal se esforçam por fazer, em contraste com o programa, então aqueles apoiantes que, apesar da sua postura nacional, são e desejam permanecer cristãos leais e convictos têm o direito de ter uma palavra a dizer, não apenas por razões dogmáticas, mas porque diz respeito a questões que, se não forem contidas a tempo, enfraquecerão inevitavelmente a ideia nacional no seu ímpeto conquistador e na sua força moral expansiva na esfera alemã a longo prazo. O fascismo também sofre de algumas ambiguidades de visão de mundo nas áreas filosófica e político-estatal, mas esse fenômeno acompanhante nem sempre se manifesta fortemente, pois os românicos, ao contrário dos alemães, muitas vezes carecem da consistência sistemática e férrea no pensamento e na ação em benefício da sua própria nação[427].

Assim, tudo se transforma numa luta pela essência mais profunda do próprio nacional-socialismo. Será que a ideia nacional, que em si mesma é uma causa necessária e sagrada, só tem realmente futuro se estiver ligada a uma visão de mundo panteísta no sentido de Goethe, ou será que conseguirá regressar àquela grande linha que o próprio Hitler, como único intérprete autorizado do movimento, delineou na sua obra Mein Kampf para a relação entre religião e política?

Para muitos, o nacional-socialismo aparece como o início de uma virada europeia, na qual a liderança cultural até então "românica" do continente será substituída por uma germânica, como o fenômeno revolucionário de todos os esforços que, através de Lutero, Frederico, o Grande, Goethe, Kant e o

[427] Com a nova reforma do ministro da educação Cesare Maria De Vecchi, parece que também a formação filosófica da juventude universitária foi orientada para novos rumos

Romantismo Alemão, carregam fortes afetos anti-romanos, como um movimento no qual a política e a economia são secundárias ao despertar do ser humano germânico, que vê a sua religião na formação de uma visão de mundo a partir da sua própria essência, "*livre da tutela secular da cultura romana*". Mas será que um despertar político-nacional da germanidade deve realmente significar uma antítese necessária ao catolicismo? Assim, a confusa religião dos professores do neopaganismo germânico, como toda reconstrução religiosa e histórico-racial da visão de mundo, é o calcanhar de Aquiles do nacional-socialismo.

A frase "um espírito de reforma sopra na Alemanha" é, portanto, inadequada. Ela ignora o essencial, pois os objetivos finais dos confrontos intelectuais do liberalismo cultural são muito mais profundos. Igualmente falsa é a noção de que, nessa luta, apenas o catolicismo seria prejudicado. Após alguns anos do impacto da nova visão de mundo, o mundo intelectual de Lutero e, consequentemente, a Igreja da Reforma, também se dissolveriam no nada para o povo alemão[428].

O nacional-socialismo não é, de forma alguma, equivalente ao bolchevismo[429] do Oriente, mesmo que partilhe com ele vários elementos organizacionais do Estado, tais como a pretensão de totalidade, que aqui procura abranger as pessoas, a impossibilidade de distinguir entre a vontade do Estado e a do partido, o monopólio da propaganda pública e a crença na importância central

---

[428]São dignas de nota as seguintes afirmações na revista de uma cosmovisão nórdica "Flammenzeichen", 8, 1934, nº 30, Leonberg, Stuttgart:

"Geistig gesehen, müssen uns so die gotischen Dome, die im Raume Europas stehen, mehr oder weniger als Ruinen vorkommen, in denen allerdings immer noch und vielleicht noch auf länger hinaus gewisse religiöse Gefühlsinhalte zum Ausdruck kommen, die aber nie und nimmermehr die Kraft haben, etwas Neues zu bauen, die weiterleben wie eine Erinnerung aus vergangenen Zeiten, aber keine gestaltende und befreiende Kraft mehr haben. Die Gegenreligion Moskaus nimmt das Christentum des Westens nicht mehr ernst, mit Recht, von hier droht ihm keine Gefahr mehr."

"Do ponto de vista espiritual, as catedrais góticas que se erguem na Europa devem nos parecer, mais ou menos, como ruínas, nas quais ainda — e talvez por mais tempo — se exprimem certos conteúdos religiosos, mas que jamais terão a força de construir algo novo; sobrevivem como uma lembrança de tempos passados, sem possuir mais qualquer força criadora ou libertadora. A contrarreligião de Moscou já não leva mais a sério o cristianismo do Ocidente — com razão —, pois dele já não ameaça perigo algum."

[429]Waldemar Gurian, "Bolschewismus als Weltgefahr", editora Via-nova-Verlag, Lucerna, 1935, e "Der Bolschewismus, Einführung in Geschichte und Lehre", editora Herder, Freiburg, 1931.

da ordem e do poder político-social, que é elevado ao centro de toda a existência. Mas enquanto o bolchevismo russo é essencialmente antirreligioso e desvaloriza o conceito de família[430], o nacional-socialismo, de acordo com o artigo 24.º do seu programa, procura permanecer em terreno religioso, mesmo que o conceito de religião não seja inteiramente tomado no sentido da tradição, mas todos os conteúdos intelectuais e religiosos apareçam mais a partir de perspetivas políticas. Sem dúvida, certos pontos de perigo estão associados a isso, pois em todos os movimentos políticos, culturais e religiosos da história, uma ala esquerda e uma ala direita disputam o domínio exclusivo. Esta é uma lei eterna da história da qual nenhum movimento ainda escapou. Enquanto a ala direita ainda pensa em ideias conservadoras nacional-cristãs, outros lutam por uma espécie de deificação da humanidade — não como personalidade individual, mas na comunidade do povo — uma elevação ao trono do político-social, da nação e da raça ao absoluto, ao poder divino, ao único portador e expressão de um mito nacional. Assim, por trás do nacional-socialismo, assim que esvazia o conceito de cristianismo positivo do seu conteúdo lógico-cosmológico e reverte para o liberalismo cultural, espreita o mesmo perigo, porque em ambos os movimentos, a redução de toda a atividade humana à luta pelo poder é o elemento de ligação.

O nacional-socialismo também não é, de forma alguma, um fascismo germânico, mas distingue-se dele pela elevação dos conceitos de raça e povo aos valores mais elevados, embora o ideal fascista pudesse influenciar o movimento nacional da Alemanha em muitos aspectos da sua concepção heróica e político-estatal da vida[431]. O fascismo, apesar da conceituação de Mussolini[432], não é um substituto da religião, não é uma visão de mundo no sentido de uma política religiosa, mas uma postura de batalha contra Rousseau e

[430] Pensamentos valiosos sobre família e casamento, em parte de inspiração cristã, são expressos por Florentine Hamm, “Die Frau in Deutschlands Niedergang und Aufstieg”, “Nationalsozialistische Monatshefte”, 22, 1932, p. 1–19.
[431] Peter Burger, “Faschismus und Nationalsozialismus, ein Vergleich der geistigen Grundlagen”, editora Reinhold-Verlag, Viena, 1934; Franco Valsecchi, “Das moderne Italien. Politische Geistesgeschichte seit 1900”, Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburgo, 1934; Otto Bangert, “Deutsche Revolution. Ein Buch vom Kampf um das Dritte Reich”, p. 108–173, editora Franz Eher Verlag, Munique, 1931.
[432] “Der Faschismus ist eine religiöse Weltauffassung, darin der Mensch gesehen wird in seiner ihm innewohnenden Beziehung zu einem höheren Gesetz, zu einem objektiven Wissen, welches das Einzelindividuum übersteigt und es zum Bewußtsein seiner geistigen Gemeinschaft erhebt.” Vol. 14 da “Enciclopédia Italiana”. O fascismo de Benito Mussolini coincide em parte com o “conceito do político” de Carl Schmitt.

a igualdade e soberania popular proclamadas em 1789. Alguns pesquisadores afirmam: a italianidade e a catolicidade juntas formam a totalidade real do fascismo. O indivíduo germânico, no entanto, ainda não encontrou um equilíbrio em todas as tribos germânicas entre a sua alma religiosa e o catolicismo, que também contém elementos do mundo cultural romano. Em termos intelectuais e históricos, o nacional-socialismo como corrente espiritual está mais próximo da Action Française, com a qual partilha vários ensinamentos rejeitados pela Igreja[433]. Assim, em relação ao nacional-socialismo, não se trata de uma rejeição fundamental ou de uma postura puramente negativa, pensando nas categorias políticas de uma era passada, ou de uma resignação ao cristianismo positivo estabelecido no programa do partido. Somente num trabalho sério para libertar este movimento revolucionário único no povo alemão de elementos que não devem estar intrinsecamente ligados ao conceito de nação e à ideia social reside o destino do futuro alemão na Europa. Quanto mais cedo essa separação entre o político e a visão de mundo for realizada, mais rápido a paz retornará ao povo alemão e, com ela, o perigo de uma nova intrusão das correntes bolcheviques, que aguardam dificuldades políticas internas de natureza económica para substituir o legado de um nacional-socialismo em declínio, que foi chamado à grandeza na história alemã, por um reinado de terror.

Ninguém no campo católico nega os aspectos positivos, grandiosos e duradouros que residem neste movimento, que abordou novos problemas e levantou questões que o cristianismo deve abordar para encontrar uma síntese moderna entre a germanidade e a fé.

Os católicos alemães estão cheios das melhores intenções de afirmar a nova Alemanha, desde que a sua construção, no seu regresso, não seja apenas um afastamento do liberalismo político, mas também do liberalismo cultural; pois, ao longo da história, o liberalismo da visão de mundo sempre foi o terreno fértil para posteriores convulsões políticas. O comunismo e o marxismo não se fortaleceram nas partes da Alemanha que ainda estavam firmemente ligadas ao cristianismo em sua visão de mundo, mas em todos os lugares onde toda a vida eclesiástica dos católicos e protestantes havia sido secada pelo liberalismo

[433] Hans Naumann, “Charles Maurras und die Weltanschauung der Action Française” (“Studien und Bibliographie zur Gegenwartsphilosophie”, vol. 13), editora S. Hirzel, Leipzig.

décadas antes. Os católicos alemães do Reich, na sua lealdade ao povo e ao Reich, não são superados por ninguém e afirmam a revolução nacional-socialista, que foi um julgamento da era da separação e dissolução individualistas, um retorno à eterna ordem criativa divina, à comunidade de sangue e destino dos alemães e à essência popular. Eles veem neste movimento a poderosa unificação e consolidação das forças portadoras do Estado, uma forte responsabilidade de liderança, na qual a ficção liberal-democrática da autogovernança do povo foi substituída.

O caminho, no entanto, para evitar prejudicar a ideia de unidade nacional, apesar das aberrações dos elementos radicais de esquerda, é apenas aquele que o fascismo também tomou, que inicialmente absorveu doutrinas perigosas, mas depois, através de táticas habilidosas, desmantelou a intrusão das ideias da visão de mundo do filósofo Gentile, porque elas não eram úteis, mas, a longo prazo, totalmente prejudiciais ao objetivo final do partido de comunidade do povo e unidade de todos os cidadãos do Estado.

A Sociedade Italiana de Filosofia, sob a liderança de Giuslano, lançou uma campanha contra o idealismo de Gentile para provar que a visão de mundo de Gentile não é a única compatível com o fascismo, como o próprio Gentile procurou demonstrar há dez anos. A nova filosofia italiana colocará a personalidade em primeiro plano e será animada pelo espírito religioso. Se aplicarmos essas observações ao nacional-socialismo alemão, chegamos às seguintes conclusões:

Quanto mais o elemento mítico da clareza recua no movimento nacional-socialista, mais rapidamente ele pode tornar-se o grande partido nacional cristão da unidade dos alemães, superando todas as inibições e diferenças, permitindo que cada indivíduo encontre felicidade e paz no coração na sua visão religiosa do mundo. Só então a permanência e o futuro estariam assegurados, e todos os conflitos de consciência eliminados, tornando supérflua a questão de saber se um cristão convicto pode, com a consciência tranquila, ser e permanecer um apoiante convicto deste partido sem entrar em conflito com os ensinamentos da sua religião.

O movimento nacional-socialista, que no seu início era apenas um ponto de encontro para várias tendências conservadoras, progressistas e nacionais, por assim dizer, um movimento de protesto, perde grande parte da sua força coesiva interna original devido aos radicalismos de visão de mundo, especialmente entre os alemães no estrangeiro.

A ideia nacional e racial, como explicado nas seções anteriores, seria em si mesma compatível com o cristianismo, desde que esses dogmas fundamentais não fossem estendidos à esfera religiosa — um perigo que é ainda mais ameaçador porque, desde o início do movimento em solo austríaco, fortes sentimentos antieclesiásticos e, mais tarde, anticristãos ressoaram dentro dele. Eliminá-los ou, pelo menos, contê-los é uma questão de destino para todo indivíduo que se sente alemão.

Se o movimento nacional-socialista não partir de considerações puramente político-estatais para seguir os caminhos do fascismo a fim de superar essa crise interna de visão de mundo, então aqueles que designam a essência do nacional-socialismo como anticristianismo terão razão, não esperando nada de bom dele para toda a Europa[434]. Seria uma perda imensa, no entanto, se um movimento que inicialmente exerceu um impacto tão tremendo acabasse por definhar na sua ânsia de conquista devido a lutas e confrontos ideológicos supérfluos, em vez de armar espiritualmente a interconexão cultural e fatídica de todos os alemães contra um mundo de inimigos da herança e do futuro alemães. A ideia de unidade nacional não deve ser obscurecida por neoconstruções de visões de mundo que destroem toda a herança cultural cristã e roubam a paz religiosa. Só assim se pode evitar o perigo de que todo o movimento acabe por se tornar um puro materialismo sem cultura espiritual.

Muito se tem falado sobre um limes Romanus, cujos componentes também incluem muitos fenómenos religiosos e culturais da história alemã no seu poder transitório. Talvez se possa também falar de uma linha do Elba, que pode ter um significado não menos importante para o desenvolvimento religioso do povo alemão. Grandes movimentos como o nacional-socialismo não são apenas a conclusão de décadas de trabalho preparatório sobre as ideias do passado, mas

[434]Henri Cazelles, “Église et État en Allemagne, de Weimar aux premières années du III. Reich”, Rousseau & Cie., Paris, 1936; numa linha intermediária, sem polêmica, move-se a obra do italiano Mario Bendiscioli, “Germania religiosa nel III. Reich”, Morcelliana, Brescia, 1936.

também um sério exame de consciência para os portadores do cristianismo na Europa, se eles não foram parcialmente responsáveis, por meio de exageros nacionais em outros estados, pelo fato de a nação alemã ter chegado a uma concepção radicalizada da ideia popular. O nacional-socialismo é também uma questão para todas as pessoas sinceras do mundo de língua alemã: se no passado se empenharam verdadeiramente em trabalhar para alcançar aquele equilíbrio entre as concepções cristã e nacional da vida, que a Igreja de Bonifácio e Carlos Magno alcançou de forma tão admirável.

Onde ainda se encontra a ideia cristã no direito internacional na Europa de hoje? Onde na economia financeira dos Estados? Ainda existe uma diferença significativa entre as concepções morais político-estatais e os métodos de trabalho diplomáticos dos povos europeus com séculos de cristianização e os das nações puramente pagãs? Por que é que a ideia nacional supera todas as concepções anteriores entre todos os povos e pode inspirar a juventude de uma forma quase fanática? Será que a religião cristã perdeu o seu poder conquistador na vida dos povos? Será que pensar e agir a partir da herança cristã se tornou privilégio de alguns círculos de indivíduos espiritualmente particularmente sensíveis, enquanto a secularização da vida pública e privada, que cresceu de forma alarmante desde meados do século XIX, abrange todas as áreas?

Assim, como o cristianismo, mesmo após 20 séculos, continua e deve continuar a ser a fonte viva de força, uma síntese moderna de ideias cristãs, sociais e nacionais continua a ser o grande objetivo, cuja realização valeria verdadeiramente o suor do mais nobre do povo alemão. O filósofo cultural Richard von Kralik, que durante os seus estudos em Berlim, quando jovem, sob a influência de Treitschke, foi atraído por ideias que hoje são parcialmente designadas como nacional-socialistas, foi um dos primeiros, no período particularmente turbulento da década de 1890, a reconhecer e valorizar essa conexão e harmonização entre a cultura antiga, cristã e germânica. Para ele, que em muitos aspectos estava à frente do seu tempo, a alta germanidade continuava a ser o pináculo da formação e educação alemãs, que ele nunca abandonou, apesar das suas convicções cristãs. Tais caminhos nada têm a ver com os construtores de pontes que, sem primeiro considerar as obras decisivas da literatura clássica de liderança e, acima de tudo, os precursores espirituais deste movimento, e sem separar o político da intrusão posterior da visão de mundo,

procuraram descobrir ligações entre o nacional-socialismo e o cristianismo em toda a parte. O objetivo de indivíduos com consciência nacional e cristã-religiosa deve ser totalmente diferente, ou seja, um movimento nacional-socialista que se restrinja ao puramente político e deixe o trabalho pastoral da visão de mundo para os representantes autorizados das duas confissões, em outras palavras: um nacional-socialismo essencialmente cristão, no qual o dogma racial é removido da esfera cultural e limitado ao campo da higiene e do bem-estar social popular[435], sem aspirar a ser uma visão de mundo que, para o indivíduo profundamente sensível, não poderia de forma alguma substituir a religião e o cristianismo. Assim como a secularização e a politização da religião devem ser evitadas, o mesmo deve acontecer com qualquer religiosização de um programa político.

A única possibilidade num sistema estatal confessionalmente misto é este caminho, que deixa a religião fora do programa político, com essa limitação às áreas extra-eclesiásticas determinadas pela consciência religiosa. Portanto, católicos e protestantes devem rejeitar fundamentalmente a extensão excessiva dos conceitos de nação e comunidade do povo que visa a destruição completa da confessionalidade, pois esta última supostamente torna a unificação nacional do povo alemão impossível ou, pelo menos, mais difícil. O antigo exército imperial alemão nunca sofreu, em sua gloriosa história, muito menos na Guerra Mundial, em sua confiabilidade patriótica nacional, embora os soldados pertencessem a

---

[435] As palavras do então vice-chanceler Franz von Papen em Gleiwitz (1934) não perderam nada de sua atualidade mesmo após dois anos:

"Gegen Rassenforschung und Rassenpflege, die das Bestreben haben, die Eigenart eines Volkes möglichst reinzuhalten und den Sinn für die Volksgemeinschaft zu wecken, ist gewiß nichts einzuwenden. Diese Liebe zur eigenen Rasse wird niemals in Haß gegen andere Völker oder Rassen ausarten. Das ist das Entscheidende, und niemals darf diese Rassenpflege in einen Konflikt mit dem Christentum gebracht werden, denn Rasse und Christentum sind keine Gegensätze, sondern nur verschiedene Ordnungen. Das Christentum hat aus den deutschen Stämmen erst ein deutsches Volk gemacht, und es ist wahrlich nicht nötig, erst eine neue nordisch-germanische Religion zu begründen, um ein Bekenntnis zu unserem Volkstum ablegen zu können."

"Contra a pesquisa racial e o cuidado racial, que visam preservar o caráter próprio de um povo e despertar o sentido da comunidade do povo, nada há a objetar. Esse amor pela própria raça jamais deve degenerar em ódio contra outros povos ou raças — esse é o ponto decisivo —, e jamais esse cuidado racial deve entrar em conflito com o cristianismo, pois raça e cristianismo não são opostos, mas apenas ordens distintas. Foi o cristianismo que fez dos povos germânicos um povo alemão, e não é de modo algum necessário fundar uma nova religião nórdico-germânica para professar nossa identidade nacional."

ambas as confissões. O professor evangélico Fabricius, cujo trabalho foi particularmente mencionado no prefácio e que prestou um grande serviço ao movimento nacional-socialista, diz com razão que aqui se deve construir sobre a tradição do exército alemão. O que a camaradagem não perturbou ali, não pode fazê-lo nas associações nacional-socialistas ou em qualquer outro lugar do povo. *"Pois nada contribui tanto para tranquilizar o concidadão como saber que pode cultivar livremente as suas santidades herdadas, continuar a ponderar os seus pensamentos piedosos e continuar a viver na sua comunidade de fé. Por outro lado, nada o amarga mais do que ver as suas coisas mais sagradas em perigo ou mesmo ter de temer que elas possam estar em risco."*

Nada é, portanto, tão importante, também no interesse da nacionalidade alemã não-Reich na Europa, como seguir esses caminhos. Se essa separação não for bem-sucedida, então a antiga luta pelo poder entre a Igreja e o Estado recomeçará, na qual a ideia imperial medieval foi destruída, mas a Igreja também recebeu feridas graves, para dar lugar ao tipo humano moderno, que cada vez mais separa áreas da vida cultural da religião e empurra a religião para o último recanto da consciência, até que um dia chegue ao bolchevismo, essa consequência final do nosso tempo.

Em tempos de grandes confrontos intelectuais e confusões conceituais, aplica-se o velho provérbio alemão: na clareza está a verdade. No brilho febril de uma viragem política, Spalding tem razão quando escreve: *"A coisa mais perigosa para a humanidade é o domínio de conceitos obscuros"*. Numa era que agita tempestuosamente as profundezas da alma alemã e destrói todas as barreiras, nenhum compromisso, nenhuma sutileza diplomática mundana e nenhuma tática salvarão, mas apenas a convicção e a determinação viril em relação a Cristo e à nação. Não acredito que o nacional-socialismo, com apenas os valores do povo, do sangue e da raça, banirá o perigo do Leste[436], comparável às hordas mongóis do século XIII, que procura invadir a Europa, pois o bolchevismo não é apenas um movimento político e uma teoria económica, mas o símbolo ameaçador do colapso de um mundo milenar na Europa, que parece não ter mais forças para combinar o cristianismo e as formas políticas modernas numa nova síntese.

---

[436]Outro texto de Alfred Rosenberg, "Krisis und Neubegurt Europas", conferência no Congresso Volta, em Roma (10 de novembro de 1932).

Nesse sentido, poder-se-ia aplicar aos líderes da Alemanha nacional-socialista as palavras com que o documento mais antigo da jurisprudência alemã e um dos monumentos mais notáveis do espírito germânico, a Lex Salica dos anos 508 a 511, conclui o seu prólogo: *"Que Cristo, que ama os francos, viva e proteja o seu Reich por toda a eternidade! E conceda aos seus líderes a luz da Sua graça e aos seus exércitos a Sua proteção!"*

Somente através do esclarecimento de conceitos é que se pode servir melhor ao cristianismo, à Igreja, à ideia nacional e, portanto, a toda a nacionalidade alemã. O povo alemão ainda tem uma grande tarefa a cumprir na Europa: tornar-se o baluarte firme contra os erros do Oriente, que, como os espectros da Noite de Walpurgis, ameaçam a cultura ocidental. Quanto, portanto, cada filho leal do seu povo e da Igreja deve desejar este esclarecimento, que só pode ser uma bênção para o Reich, o movimento e a paz interior da nação alemã.

O resultado final da minha investigação intelectual-histórica, que se tornou uma confissão cultural-política, não pode ser outro para um alemão com consciência nacional que ainda deseja manter-se fiel aos fundamentos do cristianismo e proteger o seu povo de um substituto religioso panteísta, senão o seguinte:

Se o nacional-socialismo é meramente um problema político-social, então não há razão para que os católicos, que em seu amor e lealdade ao Estado e à nação não são superados por ninguém, não sejam apoiadores leais e incondicionais desse movimento. Precisamente o catolicismo alemão e o protestantismo crente da igreja confessional trariam ao partido nacional-socialista as forças mais valiosas e sacrificiais, que, mesmo em momentos de perigo e tensões políticas internas, permanecerão firmes, ao contrário daqueles círculos que ontem ainda eram comunistas e internacionais, elementos sem pátria, que nunca contribuíram em nada para a germanidade e hoje, em detrimento de toda a causa, se gabam de ser cem por cento nacional-socialistas.

Mas se o nacional-socialismo for equiparado a uma nova visão de mundo elevada a dogma, na qual um excesso de erros das últimas décadas é reunido num mito deslumbrante e particularmente fascinante para os jovens, então o silêncio e a espera seriam um consentimento e uma negação da fé. A Igreja pode

renunciar a associações e organizações, até mesmo ao apoio económico do Estado, por mais doloroso que isso seja, se, num sistema estatal excessivamente organizado, esses meios forem arrancados da religião, mas nunca pode renunciar à sua missão eterna de ser e permanecer o farol da verdade em tempos calmos e, ainda mais, em tempos tempestuosos e turbulentos como os atuais. Aqui, aplica-se uma palavra apostólica: "*Devemos obedecer a Deus antes que aos homens*", e aquilo que Roma tantas vezes disse ao longo dos séculos contra numerosos hereges: Non possumus! (Não podemos!)

Bibliografia

Da literatura nacional-socialista dominante, que foi processada nesta obra, gostaríamos de mencionar aqui algumas obras que, por falta de espaço, não puderam ser incluídas na bibliografia das notas, mas que foram utilizadas no livro. Várias obras foram publicadas pela editora central do NSDAP, Franz Eher Nachfolger, Munique.

É claro que as principais revistas do movimento, com edições especiais sobre todas as questões importantes, foram consultadas constantemente, de modo que não precisam ser mencionadas aqui uma segunda vez.

- „Die nationalsozialistische Revolution“, Verlag Junker & Dünnhaupt, Berlin 1936.
- „Adolf Hitlers Reden“, herausgegeben von Dr. E. Boepple (Geschichtlich denkwürdige Reden, 1922 bis 1924).
- Philipp Hördt, „Die Erziehung im nationalsozialistischen Staat“.
- Derselbe, „Grundformen volkshafter Bildung“.
- Rudolf Jung, „Der nationale Sozialismus, seine Grundlagen, sein Werdegang, seine Ziele“.
- Ernst Krieck, „Die Erziehung im nationalsozialistischen Staat“.
- Derselbe, „Philosophie der Erziehung“.
- Derselbe, „Der Staat des deutschen Menschen“.
- J. Rupprecht, „Christentum im Nationalsozialismus“.
- Derselbe, „Im Dritten Reich zur Dritten Kirche“.
- Prof. Lenz, „Über die biologischen Grundlagen der Erziehung“.
- Alfred Rosenberg, „Blut und Ehre, Ein Kampf für deutsche Wiedergeburt“, I. Teil; „Gestaltung der Idee“, II. Teil.
- Derselbe, „Wesensgefüge des Nationalsozialismus, die Grundlagen einer deutschen Wiedergeburt“.
- Hjalmar Schacht, „Grundsätze deutscher Wirtschaftspolitik“.
- Prof. Ludwig Schemann, „Die Rasse in den Geisteswissenschaften, Studien zur Geschichte des Rassengedankens“.

Bibliografia complementar (nota da tradução)

- Steigmann-Gall R. *The Holy Reich: Nazi Conceptions of Christianity, 1919–1945*. Cambridge University Press; 2003. (edição brasileira: *O Santo Reich: Concepções nazistas do cristianismo 1919-1945, IMAGO*);
- Hastings, Derek, *Catholicism and the Roots of Nazism: Religious Identity and National Socialism* (New York, 2012; online edn, Oxford Academic);
- Cornwell, J. (1999). *Hitler's pope: The secret history of Pius XII*. Viking.
- Lehmann, L. H. (1942). *Behind the dictators: A factual analysis of the relationship of Nazi-fascism and Roman Catholicism*. Protestant Truth Society.
- Spicer, K. P. (2008). *Hitler's priests: Catholic clergy and National Socialism*. Northern Illinois University Press
- Kertzer, D. I. (2014). *The pope and Mussolini: The secret history of Pius XI and the rise of fascism in Europe*. Random House.
- Nilsson, M. (2022). *Christianity in Hitler's ideology: The role of Jesus in National Socialism*. Cambridge University Press.
- Flasch, K. (2021). *Katholische Wegbereiter des Nationalsozialismus*. Vittorio Klostermann.
- Deschner, K. (1965). *Mit Gott und dem Führer: die Politik der Päpste zur Zeit des Nationalsozialismus*. Rowohlt.
- Lackey, M. (2013). *The modernist God-state: A literary study of the Nazis' Christian Reich*. Palgrave Macmillan
- Heschel, S. (2008). *The Aryan Jesus: Christian theologians and the Bible in Nazi Germany*. Princeton University Press.
- Staudenmaier, P. (2014). *Between occultism and Nazism: Anthroposophy and the politics of race in the fascist era*. Brill.
- Flowers, S. E., & Moynihan, M. (2007). *The secret king: The myth and reality of Nazi occultism*. Feral House.
- Werner, U., & Lindenberg, C. (1999). *Anthroposophen in der Zeit des Nationalsozialismus (1933–1945)*. Oldenbourg.
- Goodrick-Clarke, N. (1992). *The occult roots of Nazism: Secret Aryan cults and their influence on Nazi ideology*. New York University Press.

Fontes dissidentes:

- Jacob Ind (2010). Christian Principles of National Socialism. Nationalist Free Press[437].
- Hitler e a igreja — A mentira do ateísmo de Hitler (4 edição)[438]
- Hitler e a Igreja - Mello Mourão[439]
- A Igreja Católica no “Mein Kampf” de Hitler - L. H. Lehman[440]
- Hitler Era Catolico? - Kreuzfahrer[441]
- O Regime Nacional Socialista e a Igreja Católica - Federico Rivanera Carlés[442]
- Padre Maximiliano Kolbe: Em Busca de Toda a Verdade[443]
- Santos Bernardo. Hitler contra Thule. Populismo político y elitismo esotérico en lucha por el control del primigenio NSDAP[444]
- Kerry R. Bolton. Religion, Mysticism and the Myth of the “Occult Reich”[445]

[437] Christian Principles Of National Socialism : Jacob Ind : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive
[438] HITLER E A IGREJA A MENTIRA DO ATEÍSMO DE HITLER : Biblioteca Revelando O Oculto : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive
[439] Hitler e A Igreja - Mello Mourão : Mello Mourão : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive
[440] A Igreja Católica No “ Mein Kampf”, De Hitler - L. H. Lehman : L. H. Lehman : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive
[441] Hitler Era Catolico? - Kreuzfahrer : Kreuzfahrer : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive
[442] O Regime Nacional Socialista E A Igreja Católica - Federico Rivanera Carlés : Federico Rivanera Carlés : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive
[443] Padre Maximiliano Kolbe: Em Busca de Toda a Verdade : Kreuzfahrer : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive
[444] HITLER CONTRA THULE - SANTOS BERNARDO (PDF) : Trimurti Vishnu : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive
[445] Religion, Mysticism and the Myth of the "Occult Reich" • CODOH

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo. Toda honra e glória seja dada ao seu Santo Nome. Sua Santa Igreja, Una, Católica e Apostólica não será derrotada pelos seus inimigos.